



Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

300.

1^a edição.

O autor natural
da Bahia, foi frumense

Jerônimo e por fim Carmelitano
Varnhagens, referindo-se ao
autor de tratar-se de um perfeito
modelo de estilo sublime.

Primeira parte e única

SERMOENS

DO PADRE MESTRE

Fr. EUSEBIO DE MATTOS,

Religioso de N. Senhora do Car-
mo da Provincia do Brasil.

PRIMEIRA PARTE. *e unica*



LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade, Anno 1694.

Com todas as licenças necessarias.

A custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros.

AO REVERENDISSIMO PADRE

Fr. JOAM TEYXOO
DE VILLALOBOS,

MESTRE EM A SAGRADA THEOLOGIA, PRIOR
Geral de toda a Ordem de Nossa Senhora do Carmo da antiga
Obfervancia, Grande de Espanha, Cathedratico da In-
figne Univerfidade de Valladolid.

HE o presente Tomo, R. P. o primeiro dos Sermoens
pofthumos do P. Fr. Eusebio de Mattos, Religiofo
da noſſa ſagrada Religiaõ na Provincia do Bra-
fil, Engenho ſingularmente fecundo, & em todo
o genero de letras divinas, & humanas a todas as luzes gran-
de. Sacrifiqueime no procuralos com não pequeno deſvelo, para
ſe haverem de imprimir, porque me cauſava ou já magoa, ou
já eſcrupulo de que não ficaffe à poſteridade alguma memoria
de hũ ſujeito, cujos applauſos em ſua vida voarão deſde a
America ate a Europa, ſendo a meu ver abono aſſas realçado
merecer as mais vivas attenções do mayor Orador dos noſſos ſe-
culos o P. Antonio Vieira da Companhia de Jeſus. E ſuppoſ-
to que eſta obra, como mendigada de varios fragmentos, não
leve aquelle eſmero com que ſahiria à luz em vida do ſeu Au-
thor; cõtudo bem inculcão a agudeza do Author os relevantes
aſſumptos, & valentes pensamentos do eſtampados Sermões,
que preſento aos olhos de todos debaixo do amparo de V. R. pa-
ra que mais ſem duvida atè dos invejoſos ſejão bem viſtos. V.
R. ſe digne, como Pay, de patrocinalos com o ſeu eminente no-

me, para poder conſervarſe na morte a meſma fama, que logrou na vida hũ filho ſeu, porque para as glórias dos filhos ſão de juſtiça devidas as protecções dos Pays. Quẽ ao ler no ſobre-eſcrito deſta obra o eſclarecido nome de V. R. não dirã que he obra grãde? porq̃ nos nomes dos Mecenas como em pedra ãe toque ſe deſcobrem os quilates para a eſtimação das obras que ſe publicão, ſendo ja infallivel a cõſequência da grãdeza da obra pela grãdeza do Mecenas. He V. R. grãde pelas virtudes religiosas, q̃ cõſtituirão a V. R. Pay universal de toda a Carmelitana Familia; grãde pelas ſciências q̃ a V. R. ſublimarão a Cathedratico de hũa tão inſigne Univerſidade; grãde finalmente pelo tratamento cõ q̃ a Mageſtade del-Rey Catholico ſe dignou de condecorar a peſſoa de V. R. para deſta tão grãde honra participarem todos os mais ſucceſſores na dignidade, com ſingular luſtre de toda a noſſa Religião; E porque a prenda mais brilhante dos grandes he pagarſe das vontades, V. R. receberã com o ſeu coſtumado agrado, a que neſte livro, que poſtrado humilde aos ſeus pès, lhe ſabe conſagrar o amor deſte ſeu indigno filho, ſenão como obra propria, como effeito da minha diligencia. Deos conſerve a vida de V. R. por muitos, E dilatados annos, para ſer ſempre o Sol de toda a noſſa Familia, E para lograr as mayores dignidades que eſtão pedindo grandes merecimentos, Etc.

De voſſa Reverendiſſima o mais humilde ſubdito,
& amãtiſſimo Filho que S. m. B.

Fr. Joaõ de Santa Maria.

PRO-

PROLOGO.

A Naõ terem os livros tão inveterado, & claro direito aos Prologos, me abstivera de o fazer a este, porque se esta ja inexcusavel diligencia se encaminha a recomendar a obra, & sollicitar creditos ao seu Author, em nenhuma occasiã foy taõ desnecessaria hũa, & outra cousa, como quando esta obra se intitula do P. Fr. Eusebio de Mattos. Este cõsummadissimo fugeito foy natural da Cidade da Bahia na America, & supposto não viesse a este Reyno em pessoa, veyo a fama do seu grande talento publicada não só pelos que o communicaram, senão tambem por alguns Sermoes que já se derão á impressa; & desejando que fosse ainda mais applaudido o seu nome no mayor conhecimẽto desse talento, por este motivo, & outros mais que se me offerecẽrão, fiz toda a diligencia para que o Author dẽsse á estampa as suas obras: vencida esta difficuldade, ao tempo que começava a aparar as pennas para dar principio á obra, então a embargou a morte; mas para que de todo não levasse a vitoria, & ficasse com ella sepultado o seu nome, dos seus borrões q se acháraõ, de que elle não fazia caso, (porq os Sermões do mayor empenho com facilidade os dava) determinei de os por em limpo, & de os dar á estampa; dos quaes, heeste o primeiro Tomo, que contem quinze Sermoes; por elles, o discreto, & Sabio Leitor poderá julgar qual seria o talento do Author, & qual seria a obra se elle a dera à estampa; com que para desculpa de ser menos heroica

do que pedia tão heroico talento, basta ser posthuma, & tã-
bem essa mesma razão basta para credito de seu Author,
porque parece he digna a obra de todo o applauso, de toda a
estimação, & de toda a aceitação.

Vale.



L I C E N Ç A S .

Licenças da Ordem.

OS Reverendos Padres Meffres Fr. Francisco da Natividade, & Fr. Roque de Santa Theresã, veção estes Sermões, & nos informem com seu parecer. Carmo de Lisboa, & de Julho 3. de 1693.

Fr. Antonio da Cunha Provincial.

Censura do M. R. P. M. Fr. Francisco da Natividade.

POr mandado do nosso M.R.P. Provincial, M.Fr. Antonio da Cunha, li esta obra posthuma do P. Doutor Fr. Eusebio de Mattos ; & achando nella hum thesouro (descoberto depois para a memoria pela alhea industria , se occulto antes na terra do esquecimento pela propria modestia) continuou deleitação, o que principiou temor, revendo adepois com o mayor gosto, se antes a comecei a ver cõ o mayor receyo, porque como a obediencia ma mandava ver para a censura, era necessario o temer, sendo preciso o censurar , affirmando o D. Maximo, que o julgar das obras pequenas dos Varoens grandes he tam perigoso para o julgador, como para o julgado, convertendose muytas vezes em censurado o Centor; porq̃ tanto se expoem à mordacidade dos Zoilos o q̃ censura a obra, como a obra q̃ se propoe para a cêsura : *Est periculosum, & obtreñatorum latrationibus patens de egregij viri opusculis judicare.* Animandome porèm a dar o meu parecer, & não

D. Hier.
apud
Niss.

encontrando em a obra coufa alguma, que por contraria aos dictames da Fè, & opposta aos bons costumes, fosse capaz de se estranhar, antes sim tudo digno de se applaudir, achey, que devia de justiça converter a censura em encomio, & o voto em elogio; sendo o nome do Author o seu mais preclaro elogio, & o cognome não inferior encomio. Celebre em todo o tempo para o cômum applauso foy o nome de Eusebio: exêplos sejaõ gloriosos o Emisseno, & o Gallicano (se he que, como querem alguns, o Gallicano foy distinto do Emisseno) o Vercellense, o Cesariense, o Nieremberg, & outros muytos, a quem a antiguidade venerou pela sua doutrina, & o seculo presente respeita pela sua sciencia; & entre todos elles se faz meritissimo lugar o nosso P. Eusebio, nacido na America para inveja da Europa, & em hũa, & outra parte tão celebre por nome, como por fama; pois delle se pôde verificar com toda a propriedade o testemunho, que Trithemio deo em louvor do Emisseno: *Eusebius vir in Divinis scripturis eruditissimus, & in declamandis homilijs ad populum nulli suo tempore secundus, Rhetor, & Theologus omnium opinione celeberrimus*: & se conforme a sentença do grande Basilio, a authoridade do Doutor faz aceito o Sermão: *Auētoritas enim Doctoris acceptum sermonem facit*; segura & segurissima tem estes Sermoes a aceitação, pela grãde authoridade que nas literarias palestras conseguio hũ tão insigne Doutor. De Mattos he o seu cognome, & quando poderia parecer improprio a hum sugeito tão culto, he sũmaméte adequado para o seu elogio; porque sendo muyto vulgar o conceito, & muito cômum equivoco para os engenhos do Brasil, ser o Brasil terra de engenhos, costumando estes no Brasil a fabricarse em os Mattos, não se descobrio até agora melhor engenho, q o do P. Eusebio em os Mattos do Brasil, sahindo delle igualmente adoçura, & a fineza, esta em o discursar, & aquella em o dizer. Foy Orador Evangelico, & Prêgador Apostolico, & satisfez pontualmente aos duplicados empenhos destes soberanos titulos, porque como Orador foy singular entre todos, & como Prêgador unico entre os demais.

Tric. in
Bibl. PP

D. Basil.
hom 12.
in Pro.

Do Orador disse o Oraculo da eloquencia Cicero, que
 crãõ tres as obrigações, ou tres as propriedades: *Apertè, dis-*
tinctè, & ornatè loqui: fallar cõ clareza, cõ distincão, & cõ or- Cic. l. 1. r.
 nato: & quẽ cõ mayor ornato, cõ mayor distincão, & cõ mayor offic,
 clareza fallou, que o P. Eusebio: clareza em o propor, dis-
 tincão no dividir, ornato no explicar: clareza nos conceitos,
 distincão nos discursos, ornato nos tropos, & nas frases, com
 que a sua energia explicava os discursos, & exprimia os con-
 ceitos: estylo claro, & subido; distinto, & elevado; facundo,
 & fecundo; feroso, & agradavel; valente, & Religioso;
 doce, & util; picante, & delectavel; sublime, & percepti-
 vel; relevante, & puro; vario, & o mesmo; nada confuso pa-
 ra a intelligencia, & muito diffuso para o louvor, como em se-
 melhante caso disse de outro papel Plinio: *Opus pulchrum, vali-* Plin. ep.
dum, acre, sublime, varium, elegans, purum, figuratum, spa- 20.
tiosum, & cum magna laude diffusum. Tudo se acha em esta
 obra; nas palavras a elegancia, na composicão a capacidade,
 na facultadè a copia; o que o Author cõseguio assim pela supe-
 rioridade de seu engenho, como pela cõtinueaçãõ de seu infã-
 tigavel exercicio, tratando cõ tal cõprehensãõ os assumptos,
 & dividindo cõ tal agudeza os pontos, que tudo encheo, &
 a nada faltou assim na satisfacão que deo aos reparos propios,
 como nos reparos cõ que acodio às difficuldades alheas; esgo-
 tando, & exhaurindo de tal sorte as materias, que nem elle
 podia dizer mais, nem deixou nellas aos demais mais que di-
 zer, porque tudo o que podia servir, ou para confirmar o que
 dizia, ou para elidir o que refutava, nem o deixou em o tin-
 teiro a penna, nem o reservou no entendimento a lingua: *Est in* Cic. in
verborum splendore elegans, compositionè aptus, facultate copia- Bruto,
sus, eaque est cum summo ingenio, tum exercitationibus maxi-
mis consecutus; rem complectitur, dividit acutè; nec prætermi-
tit quidquam, quod esset in causa, aut ad confirmandum, aut re-
fellendum, disse o Tullio fallando de outro, cõmo se fõ delle
 fallara.

Do Prêgador disse o Brechorio, que são també tres as pro-
 prie-

priedades, ou tres as obrigações: *Utiliter docere, suaviter
movere, severiter urgere*: deve ser no ensinar proveitoso, no
mover suave, no apertar severo. Tudo foy o P. Eusebio, co-
mo se vê claramente em os Sermoões deste livro; em huns se
encontram os mais uteis documentos para o bem das almas;
em outros as mais suaves commoções para a melhora das cõ-
sciencias; & em outros os mais asperos, & mais severos aper-
tos, com que emenda os vicios; agradando em todos elles a
materia, a ordem, & a industria; a materia por utilissima, a or-
dem por facilima, a industria por summa, como a Abraham
Ortelio escrevia Justo Lipsio: *Placet materia, ordo, industria;
illa utilissima, iste facillimus, hæc summa*: aqui se acham os tex-
tos da Escritura com futiliza interpretados, com novidade en-
tendidos, cõ energia explicados, & applicados; as doutrinas
Philosophicas, & Theologicas com a mayor clareza propo-
stas, & cõ a mayor verdade expostas; & tudo cõ aquelle sal,
que requeria o Apostolo nos Sermoens do Pregador Evange-
lico: *Sermo vester sit sale conditus*. He a palavra de Deos luz,
que illumina os passos para o acerto dos caminhos: *Lucerna
pedibus meis verbum tuum, & lumen semitis meis*; espada
melhor que a de Alexandre, que rompe os laços triplicados
dos costumes envelhecidos: *Et gladium spiritus, quod est ver-
bum Dei*; o escudo, que cobre, & defende as almas das setas
do infernal inimigo: *Omnis sermo Domini clypeus ignitus om-
nibus sperantibus in se*; o manjar, que refaz, & satisfaz os en-
tendimentos: *Non in sole pane vivit homo, sed in omni verbo,
quod procedit de ore Dei*; o fogo, que derrete os coraçõens
por devoção, & o martello, que os despedaça por penitencia:
Nonne verba mea quasi ignis, & quasi malleus conterens petras?
He finalmente a medicina para as enfermidades da alma: *Ne-
que herba, neque malagma sanavit eos, sed tuus, Domine, sermo,
qui sanat omnia*, como elegantemente discorreo Cornelio
Musso; & tudo se acha em a Divina palavra escrita em esta o-
bra; a luz da mais brilhante sabedoria, com que desterra as
sombrias da ignorancia; a espada dos melhores fios ao cortar

Brec.in
dist.
mor.

Just.
Lipsep
37 Cãt.

Coloff.
4

Pf. 118.

Ephes. 6

Pfov 30

Luc. 4.

Hier. 23

Sap. 16.

pelos vicios, & dá mayor agudeza ao ferir os pontos; o escudo inexpugnável da verdade, cõ que repara os golpes da mentira; o manjar tão delicado para o gosto, & tão substancial para o sustento, que sem os affectados accidentes da vaidade tudo he substancia para o sustento, & delicadeza para o gosto; o fogo mais activo para derreter a huns pela penitencia em lagrimas; o martelo mais pesado para quebrantar em outros o impedimento das culpas; a medicina em fim util, & proveitosa para as enfermidades da alma, & a receita mais singular para remedio commũ; podendo se ajustar a esta obra do nosso Eusebio, o mesmo que S. Jeronymo allegado por Claudio Tremy disse das do Emisseno: *Hic enim habet insans, quod laetet; puer, quod laudet; adolescens, quod corrigat; juvenis, quod sequatur; senior, quod preceatur: in his discunt feminae puicitiam, populi inveniunt pietatem, pauperes protectorem, advenæ custodem, reges, quod audiant, judices, quod timeant*; obra finalmente nobre pelo artificio, grãde pelos aflúptos, util para os costumes, elegante pela erudição, insigne pelo estylo, clara pela verdade, peregrina, mas não estranha, porque filha legitima do engenho de seu Author, como asseverou Velloso em louvor de outro livro: *Opus arte nobile, rebus grande, moribus utile, eruditione elegans, stylo insigne, veritate clarum, nec à suo authore alienum.*

Claud.
frem. in
palat.

Vello:
in Men.

Nem faça escrupulo ao Leytor o sahir a presente obra com o titulo do P. Eusebio Religioso da Ordem do Carmo, se acaso tem visto alguma outra com o titulo do P. Eusebio da Companhia de Jesu, reputando acção furtiva esta diligencia industriosa, porque o P. Eusebio mudando de casa como Sol, sem deslustre, antes cõ realce do proprio luzimento, teve hũ, & outro estado; foy Phenix juntamete, & Aguia; Phenix não só pela singularidade dos discursos; Aguia não só pelo remontado dos voos; senão Aguia, q̃ logrando de algũ modo o privilegio, & a ventura da outra Aguia sagrada, da Companhia de Jesu passou à filiação de Maria: *Dixit Discipulo: Ecce Mater tua*; Phenix, que nascendo entre os incendios de Ignacio (q̃ esta

Joan. 19

esta he de seu nome a etymologia: *Ignis actio*) renasceo entre
 o fogo de Elias (que esta he da sua natureza a semelhança:
 Eccl. 48 *Surrexit Elias quasi ignis*) : o fogo de Ignacio o nutrio antes,
 o de Elias o alimentou depois: não teve na Cópanhia o prin-
 cipio, para ter na solidão do Carmelo o augmento; nem teve
 na Companhia o augmento, para ter na solidão do Carmelo
 a declinação; senão, que em esta solidão, & naquella Com-
 panhia, como em estados da perfeição, se conservou a sua
 perfeição no mesmo estado; podendo se applicar à sua sabedo-
 ria a empreza, com que o Saavedra symbolizou a fortaleza:
 pintou elle hũ Leão vendose a hum espelho dividido em duas
 Saaved. partes, cõ esta letra: *Siempre el mismo*. São as palavras, disse o
 emp. 33 Cassiodoro, espelho do coração: *Speculum siquidem cordis ho-*
 Cass 15, *minis verba sunt*: & no espelho de suas palavras, ou nas suas
 ep 9. palavras como em espelho se vio o P. Eusebio sempre o mes-
 mo; mostrando esta evangelica arvore na sua transplantação,
 que não he o nosso Monte tão infecundo, & agreste, q̃ não seja
 muito capaz de darem em elle frutos da mayor erudição as ar-
 voreas transplantadas ao seu terreno; sendo certo, que o Car-
 mo não só pôde servir de credito para as mayores pessoas: *Dat-*
 Isai 35 *us est ei decor Carmeli*; senão, q̃ a sua semelhança basta para el-
 Cant. 7 plêdor das mais sublimes cabeças: *Caput tuũ ut Carmelus*. Dous
 exercicios (diz o Apostolo) tem os Prêgadores Evangelicõs;
 são pastores, & são soldados: *Quis pascit gregem, & de lacte*
 1. Cor. 9 *gregis non manducat? Arma militiæ nostræ non sunt carnalia*:
 2. Cor. & querendo o P. Eusebio satisfazer adequadamente a hũ, &
 10. outro exercicio, depois de ser na Companhia soldado, veyo
 ser no Monte pastor, aonde conservando em a memoria a
 quella boa Companhia, forão as suas palavras na forma em
 que aqui vão escritas, sendo he de algũ modo muyto proprio
 o que de Segestes disse o Tacito em differente sentido: *Simul*
 Tacit. *Segestes ipse ingens visu, & memoria bonæ societatis impavidus,*
 l. j. annal *verba ejus in hunc modum fuerunt*: Não deixou Eusebio o ser sol-
 dado, por ser pastor, senão que veyo ao Carmelo; porque em
 elle tinha tudo, Monte para pastor, & campo para soldado;

tendo por Capitam a Ignacio, militou cõ a espada do espirito: *Gladius autem spiritus*; tendo por Capitão a Elias, militou cõ a espada do zelo: *Zelo zelatus sum*; não foy a espada diversa, senão a mesma cõ dous fios ao sahirhe da boca: *De ore ejus gladius utrâque parte acutus exibat*; porque, ou cõ a capa brãca de Elias, ou cõ a roupeta pretade Ignacio, não se divizou differença alguã no seu espirito para as agudezas, ou nas suas agudezas para o espirito; Leão em fim sempre o mesmo, cuja inimitavel valentia se conhece por esta obra, como o Leão pela unha: *Ab ungue leo*.

Ephes. 6
3 Reg. 19.
Apoc. 1.

Como tâbem não pareça q se diminua a grãdeza do Author cõ a pequenez da obra, sêdo esta obra pequena para hũ Author tão grande; porq nos corpos dos livros não se regula a grandeza como em os demais corpos; nos demais regula se pela quantidade, nos dos livros pela qualidade; naquelles atêdese ao quanto, nestes ao qual; antes imitãdo prodigiosamente a arte nesta parte a natureza, assim como em corpos pequenos clausulou algũas vezes a natureza espiritos grãdes, assim em volumes não grandes encerra a arte muitas vezes excellencias não pequenas: não importa não ser Goliath para o vulto, senão David em o alento: muitos pequenos são grandes, & tal vez he mayor o mais pequeno: mais avulta a valentia de Apelles em huma taboa limitada, que a de outro, que o não he, em pano muito mais extenso. Sendo o universo hũ livro da Divindade, como lhe chamou Trismegisto: *Liber Divinitatis*, não acclamou David admiravel a sabedoria de Deos em a fabrica do universo, senão em sua fabrica; não em a cõposição harmonica do mundo grãde, senão em o seu artefacto como de mundo pequeno: *Mirabilis facta est scientia tua ex me*; porque nas obras da sabedoria consite algumas vezes em o pequeno a admiração, que se não encontra no grande; sendo que, como disse Philo, as obras da sabedoria todas são grandes, & nenhũa he pequena: *Nullum sapientiae opus exiguum*. Aquelle livro grande, que, conforme o Propheta, se encomendou ao Filho do homẽ que escolhesse para

Trism.
apud
Gompr.

Pf. 138.

Phil. d.
m. ft. c.
Abrah.

para

161. 8.

para si: *Fili hominis fume tibi librum grandem*, não conteve mais que huma só palavra, porèm como era huã | palavra infinita, & huã sabedoria eterna, sendo hũ só nelle o Verbo, foy grande aquelle livro: *Librum grandem*. Demais de que, não he tão pequeno este volume, que não contenha quinze Sermoës, todos fieis, & verdadeiros, como, segundo a lição de Aretas,

Apoc. 21

erão aquelles q̃o Anjo repetio ao Evangelista: *Sermones isti fideles sunt, & veri*; dignos verdadeiramente de não ficarem sómente recitados aos ouvidos, senão de andarẽ sêpre escritos diãte dos olhos, & de huã, & outra sorte estampados nos coraçõs, porq̃ como tenho dito, nelles se inclue o melhor alêto para a vida do espirito, & a mais saudavel medicina para o remedio da alma, por serem como aquelles, de quẽ disse Salamão:

Prov. 4^o

Fili ausculta sermones meos, & ad eloquia mea inclina aurem tuam, ne recedant ab oculis tuis, custodi ea in medio cordis tui, vita enim sunt invenientibus ea, & universæ carni sanitas. Pelo que concludo o meu parecer com as palavras, que escreveo o P. Caufino convertendo em louvor a censura de Plutarcho:

Cauf. d. optim. char. eloquen 12 cen. fur. Pl. t. c. 2.

Hoc totum dicendi genus Plutarchus (Eusebius, digo eu) graviter, & copiosè descriptit, ut nihil utilius, nihil magnificentius dici videatur, dignum quidem, quod aureis apicibus describatur.

Carmo de Lisboa 2. de Agosto de 1693.

Fr. Francisco da Natividade.

Censura do M. R. P. M. Fr. Roque de S. Theresa.

ORdenameo M. R. P. M. Fr. Antonio da Cunha, Provincial desta Provincia da Ordem de Nossa Senhora do Carmo em Portugal, & seus Dominios, que reveja estes quinze Sermoës, obra posthuma do Reverendo P. Mestre Fr. Eusebio de Mattos, Religioso da mesma | Ordem, filho da Vigairaria do Brasil: & sendo tão notoria em hũ, & outro emispherio a grande erudição deste consúmadiſſimo sugeito, tanto pelo que pregoa a fama de seu admiravel talento, como

mo pela summa doutrina , piedade rara , & profunda sabedoria, de que são fecundo compendio alguns Sermoens seus, de que se gloria ja a estampa , parece que os presentes se me não havião de cometer tanto para os examinar, como para os admirar, & engrandecer : affirmo, que depois de os ler có bem attenção, não descubri nelles mais que motivos para exercicio de huã, & outra cousa : porque o ajustado dos allúptos, a fecundidade dos conceitos, o genuino, & adequado das provas, a viva intelligencia, & clara explicação das difficuldades, a brandura, & suavidade em o dizer, & induzir à moralidade , faz parecer foy mais o intento deste grande Varão cópor arte, & regra permanente pela qual se regessem os Ora- dores Evangelicos, do que simpliciter Sermoens para haveré de ser prègados húa só vez ao povo.

Advertindo serem filhos da mesma patria a Cidade da Bahia este agudissimo engenho , & aquelle grande Mestre de Prègadores o P. Antonio Vieira, me cófirmo na resolução, que he tãbem de Byerlinck no seu Theatro, de que ha Regiões que assim como produzem melhores frutos , gerão tãbem mais agudos engenhos: *Quaedam regiones sunt, quae acuta ingenia, & solertia gignunt.* Não se deve jactar tanto Hespanha de ter por filho a Seneca, Italia a Tullio, Grecia a Platão, como a America por lograr a dita de produzir tão illustres engenhos, quacs são os dous referidos, que julgo tão semelhantes: parece, que compadecida a Patria da solidão de tão grande filho, como produzio no P. M. Vieira, pois não tinha semelhante, porque não entrasse no numero dos que lamenta o Sabio por defacompanhados, *Vae soli*, lhe prevenio compa- Theat. v. t. humy v. Ingen.
nheiro em outro filho tão parecido, que sem injuria de algum podemos affirmar, que o P. Eusebio tirou ao P. M. Vieira o ser unico, & este grande talento ao P. Eusebio o ser primeiro. Ecccl 4.

No multiplicado fruto da palavra Evangelica , que aquella feliz Região produzio nos escritos destes dous admiraveis su- geitos, se ve desempenhada a explicação que deo o Divino Oraculo àquella Parabola do lavrador, que sahio ja semear,

referida por S. Lucas: diz, que a semente, que cahio em boa terra, multiplicara muitas vezes o fruto: *Aliud cecidit in terrā bonam, & ortum fecit fructum centuplum.* Ao dilatado campo da America sahirão os Lavradores Evangelicos deste Reyno a espalhar a semente da Divina palavra; & vendo nòs se nos restitue tão multiplicada nos escritos destes dous grandes Varoões, não nos fica lugar, mais que para tirar por conclusão, q̃ a sua patria, ou os coraçoões de seus habitadores, he a melhor terra, em que ha muitos seculos cahio a semente da palavra Evangelica.

à Costa
l. 3. de
H. ft.
Ind. c.
fin.

E não debalde (seguindo a allegoria) situou o Author da natureza a America em fórma de coração, como diz Joseph à Costa, & o mostrão as taboas geographicas: porque só cahindo a semente no q̃ he optimo (disse o Senhor) acudia cõ tam acumulados frutos: *Quod autem in bonam terram ... hi sunt, qui in corde bono, & optimo ... fructum afferunt.*

Ecl. 11

Hug.
Ca. d. in
idē. ap

E dos fecundissimos, que colhe este Reyno, & a Christãda de toda em tão celestial doutrina, encontra cõ o achado inestimavel, que Salamão assegura aos que cõ acerto semelhante semeassem o trigo da Divina palavra. Aconselha se lance este às aguas, & que depois de muito tempo se recuperará: *Mitte panem tuum super transeuntes aquas, & post multa tēpora invenies illum*: que a palavra de Deos entende tambem Hugo pelo pão neste lugar: *Secundo, etiam exponitur de pane spirituali, idest verbi Dei*. Em nenhuã occasião se vio tão efficaçamente excurado este conselho do Sabio, como no que succede a este Reyno cõ o Pão da Doutrina Evangelica, que cometendo em seus Missionarios às aguas do Oceano, para frutificar na America, depois de muito tempo o veyo a recuperar cõ tão crecidos augmentos, como o publicam tão douttissimos escritos.

Plin. l. 2.
c. 103.

E já não parecerà fabuloso o que escreve Plinio, & Pausanias da fonte Arethusa, que despedindo de si ao rio Alpheo, dirige este seu curso pelo mar Ceciliano, passa ao Pelopóneso, & depois de fertilizar a Arcadia, enriquecido na viagem

gem cõ o Erimantho, & outros rios, se restitue augmentado cõ duplicados cristaes à sua amada fonte. Não parecerà fabuloso (digo): porq se verifica na fonte da sabedoria deste Reyno, que despedido della hum rio caudaloso de doutrina em seus Prègadores, & penetrando immensos mares, passou à America, & depois de a fertilizar cõ divinos documentos, enriquecido nella cõ pelagos de erudição, se restitue à sua fonte, & amada patria cõ tão grandes augmentos de sabedoria nos referidos escritos, que poderá extinguir a sede da melhor sciencia a todo o mundo.

E não só se nos restitue augmentada a semente Evangelica, ou as aguas cristalinas de doutrina em os aureos Sermões destes dous grandes fogueitos; mas cõ tão novo, & admiravel estylo, & tão clara divisão se ve nelles proposta essa doutrina, que se antes podia a mais felix memoria ficar cõ alguma cousa do Sermão; de todos os seus, & dos daquelles que os imitaré, se podé senhorear facilmente todos os ouvintes. Guarda Deos a gloria de algũas couzas, para quem he servido, para que as ensine aos outros: guardou a gloria da Philosophia em forma perceptivel para Aristoteles, a da Theologia Escolastica para S. Thomàs, nosso Bacchonio, & Sutil Scoto, a da mystica para nossa Madre S. Theresa, & a de outras sciencias, & Artes para outros: mas a gloria de propor a doutrina Evangelica em fôrma que se perceba, & que seja facil aos ouvintes a sua comprehensão, o guardou para estes dous fogueitos. E comprida julgo eu na sua predica huã Prophecia do Apocalypse, de não muito clara intelligencia.

Diz o Evangelista, que vira novo Ceo, & nova terra: *Et vidi novum Cælum, & novam terram.* Constante he ser chamada a America terra nova, & novo mundo, como tem Abraham Hortelio, & outros muitos: & Laureto diz, que Ceo se intitulão os Apostolos, & sublimes Prègadores: porque são Ceos, que pregoão a gloria de Deos: *Cælum dicuntur Apostoli, & sublimes Prædicatores, quia ipsi sunt Cæli, qui enarrant gloriam Dei.* E he a Prophecia do Apocalypse se ha de

Apoc. 21

Hortel.
in Theat.
m^og.
tab. 1.

Laur.
Sylv.
Allego.

**

ver

ver comprida, quando apparecer novo Ceo, & nova terra, sem violencia podemos dizer, se vê o seu cóplemento, quando em o novo múdo da America appareceo o novo Ceo de tão sublimes Prêgadores: pois tão nova fórma derão aos Oradores Evangelicos de propor a doutrina, que novo Ceo resultou para toda a Christandade, nos novos meynos, que se lhe inculcou de o conseguir: & não se me estranhe a simultanea menção, que faço destes dous grandes talentos, que o serem filhos da mesma patria, & não pouco parecidos, me estimulou a cófiderar divida o dedicar-lhe igual louvor; ainda que tão desigual aos seus grandes merecimentos.

Obra posthuma he esta do P. M. Eusebio, & a podemos chamar o Benjamin de seus estudos, pois morreo de seu parto, & diria melhor aborto, pois quando começava a organizar estes Sermoês para sahir có elles a luz, o arrebatou a morte. Pesados são os filhos legitimos da sabedoria, q̄ tãtas afflicções traz cófigo o intento de sahir a luz có elles. Na terra de Hevilat, afirma Moyses nascer o ouro: *Ipsè est, qui circuit omnem terram Hevilat, ubi nascitur aurum*: & o Cardeal Hugo diz, q̄ Hevilat se interpreta *Parturiens*, & có mysterio se adverte nascer o ouro da sciencia em Região, cuja etymologia he parto doloroso, porque de mortaes dores de afflicções he q̄ só nasce o finissimo ouro das sciencias.

Não fora tão grande a sabedoria do P. M. Eusebio, para que não morresse às suas mãos, & quando tratava de sahir a luz có seus filhos: se bem em cambio da vida temporal que lhe tirou, lhe restitue immortal fama. Tudo exprimio o Sabio nos Proverbios có hũ só: lugar diz, que a sabedoria edificára casa para si: *Sapientia edificavit sibi domum*. E Tertulliano leo, chegando se ao Hebreo: *Sophia jugulavit filios suos*, que a sabedoria degolára a seus filhos. E ambas as letras, ainda que à primeira vista dessemelhantes, se germanão no mysterio de que então lhes lavra a seus filhos casa: a sabedoria, quando às suas mãos perdem a vida, pois ao perdella os treslada à immortalidade, donde a pezar do esquecimento se escrevem pa-

Gen 1.

Hug in
1. cap.
Thren.

Prov. 9.

Tertul.
Scrop.
advers.
Gnost.

ra sempre seus nomes. Perpetuado, & indelevelmente escrito ficará o do P. M. Eusebio nos annaes da fama, a pezar da morte, que experimentou às mãos da sua muita sabedoria, pois nestes Sermões continuará ensinando, & alumiano ao mundo cõ a mesma efficacia, & mais avantejada, cõ que ensinou, & alumio em a vida.

Admiravel emblema de seus posthumos luzimentos nos oferece a propriedade de huã arvore da sua mesma patria, de que faz menção Solorzano citando a Mayolo: a qual, depois de rendida aos cõbates do tempo, & que triumphã a corrupção de seu tronco, brota de si tal resplendor, que basta para q̃ os caminhãtes em as escuras trevoas da noite profigão seu caminho, & se possã ver, & seguir os cõpanheiros huns aos outros sem erro: *In quo* (diz Solorzano) *cum vetustior putredo est, lux quadam, splendorque nocturnis in tenebris enascitur, & noctu itinerantibus percõmodum est, ut comitem quisque suum videat, & absque errore sequatur.*

Solorz.
de jur.
Ind. tom
1. c. 7. n.
32

Os admiraveis luzimentos desta arvore depois da morte, se descobrem ventajosamente no P. M. Eusebio, que rendido como todos os mortaes às inevitaveis injurias do tempo, despede depois de morto taes resplandores de doutrina, que todos os caminhãtes, q̃ fazem jornada pelo deserto deste mûdo para a eterna Patria, a pòdem profeguir, sem que lha possã embaraçar as trevoas, & escuridades da noite desta vida; nem q̃ se deixe ver a bondade em os proximos, & companhetros para a seguir, como tãbem a maldade para a detestar, & apartar della.

E sendo luz tão brilhante a que nestes Sermões nos deixou esta flamante tocha da Igreja, não podia eu descobrir nelles cousa que possa eclipsar seus resplandores, & menos descuido algũ a q̃ possa fazer tiro a vontade mais desafeiçoada, & escrupulosa: porque neste parto luzidissimo da grande sabedoria deste sublime engenho, considero eu delineado, com toda a expressão, o que a antiguidade quiz symbolizar no nascimento de Minerva, ou Pallas, armada do cerebro de Jupiter:

pelo cerebro de Jupiter entendião o grão supremo de huma sublime sabedoria, por Minerva nascendo delle já armada, os seus partos scientificos; que assim vem já amparados, & defendidos, que se lhe não pôde atrever golpe algum da censura Não podia achar esta onde ferir nesta obra do P. M. Eusebio; nascendo tão armada da sua grande sabedoria: & assim, não podia eu descobrir nella cousa, que não mereça muitas approvações; mas antes doutrina tão solida nos offerece, que todos a podem abraçar seguramente; porque ainda no numero dos Sermões nos certifica de qual seja a segurança da doutrina que contém: são estes quinze; & que seguras esperassê os Egypcios as utilidades deste numero, nos dirá o dos covados, com que mediaõ as crescentes do seu Nilo.

Escreve Polidoro Virgilio, que como os Egypcios tivessem cifradas as suas abundancias, ou esterilidades nas crescentes, ou minguentes do Nilo, tinham feito observação, que quando este rio sahia fóra da madre só doze covados, era certa a fome, se treze, tãbem, se quatorze, já lhe trazia alegria, mas em chegando a quinze, segurança: *Nilus immensa mole aquarum quotannis totam Egyptum exundat, ex cujus incremento Egyptij vim, aut penuriã futurorum frugum prœvidêt; Egyptus enim, cum Nilus in duodecim cubitos excrescit, famem sentit, in tredecim, etiam nunc esurit, quatuordecim hilaritatẽ afferunt, quindecim, securitatem.*

Polid.
Virg. de
Invent.
rer. l. 1.
c. 18.

Aldrob.
tom 1.
Orni-
tholl 1.
n. 30.

Nilo fecundissimo de aguas de sciencias, ou Aguia perspicaz em o engenho, que tãbem nome de Aguia teve o Nilo, como diz Aldrobando, foy o P. M. Eusebio; & supposto nos chegassẽ ja as enchentes da sua sabedoria em alguns Sermoes, ainda padeciamos a fome, & a sede de mais, não obstante terẽ crescido a numero, q̃ ja nos causavão alegria; mas agora que chega a enchente de sua erudição a quinze, nos certificação de toda a segurança: esta nos inculca no solido da doutrina, como em todas as circunstâncias, que se contém nos seus Sermoes, para fazerem consummado a hũ Orador Evangelico: portanto, não só não descubro nelles motivo algum pa-

para que se deixem de dar à estampa, mas antes muitos, para que V. P. muito Reverenda mande, que outros que ficaram do mesmo Author sayão a publico: porque não só colherão delles os fieis grande edificação; mas tãbem porque conste, que ainda os Mattos do nosso Monte produzem flores, & tão fecundos frutos de doutrina. Este he o meu parecer, V. P. muito Reverenda ordenarà o que for servido. Carmo de Lisboa 13. de Agosto de 1693.

Fr. Roque de Santa Theresa.

Frey Antonio da Cunha, Mestre em a sagrada Theologia, Provincial da Ordem de N. Senhora do Carmo nestes Reynos de Portugal, Algarve, &c. Vistas as informações, & parecer dos Reverendos Padres Mestres, a quem cometemos ver estes Sermoens, obra pòsthumã do P. Fr. Eusebio de Mattos nosso subdito, & filho da Vigairaria do Brasil, pela faculdade que temos de nosso Reverendissimo P. Geral Mestre Fr. Joào Teyxoo de Villalobos, damos licença pelo que a nòs toca, para que se possão imprimir os ditos Sermoens. Carmo de Lisboa 14. de Agosto de 1693.

Fr. Antonio da Cunha Provincial.

Do Santo Officio.

O P. Mestre Fr. Francisco de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio; veja o livro de que esta petição trata, & informe com seu parecer. Lisboa 18. de Agosto de 1693.

Pimenta. Noronha. Castro. Foyos. Azevedo

ILLUSTRÍSSIMO SENHOR.

VI com grande gosto, & attenção este livro, que contém varios Sermões prègados pelo P. Fr. Eusebio de Mattos, Religioso da sagrada Ordé de Nossa Senhora do Carmo, & nelles não achei cousa alguma opposta à verdade de nossa Santa fé, ou à pureza dos bons costumes; antes he este livro huá excellente prova do grande engenho, que seu Author teve para o pulpito, & huá nova confirmação do illustre nome, & gloriosa fama, que justamente mereceo, & conseguiu entre os Prègadores. Este he o meu parecer, salvo, &c. Lisboa Convento de S. Eloy 22 de Setembro de 1693.

Fr. Francisco de Santa Maria.

OP. Mestre Fr. Manoel da Conceição, Qualificador do Santo Officio, veja o livro de que esta petição trata, & informe com seu parecer. Lisboa 25 de Setembro de 1693.

Pimenta. Noronha. Castro. Foyos. Azevedo.

Estes Sermoens que compoz o Reverendo P. Fr. Eusebio de Mattos não contem cousa alguma que offenda a nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes me parecem dignissimos da licença que se pede para se darem à estampa. Lisboa no Convento de N. Senhora da Graça aos 8. de Outubro de 1693.

Fr. Manoel da Conceição.

Vistas as informações, pòdem se imprimir os Sermoens de que esta petição trata, & depois de impressos tornarão para te conferir, & dar licença que corrao, & sem ella não correrão. Lisboa 13 de Outubro de 1693.

Pimenta. Noronha. Castro. Foyos. Azevedo.

Do Ordinário.

P O dem se imprimir os Sermoens de que a petição faz menção, & depois tornarão para se conferiré, & se dar licença para correrem, & sem ella não correrão. Lisboa 11. de Novembro de 1693.

Serraõ.

Do Paço.

Q ue se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinário, & depois de impresso tornarà à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrà. Lisboa 19. de Novembro de 1693.

*Mello P. Roxas. Lamprea. Azevedo.
Ribeiro. Cerqueira.*

E Staõ conformes estes Sermoens com o seu Original Lisboa Convento de S. Eloy 27 de Outubro de 1694.

Francisco de Santa Maria.

V istos estarem conformes cõ seu original pòdem correr. Lisboa 5. do Novembro de 1694.

Pimenta. Noronha. Foyos. Azevedo.

P O de correr. Lisboa. 8. de Novembro de 1694.

Serraõ.

T Axãõ este Livro em quinhentos reis. Lisboa. 8. de Novembro de 1694.

Mello. P. Roxas. Lamprea. Azevedo. Ribeiro. Cerqueira.

T A B O A D A

Dos Sermoens que se contêm neste Livro.

- S**ermaõ I. *Na Profissão de duas Irmãs, no dia das onze mil Virgens, pag. 1.*
Sermaõ II. *De N. Senhora do Rosario, pag. 43.*
Sermaõ III. *Do Mandato, pag. 62.*
Sermaõ IV. *Do Santissimo Sacramento, pag. 88.*
Sermaõ V. *Na festa da Justiça, na primeira Oitava do Espirito Santo, pag. 110.*
Sermaõ VI. *Na terceira Dominga da Quaresma, pag. 129.*
Sermaõ VII. *Nas Exequias dos Irmãos dos Passos de Christo, pag. 146.*
Sermaõ VIII. *Na festa da Justiça, pag. 177.*
Sermaõ IX. *Da Soledade da Senhora, p. 204.*
Sermaõ X. *E primeiro do Passo do Horto, pag. 228;*
Sermaõ XI. *E segundo do Passo da Columna, pag. 253.*
Sermaõ XII. *E terceiro do Passo da Coroação, pag. 278.*
Sermaõ XIII. *E quarto do Passo do Ecce homo, p. 302.*
Sermaõ XIV. *E quinto do Passo da Cruz às costas, p. 326.*
Sermaõ XV. *Na Festa, & Canonização de Santa Maria Magdalena de Pazzi, pag. 351.*

Neste Sermaõ pag. 365. col. 1 se adverte que a regra 23 nam corre direita com a 24. por estar esta anteposta, & fora de seu lugar, & para evitar confusão, se deve ler como aqui se mostra.

mais apurado, q quando o teve mais perdido : & a razão he ; porque quando o tinha mais perdido , então o tinha mais bem empregado ; a nobreza do entendi-



S E R M A M

PRIMEIRO,

Prègado no Mosteiro de S. Clara da Cidade da Bahia na profissaõ de duas Irmãs, filhas de hũ Capitaõ de Infantaria, no dia das onze mil Virgens, estando exposto o Santissimo Sacramento.

*Quinque autem ex eis erant prudentes, & ornave-
runt lampades suas: & intraverunt cum eo ad
nuptias. Matth. 25. in cap.*

GRande dia amaneheco hoje ao mundo, & por força havia de ser tam grande o dia, pois alli temostam parado o Sol (Soberano Senhor sacramentado) O mayor dia, & o mayor triũfo que o mundo vio, foy aquelle em que o Sol esteve

parado no meyo do Ceo, em quanto o famoso Capitaõ Josuè dos impulsos do seu braço fiava os creditos de seu valor: *Non fuit antea, nec postea tam longa dies.* Mayor triunfo, & mayor dia, dicera eu que teve hoje o mundo, porque o Sol, que està parado, he Divino, o Ceo em que pa-

Iosue
10. 14

ron he o estrellado , & o Josuè que o fez parar movido de mais altos impulsos, hoje assegura ao seu nome mais gloriosos trofeos, porque sobre as militares emprezas em que vitorioso sempre rendeo a tantos, hoje se venceo a si mesmo, & sobre tâto fangue inimigo derramado nas campanhas em serviço do Rey, hoje em serviço do Senhor corta por seu proprio fangue , ajuntando gloriosamente aos ardores os obsequios , aos despojos os sacrificios , & aos alentos de Soldado, os cultos , & piedades de Christaõ. Mas para que naõ pareça que este dia excedeo só ao mayor que o mundo vio nos computos da natureza , veremos os seus excessos na maioria da graça. O mayor dia, & o mayor triunfo, que teve o mûdo nos emisphérios da graça, foy , a meu ver , aquelle, que lhe prometteo o Propheta Oseas, em o qual o mesmo Deos se havia de desposar na terra com tal ostentaçaõ de seu

poder, & com tanta gloria de seu amor , que tres vezes lhe foy necessario, para se crer a sua grandeza, ratificar a sua verdade: *Et erit in die illa, ait Dominus, sponsabo te mihi in fide, & sponsabo te mihi in justitia, & sponsabo te mihi in sempiternum.* Mayor dia teve o mundo hoje que ver , & muito mayor triũfo temos hoje todos que admirar: porque se a grandeza daquelle dia consistio em que nelle ouvesse Deos de celebrar huns desposorios que foraõ ratificados tres vezes; neste mesmo dia celebra hoje o mesmo Deos nẽ menos que tres desposorios: tres desposorios hoje? Sim: huns pela parabola do Evangelho , outros pela circumstancia do dia, & outros mais pela solemnidade da aççaõ: pela aççaõ, porque já se ve que he de duas generosas, & discretissimas almas , que professando o estado Religioso, souberaõ hoje triunfar do mundo, & desposarse com Deos: pelo dia, porque já se sabe que

he das onze mil Virgens, aquellas onze mil galhardas Bretanhezas, que rendendo constantemente as vidas entre laureados triúfos, merecêraõ os divinos desposorios: pelo Evágelho em fim, porque claro está que he de cinco Virgês prudentes, as quaes em fórmula de triunfo, & à custa de todo o luzimento acompanháraõ hoje, & assistirão aos desposorios de Christo: *Et intraverunt cum eo ad nuptias.* Pois dia em que o mesmo Deus celebra no mundo entre tres triunfos tres desposorios, que mayor dia para o mundo? & que mayor dia para Deus?

2 Ora conferindo eu as mayores circústancias de todos estes tres castísimos desposorios, & achádo por parte do Esposo, que sempre he o mesmo Christo, & por parte das Esposas, que todas são Virgens, todas prudentes, & todas vigilâtes, facilmente me vim a persuadir, que a parábola das Virgens do Evangelho, foy húa profecia de todo o

triunfo das onze mil Virgens, & que o seu triunfo foy húa representação das duas almas, que hoje vemos consagradas a Deus có a mesma resolução que as onze mil Virgens, & com a mesma prudencia, que as cinco Virgens do Evangelho. Considerando porém neste ternario de Virgens, se em tão grande semelhança podia haver algũa differença, achei que havia muita differença entre toda esta semelhança: pois em que? Digo, que nos numeros, nos merecimentos, & nos desposorios: he verdade que na virgindade, na prudencia, & na vigilancia todas foraõ semelhantes; porém nos numeros, nos merecimentos, & nos desposorios, digo, que forão diferentes; & isso he o que havemos de ver, & o que eu hoje pertendo mostrar: antes não só mostrarey que ouverão desigualdades, & differenças em todas estas circunstancias, senão que nessas mesmas differenças mostrarei tambem, que as

onze mil Virgens excederão às Virgens do Evangelho; & que as duas de hoje são o resumo, ou o requinte das onze mil Virgens; de maneira que excessos, & requintes são toda a materia do Sermão. Nas cinco Virgens do Evangelho fundaremos a materia, nas onze mil descobriremos os excessos, & nas duas veremos os requintes. Este he hoje o meu assumpto, vamos com o nosso Thema.

3 *Quinque autem ex eis erant prudentes.* Primeiramente começando pelos números, diz o Evangelho, que as Virgens prudentes não foram mais que sómette cinco; & quem não cre o quanto as excederão em numero as onze mil Virgens? He verdade que o numero de onze mil escrevem os Arifméticos com cinco letras, ou cinco caracteres; mas que importa que as letras sejam sómette cinco, se essas cinco letras importão onze mil? Temos logo quanto aos numeros, que as onze mil excederão

às cinco: mas qual he o liquido, ou o resumo do numero de onze mil? Está evidente: As cinco letras com que se escreve o numero de onze mil, sabido he que são duas unidades, & tres cifras; as cifras por si só não tem valor algum; que he logo o que fica liquido do numero de onze mil? Já se ve que são duas unidades: pois esse he o resumo das onze mil Virgês, todas ellas se resumem em duas; & porque a conta não perca por falta de prova, eu lhe quero dar o Author. Foy o caso, que desejava certo Principe devoto das onze mil Virgens, de trazer sempre consigo húa estampa de todas as onze mil, mandou chamar ao artifice mais perito na arte, & entregandolhe hum anel lhe dice, que na pedra delle lhe esculpisse todas as onze mil Virgens. E que faria o artifice como tão perito para reduzir hum numero tam grande a húa esfera tam pequena? Fez o mesmo que ensina o numero; esculpio

na pedra do anel huma torre , ou palacio com duas portas, húa à entrada , outra à fãida ; em húa esculpido húa virgem , que hia fãindo da torre, com huma setta que lhe atravessava a garganta ; na outra, outra virgem, que hia entrando, atravessada tambem com outra setta, & nada mais esculpido. Desta sorte presentou o anel , o qual recebeu o Principe, & considerando attentamente , dice assim : Aqui vejo esculpida húa torre com duas portas, & nellas vejo que estão só duas virgens , & as demais que vos encomendei onde estão ? As demais, Senhor (respondeo o Artifice) estão dentro desse palacio, porque nestas duas que se vem, se encerrão as demais. Pois como assim ? Desta maneira : Esse palacio, ou por estreito, ou por alto, ou por illustre representa o seu martyrio : essa virgem que vay fãindo, como não leva outra diante, he a primeira que sahio do martyrio para a gloria, que he S. Ursula,

& a outra que vay entrando, como não deixa atráz nenhúa , he a ultima que entrou da vida para o martyrio, que he S. Cordula, & como entre a primeira , & ultima necessariamente se encerrão, & se devem contar todas, por isso digo , q dëtro dessa torre estão encerradas, & que nestas duas Virgens se contêm, & se resumem todas as onze mil Virgens.

4 Eis aqui claramente mostrado como todas as onze mil Virgens se encerrão em duas, mas se acaso duvida alguẽ deste resumo, por parecer invento de hum só Artifice, vejão como não he, senão consideração de todo o mundo. O mundo todo deo por brazaõ às onze mil Virgens húa coroa , húa setta , & duas palmas : & porque ha de ser este o seu proprio, & glorioso brazaõ ? Ja sey q a setta significa , que os instrumentos do seu martyrio foraõ settas ; tãbem sey q a coroa significa a coroa da gloria que todas alcanção,

raõ, & merecêraõ pelo feu martyrio ; porèm as duas palmas que significaõ ? Se he húa só fetta, & húa só coroa , porque faõ as palmas duas ? Poderà dizer alguem , que he, porque ellas todas , & cada húa dellas merecêraõ duas palmas , húa por Virgens, & outra por Martyres ; porèm contra isto està, que como ja té a coroa por Martyres, parece fer, que não tem as palmas senão só por Virgens: pois se sendo onze mil Martyres não tem mais q̄ húa só coroa, porque razaõ por onze mil Virgens, não haõ de ter só húa, senão duas palmas ? He o q̄ diziamos; porque as onze mil Virgês todas se resumem em duas. Húa só coroa, húa só fetta, & húa só palma bem se ve q̄ não seria o brazaõ de todas ellas juntas, senão sómente de cada húa dellas; logo para ser proprio , & cabalmente o brazaõ inteiro de todas as onze mil Virgens, haviaõ de ser sequer as palmas onze mil , mas onze mil palmas como ha-

viaõ de caber em hū só brazaõ ? Pois que traça para q̄ caibaõ todas ? Ponhaõse só duas palmas, porque como todas as onze mil Virgens se encerraõ em duas , có se pintaré as palmas de duas dellas, se significa bem claramente, que esse he o inteiro brazaõ de todas as onze mil ; affim como todas se resumem em duas unidas , affim tãbem se significaõ todas em só duas palmas.

5 Que de milhares haverà no Ceo de Anjos, de Cherubins, & de Serafins ? Se ouvessemos pelo menos de contar o numero dos milhares pelo numero dos Ceos, sendo onze os orbes celestes, ouveramos de achar, que quando menos haverà nos Ceos onze mil Serafins , onze mil Cherubins, & onze mil Anjos, & com tudo no throno de Deos não vio Ifaias mais q̄ só dous Serafins: *Seraphim stabant, sex ale uni, & sex ale alteri.* No oraculo do Templo não mandou Deos que se vissem mais que só dous

dous Cherubins: *Duos quaque Cherubim*: na gloria da resurreiçãõ não vio a Magdalena no sepulcro de Christo mais q̃ só dous Anjos: *Et vidit duos Angelos*: pois se ha tantos mil Anjos, tãtos mil Cherubins, & tãtos mil Serafins, como não assistem às glorias de Deos, mais que só dous Serafins no throno, dous Cherubins no Templo, & dous Anjos no sepulcro? O caso he, q̃ Anjos, Cherubins, & Serafins todos assistê a mi-lhares às glorias de Deos: *Millia milliũ ministrabãt ei, & decies millies cetera millia assistebãt ei*; porêm de todos esses mil sômente dous se viaõ assistir às suas glorias, não porque lhe assistissem dous sômente, senão porque todos esses mil se resumiaõ em dous, & nesses dous que se diz, se diz tãbem que assistiaõ todos. Pois assim como là se não viaõ mais, assim cá, nem mais, nem menos.

6 Todas as onze mil Virgens forão onze mil Serafins pelos excessos de seu

amor, todas foram onze mil Cherubins pelos prodigios de sua discriçãõ, & todas forão onze mil Anjos pelos privilegios de sua pureza, & ainda pelos extremos de sua fermosura; mas sendo tantas mil, se lhe pintaõ duas palmas, porq̃ todas se vem a resumir em duas: onze mil sãõ as palmas, porque as Virgens sãõ onze mil; porêm pintaõse sô as palmas das duas Virgens principaes, porque essas duas sãõ o mais calificado, & o mais puro, essas sãõ o requinte, & o resumo de todas as onze mil Virgens.

7 Porêm, que duas Virgens sãõ estas, q̃ de todo o numero das onze mil Virgens foram o mais puro, & o mais calificado naquelle proprio dia de seu illustre martyrio, & solemnissimo triunfo? Bem claro está q̃ forão as duas principaes de todas ellas, a primeira, & a ultima, Santa Ursula, & Santa Cordula; porêm no dia de hoje, digo, que sãõ essas duas generosas al-

A iij mas,

mas, que professando hoje cõ tanto desprezo do mundo o estado da Religião, se consagraõ para servas, & para esposas de Christo, & de tal maneira copiãrão em si o mais puro, & o mais heroico de todas as onze mil Virgens, q̃ cõ razão se pòdem contar nas duas unidades do seu numero, & merecidamente se lhes pòdê attribuir as duas palmas do seu brazaõ. Oh que heroicas, & venturosas ambas! pois não só logrãrão a ventura de que Christo as admittisse por Esposas, senão que a logrãrão neste dia, no dia das onze mil Virgens, no dia em que chegarão a parecer entre tantas mil, as duas mais heroicas, as duas principaes, & as duas mais insignes Esposas de Christo, como são Santa Ursula, & Santa Cordula; porèm as duas que elle hoje admittit por Esposas, por hũa propriedade que tem de mais, parece, são mais proprias Esposas de Christo, ou ao menos mais se pare-

cem ambas com as duas Esposas mais proprias de Christo, do que ainda as duas principaes, & as duas mais heroicas de todas as onze mil Virgens. Não pareça temeridade, nem ainda encarecimento, porque não digo que o são, senão só, que o parecem: nem fallo em toda a entidade, senão só em hũa circumstancia; mas que circumstancia vem a ser esta? He, que sendo as duas principaes das onze mil Virgens Esposas dignissimas de Christo, com tudo não foraõ Irmãs, senão só companheiras; & as duas que elle hoje recebe por Esposas, não são só companheiras, senão q̃ ambas são Irmãs: que duvida faz logo, que por esta circumstancia, de algum modo parecem suas mais proprias Esposas? ou pelo menos não faz duvida que se parecem nesta circumstancia com aquellas, que são suas duas Esposas mais proprias. Eu o provo.

8 Desposouse E saõ a hum mesmo tempo cõ duas don-

Gen. 26. donzellas Hetheas, huma
 34^r por nome Judith, outra
 Basemath; & diz a Eſcritura
 que paſſados alguns annos
 ſe deſpoſou tambem ſeu Irmão
 Jacob com outras duas dōzellas,
 hũa Lia, & outra Rachel; por
 òem ſendo certo que Eſaù com
 nenhum cabedal entrou para
 ter as duas eſpoſas que teve,
 he muito para reparar nos
 muitos annos de ſerviços, &
 de merecimentos cõ que a meſma
 Eſcritura nos encarece que
 entrou Jacob para ter, & alcançar
 as ſuas duas eſpoſas, por final
 que ainda aſſim avaliava ſeu
 amor por breve tempo todo
 o tempo do ſeu ſerviço: *Et
 videbantur illi dies pauci
 pro amoris magnitudine*:
 pois que mais tinha Eſaù do
 que Jacob? Por certo que
 Jacob era ſugeito de muito
 mayores prendas, & merecedor
 de muito mayores venturas,
 & como tal já a eſte tempo
 tinha ganhado o morgado de
 Eſaù: de mais que as duas
 eſpoſas de Eſaù, não ſó erã
 eſtrangeiras ambas, ſenão, como

diz Joſepho, ambas Princezas;
 & as duas eſpoſas de Jacob,
 não ſó erã por ſangue ambas
 primas ſuas, ſenão que por
 fortuna erã ambas duas paſtoras;
 pois ſe com tudo ſe dão as
 duas eſpoſas a Eſaù ſem que
 lhe cuſtem nenhuns ſerviços,
 porque razão ſe não dão a
 Jacob as ſuas duas eſpoſas,
 ſenão comprandoas elle tão
 to à cuſta de ſeus trabalhos,
 & depois de tantos annos
 de ſerviços, & merecimentos?
 A razão he de Ricardo Victorino,
 o qual ſeguindo a S. Bernardo,
 & a Santo Thomàs, diz que nas
 duas eſpoſas de Jacob hia Deos
 a representar as duas mais
 proprias eſpoſas de Chriſto,
 & he aſſim, porque as duas
 mais proprias eſpoſas ſão
 as ſuas duas Igrejas Militante,
 & Triunfante: Lia representava
 a Igreja Militante, não ſó
 por mais ſecunda, ſenão porque
 pela meſma etymologia de ſeu
 nome quer dizer a eſpoſa que
 trabalha, *laborioſa*: & Rachel
 repreſentava a Igreja Triunfante,
 não ſó por

Joſeph.
 l. 1. an-
 c. q. c. 17

Richard
 S. Vict.
 l. 3. p. 1.
 c. 1.

mais

Gen. 29.
 20.

mais fermosa, senão porque quer dizer a esposa que ve a Deos, *Videns principium*: não temos logo que duvidar em que as duas esposas de Jacob representassem as duas esposas mais proprias de Christo; duvido porém porque razão sendo tantas, & tão benemeritas todas as esposas de Christo, entre todas ellas se hão de chamar as suas duas Igrejas, as suas duas mais proprias esposas? A razão he que dà S. Paulo; porque hũa, & outra foy comprada com o proprio sangue de Christo: *Quam acquisiuit sanguine suo*: todas as cousas cõpradas, visto està que de direito são mais proprias, & assim que todas as outras esposas de Christo como não são suas a titulo de compradas, senão só de offerecidas, ainda que são suas proprias esposas, verdadeiramente não são as mais proprias; porém as Igrejas Militante, & Triunfante, essas sim, essas são verdadeiramente não só esposas

proprias, senão as mais proprias esposas, porque em fim essas lhe são devidas, & ambas a titulo de compradas. Pois como os desposorios de Christo cõ as suas duas Igrejas, & suas mais proprias esposas lhe havião de custar tanto, & elle as havia de comprar com os seus proprios merecimentos, por isso Jacob para os represêtar com toda a propriedade, comprou tambem, & mereceo ambos os seus desposorios à custa dos seus serviços.

9 Bem està, porém que tinham demais as duas esposas de Jacob, do que as duas de Esaù para serem compradas, & para assim representarem as duas esposas mais proprias de Christo? Se he porque as esposas de Jacob erão duas, tambem erão duas as de Esaù; se he porque as de Jacob erão duas pastoras, mais tinham as de Esaù, que erão duas Princezas: porque razão logo se não representão as duas esposas
mais

mais proprias de Christo nas duas de Esaù, senão nas duas de Jacob ? Está bem clara a razão. As duas esposas de Jacob bem sabem todos, que erão filhas do mesmo pay , & ambas irmãs; porém as duas esposas de Esaù consta que não erão irmãs, senão filhas de diversos pays : *Esaù verò duxit uxores, Judith filiam Beerì Heibai, & Basemath filiam Elon.* E entre as esposas de Christo tanto assim consiste a razão de serem suas mais proprias esposas na circunstância de serem duas irmãs, que por isso as suas duas esposas mais proprias se não representão nas duas esposas de Esaù, senão nas duas de Jacob, porque as duas de Jacob erão irmãs, & não as duas de Esaù : & na verdade as duas Igrejas de Christo quem não sabe que são duas Irmãs, & ambas filhas do mesmo Deos ? Esse foy também o mysterio porque na presença de Christo se representão juntamente a Igreja Militante na vida activa de Marta, & a Triun-

fante na vida contemplativa de sua irmã Magdalena : por força havião de ser duas irmãs as que representassem as duas Igrejas, porque as duas Igrejas verdadeiramente são duas irmãs : *Marta satagebat : & huic erat soror nomine Maria.* Com razão logo para Deos representar ao mundo nas duas esposas de Jacob as duas mais proprias esposas de Christo, dispoz altamente que ambas fossem irmãs, & ambas compradas com os seus serviços, porque também as duas Igrejas de Christo ambas são irmãs, & ambas compradas com os seus merecimentos : são irmãs ambas, porque as mais proprias para serem esposas de Christo, são as que são duas irmãs ; & são ambas compradas, porque as que são duas irmãs, essas são as suas esposas mais proprias.

10 Oh admiravel excellencia de ambas as Igrejas de Christo ! Nas outras esposas todas, o desposar-se com Christo nesta vida he o seu merecimento dellas,

& na outra he o premio do seu mayor merecimento; porèm nas duas Igrejas, como Christo com os seus proprios merecimentos as comprou para esposas, o desposarse Christo cõ ambas, não só he premio do merecimento dellas, senão premio tambem dos merecimentos de Christo. Oh mil vezes admiravel excellencia! Isto he o que admira o mundo todo nas duas Igrejas; & isto he o q̃ hoje devemos admirar nas duas irmãs. Não accõmodo, porque não he necessario explicar o que por si se deixa entender; só digo que ellas são as duas esposas de Christo, em que se vem a resumir todas as onze mil Virgens, as quaes claro está q̃ sendo onze mil, excederão em numero às Virgẽs prudentes do Evangelho, porque estas não forão mais q̃ cinco: *Quinque autem ex eis erant prudentes.*

II *Et ornaverunt lampades suas.* Este foy todo o merecimento das Virgens do Evangelho; pois

quem não ve o quanto as onze mil Virgens as excederão tambem no merecimento? Todo o merecimento das Virgens do Evangelho consistio no dispendio que fizerão, & na fazenda que sacrificarão a Deos no ornato das suas alampadas; & o merecimento das onze mil Virgens em que consistio? Nas vidas que sacrificarão a Deos; pois que té que ver sacrificio com sacrificio? que tem que ver o sacrificio da fazenda com o sacrificio das vidas? Claro fica logo tambem o excesso que fizerão as onze mil Virgens, às Virgens do Evangelho, não só no numero, senão tâbem no merecimento. Visto pois que todo o excesso do seu merecimento consistio nas vantagens do seu sacrificio, & visto que o seu sacrificio consistio no seu martyrio, saibamos agora qual foy o ponto mais heroico, o mais sublime, & o mais requintado do martyrio das onze mil Virgens. Cuidará alguem, que consistio na sua mor-

morte , mas não he assim , porque ainda que nella cõsiste o martyrio, o mais arduo do martyrio não cõsiste no morrer ; pois em que ? Em estar morrendo, cõsiste naquelle ponto cõposto da morte, & da vida, em q̃ nem ainda se deixa de viver, nem ainda se acaba de acabar: & he evidente; porque para o martyrio ser proprio, & verdadeiro martyrio, visto està que se ha de padecer , para se padecer ha-se de sentir, para se sentir ha-se de viver : logo em todo o rigor, o mayor rigor do martyrio não cõsiste em aquelle ultimo instante em que já se morre , senão naquelles espaços em que ainda se vive ; cõsiste em estar agonizando antes de morrer, em estar morrendo antes de espirar ; em fim não cõsiste tanto o seu rigor em perder a vida, & padecer a morte, quanto em estar sentindo a morte, & estar logrando a vida. Isto he o que me parece, segundo a boa razão, & se assim he como parece, sendo este

o requinte do martyrio das onze mil Virgens, bem claramente se deixa ver este requinte nas duas Religiosas almas, que em vivo, & amoroso sacrificio, ou entre incendios vivos de amor, se rendem, & consagrão hoje aos altares soberanos de Christo; porque, que outra cousa he o estado Religioso que professão, senão propriamente hum continuado martyrio, onde de tal maneira se equivoca a vida com a morte, que se vive com todos os paracifmos da morte, & se morre com todos os sentimentos da vida ? Se acaso o mundo se não persuade que isto he assim, saibão pelo menos todas as almas Religiosas, que assim deve de ser, porque assim devemos viver os Religiosos todos, como se foramos mortos para o mundo, & assim devemos ser mortos, que vivamos para Deos; para tratar do que he mundo, totalmẽte mortos, para merecer cõ Deos, para amallo, & para servillo, verdadeiramente vivos:

nãõ

não sou eu o que o digo, senão S. Paulo, o mayor exemplar de todos os Religiosos: *Quasi morientes, & ecce vivimus.*

12 Porém como isto de estar morrêdo se acha tábê em outra qua'quer morte, segue-se, q' não he esse o requinte do martyrio: pois qual poderà ser o seu mais proprio requinte? Dirà alguê, q' cõsiste na võtade cõ q' se padece; mas ainda não he isso o em que cõsiste, & provo: porque todos os Santos penitêtes, & Anacoretas se mortificão voluntariamente, & padecem por sua vontade, & cõ tudo só são penitentes, & não são martyres: logo ainda q' para o martyrio se requer a vontade, he certo não cõsiste nella o heroico do martyrio; pois logo em que havemos de dizer que cõsiste? Fallando assim em cõmũ, digo, que em padecer por vontade propria, o que quer executar a vontade alhea: o tyrãno executa tudo quanto quer q' o martyr padeça; & o martyr quer

padecer tudo quanto quer o tyrãno, & neste querer o martyr tudo que o tyrãno quer, nisto digo que cõsiste o mayor acto, o mayor póto, & o mayor sacrificio do martyr; & a razão he: porque por boa razão, muito mayor repugnancia da vontade se deve experimentar em querer padecer os tormentos todos quantos cutrem quizer, do que só em querer padecer tormentos; pois como a mayor victoria que se alcança, cõsiste na mayor repugnancia que se vence, bem claro fica, que o mais heroico do martyrio não cõsiste tãto em que o martyr queira padecer voluntariamente, quãto em q' a sua vontade se cõforme cõ a võtade de quê o faz padecer. Eu não sei cõ certeza que esta seja a verdade, porém assim o mostra a razão; & se por ventura he assim, ser este ponto o mais arduo do sacrificio de todos os Martyres, foy tábê o mais alto ponto do martyrio das onze mil Virgens; & quê deixa de ver tábê o esta-

estado que hoje professaõ, & o sacrificio que de si mesmas hoje fazem, como victimas do amor, essas duas Esposas de Christo? Os mayores mestres do estado Religioso todos nos advertirão, & ensinãrão, q o nosso estado he hũ martyrio; basta por todos S. Gregorio Nazianzeno, o qual admirando a vida de S. Basilio, chamou aos Religiosos, verdadeiros Martyres vivos: *Vivi Martyres*: pois em que consiste este martyrio dos Religiosos? E ja q o nosso estado se deve chamar martyrio, porque nos não chamãrão Martyres mortos, se não Martyres vivos? Porque entre Martyres vivos, & Martyres mortos ha esta differença bẽ notavel: que os Martyres depois ja de mortos, & martyrizados, ainda que os seus cadaveres estão fugeitos à vontade dos tyrãnos, ja elles não são obrigados a conformarẽse cõ a sua vontade, porque ja são mortos; & em quanto são vivos, não sòmente estão

fugeitos à vótade dos tyrãnos, senão que se devem conformar com as suas vótades; antes não só se devẽ conformar, senão que o devem querer; devem gozosa, & generosamente estar querendo todos aquelles tormentos, cõ que o teu proprio tyrãno os quizer estar martyrizando. Pois esta he a mayor difficuldade dos Martyres vivos; & esta a mayor obrigação dos Religiosos verdadeiros; devem não só fugar-se à vontade de seus Prelados, senão, que se devẽ resignar na sua vontade; antes não só se devẽ resignar cõ o que elles ordenão, senão que devẽ querer o mesmo que elles querem. O *mirum sacrificium*, exclama neste caso S. Pedro Chrsifologo, *ubi corpus sine corpore, & sine sanguine sanguis offertur!* Oh admiravel sacrificio, onde de tal sorte se cativão as liberdades, se prendem, se martyrizão, & se fugeitão os alvedrios, q sem q os corpos se matem, nem o sãgue se

Naziãz
01ar. 20.

Chrsif.
ser 108.

se derrame, em todo o rigor se pôde verificar, que se corta pela carne, & sangue! Admiravel sacrificio mil vezes, q̄ com ser incruento, he com tudo martyrio, com ser permanête, he holocausto, cõ ser vital, he sacrificio: & sendo tão voluntario, para ser meritorio se consagra a não ser voluntario: que muito he logo, que se chamê os Religiosos verdadeiros Martyres vivos? antes parece que cõ mais alta, ou mais difficultosa resignação, que os proprios Martyres: porque os Martyres querê padecer o que os tyrannos querem, conhecendo que obedecem, sim, por amor de Deos, mas que obedecem à violencia dos tyrânos; & os Religiosos devem querer o que os Prelados querem, persuadindose firmemente, não que obedecem a homens, te naõ que nelles obedecem a Deos: ha mais admiravel modo de sacrificio? Pois este he o estado da Religião; & ha qué no lo diga? Sim, o mesmo S. Paulo:

Obedite praepositis vestris, & subiacete eis, facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes, sicut Domino, & non hominibus.

Hebr. 13
17.
Ephes. 6
6. 7.

13 Està muy bem, mas ainda este requinte me não satisfaz, porque posto que esta resignação da vontade seja o encarecimento do martyrio, he certo que em todos os martyrios se acha geralmente esta mesma resignação, & nõs não buscamos o requinte de todos os martyrios em commũ, senão o mais proprio, & mais especial requinte. Não me parece que pôde haver outro mayor, né pôde ser outro, senão o q̄ dice Vicent diz elle, q̄ quando as onze mil Virgens se embarcavão para a Bretanha Menor, estando ainda na Grão Bretanha, revelàra Deos a Santa Ursula, que derrotada a Armada do tẽpo aportarião às prayas de Colonia, onde todas terião martyrizadas em defenõsa da sua pureza; & acrescenta o Santo Dou-

Vincet.
Velov.
in spec.
H. st. l.
20. c. 49

tor, q̄ cõmunicádo a S. Prí-
ceza às suas onze mil Vir-
gês esta mesma revelação,
todas ellas recebêrão a no-
va celestial cõ grâdes alvo-
roços , & demonstrações
de alegria, sendo certas, q̄
navegavão ja não como o
mundo dispunha a despo-
farse na terra cõ os homês,
senão na gloria cõ Deos. I-
sto que refere he na minha
opiniã o requinte do
amor, & a fineza mais cali-
ficada do martyrio das on-
ze mil Virgens; porque ca-
minharem para o marty-
rio, sabendo de certo , &
conhecendo para onde ca-
minhavão, que mayor fine-
za de amor ? que mayor
circunstancia de martyrio?
Dirmehão que em todos os
Martyres se acha tambem
estã mesma circunstancia,
& parece que assim he; por-
que como para o mereci-
mento se requer a liberda-
de , & para a liberdade se
requer a advertencia , bem
se ve que sem advertencia
não ha merecimento : to-
dos os Martyres padecem
merecendo , logo todos tẽ

conhecimento do que pa-
decem : como digo eu logo
que nas onze mil Virgens
em especial o conhecimen-
to do seu martyrio foy o re-
quinte do seu merecímẽto?
Respondo, que he verdade
que todos os Martyres ad-
vertiraõ , & conhecêrão , q̄
padecião martyrio, porẽm
em que tempo o conhecê-
rão ? No mesmo tempo em
que já o padecião : & as on-
ze mil Virgens muito antes
do tempo, quando o mudo
se persuadia, que todas el-
las se hião a desposar, co-
nhecião ellas todas q̄ não
navegavão senão a pade-
cer ; & que quando este co-
nhecimento lhes pudera
servir de embaraço , & as
pudera suspender, que este
mesmo as obrigasse a na-
vegar ! oh que grande en-
carencecimento de seu sacrifi-
cio ! que admiravel credi-
to de seu valor, & realce de
seu merecimento !

14 Notavel cousa he,
& assás notada, que estando
Isaac posto já ao sacrificio,
& Abrahaõ hia já a descar-
regar o golpe, o qual suspẽ-

dido pelo Anjo , não louvasse o Anjo a acção daquelle sacrificio, que era de ambos, pela parte que tocava a Isaac, senão só pela que tocava a Abraham:

Gen 22. *Quia fecisti rem hanc , & non pepercisti filio tuo unigenito propter me.* Notavel

16.

cousa ! Se o pay era que sacrificava, tambem o filho era o sacrificado : se o pay sacrificava ao filho obedecendo a Deos , tambem o filho obedecia a Deos em obedecer ao pay : se o pay pelo amor de Deos se sacrificava a ficar sem filho , tambem o filho se sacrificava a perder a vida, & a perder o pay, por amor do pay , & por amor de Deos : se o pay estava vendo que a victima que elle mesmo sacrificava, era seu proprio filho, tambem o filho estava vendo que seu proprio pay era o mesmo que o sacrificava : se o pay se estava compungindo de que elle mesmo tirasse a vida a quem tinha dado o ser, tambem o filho estava experimentando, q quem lhe tinha dado o ser,

esse mesmo lhe tirava a vida : em fim se o pay desembainhando a espada, & traçando o golpe hia já a tirar-lhe a vida, tambem o filho compoendo o pescoço, & inclinando a cabeça, hia já a padecer a morte. Tudo isto sacrificava o pay, & tudo isto sacrificava o filho ; pois se de hua, & outra parte igualmente sacrificavão ambos tudo isto , porque não louva o Anjo o sacrificio de ambos : porque não louva o sacrificio do filho, senão só o do pay ? *Quia fecisti rem hanc.*

15 Bem sey as varias razoens que se tem dado sobre esta duvida , porèm quando vejo que dous Doutores tão grandes como S. João Chrysoftomo , & S. Zenon Veronêse chegarão a dizer, que elles não achavão differença entre sacrificio, & sacrificio, cõsidero que para acharmos esta differença , não havemos de comparar estes dous sacrificios já no monte , senão ainda no caminho : quando ambos estavam já no móte

Zenon Veronêse
ser 2 de
Abrahã

tratando já de dar o sacrificio à execução, he verdade que difficulosamente se poderá descobrir differença no caso, quanto mais excessivo; poré quando ambos caminhavão para o monte do sacrificio, não faz duvida que foy bem grande a differença: & qual foy? Foy que naquelles tres dias de caminho, o pay como hia a cõprir o preceito de Deos, sabia muy bem que hia a fazerlhe sacrificio do filho; & o filho como hia sem noticias do preceito, totalmente ignorava que elle hia a ser victima do sacrificio, consta da mesma Escritura: *Cumque duo pergerent simul, dixit Isaac patri suo: ecce ignis & ligna: ubi est victima holocausti?* Diz, que caminhando ambos, hũ com o fogo, & outro com a lenha, perguntara Isaac pela victima; & que duvida faz que se elle o soubera, o não perguntara? Nem de balde nota o mesmo Texto, que Abrahão levava o fogo, Isaac carregava a lenha: *Tulit quoque ligna ho-*

locausti, & imposuit super filium suum: ipse verò portabat in manibus ignem: pois qual vinha a ser ahi o mysterio? porque mais levava Abraham o fogo, do q̃ a lenha? & porq̃ mais levava Isaac a lenha, do que o fogo? Porque no fogo hia a luz, na lenha hia o pezo; & porque na verdade só Abraham era o que levava a luz, & tinha o conhecimento do sacrificio, por isso Abraham não leva a lenha, senão o fogo, & Isaac nam leva o fogo, senão a lenha; em sũma, que caminhando ambos para o monte, o pay sabia que hia a matar, & o filho não sabia que hia a morrer: pois por isso os louvores daquella acção se derão todos ao Pay, & não ao filho. Tanto mais faz à grãdeza, & ao encarecimento do sacrificio o caminhar para elle já antevendo, do que ir para elle, mas ignorando; ainda não digo bem; tanto mais faz ao seu encarecimento o antevello já quando se caminha,

do que o conhecello sò então quando se padece, que conhecendo no monte ambos igualmente, Abraham o sacrificio que fazia, & Isaac, que elle era a victima do sacrificio, que quando parecia que mais era em Isaac o ser sacrificado, do que em Abraham o sacrificar, como se o sacrificio de Isaac o não fora à vista do sacrificio de Abraham, não se louvou o sacrificio de Isaac, sò porque caminhou ignorando; & sò se derão os louvores ao sacrificio de Abraham, por nada mais, senão sò porque caminhou sabendo.

16 Essa he a energia com que diz o Anjo: *Quia fecisti*: diz que louva a Abraham não tanto pelo que faz, quanto pelo que fez; porque o que faz, he o sacrificio na execução, & o que fez, foy, que levando a luz, & tendo o conhecimento, caminhou comtudo para o sacrificio: *Quia fecisti rem hanc, & non pepercisti filio tuo.*

17 E para que veja-

mos com mayor evidencia o quanto depende a essencia de hum perfeito sacrificio, do anticipado conhecimento, pergunto: Se Deos havia mandado a Abraham que lhe sacrificasse o filho tirandolhe a vida, porque razão lhe mandou depois, que lhe não dèsse a morte? Se acaso o monte Calvario não he o mesmo môte Moria, como diz S. Agostinho que he, allegando a S. Jeronymo; pelo menos todos os Santos Padres concordão, que o monte Moria foy o famoso theatro, em que se representava ao mundo o tragico, & amoroso sacrificio, que depois se havia de ver no monte Calvario: porq' alli Abrahão resolutto a dar a morte a seu filho Isaac, representava ao Eterno Padre entregado à morte a seu Unigenito filho; & Isaac obediênte à vôtade de Abraham, representava ao Filho Unigenito de Deos, obediênte até a morte à vôtade de seu Eterno Padre; logo para ser em tudo perfeita a representação, devia em tudo

do accõmodar-se à realidade; & como Christo padecio com effeito a morte, & Isaac não padecio, segue-se que ficou imperfeita a representação; pois porque razão quereria Deos que ficasse assim imperfeita? Se com effeito se havia de dar a morte a Christo, porque não quiz Deos que se dõsse tambem a morte a Isaac? Porque quem visse morrer no sacrificio a Isaac, poderia imaginar que o seu sacrificio era perfeita representação da morte, & sacrificio de Christo; & porque verdadeiramente o não era, por isso, para que o mundo se não enganasse có a morte de Isaac, não quiz Deos q̄ Isaac chegasse a padecer morte. Mas se Isaac padecesse morte com effeito, em que se enganava o mundo, se cuidasse que o sacrificio de Isaac era representação perfeita da morte de Christo? Enganavase, porque ainda no caso q̄ Isaac morresse, ainda assim o sacrificio de Christo não ficava perfeitamente representa-

do no sacrificio de Isaac; & porque? Porque ainda lhe faltava a principal circunstantia de perfeito sacrificio: & que circunstantia era esta? Era que no sacrificio de Isaac ainda q̄ quando foy à execução o pay, & o filho, ambos tiverão conhecimento do sacrificio; com tudo antes d'elle, sò o pay teve este conhecimẽto, & não o filho: & no sacrificio de Christo, tanto o Filho, como o Pay, ambos previão o sacrificio, & em ambos se anticipou o conhecimento; & tanto assim consistio a perfeição do sacrificio de Christo em que não sò o Pay, senão tambẽ o Filho antevisse, & assim antevisto o quizesse, q̄ por falta deste conhecimento deixou de ser o sacrificio de Isaac perfeita representação do sacrificio de Christo.

18 E q̄bẽ soube reparar na força desta circũstãcia o E-vãgelista S. João! o qual disq̄ posto ja no Horto o Senhor, & resignado ja có a Divina vontade, chegarão os ministros da sua prisão, &

caminhando o Senhor para elles, adverte o Evangelista, que sabia, & conhecia muy bem tudo quanto hia a padecer quando começou a caminhar: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit*: & que razão havia, ou que necessidade de que o Evangelista nos fizesse esta advertencia? He que hia a encarecer a fineza, & o merecimento da Paixão Santissima de Christo; & como sabia que o mayor encarecimento da sua Sãtissima Paixão consistia em não dar passos para o sacrificio, senão depois, & cõ perfeito conhecimento delle, por isso reparou no conhecimento para encarecer o sacrificio; & por isso para logo dizer o quão finalmente se hia a sacrificar, antes de tudo, & como prefação do que havia de referir, disse primeiro, que ja conhecia tudo o q̃ havia de padecer, & então depois de conciliado o credito a tudo o mais que havia de dizer, então disse que começou a caminhar: *Sciens processit*.

Ioan 18

4.

19 Estã provado, mas ainda não estã encarecido, & para o encarecer de algũ modo, reparo em que estas palavras disse o Evangelista depois de todas aquellas tristezas, & depois de todas aquellas agonias, q̃ Christo padeceo na Oraçãõ do Horto, & donde nascião tâtas tristezas, & tâtas agonias? Tudo nascia da difficuldade que sêria o Senhor em conformarse cõ a vontade, & preceito de seu Eterno Padre: *Si possibile*

Mat 26.
39.

est, transeat à me calix iste. Estranha difficuldade! Não he certo que desde o primeiro instante de sua conceição se conformou sempre Christo cõ a vôtade de seu Eterno Padre? Assim o disse elle mesmo por boca de David: *Tunc dixi: Ecce*

Psal. 39.
8. 9.

venio: In capite libri scriptũ est de me, ut facerem voluntatem tuam: Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis m i. Pois se assim he, por que mais no Horto se lhe difficultou tâto esta conformidade? Dirmehão, que por ser morte então a ma-

te-

teria do preceito, mas não he assim, porque sendo tão grande o amor de Christo para cõ os homens, & dependendo de sua morte a nossa redépção, não se pòde entender de seu amor, q̄ repugnasse padecer a morte: pois logo q̄ repugnava? Repugnava não padecer a morte absolutamente, senão do modo, & cõ a circumstancia que o Eterno Padre queria que a padecesse, isto he o que o Senhor queria dizer naquellas palavras: *Transseat à me calix iste*: como se differa o angustiadissimo Senhor: Pay meu, eu não repugno absolutamente padecer a morte, porque bem sey q̄ nella està o remedio dos homês, se vòs quereis que eu a padeça, tãbem eu o quero, porèm este genero de morte, do modo que vòs quereis, isso he o que repugno; não repugno a substancia, repugno o modo; não repugno a morte, repugno esta morte: *Transseat à me calix iste*. Mas de que modo queria o Eterno Padre q̄ Chri-

sto padecesse a morte? Do mesmo modo que elle a padeceo, resignando a sua vontade, & sogeitando-se a obedecer não só à vontade de Deos, senão tãbem à vontade dos homens; & o que mais he, à vontade dos mesmos homens que o fazião padecer, & que não sabião advertir, que se lhes obedecia, era por sua propria vontade: tudo isto denota aquella resposta de Christo à instãcia de Pilatos: *Nescis quia potestatem habeo crucifigere te? Non haberes potestatem adversus me ullam, nisi tibi datum esset desuper*. Pois este modo de padecer era o q̄ se fazia tão difficultoso a Christo; sacrificar-se a padecer não só conformado; se em tudo cõ o que ordenava seu Eterno Padre, senão tãbem cõ o que os homens quizessem delle dispor, & ordenar, esta era toda a repugnancia, esta era toda a difficultade: & cõ razão o obrigou a consideração deste ponto a suar gotas de sangue, porque sogei-

tar-se húa vontade a outra, sendo a outra Divina, assim o pede a ordem, & a subordinação da natureza; poré sendo a outra humana, & sendo tal vez, como foy na causa de Christo, não só desabrida, senão apayxonada: intoleravel, & incôpativel subordinação.

20 Mas em fim depois de algúa resistencia, venceo o Senhor toda a repugnancia, & como tão obediente filho, se veyo finalmente a conformar em ir a padecer, não ja do modo que elle queria, senão assim, & do mesmo modo q' queria seu Eterno Padre:

Non sicut ego volo, sed sicut tu: fiat voluntas tua. Desta maneyra vencida ja toda a difficuldade, deo o Senhor os primeyros passos para o sacrificio da sua prisão. Ja o Evangelista nos havia dito, que estava vencida a mayor difficuldade; logo ja estava dito o mayor encarecimento do sacrificio: pois logo como depois de o encarecer cõ a conformidade, o encareceo ain-

da mais com a sabedoria? *Sciens.* Grãde confirmação de tudo o que tenho dito! Ahi não ha duvida, que nesta conformidade, & resignação de Christo consistio todo o merecimento do seu sacrificio, porque em fim, na vontade consiste todo o merecimento; & pelo conseguinte não ha duvida tãbem q' o mayor, & o mais alto encarecimento que se pòde dizer do merecimento, & sacrificio de Christo, he dizerse q' chegou, por conformarse cõ a vontade de Deos, a sujeitar-se tãbem à vontade dos homens; poré he tala força que tem hũ anticipado conhecimento para sublimar ainda ao mais alto, & mais encarecido sacrificio, que sendo esta sua conformidade o seu mayor encarecimento, ainda o seu conhecimento o chegou a fazer mayor, & a razão està clara: porque se o ponto mais difficulto da conformidade fora ignorado, que duvida faz, que não fora o merecimento tão subido? Logo o

mayor ponto do merecimento consiste, não tanto na aceitação da vontade, como na previsaõ do entendimento; prever, & comtudo aceitar, este he todo o ponto, & este o mayor merecimento. Cõ razão logo o Evangelista depois de estar tão encarecido o sacrificio de Christo pela victoria da conformidade, quando parece que se não podia mais subir, para o subir ainda mais, o encareceo ultimamente pela circumstancia da previsaõ: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit*: sobre tudo o mais, & sobre o que era mais que tudo, a circumstancia do conhecimento nos deo a conhecer a grandeza do sacrificio. Sim, poré Christo não podia conformarse perfeitamente em tudo cõ a vontade de seu Eterno Padre, sem estar juntamente prevendo, & conhecendo tudo; logo na mesma acção em que se nos diz, que Christo se conformou, se nos diz, também q o conheceo; pois logo se já if-

to se suppoem, para q no lo diz? Por q he pôto tão relevante do sacrificio, & do merecimento de Christo o irse a sacrificar, antevendo ja o que hia a padecer, que se bem o podiamos ja inferir, não quiz comtudo o Evangelista fiar o conhecimento da contingencia do nosso discurso, porque julgou que sendo esse o ponto da mayor importancia, se não devia deyxar nessa contingencia; antes julgou que não satisfaria a toda a grandeza do ponto, se só o remetesse aos discursos da razão, & o não segurasse cõ a certeza da fé, & por isso de pois das conformidades do Horto, disse clara, & expressamente, que sabendo Christo o que hia a padecer, que então começou a ir: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit*. Ican 18. 4.

21 Com parecer que ja està encarecido, ainda não està bem ponderado; pelo que depois de reparar no *Sciens*, reparo agora no *Processit*, & reparo, porque usou o Evangelista mais deste

Mat. ubi
supra.

deste termo? porque não usou de outro qualquer, senão deste? Fallando o Evangelista dos passos que deo o Senhor na entrada do Horto, diz assim: *Venit in villam, quæ dicitur Gethsemani*: fallando dos passos que deo dos Discipulos para o Eterno Padre, diz: *Progressus est pusillum*: fallando dos passos que deo de seu Eterno Padre para os Discipulos, diz: *Venit ad Discipulos suos*: pois porque razaõ fallando dos passos q deo para a prisaõ, não diz *venit*, ou *progressus est*, senão *processit*? Para satisfazer a esta duvida, devemos primeiro advertir, que deste mesmo termo usaõ todos os Theologos quando fallão da processão do Verbo Eterno; o que supposto, bẽ facil fica ja de entender o mysterio com que o Evangelista não usou nesta occasiã de outro termo, senão do que usou, & a razão porque não disse senão *processit*. Todo o empenho do Evangelista era encarecer o sacrificio de Christo o

quanto elle pudesse encarecer, & porque sabia que o mayor encarecimẽto do seu sacrificio era a anticipação do seu conhecimẽto, por isso antes de dizer que se foy entregar, disse primeiro que ja conhecia tudo o que hia a padecer: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum*. Porém advertindo que poderia cuidar o mundo que este conhecimẽto de Christo começava só daquelle ponto da Oraçã do Horto, para nos dar a entender o quanto mais antigo, & quanto mais anticipado era este seu conhecimento, que fez? Quando foy a dizernos, que deo os primeiros passos a fazer entrega da sua propria liberdade, usou como divino Theologo daquelle mesmo termo, com que se explica a sua eterna processão: *processit*: como se quizera dizer: Saiba o mundo todo, que foy Christo tam fino, & andou tam heroicamente amante, que se foy sacrificar sabendo: *Sciens*: & para que se admire o quam

anticipado foy nelle o conhecimento com que foy, advirto que já desde a eternidade teve este conhecimento, porque foy para a prisão, assim, & com aquelle mesmo conhecimento com que procede na eternidade: nenhum tempo, nem ainda hum sò instante conheceo o Pay este sacrificio primeiro que o Filho o conhecesse; porque se desde a eternidade o conheceo o Pay quando produzio ao Filho, tábem desde a eternidade o conheceo o Filho quando procedeo do Pay; nem nisto ha que duvidar, porque se o Pay o conheceo desde então, porque então produzia a Sabedoria eterna, sendo o Filho a mesma Sabedoria produzida, pouco tem que ver, que assim como o conhecia o Pay, o conhecia o Filho; & assim que o conhecimento que Christo teve de que hia a padecer por nosso amor, não foy sò naquella hora em que hia a padecer, porque o conhecimento que teve naquella hora, foy

aquelle mesmo que teve na eternidade, aquelle mesmo conhecimento com q̄ procedeo ab æterno quando foy produzido, esse mesmo teve quando foy a ser sacrificado, & por isso, para que assim o tenhaõ todos entendido, por isso usou o Evangelista do mesmo termo cõ que se diz que procedeo na eternidade, para dizer que foy para a prisão : *Sciens processit.*

22 Aqui se me offerece tábem húa reposta a aquella duvida de todos : porque razão havendo de encarnar huma das tres divinas Pessoas, encarnou mais o Verbo divino, do que algũa das outras ? Digo que a razão me parece que he, porque supposto o divino decreto, visto està que a Pessoa que havia de encarnar, havia de ser a que nos havia de remir, & a que para nos remir se havia de sacrificar; & visto està tambem, que para ser tam digno o merecimento, esse havia de ser em tudo o mais alto sacrificio; pois porque na verdade o que

que mais havia de calificar a grandeza do sacrificio, havia de ser a circumstancia do conhecimento, & o conhecimento se attribue mais ao Verbo divino, por isso de entre as divinas Pessoas o Verbo divino ouve de ser o que havia de encarnar, & o que nos havia de remir, para que assim pela propriedade da sua sabedoria, ficasse mais sublimado o sacrificio da nossa redenção. O Pay, a quem como creador doia mais a offensa, de ver he q̃ não devia dar a satisfação, senão q̃ a elle he q̃ se lhe havia de dar: restava o Filho, & o Espirito Santo; o Filho que procede do entendimento, he todo Sabedoria, o Espirito Santo que procede pela vontade, he todo Amor, & tendo aquelle sacrificio do Amor tantas dependências da Vontade, de tal maneira se calificou sobre tudo pelas luzes da Sabedoria, que para ser perfeitoissimo sacrificio, não ouve de tocar ao Espirito Santo, a quem se attribue o Amor, senão ao Verbo di-

vino, a quem se attribue o Entendimento: pois por isso empenhado o Evangelista em declarar aos olhos do mundo, & em nos encarecer o sacrificio do Filho de Deos, poz advertidamente todo o cuidado em nos mostrar quam anticipado foy o seu conhecimento quando começou a ir, & foy para o sacrificio: *Sciens processit.*

23 Este foy o ponto mais relevante, em que mais se calificou o sacrificio de Christo; & também este mesmo ponto foy em sua proporção o em que se requintou, & mais se encareceo o sacrificio das onze mil Virgens; & sendo na verdade este o proprio requinte do seu sacrificio, q̃ muito he que digamos, que no Religioso sacrificio em que hoje se consagraõ a Deos essas duas entendidas almas, se ve também, & se vio o mesmo ponto, & o mesmo requinte? Cõ tudo ainda acho hũa grande differença entre todos estes sacrificios, & he, que no sacrificio

ficio de Abrahão todo o conhecimento era da parte do pay, & nenhũ da parte do filho; & no sacrificio das onze mil Virgens todo o conhecimento era da parte das filhas, & nenhũ da parte dos pays: só no sacrificio de Christo acho que da parte do Pay, & da parte do Filho foy igual o conhecimento; pois isso he o que admiro no sacrificio de hoje; que conhecendo o Pay o quanto sacrificava a Deos no apartamẽto das filhas, & que conhecendo as filhas o quanto lhe sacrificavão na ausencia do Pay, que com tudo por hũa, & outra parte se cortasse igualmente pelo amor natural para fazerse o sacrificio a Deos! oh que entendido, que discreto, & que premeditado sacrificio! tanto mais calificado, quanto mais entendido; & tanto mais subido, quãto mais premeditado. Em outras occasiões poderà succeder, que se cõsagrem almas a Deos arrebatadas, sim, do seu affecto, mas ignorantes do seu sa-

crificio, & em tal caso serà o sacrificio fino, mas não o mais refinado, porque o fogo em que se abrazaõ os holocaustos mais perfeitos, não só he activo, senão também luminoso, nem só se ve nos incendios, senão ainda mais nos resplãdores. Pois no sacrificio de hoje, onde se consagraõ a Deos duas almas, sobre tão resolutas, tão entendidas, que tanto lhe sacrificáraõ nas noticias, quanto agora nas experiencias! Hoje q̃ as duas almas que se consagraõ a Deos, taõ anticipadamente fouberaõ conhecer o estado que desejavaõ professar, que puderaõ nellas gloriosamente cõpetir cõ o recato o juizo, cõ a clausura a prudencia, & cõ os pasmos da modestia os extremos da discrição! que havemos de dizer, senão que no sacrificio de ambas se ve hoje heroicamente o mais alto ponto do mais alto sacrificio? Digamos logo que as onze mil Virgens excederãõ às cinco do Evangelho, & que nas duas de hoje

je se ve'o requinte das onze mil; nas duas se ve o requinte das onze mil, porque o seu requinte confiftio no seu conhecimento; & nas onze mil se ve o excesso q' fizeraõ às cinco do Evangelho, porq' as onze mil sacrificáraõ a luz das vidas, & as cinco fizeraõ só sacrificio da luz das alãpadas: *Et ornaverunt lâpades suas.*

24 *Et intraverunt cum eo ad nuptias.* Aqui acabo de ver o quanto as onze mil Virgens excederaõ às cinco do Evangelho; porq' aqui vejo que naõ só as excederaõ nos numeros, nẽ só nos sacrificios, senaõ tãbem nos desposorios; & senaõ vejamos o que diz o Evangelho. Diz no principio, que as cinco Virgens sahirãõ a encontrar-se cõ o Esposo, & mais cõ a Esposa: *Exierũt obviam spõso, & sponsæ;* & diz agora ultimamente que tãbem os acompanhãõ, & entrãõ cõ elles a celebrar-lhe os seus desposorios: *Et intraverunt cum eo ad nuptias:* segue-se logo que ainda que entrã-

raõ, naõ entrãõ como esposas, senaõ só a celebrar-lhe os desposorios; entrãram às vodas de Deos, sim, mas naõ a celebrar desposorios cõ Deos, senaõ os desposorios de Deos. E as onze mil Virgês? Todas ellas foram esposas digniffimas de Christo, as quaes entrãram todas naõ só a celebrar os desposorios de Deos, senaõ a ser todas esposas suas, & a celebrar os desposorios com Deos: claro fica logo que as onze mil Virgens excederam às cinco do Evãgelho até nos desposorios.

25 Porém em desposorios com Deos, q' se pôde requintar? Que mais se pôde dizer, senaõ só, q' foram desposorios cõ Deos? Pois eu digo que ainda foram mais; mais que desposorios cõ Deos? dà-se caso em que ainda possaõ sobir mais os desposorios? Sim: os desposorios das onze mil Virgens ainda foram mais sobidos do que só precisamente desposorios com Deos; & isso como, ou porque? Porque foraõ despo-

posorios com Deos no dia da sua mayor gloria, & de seu mayor triunfo; & desposorios com Deos no dia em que elle está mais glorioso, & mais triunfante, que duvida faz que sam desposorios mais realçados do que precisamente desposorios có Deos? Por isso a Alma santa para encarecer os desposorios mais solemnes de Christo, advertio que eram celebrados no dia do seu mayor triunfo, & no dia da sua mayor gloria: *Videte Regem Salomonē in diademate, in die desponsationis illius, & in die letitia cordis ejus.* Mas qual he a razam porque digo que o dia das onze mil Virgens he para Deos o dia do seu mayor triunfo? A razão he, porque he o dia das onze mil Virgens; he elle o dia das onze mil Virgens? pois esse he o dia do mayor triunfo de Deos. Prova? Sim.

26 Naquelle dia em que David entrou vitorioso có a cabeça do Gigante pelas ruas de Jerusalem, diz S. Agostinho, & có el-

le os Santos PP. que se representava o mayor dia do mayor triunfo de Christo, & he muito para reparar nos vivas, & nas acclamações có que as mulheres de Jerusalem celebravam todas aquelle famosissimo triunfo: *Percussit Saul mille, & David decem millia.* Saul rendeo a mil, & David a dez mil. Tãto havia em q̄ reparar no mysterio, & na consonancia daquellas vozes, q̄ atè ao mesmo Saul deram muito em que reparar: *Dederunt David decem millia, & mihi mille dederunt;* porèm naõ he esse o meu reparo. Saul reparou em que a elle lhe attribuissem só mil, dando a David dez mil: Eu reparo, porque haviam de dar esses mil a Saul; se o triunfo era de David, & naõ de Saul, porque se attribuem mil a Saul? Não basta q̄ se attribuem dez mil a David? Não basta: & porque? Porque como alli se representava a Christo no dia do seu mayor triunfo, necessariamente se havia de cantar

r. Reg.
12. 8.

anr. 3.
1.

tar naquelle dia o numero mais proprio do mayor triunfo de Christo; pois para que se entendesse, que o numero do mayor triunfo de Christo havia de ser sem duvida aquelle, em que as almas rendidas ao seu amor fizessem o numero de onze mil, por isso para q' alli se representasse o seu mais triunfante dia neste glorioso numero, não bastou que se attribuissem só dez mil a David, senam que foy necessario, que se attribuisse de mais, mil a Saul: *Percussit Saul mille, & David decem millia.*

27 Mas com estar dada a resposta, ainda me fica esta duvida. Pois ja que David representava a Christo no dia do seu mayor triunfo, & ja que o numero de onze mil he o mais proprio do mayor triunfo de Christo, porque se não attribuiram a David todos os onze mil, senão, mil a Saul, & só os dez mil a David? Sim, & agora se verá qual he a razam porque o mais proprio dia do mayor

triunfo de Christo he aquelle, em que o seu amor chegou a render onze mil almas; & he, porque o render juntas onze mil almas he o triunfo mais proprio, & mais especial unicamente do seu amor. Ora vejam. He verdade que naquelle dia do mayor triunfo de David se representava o dia do mayor triunfo de Christo; & he verdade mais, que no numero de onze mil almas rendidas se cifra inteiramente o seu mayor triunfo; porèm não se attribue todo esse numero tãbe a David, porque o triunfo deste numero de mil sobre dez mil he tam proprio todo do amor de Christo, q' só a elle lhe toca, & só para elle he o mais especial, & tam especial só para elle, que nem por sombras permite, que outra força algũa possa de hũa só vez triunfar de todo este numero. Bem: mas se o mayor triunfo de Christo consiste em triunfar de onze mil almas juntas de tal maneira que nem ainda por representaçam pôde

outrem triunfar juntamente de onze mil, de que modo havia David de representar o mayor triunfo do amor de Christo? Por bello modo: para que se veja que no triunfo de David se representava o mayor dia do mayor triunfo de Christo, cantese gloriosamente q̄ nesse dia ficaraõ rendidas onze mil almas; mas para que se veja, que só singularmente o amor de Christo pòde render juntamente todo o numero de onze mil, repartase o numero, & dividase entre Saul, & David: ja que David he o que alcançou o triunfo, & o que representa a Christo, cantese embora que do numero de onze mil elle véceo a mayor parte; mas não se cante, que elle só venceo todo o numero, senão q̄ David véceo dez mil, & q̄ os outros mil véceo Saul: *Percussit Saul mille, & David decem millia.*

28 Parece que o mesmo David entre os applausos de seu triunfo não deixou de reparar neste myste-

rio, porque fallado depois à letra do mayor triunfo de Christo, disse que o carro do seu triunfo, que he particularmente seu, sobre ir carregado de palmas, & de coroas, constava de onze mil almas: *Currus Dei decem millibus multiplex, millia letantium.* Mas porque não disse logo que eraõ onze mil por todos, senão q̄ eraõ mil, sobre dez mil? Porque não hia só a dizer qual era o triunfo especial só de Christo, senão que hia tãbem a dar a razao, porque havia de ser esse o seu especial triunfo: para dizer qual era o triunfo especial só de Christo, disse q̄ era aquelle em que o seu carro triuntal constava de onze mil almas; & para dar a razao porque havia de ser esse o seu triunfo especial, dividio o numero, & disse q̄ eram mil sobre dez mil; mas onde está ahi a razao? Direi: o numero de dez bé sabem todos, que he o mais perfeito, o remate, & o complemento de todos os numeros, & pelo conseguinte,

bem devem também saber, que o número de onze ainda tem mais perfeição que esse mais perfeito, porque ainda levanta de ponto sobre o numero de dez; & assim que por esta conta os mayores triunfos que se pôde alcáçar, são os de dez mil; & se houver hū triunfo de onze mil? esse será singularmente mayor sobre todos os mayores: empenhado pois David em mostrar hū triunfo que fosse singular só de Christo, có que razão o havia de mostrar. Necessariamente havia de mostrar hū triunfo seu, que fosse mayor que todos os mayores triunfos; mas para mostrar este triunfo singularmente mayor q̄ todos, que havia de fazer? O mesmo q̄ fez para dizer sómente que alcáçara hū dos mayores triunfos, disse que era triunfo de dez mil almas; & para claramente dizer, que ainda era mayor q̄ todos os mayores, acrescentou mais outros mil; cõ q̄ veyo a cõcluir, q̄ o triunfo de onze mil era proprio, & sin-

gular só de Christo, & por isso judiciosamente ajutou no dia do seu mais especial triunfo, & do seu mais triunfante carro, mil sobre mil: *Currus Dei decem millibus multiplex, millia letantium.*

29 E verdadeiramente q̄ mayor triunfo se pôde considerar, ou se podia ver, que o que veria a Corte celestial naquella felicissimo dia, em que vio entrar entre assombros de fermosura pelas portas do firmamento aquella fermosissimo, & triunfante esquadrão de onze mil donzellas, que cõ onze mil coroas, & onze mil palmas, seguindo o seu glorioso estandarte, sorteados de branco pela sua pureza, & de encarnado pelo seu martyrio, sobiam magestosamente pelas onze esferas do Ceo, a ser entre os astros onze mil estrellas, entre os Anjos onze mil Serafins, para Deos onze mil filhas, & para Christo onze mil esposas? Oh có quãta razão naquella dia entre sagrados epithalamios, & vitoria das cógratulações,

solênizando o triunfo do amor de Christo em alternadas vozes a dous côros todos os Anjos, cantariam de hũa parte o que se cantou a David: *Percussit Saul mille, & David decē millia;* & da outra o que David cantou: *Currus Dei decem millibus multiplex, millia latantium!* Temos logo q̃ o dia do mayor triunfo de Christo, foy o dia das onze mil Virgens, & sendo esse o dia dos seus desposorios, bem digo, que os seus desposorios não foram só com Deos precisamente, senão com Deos no dia do seu mayor triunfo.

30 Mas se nesta circumstancia esteve o ponto mais glorioso dos desposorios das onze mil Virgens, quem não ve hoje o mesmo na circumstãcia do dia, que elegeram essas duas almas para os seus sagrados desposorios? Dirã cõtudo algué, que o desposarêse cõ Christo no dia das onze mil Virgens, não he desposarêse com Christo triunfante, senão só cõ Christo no dia q̃

foy do seu mayor triunfo. Digo que não he senão desposaremse cõ Christo triunfante; senão torne David a prophetizar a grandeza deste dia: fallava elle segundo a opiniam de Clemente Romano com o mesmo Christo, & entre varias vitorias, que lhe prophetizava, lhe dizia, q̃ viria tempo em que onze mil almas feridas todas de settas, ou fôsê do seu martyrio, ou do seu amor, ficariam rendidas ao seu lado, & que todas ficariam às suas mãos direitas: *A sagitta volante in die cadent à latere tuo mille, & decem millia à dextris tuis.* A primeira visita parece que não ha que duvidar na intelligencia desta profecia; porque se as almas rendidas haviam de ser em numero onze mil, & se todas ellas haviam morrer feridas de settas, que tẽ que ver, que fallava o Propheta do triunfo de Christo no dia das onze mil Virgens? Mas ainda tenho duas duvidas em duas palavras. A primeira he, q̃ Chri-

sto tem dous lados, hũ direito, & outro esquerdo: pois porque nam disse o Propheta que as onze mil Virgens havião de cahir mortas, & ficar rendidas por ambos os lados de Christo, senão por hum só lado? *A latere tuo.* A segunda duvida he, q̃ Christo nam tem mais que hũa mão direita sómente: pois porq̃ nam disse o Propheta que as onze mil Virgens havião de ficar à mão direita de Christo, senam às duas mãos direitas? *A dextris tuis.* Em quanto à primeira duvida està bem clara a resposta; diz que todas as onze mil Virgens cahirão rendidas a hum só lado de Christo, porque pareceria desigualdade, que ficando humas para a parte do coração, & do lado aberto, ficassem outras para o outro lado; todas cahirão para onde mais inclinãrão, & como a inclinação, & amor de todas foy para a pureza, & para o martyrio, por força, & por natural simpatia e uerão todas de cahir pa-

ra a parte do lado aberto, por onde mysteriosamente sahiraõ, no sangue representando o martyrio, & na agua representando a pureza: ou senão digamos, q̃ como todas erão esposas tanto do coração de Christo, necessariamente lhe havião de ficar todas para a parte do coração. Mas não parece tam facil a resposta da segunda duvida: porque ainda que he certo, que ficandolhe todas da parte do coração, & voltãdose o Senhor recebeo a todas como suas verdadeiras esposas; comtudo, tambem he certo que com hũa só mão direita se foy desposando, & as foy recebendo a todas: como diz logo o Propheta, que estava o Senhor com duas mãos direitas? *A dextris tuis.* Não posso negar que he verdade, que com só hũa mão direita recebeo Christo por esposas suas as onze mil Virgens; porẽm como Sãta Ursula, & Santa Cordula foraõ as duas principaes, & mais singulares de todo o

numero das onze mil, disse-
ra eu, que por singularida-
de teve Christo naquelle
dia duas mãos direitas para
as dar ambas a cada hũa das
duas, assim como Deos por
singularidade da Rainha
das Virgês a recebeu tam-
bem com duas mãos direi-
tas: *Astitit Regina à dex-
tristuis.* Mas se cada hũa
das onze mil Virgens re-
cebeo a Christo com huma
só mão direita, porque ra-
zão a cada hũa das duas
principaes não recebeu tã-
bem com hũa só mão, se-
não com duas? Sejame li-
cito, pelo privilegio do dia,
poder dizer o que cheguei
a considerar. Digo que na-
quelle dia solénissimo do
triunfo das onze mil Vir-
gens, dandolhe Christo a
mão direita como a suas
tam queridas esposas, rece-
beo comtudo a cada huma
das duas principaes com
duas mãos direitas, porque
cada hũa dellas recebia có
huma mão pelo que erão,
& com a outra, pelo que re-
presentavão; & como o q̃
ambas representavão erão

essas duas novas Esposas de
Christo, considero que já
naquelle proprio dia das
onze mil Virgens estava
Christo desposandose com
estas duas esposas, que elle
já então estava prevendo;
prevendo que neste dia das
onze mil Virgens as havia
de receber por esposas na
realidade, já então naquel-
le mesmo dia as recebia em
representação, agora as re-
cebe em si mesmas; entam
as recebia nas duas que as
representavão, agora as re-
cebe dandolhes a mão; en-
tão dava a mão de que as
recebia, agora executa o
que representava então; &
como já então como triun-
fante as estava recebendo,
por isso digo que as re-
cebe agora, não só no dia
que foy do seu mayor triú-
fo, senão com a mesma glo-
ria que teve naquelle dia,
com a circûstancia, com o
titulo, & com a gloria de
triumfante.

31 Só se me offerrece
hũa duvida contra esta mi-
nha consideração, & he, q̃
os desposorios que Christo

celebrou com as onze mil Virgens, forão na gloria, os que agora celebra saõ na terra, & na Gloria visto està que se desposa Christo como triunfante pelo estado que tem de glorioso; porèm na terra donde não existe em quanto glorioso, como havemos de dizer q se desposa como triunfante? E que fora se não estivera presente a este religioso sacrificio aquelle santissi no mysterio? He verdade que com as onze mil Virgens se desposou Christo no Ceo, & que hoje se desposa na terra, porèm sendo certo, que com ellas se desposou no Ceo no estado de glorioso, tambem he certo, que os desposorios que hoje celebra na terra, saõ na existencia de sacramentado; & quem não sabe, que nada menos triunfante està Christo na terra em quanto sacramentado, do que està no Ceo em quanto glorioso? He o que diz S.

Eligio: *Sacramento corporis Domini totus subjugatus est mundus, neque enim,*

cõtinha Onesto Expositor dos Evangelhos, *neque enim Christus in Eucharistia, atque in Cælo minus triūphat.* Antes por gloria do Sacramento, jã que atè agora não dissemos nada delle, dem-me licença para que me detenha mais hum nada, & para que prove que no dia das onze mil Virgens mais triunfante parece em quanto sacramentado na terra, do que em quanto glorioso no Ceo. Ora vejão.

32 Aos onze capitulos do Livro dos Machabeos, como em honra do numero de onze se refere, que sendolhe forçoso a Judas Machabeo resistir às tyrannias de Lisias General de Antiocho, necessariamente se ouve de pôr em campo; vendo porèm a limitação de suas forças à vista do poder, & do numerooso exercito de Lisias, começou a conhecer que ainda que era forçosa a batalha, que era desigual a empreza, senão quando lhe apparece hum celestial Caval.

Mach.
x 68.

valleiro, o qual vestido todo de branco, & posto na vanguarda como Capitão de todos, & segurandolhes a vitoria, os animou a dar a batalha : *Apparuit procedens eos eques in veste candida, armis aureis, hastam vibrans.* Com esta vista, & com esta segurança se animarão os Machabeos, & tanto assim se animarão na certeza de que Deos havia de ser o que havia de pelear, que rompendo, & desbaratando todo o exercito inimigo, degolãrão, & deixarão naquelle dia mortos, não menos que onze mil dos contrarios : *Habentes de Cælo adiutorem, & miserantem saper eos Dominum, irruentes, prostraverunt ex ijs undecim millia.* Este foy o caso, & o meu reparo he, que na occasião deste triũfo viesse Deos vestido de branco, *in veste candida.* Deos vestido de branco he Deos sacramentado; Deos vindo do Ceo, he Deos glorioso; pois já que Deos naquella occasião vinha do Ceo triunfar na terra, porq̃

não veyo na mesma fôrma em que està no Ceo? porque não veyo em fôrma de glorioso, senão em fôrma de Sacramentado? Não se podia melhor mostrar o q̃ vou a dizer. Era aquelle triunfo de Deos, triunfo q̃ Deos alcançava de onze mil almas : *Prostraverunt ex ijs undecim millia.* E no dia, ou no triunfo de onze mil almas, cõparado Christo sacramentado na terra com foyo mesmo glorioso no Ceo, tanto mais triunfante està em quanto sacramentado, que para se mostrar ao mundo mais triunfante, não apparece na terra neste dia, do modo com que està glorioso no Ceo, senão do modo com que està sacramentado na terra; valia se das cores que veste em quanto sacramentado, para mais encarecer o triũfo que celebra em quanto glorioso, porque parece que julgou q̃ mais dignamente celebrava a grandeza do triunfo sahindo a publico com as galas do Sacramento; ou pelo menos

digamos, que ou glorioso no Ceo, ou sacramentado na terra, sempre está tam igualmente triunfante, que para mostrar o quam triunfante está no Ceo, nam lhe he necessario apparecer em fôrma de glorioso, basta lhe apparecer em fôrma de sacramentado: *In veste candida.*

33 Parece que bastava o dito, & o ser hoje o Esposo hum Deos sacramentado, para prova do que eu dizia, que hoje o Esposo não he sò Deos precisamente, senão Deos triunfante; porém se acaso não basta a mayor circumstância do dia, ponhamos os olhos na mesma substancia da acção; & que cousa he o estado religioso, que hoje professaõ essas duas triúfantes almas, senão aquelle resolutu, & incruêto sacrificio, em que rendem aos pès, & ao sagrado dos altares de Christo todas as grâdezas, & todas as esperanças do múdo? Pois dia em q̄ Christo ve sacrificado a seus pès todo o mundo inteiro; dia

em que o amor de Christo se ve tam preferido ao amor do mundo, & tanto assim, que tam gloriosamente triunfa de tantas, & tam bem fundadas promessas, de tantas, & taõ bem nascidas esperanças; que diã de mayor gloria, & de mayor triunfo para Christo? Digamos logo que hoje o divino Esposo não he precisamente sò Divino, porque não he sò Deos precisamente, senão tambem triunfante. Com que seja a ultima conclusão, que se as onze mil Virgens excederão tambem nos desposorios às cinco Virgens do Evangelho, que as duas forão tambem nos desposorios o requinte das onze mil Virgens: as duas forão o requinte das onze mil, porque se desposáraõ com Deos triunfante; & as onze mil excederão às cinco do Evangelho, porque as onze mil entrarão com Deos a ser suas esposas, & as cinco entrarão sòmente a festejar os desposorios de Deos: *Et intraverunt cum*

eo ad nuptias.

34 Tenho acabado o Sermão, comprido para o tempo, mas breve para o dia; & já que por abreviar (Divino amante, & soberano Esposo das almas) já que por abreviar fallei hoje tam pouco de vòs, permitime que acabe fallando com vosco, por vêtura que fallado com vosco, vos mostre eu que sempre fallei de vòs. Hoje Senhor que vos vejo desposado no Ceo, & desposado na terra, no Ceo em quanto glorioso, na terra em quanto sacramentado, no Ceo com onze mil Virgens, ou onze mil Martyres, & na terra com duas almas, perfeito, & clarissimo resumo de todas as onze mil; hoje Senhor, que vos vejo tam gloriosamente desposado, vos dou os parabens de ver o vosso amor, ou seja no Ceo, ou na terra, tam amorosamente correspondido. Nem sempre vos haveis de ver só amado no Ceo, tambem hoje vos vedes amado na terra, & tam pontualmête

amado, que em tudo se correspondem, o sacrificio ineffavel que offereceis a nossas almas nessa custodia, & o religioso sacrificio que duas almas vos offerecem hoje nesta clausura. Nesta pontualidade da sua correspondencia fundo eu a satisfacção da minha falta, porque de tal maneira se correspondem com vosco, que sem eu o imaginar, em tudo o que disse dellas, fallei sempre de vòs. Disse que erão duas esposas, & era em correspondência de que nesse mysterio vos sacramentastes em duas especies. Disse que se sacrificarão a hum estado composto da vida, & da morte, & era em correspondencia de que nesse sacrificio ajuntastes a morte com a vida. Disse que se rendião, & se sujeitavão as vôtades proprias a vontades alheas, & era em correspondencia de que nesse Divino pão vos consagrastes a estar sujeito à vontade de quem vos consagra. Disse que antevendo o sacrificio, o

anticipação no conhecimẽto, & era em correspondência, de que nesse sacrificio do altar previstes, & anticipastes o sacrificio da Cruz. Disse finalmente, q se desposáraõ cõvosco triũfante, & só nesta sua felicidade parece que faltou a sua correspondencia; porque por isso ficaste triũfante, porque ficãrão rendidas ellas; mas comõ poderião correspõder ao vossõ amor, senaõ ficando ambas rendidas, & o vossõ amor triũfante de ambas? Por isso a mim me parecia que em certo modo ainda mais triũfante estais hoje na terra, do que estais no Ceo: porque no Ceo estais gozãdo daquelle famoso triũfo, que alcançastes do mũdo neste dia; & na terra estais hoje actualmẽte triũfando, de quem triunfou do mundo: ou para melhor

dizer, no Ceo, & na terra estais hoje mesmo pelo martyrio das onze mil Virgens gozando do triunfo q já alcançastes, & pelo sacrificio das duas, alcançando hum triunfo actualmente; & não sei de que estareis hoje mais gozoso, se do triunfo já alcançado, se de actualmente estar alcançando o triunfo. Este he, Senhor, hoje o triunfo de vossõ amor, esta a correspondencia de vossas esposas, & esta a gloria dos vossos desposorios. Pela solénidade delles vos pedimos todos, que a exemplo de tam heroica acção, saibamos todos ponderar que cousa he mundo, para que assim, depois de celebrarmos estes vossos desposorios da graça, entremos tambem a celebrar os vossos desposorios da Gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*



S E R M A M

SEGVNDO,

Prêgado em a festa de Nossa Senhora do Rosario,
em o primeiro Domingo de Outubro.

*Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi:
Beatus venter qui te portavit, & ubera quæ
suxisti. Luc. cap. i i.*

35



Ntre as mayores
solemnidades da
Mây Santissima
de Deos, sendo
para todos a festa do Rosa-
rio a invocação mais ordi-
naria, bem creyo eu que
para os Prêgadores ella de
todas he a mais difficulto-
sa; mas que muito, sendo
ella hũa cifra, & hum com-
pendio de todas! De to-
das as flores da terra ne-
nhũa mais bella que a Ro-
sa, nenhũa mais merece-

dora de applausos, mas
tambem nenhuma mais ar-
mada de espinhos; pois
isto que se ve na Rosa, se
ve tambem no Rosario;
porque assim como na en-
carnada esphera de huma
Rosa fez a natureza a ele-
gante recopilaçam de to-
das as flores; assim tambem
no breve circulo de hum
Rosario collocou a graça
o sagrado compendio de
todos os mysterios; & as-
sim que sendo tam arrisca-
do

do o colher a fermosura de huma Rosa, nam he de admirar que nos seja tam difficultoso o tratarmos da festa do Rosario ; porque assim como a gentileza da Rosa se acautelou entre espinhos, assim a festa do Rosario se prevenio de difficultades ; a Rosa retirando-se a nossas mãos , o Rosario sobrelevando-se a nossos discursos ; a Rosa como compendio de todas as flores, o Rosario como cifra de todos os mysterios.

36 Comtudo assim como o mimo, & a fermosura da Rosa nos costuma attrahir os animos para romper os espinhos ; assim as excellencias, & a grandeza do Rosario nos deve solicitar as attençoens para vencer as difficultades; pelo que assim como sem attender ao estorvo dos espinhos colhemos a fermosura da Rosa , assim tambem sem reparar nas difficultades da festa, eu me quero arrojara a discorrer sobre as excellencias do Rosario; & para que não vamos buscar

o assumpto mais longe, este mesmo nome do Rosario nos servirá hoje de assúpto. Festa do Rosario? É porq̃ razão se ha de celebrar esta festa com este nome? Dizem commumente que se deve chamar Rosario, porque as preces, & as oraçoês que se offerecem à Senhora, são verdadeiramente húa coroa de Rosas, com que a Senhora se adorna , ou se coroa ; assim o considerou S. Gregorio Niceno: *Verba*

supplex offeram, & ab horto suavissimo contextam coronam, qua tuum exornem caput à Domina, proferam.

D. Greg.
Nicen
Orat. de
Deip.
Virg.

E para que esta consideração não carecesse de fundamento, muitas vezes se té visto que as preces , & as Ave Marias que pronunção os devotos do Rosario, sendo refas, se cõvertem em Rosas, tresladadas prodigiosamente das bocas dos devotos para a cabeça da Senhora, & gloriosamente transformadas as preces de seu Rosario em Rosas de sua coroa ; porêm disso mesmo he a minha admiração:

ção : & porque razão se hão de converter as preces offerecidas à Senhora mais em coroa de Rosas, do que em outra qualquer coroa ? porque não em grinalda de perolas ? porque não em diadema de estrellas ? porque mais em capella de Rosas ? Fundemos este meu reparo nas palavras do nosso thema.

37 *Extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi : Beatus venter qui te portavit.* Diz que huma mulher querendo louvar a Christo , louvára com as vozes a sua Sâtissima Mãy. E se bem repararmos, acharemos que isto mesmo que vemos no Evangelho, se acha tambem no Rosario; porque , que out'a cousa he o Rosario, senão vozes da Igreja com que louva a Senhora para vir a dar nos louvores de Christo ? Louvamos, & dizemos nâs oraçoens do Rosario , que he bemaventurada a Senhora: *Benedicta tu in mulieribus*, & daqui vimos a concluir, & a louvar tambem a Chri-

sto de Bemaventurado: *Et benedictus fructus ventris tui* : logo o mesmo vem a fer os louvores do Rosario, que as vozes do Evangelho : *Beatus venter qui te portavit*: porêm quem deo, quem levantou essas vozes? Diz o mesmo Evangelista que foy húa mulher, a qual dizem os Expositores que se chamava Marcella : pois por força se havia de chamar Marcella quem representava as vozes do Rosario ? Sim ; porque o nome de Marcella he hum composto de dous nomes, composto de mar, & do Ceo: & para que? Para que assim ficasse entendido que as oraçoês do Rosario, ou são nascidas no mar , ou são formadas no Ceo : se nascidas no mar , lográo a natureza de perolas ; se formadas no Ceo, gozão a jurisdição de estrellas: parece logo que haviamos de dizer que o Rosario da Senhora mais se havia de chamar ou grinalda de perolas, ou diadema de estrellas, do que capella de Rosas ?

38 E para mayor confirmação reparemos nas mesmas palavras de Marcella: *Beatus venter qui te portavit, & ubera que suxisti*. Chamase a Senhora no Evangelho de hoje feliz, ditosa, & bemaventurada, para que assim entendamos neste dia, que da devoção do Rosario assim como a nós nos provem grandes venturas, assim também à Senhora lhe resultão grandes felicidades: mas que felicidades podem resultar à Senhora da devoção do Rosario, sendo elle composto de Rosas? Bem sey q he a sua pompa, & a sua fermosura grande; mas quem ignora que no mesmo extremo de sua fermosura consiste o desengano de sua vaidade? Quem duvida que na mesma ostentação de sua pompa se funda a brevidade de sua duração? Essa foy a mayor cegueira do mundo q mais notou Salamão, que sendo as Rosas de tam pouca dura, puzessem os homés a sua felicidade em coroar-se de

Rosas: *Coronemus nos Rosis* ^{Sapiet 2} _{8.} *antequam marcescant*: pois logo como se coroa a Senhora de Rosas, quando no Evangelho se lhe cantão felicidades? *Beatus venter qui te portavit*. Daqui se segue, segundo parece, que muito melhor se ajustara o Evangelho à festa, se disseramos que a Senhora se coroa neste dia de perolas, ou de estrellas, do que dizendo que se coroa de Rosas; porque ainda deixando à parte a sua brevidade, fermosura por fermosura, que menos fermosas são as perolas, ou que menos fermosas são as estrellas? Quanto melhor se encarecera o preço, & a valia do Rosario, & pelo conseguinte a felicidade da Senhora, se disseramos que era o seu Rosario húa coroa formada de perolas? Quanto melhor se exaggerara o esplendor, & o lustre do Rosario, & pelo conseguinte a felicidade da Senhora, se disseramos que o seu Rosario era húa coroa tecida de estrellas? Ora amplifiquemos

mos esta materia, & apuremos esta razão.

39 Primeiramente fazendo a comparação entre Rosas, & perolas, ainda quando lhe queiramos conceder semelhança na fermosura, quem lhe poderá negar a desigualdade no preço? Que importa que pertença a Rosa a fazer ostentação de riquezas, vestindo purpuras em throno de esmeraldas; ou que importa que digão os cultos que encerra minas de ouro em cofres de rosicler, se na realidade he nenhum o seu preço, & nenhũa a sua valia? Pelo contrario, que não sabe conhecer o preço, & a valia da perola? Por hũa só perola sabemos que o mais intelligente mercador chegou a dar toda a sua fazenda: *Inventa una pretiosa margarita vendidit omnia, que habuit, & emit eam*: logo mais se devera considerar que era o Rosario formado de perolas, do que tecido de Rosas; porque sendo o Rosario tam util para nós, & tam pode-

roso para com a Senhora, quem deixará de conhecer o seu preço na sua utilidade, & a sua valia na sua intercessão?

40 Dizia David que elle havia de cantar sempre os seus psalmos, & que assim iria todos os dias fazendo pagamento a Deos: *Sic psalmum dicam nomini* Pr. 60.9
tuo in saculum saculi, ut reddam vota mea de die in diem. Dous reparos faço nestas palavras de David: primeiro, que diga David que quer pagar a Deos: *Ut reddam*: & que deve David a Deos para lhe pagar? Segundo, que lhe queira pagar cõ psalmos: *Sic psalmũ dicam*: pois com psalmos se paga a Deos? Em quanto ao primeiro reparo, bem sey que muitos eraõ os beneficios que David devia a Deos; porẽm como todos elles lhe foraõ liberalmente dados, & de nenhum modo vendidos, visto estã que se bê David os devia agradecer, que cõtudo os não devia pagar: pois logo que era o que David havia de

pagar a Deos? Era só a salvação, & a eterna Bemaventurança. Razaõ: porque dan-donos Deos tudo o mais liberalmente, só a salvação nos dá por seu justo preço, & só a Bemaventurança compramos a Deos, por-que essa só he a mercancia de Deos, a nossa salvação, & a sua Bemaventurança; por isso na Escritura se chama de ordinario mercancia:

Gen. 17 *Merces tua nimis: gaudete,*
1.
& exultate, quoniam merces

Matt 5.
12. *vestra copiosa est in Caelis.*

Com esta reposta do pri-meiro reparo cresce agora a difficuldade do segundo: porque se David queria có-prarlhe a Deos a gloria, & pagarlhe a Bemaventurança, como lha havia de pagar em psalmos? *Sic psalmum dicam:* a sua gloria não cõ-tuma Deos vendela senão por seu justo preço; & que levantado serà o preço da gloria, tendo ella o pezo da eternidade! *Eternum gloria pondus:* pois logo como se persuadia David que com os seus psalmos havia de pagar a gloria? Com razaõ

se persuadia, porque quan-do os seus psalmos na esti-mação de Deos se não re-putassem tanto pelo que eraõ, sempre se haviaõ de avaliar em muito pelo q representavaõ: os psalmos de David bem sabido he q representão o Rosario da Senhora, porque assim co-mo o Psalterio consta de cento & cincoenta psal-mos, assim o Rosario da Se-nhora consta de cento & cincoenta Ave Marias; & por esta razão os Summos Pontifices Pio V. & Gre-gorio XIII. nas Bullas que expediram em favor do Rosario, lhe deraõ ambos o nome de Psalterio: pois eis ahi a razam porque David entendeu, q com o seu Psal-terio podia pagar a gloria; porque verdadeiramente he o preço do Rosario tão estimavel, & tão grande a sua valia, que sendo a gloria de tanto preço, se compra com tudo por seu justo pre-ço pela devoção do Rosa-rio.

41 E que de exem-plos se tem visto no mundo em

em justificação desta verdade? Que de Almas tem alcançado a Bemaventurança por meyo desta devoção? Todos temos contas com Deos, porém no seu livro de razam aquelles que là têm mais Rosarios, esses são os que tem melhores contas, porque como os Rosarios são de tanto preço, nas contas dos Rosarios se avança tanto, que por ajustamento de contas sempre Deos fica a dever a gloria a quem teve com elle contas de Rosarios: por isso David como quem via nos numeros do seu Psalterio, & nas armonias de sua arpa humana tão ajustada representação do Rosario, não obstante ser tão alto o preço da eterna gloria, julgou comtudo que a podia comprar cõ o preço do seu Psalterio: *Sic psalmum dicam nomini tuo in seculum seculi, ut readam vota mea de die in diem.*

42 Supposto pois que he tão grande o preço do Rosario, & de tanta valia a sua estimação, sendo as Rosas de tão pouca valia,

& valendo as perolas tão alto preço, quem não dirá que muito mais propriamente se explicaria a entrada do Rosario se se dissesse que era húa madeixa de perolas, do que dizendo-se que he húa capella de Rosas? Là vio S. João no seu Apocalypse a celestial Jerusaleem cercada toda de portas, as quaes diz q' eram formadas de perolas: *Et duodecim portæ duodecim margaritæ sunt, & singulæ portæ erant ex singulis margaritis:* porém se se formão de perolas as portas da gloria por onde o Ceo se abre, quanto mais as preces do Rosario, que são o preço cõ que o Ceo se compra? O certo he que assim como a celestial Jerusaleem he figura da Senhora, como dizem commumente os Expositores; assim tâbem podemos imaginar q' as portas q' cercavaõ toda a Cidade eraõ figura do Rosario que està rodeando a Senhora: pois se se fórma de perolas todo o circuito das portas, porque não será o circulo do

Apoc.
18. 16.

Rosario formado tãbem de perolas ? As perolas, diz Plinio que se formão do orvalho cahido do Ceo , o qual recolhido nos seyos da madre-perola, alli se abriga, & se compoem, porque alli se purifica , & se congela , logrando desta forte a concha no meyo do profundo mar o officio de guarda-joyas, como sempre fecunda de riquezas:

Plin. l. 9
c. 35.

Tradūtque partum concharum esse margaritas pro qualitate roris accepti. E que diremos que são as Oraçoens do Rosario, sendo dictames ensinados por Deos, senão rocios cahidos do Ceo ? Concebidos pois estes celestiaes rocios , & encerrados no peito da quella divina Madre , que no meyo do mar da graça he assombro da natureza: *Luc 1. 1* *Cogitabat qualis esset ista salutatio conferens in corde suo:* que havemos de dizer senão que sendo preces, se formão aljofares ; & que sendo oraçoens, se congelão perolas ? Digase logo que o Rosario da Senhora

impropriamente se chama Rosario , porque sendo as Rosas de tam pouca valia , com muita mayor razão se chamarião as suas oraçoês perolas, do que se chamão Rosas ; principalméte porque coroandose a Senhora de perolas, como então seria a coroa mais preciosa, então com mayor razão se chamaria Bemaventurada: *Beatus venter qui te portavit.*

43 Porém quando queiramos dizer que na valia das perolas não ficavão ainda cabalmente encarecidas as excellencias do Rosario, ou quando por desigual não admitramos a alegoria das perolas , porque se não havia de introduzir a metaphora das estrellas ? Se fizermos comparação entre as estrellas, & as Rosas, acharemos que o q̄ nas estrellas são rayos, na Rosa são espinhos , & o que na Rosa são nacares, & purpuras, nas estrellas são luzes, & resplandores; de forte, que a Rosa sendo tãta a sua fragrante pompa, &

a sua encarnada ambição, por mais que se preze de bella, he certo que não pôde gloriarse de luzida; porque visto he que tanto lhe faltou de luz, quanto lhe sobrou de fermosura; sendo pois as estrellas sobre tam fermosas, tam luzidas, & sobre tam bellas, tam resplandecentes, quem não confessará que o Rosario da Senhora se explicava mais propriaméte em metaphora de estrellas?

44. Quizerão os Anjos explicar as excellencias da Senhora, & differão que era tão luzida como a Aurora, tam fermosa como a Lua, & tam resplandecente como o Sol; & concluindo tudo, differão que era tam poderosa como hum exercito: *Quæ est ista quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata?* Nestas ultimas palavras reparão commúmente, porque razão derão os Anjos este nome de exercito à Senhora? & reparão com ra-

zão; porque quando, ou em que mysterio se vio nunca que a Senhora tivesse propriedades de exercito? A resposta desta duvida he bẽ ordinaria neste dia: neste mesmo dia o primeiro Domingo de Outubro se deo aquella batalha naval, & succedeo aquella memoravel vitoria, quando no mar de Lepáto ficãrão destruidas as forças do Turco; & como a batalha se deo em nome da Senhora, & a vitoria se alcançou por invocação do Rosario, com razão dizem neste dia que se deve à Senhora o nome de Exercito: *Terribilis ut castrorum acies ordinata*: porém aqui tenho eu agora o meu reparo: porque se dà à Senhora do Rosario o nome de Exercito? Porque razão no mesmo tempo lhe dão o nome de Aurora, o nome de Lua, & o nome de Sol? Com grandissima razão. Dã-se o nome de Exercito à Senhora do Rosario, porque verdadeiramente assim como hũ exercito consta de tres terços, assim

Dij tam;

tambem o Rosario consta de outros tres; mas para q se entendesse que os tres terços do Rosario são iguالمéte luzidos que poderosos, que fez? Comparouse o primeiro terço dos mysterios gozosos aos rios da Aurora: *Quasi Aurora consurgens*: comparouse o segundo terço dos mysterios dolorosos aos desmayos da Lua: *Pulchra ut Luna*: comparouse o terceiro terço dos mysterios gloriosos aos resplandores do Sol: *Electa ut Sol*: & desta sorte compondose o Rosario da Senhora de tres terços lustrosissimos, veyo a lograr merecidamente o nome de hum exercito não só a todo excessso poderoso, mas a todo extremo luzido: *Terribilis ut castrorum acies ordinata*.

45 Eis aqui o quanto tem de luzido o Rosario da Senhora, & sendo as estrelas tam luzidas, qué não dirá que com toda a propriedade explicariamos a excellencia do Rosario, se dissellemos, não que era ca-

PELLA de Rosas, senão que era zona de estrellas? A esta Senhora vio S. João no seu Apocalypse, & vio que estava no Ceo cercada de Sol, pizando a Lua, & toucada de estrellas: *Signum Apoc. 12. magnum apparuit in Cælo: mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum duodecim*. Entendo o mysterio do Sol, & da Lua, mas o das estrellas não entendo: & porque razão se coroa a Senhora de estrellas? Pizava a Lua, porque essa he a propriedade da Senhora do Rosario pizar as Luas Othomanas, como por ludibrio das suas meyas Luas: cercavase dos rayos do Sol, porque essa he tambem a sua propriedade, que se na terra se rodea com circunferencia de Rosas, no Ceo se adorna com cerco de rayos; isto he o que representão os rayos do Sol, & os minguentes da Lua; porèm coroa de estrellas, que mysterio tem? Tem já bem pouco que entender o mysterio: *Duodecim stellas axisti-*

Cartha.
honi. 4.

existimarem esse Rosas pulcherrimas globorum depreciorum sanctissimi Rosarij, diz Carthagená; diz q̄ a coroa de estrellas são os globos, ou as contas do Rosario da Senhora, como q̄ se para formar-se o Rosario se enfiassem luzes, & para fabricarlhe a coroa se engrazassem estrellas: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim*. Segue-se logo q̄ com muito mayor propriedade se chamaria o Rosario formado de estrellas, do que de Rosas; porque se na terra he hum circulo de Rosas, no Ceo he hũa faxa de estrellas, & sendo tanto mayores os acertos do Ceo, visto estã que com muito mayor acerto se diria que he o Rosario hũa meada de estrellas, do que dizendo-se, que he huma capella de Rosas; principalméte porque a breve sorte das Rosas quem a não lastima? Pelo contrario, a forte, & a ventura das estrellas quem a não conhece? Quem pode nunca ter ventura sem estrella? Logo de estrellas

deviamos coroar a Senhora, porque verdadeiraméte de necessidade a devemos considerar luzida, pois no Evangelho a achamos beaventurada: *Beatus venter qui te portavit*.

46 Temos visto as razoens que ha por onde o Rosario da Senhora se devia considerar antes hũ fio de perolas, ou hũ ramal de estrellas, do que hũa capella de Rosas; porém não obstantes todas estas razoens, venho a resolver ultimamente, que o Rosario da Senhora se chama có toda a propriedade Rosario, porq̄ a verdade he que melhor se explica a sua essencia cõsiderandose formado de Rosas, do que de perolas, ou de estrellas; & para que não pareça que o digo sem fundamento, cuido eu que nesta eleição se soube accõmodar a piedade dos fieis à vontade da Senhora, porque se eu me não engano, cuydo que a mesma Senhora se não agradaria tanto das preces do Rosario, quando ellas tivessem o custo

das perolas, ou o luzimento das estrellas, como tendo o asleyo, a fragrança, & a composiçam das Rosas. Hũa das mais naturaes figuras da Senhora do Rosario ja sabem todos que he a bella Aurora trazendo nos braços ao Sol: *Quasi Aurora consurgens*: mas que faz a Aurora? Despreza as perolas, porque lança de si os orvalhos à terra; & afronta as estrellas, porque as escurece no Ceo, & quando assim nasce menoscabando perolas, & estrellas, vemos q̄ nomezmo tépo apparece banhada de purpuras, & coroada de Rosas: *Roseis inuenta quadrigis*: pois isto que vemos todos os dias ao romper da Aurora, isto he o que vemos tâbem na solemnidade deste dia: não he de admirar que o Rosario da Senhora se componha mais de Rosas, que de perolas, ou de estrellas; porque sendo Aurora Maria Santissima, força era que no dia de hoje desprezasse perolas, eclipsasse estrellas, & que sómente se co-

roasse de Rosas.

47 Porèm qual poderá ser a razão disto? Qual poderá ser a razão porque a Senhora estima em mais a devoção do Rosario applicada em forma de Rosas, do que de perolas, ou de estrellas? Varias eraõ as razões que me occurriaõ, porèm em honra dos tres terços do Rosario apontarey brevemête tres razões: & começando pela primeira, digo que a mesma Senhora se serve mais de que o seu Rosario se componha de Rosas; porque as perolas criaõse no mar, as estrellas no Ceo; & as Rosas? só ellas nascem na terra: pois por isso se ha de compor o Rosario não de perolas, nem de estrellas, senão de Rosas? Sim; & isso porque? Porque no dia de hoje se deve dar à Senhora cabalmente o nome de ditosa, feliz, & bemaventurada: *Beatus venter qui te portavit, &c.* Ora notem: a Senhora na eterna Bemaventurança logra a coroa da graça assim infusa, como

merecida, & como he a medida do mar immenso de sua graça, seja embora tecida de perolas do mar: logra mais na Bemaventurança a mayor coroa da gloria correspondente a tanta graça, a qual como no Ceo se lhe deo, seja embora cõposta de estrellas do Ceo; porèm como ainda assim com esta coroa de estrellas formada no Ceo de sua gloria, & com esta coroa de perolas nascida no mar de sua graça, ainda se não cõsidera a Senhora cabalmẽte bemaventurada, em quanto não tem na terra a coroa de nossa devoção.

48 | Vio se bem claramente esta verdade, quando Christo satisfez às queixas de Marta nas mayores felicidades de Maria: *Maria optimam partem elegit*. Admiravel proposição! Se Maria estava na presença de Christo gozando da cõtemplação de Deos, & se nisto consiste toda a bemaventurança eterna, com q razão diz Christo que Maria goza só parte da bema-

venturança? *Optimam partem*. Com grandissima razão: não vem que Marta estava necessitada do favor de Maria, & que com tudo lhe não pedia seu favor, mas antes em vez de petições formava queixas: *Reliquit me solam?* pois huma vez que se não fazem petições a Maria, por mais q goze da cõtemplação de Deos, não se diga que goza a bemaventurança toda; digase só que goza parte da bemaventurança: *Optimã partem elegit*. Sim: porèm Marta não pedia a Christo que lhe alcançasse de Maria seu favor? He verdade: *Dic ergo illi ut me adjuvet*, porèm nisso mesmo esteve a pouca advertencia de Marta, porque nisso esteve a menor gloria de Maria: o complemento da gloria, & bemaventurança de Maria consiste na petição dos homens, & em que se valhão de sua intercessão para com Deos, & como Marta em vez de lhe fazer a ella as petições, formava della as queixas, como Marta em

vez de pedir o favor de Christo por intercessão de Maria , pedia o favor de Maria por intercessão de Christo: *Dic ergo illi ut me adjuvet* ; por isso com razão por mais que Maria goza da bemaventurança de Deos: *Sedens secus pedes Domini* ; não se ha de dizer senão que gozava só parte da bemaventurança: *Maria optimam partem elegit.*

49 Consistindo pois toda a essencia do Rosario nas preces que fazemos à Senhora pedindo a sua intercessão , necessariamente havemos de dizer que na devoção do Rosario consiste o ser inteira , & cabal a bemaventurança da Senhora : pois para que assim se entenda , & que neste dia a nossa devoção dá o ultimo complemento à sua bemaventurança , veja-se neste dia que sobre a coroa que a sua graça lhe fórma no mar, & que sobre a coroa que a sua gloria lhe fórma no Ceo, também a nossa devoção lhe forma hũa coroa na

terra; & para isto não seja esta ultima coroa do mar formada de perolas ; não seja coroa do Ceo fabricada de estrellas; porèm seja hũa coroa da terra tecida de Rosas, porque desta sorte se verá que neste dia fica a Senhora perfeitamente ditosa, & cabalmente bé-aventurada: *Beatus venter qui te portavit.*

50 A segunda razão porque o Rosario da Senhora deve ser composto, não de perolas, nem de estrellas, senão de Rosas, he, porque as estrellas duram eternidades, as perolas duram seculos, & as Rosas não duram mais q̄ hũ só dia, sendo tão curta a sua vida, como grãde a sua vaidade, para que assim se iguale em nossa admiração a fermosura cõ que nascé, & a brevidade com que morré; porque a mesma purpura que lhe servio de mãtilhas, lhe serve tãbem de mortallhas; & o mesmo dia q̄ lhe servio de berço, lhe serve tãbẽ de sepultura: porèm parece que não tem lugar esta

esta razão ; antes parece q̃ o contrario havia de ser ; parece que devia ser perpetua a devoção do Rosario, & q̃ por isso ao menos se formasse de perpetuas ; mas porque as Rosas não durão mais que hũ sò dia, por isso deve o Rosario cõpor-se de Rosas ? Sim, & dou a razão: porque se a coroa que a nossa devoção forma à Senhora se fabricasse de perolas, ou de estrellas, ficaria perpetua a sua coroa, & pelo conseguinte cessaria a nossa devoção ; pois para que a devoção do Rosario nunca cesse, antes para que todos os dias se repita, que remedio ? Consideremos que a Senhora deve sempre estar coroada de nossas orações, as quaes devemos cõsiderar que são como Rosas, & como as Rosas todos os dias murchoão, necessario he que todos os dias se renovem, porque desta sorte suprindo-se nas Rosas a fragilidade de sua existencia pelo beneficio de nossa repetição, nem deixará de ser perpetua a coroa da Senho.

ra que lhe fôrma a nossa devoção, nem em nós cessará nunca a devoção da Senhora : em nós não cessará nunca a devoção, porq̃ todos os dias renovaremos as Rosas ; & na Senhora será perpetua a coroa, porq̃ será perpetuo o Rosario ; & verdadeiramente para que a Senhora se chamasse hoje cabalmente Bemaventurada, cuido eu que de força se havia de formar a sua coroa não de perolas que durassem seculos, nem de estrellas que competissem eternidades, senão de Rosas que se renovassem todos os dias ; porq̃ ser a Senhora louvada todos os dias por meyo do seu Rosario, q̃ maior gloria, que mayor Bemaventurãça para a Senhora ?

51 Lã quiz Deos encarecer a Job a grandeza de sua gloria, & disselhe que os Anjos o louvavaõ todas as manhãs : assim se entendem aquellas palavras de Deos: *Cum me laudarent simul astra matutina*: porẽm como se pòdem entender estas palavras ? para haver manhãs ha de haver noy-

Iob. 38.
7.

tes; pois se a gloria he hum só dia da eternidade, & se là não ha noytes, como ha manhãs? Direy: he verdade que na gloria não ha noytes nem manhãs, porq̃ tudo he hũ só dia; mas he tão grande parte da gloria, & he encarecimento da Bemaventurança tão grande fer louvado todos os dias, que ainda na mesma gloria, onde não ha mais que hum só dia da eternidade, para os Anjos acrescentarem a gloria de Deos, em todos os instantes estaõ considerando novas manhãs, para que assim de algum modo lhe darem a gloria de o louvarem todos os dias; & por isso Deos para encarecimêto de sua gloria diz que os Anjos o louvaõ todas as manhãs: *Cum me laudarēt simul astra matutina.* Porém esta gloria, & esta Bemaventurança que goza Deos no Ceo por industria dos Anjos, goza tambem a Senhora no feu Rosario pela devoção dos homens; porque como os louvores, & as Ora-

ções do Rosario té o nome de Rosas, necessariamête se lhe haõ de repetir todos os dias os mesmos louvores, & as mesmas Orações; & desta sorte sendo de Rosas esta devoção, & sendo todos os dias repetida, q̃ muito he que por meyo della se chame a Senhora Bemaventurada? *Beatus venter qui te portavit.*

52 A terceyra, & ultima razão porque o Rosario da Senhora se compoz mais de Rosas, que de perolas, ou de estrellas, he, porque a integridade do Rosario não està cabalmente explicada nem nas perolas, nem nas estrellas, senão sómente nas Rosas. Provo: porque as estrellas do Ceo quando muito representarão os mysterios gloriosos, & de algum modo também os gozofos, porém não representão os dolorosos: da mesma sorte as perolas, quando muito representarão os mysterios gozofos, & de algum modo também os dolorosos, porém não representão os gloriosos: &

as Rosas? tudo representão; representaõ os mysterios gozofos no verdor das folhas; representão os mysterios dolorofos na aspereza dos espinhos; representão os mysterios gloriosos na fermofuradas cores, no mimo, na copia das suavidades: logo bê dizia eu, q' o Rosario da Senhora não està taõ adequadamente representado, nem nas perolas, né nas estrellas, como sómête nas Rosas. Esta he agora a razaõ porque as perolas q' vio S. Joaõ em feu Apocalypse eraõ sómente doze: *Duodecim margaritæ*: & as estrellas que vio eram tâbem doze sómente: *Duodecim stellarum*: por mais que as perolas quizeraõ rodear a celettial Jerufalem, nunca poderaõ passar de doze: por mais que as estrellas quizeraõ coroar aquella molher celettial, nunca poderaõ chegar a quinze; mas como chegariaõ a representar todos os quinze mysterios do Rosario, se só á Rosa compete o representar todos os myste

rios? antes ainda das Rosas sabemos que a Senhora se não comparou senaõ sómente às Rosas de Jericò: *Quasi plantatio Rosæ in Jericho*: & a razaõ he bê achada, & bem repetida; porque como refere de varios Authores o Doutissimo Joaõ Andrè, as Rosas de Jericò constaõ de cento, & cinquenta folhas em representaçaõ de cento & cinquenta Ave Marias: *In Jericho crescunt Rosæ centum, & quinquaginta folia habentes*: pois como só as Rosas, & não as perolas, nem as estrellas representem inteiramente todo o Rosario da Senhora, justamente se cõsidera que o Rosario he hũa coroa não de perolas, nem de estrellas, senaõ de Rosas: *Quasi plantatio Rosæ in Jericho*.

53 Sirvanos ultimamente o Evangelho de provarmos tâbem esta razaõ: *Beatus venter qui te portavit*. Diz a Igreja no dia do Rosario que a Senhora he Bemaventurada; mas como podera a Senho-

Rich. à
S. Laur.
l. 12. par
tic. 4. c 5

ra chamar-se inteiramente Bemaventurada neste dia, se o seu Rosario se não cõpuzera de Rosas? A mais cabal representaçã da Bẽaventurança da Senhora q̃ reconhecem os Expositores em toda a Escritura, he a escada de Jacob: & cõ razão; porq̃ os degraos cõ q̃ hia sobindo toda a escada, representavão os grãos da gloria por onde a Senhora foy sobindo, & para que se entendesse que sobre o ultimo grão da gloria da Senhora não ha mais que Deos sómente, por isso sobre o ultimo degrao da escada vio Jacob que estava o mesmo Deos: *Et Dominũ innixum scalæ*: isto suposto, pergunto agora: & de quantos degraos constava a escada de Jacob? Disse S. Bernardino, que constava de quinze degraos, representaçã dos quinze mysterios: *Quindecim gradibus constabat scala Jacob, tot enim sunt mysteria redemptionis*: de maneyra q̃ para aquella escada representar inteiramente todos os graos da

gloria, & da Bemaventurança da Senhora, & hum gloria tão superior, sobre a qual só se acha Deos, foy necessario que subisse desde Jacob atè Deos, & desde a encarnaçã do Verbo, atè a coroaçã da Senhora; foy necessario que subisse por quinze degraos representãdo os quinze mysterios para que assim se entendesse que no Rosario composto de quinze mysterios se funda a Bemaventurança adequada da Senhora, sobre a qual não ha mais q̃ Deos: *Et Dominum innixum scalæ*: pois como não as perolas, nem as estrellas, senão só as Rosas representã todos os mysterios do Rosario, bem claramente se segue que sã as Rosas poderã compor o Rosario da Senhora, & que justamente se chama a Senhora Bemaventurada no dia em que se coroa de Rosas: *Beatus venter qui te portavit.*

54 Estas são as razões que se me representão por onde o Rosario da Senhora se chama Rosario, & por

por onde se não deve chamar, nem grinalda de perolas, nem diadema de estrellas, senão capella de Rosas; porẽ se o vosso Rosario, ò soberana Virgem, & Mãy Santissima de Deos, se o vosso Rosario he vossa coroa, porque por meyo d'elle procuramos a vossa intercessão, dignayvos Senhora de interceder por todos aquelles que vos chegão a pedir: duas cousas unicamente vos pedimos em vosso santissimo Rosario: hũa, que rogueis por nõs no di'curso de nossa vida; outra, que rogueis por nõs

na hora da nossa morte; & ja que fazeis gloria de que vos peçamos, fazey gloria tãbem de pedir por nos, & em honra de vosso Rosario; pedi Senhora a vosso Unigenito filho, que no discurso de nossa vida nos lembremos das contas que lhe havemos de dar, & que na hora da nossa morte tenhamos bem ajustadas estas contas, para que assim por vossa intercessão no discurso da vida procuremos a graça, & na hora da morte passemos à gloria: *Quam mihi & vobis prestare dignetur &c.*





S E R M A M

TERCEIRO

D O

M A N D A T O,

Prègado em o Convento do Carmo da Cidade da Bahia, donde he uso mostrar-se em os taes Ser-mões o Santo Sudario.

Sciens Jesus quia venit hora ejus ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos qui erant in mundo, in finem dilexit eos. Joann. 13.

54



Hegada finalmẽte aquella hora, em que o Filho do Eterno Padre se havia de partir deste mũdo, & em que havia de auferirse daquelles a quem tanto quizera, naquellas ultimas despedidas, diz o

Evangelista S. Joáo, que muito mais os amara: *In finem dilexit eos.* Estes saõ os termos, estas as clausulas com que hoje nos encarece os extremos do amor de Christo o Secretario de seu coração, & este he o sètido que dão commumente os

Ex-

Expositores a estas suas palavras: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.* Porém como pôde isto ser? O amor perfeito inteiramête he aquelle que não pôde ser mais do que he, & como Christo sempre amou aos homens com amor inteiramente perfeito, seguese q̄ nunca os pode amar nem mais, nem menos do que os amou: pois logo se no discurso da vida os não amou nada menos *Cum dilexisset:* como nos diz o mesmo Evangelista que no fim da vida os amou muito mais? *In finem dilexit eos.* A esta duvida respondem S. João Chrysofomo, S. Cyrillo, Euthimio, & Theophilato, que he verdade que o amor de Christo, quanto à substancia, fora sempre igual a si mesmo, & tam perfeito no fim, como no principio; porém que quanto aos sinais, & demonstraçoens, que fora muito mayor no fim, porque no fim deo Christo muito mayores, & mais evidentes sinaes de seu amor. Este he o sentido

mais litteral, & mais accômodado ao texto de São João: *In finem dilexit eos,* Sylveir. tom. 5. l. 7. q. 13 n. 79. *ideft, In fine vitæ maiora, & illustriora signa dilectionis exhibuit.*

55 E verdadeiramête que foy affás necessaria esta resolução de Christo, porque se bem o considerarmos, acharemos que sempre o credito do amor de Christo perigou no conhecimento dos homens; ou porque o amor se impossibilitou em sua mesma grãdeza, ou porque o conhecimento se impedio em nossa mesma ingratição. Sentindo pois o divino amãte de nossas almas, que sobre faltarhe a seu amor a fortuna de correspondido, lhe sobrevieffe tambem a desgraça de ignorado; vendo que ainda seu amor vivia entre duvidas depois de tantas, & tam largas demonstraçoens, *Cum dilexisset:* que havia de fazer, senão declarar-se de remate com as ultimas demonstraçoens de seu amor? *In finem dilexit eos.* Samsam nunca che-
gou

gou a declarar todos os mysterios de seu coração, nem chegou nunca a fazer as ultimas demonstraçoens de seu amor, em quanto vio a Dalila ingrata, senão depois que a vio duvidosa:

Iudic.
16 15

Quomodo dicis quòd amas me? Pois da mesma sorte o nosso divino Nazareno, Sá-lam divino, facilmente se compuzera com nossa ingratição; porém vendo nossa ignorancia, declarou-se deremate: *In finem dilexit*; & desejoso de que seu amor, já que não conseguia a satisfação de pagado, tivesse ao menos a gloria de conhecido, tratou por ultimas despedidas de dar aos homens sinaes de seu amor, tam claros, & tam evidentes, que ficassem totalmête certos, inteirados, & sem duvida nenhuma de seu amor. Isso he o que dizê as palavras do nosso thema; & isso he o que nellas nos quiz dizer o Evangelista S. João: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*

56 Tirada assim esta duvida do Evangelho, en-

tro agora em mayor duvida. Supposto que aquelles mayores excessos de amor, que Christo fez no fim da vida, forão os mayores sinaes que deo de seu amor, duvido agora, não qual fosse o mayor final; (porque o tratar das mayorias foy já empreza de engenho mayor) mas duvido qual foy o mais claro, & o mais evidente final do amor de Christo? Os sinaes verdadeiramente forão muitos, & varios, a qual mayor, a qual mais evidente; mas como o discorrer sobre todos seria quasi impossivel, trataremos sómente dos principaes, & veremos qual foy o mais evidente de todos: veremos qual foy aquella final de amor que deixou aos homens totalmête certificados, & sem duvida nenhũa do amor de Christo. Ora entremos a averiguar esta questão.

57 Primeiramente parece que o final mais evidente do amor de Christo foy aquella portentosa acção, aquella raro exemplo de hu-

humildade, quando o mesmo Senhor rendido, & ajoelhado aos pès de seus Discipulos, lhes foy a todos lavando, & enxugando os pès: *Et cœpit lavare pedes Discipulorum*; pelo menos este parece que foy o pêramento de S. João, porque, como já diffemos, todo o intento de S. João no Evãgelho deste dia foy querer persuadir ao mundo todo, q̃ no fim de sua vida dera Christo os mais claros sinaes de seu amor, & acabando de o dizer: *In finē dilexit eos*, como para prova do que dizia entra logo a descrever esta portentosa acção, & todas as circumstancias della: *Surgit à Cœna: ponit vestimenta sua, & cùm accepisset linteum, &c.* E que mais nos diz hoje no Evãgelho? Que mais havia de dizer? Não era o intento do Evangelista dizer que no fim da vida dera Christo os mais claros sinaes de seu amor? pois para seu intento que mayor prova? com descrever esta acção tem provado, & conseguido seu intento.

58 Para Deos dar a conhecer claramente a Grandeza quaes erão os mais valentes Soldados do seu exercito, mandou que os examinasse nas agoas de hum rio: *Duc eos ad aquas, & ibi probabo illos.* Assim hoje em hũa bacia de agua dà Christo claramente a conhecer a valentia de seu amor, & naquelle tremulo espelho representa hoje ao claro a mais valente affeição; & a razão he; porque de Christo lavar os pès a seus Discipulos se segue necessariamente que tinham os Discipulos manchados os pès: & que hoje andasẽ rodando por terra tantas finèzas sem embargo de tantas manchas! que se rēdão liberdades onde se adorão perfeiçoens, pòde ser credito do juizo; mas que se sacrificuem rendimentos onde se reconhecem manchas! q̃ pòde ser senam impulso do amor? que havendo nos homens tantas manchas, & que tendo Christo advertencia para as ver, q̃ tivesse ainda amor para as

lavar ! que naquella agua se não apagasse aquelle incendio ! que lutando tantas manchas dos homens côtra o amor de Christo, que côtra todas prevalecesse o amor, & q̄ obrigasse a Christo a que com o joelho em terra se confessasse rendido às mesmas manchas ! valente força de amor !

59 Mas para que se veja com mayor evidencia o quanto o amor de Christo se deo a conhecer nesta acção, he de advertir q̄ aquelle lavatorio dos pès era hũa cousa, & representava outra : era lavatorio de pès, & representava o lavatorio das culpas ; por outros termos representava o Sacramento da Confissão : por isso o Senhor lavou os pès aos Discipulos antes de instituir o augustissimo Sacramento do altar, como significando que naquelle lavatorio de pès se representava o lavatorio das culpas que deve preceder ao Sacramento. Supposto pois que aquelle lavatorio representava a confissão, se-

gueuse que o mesmo era lavar o Senhor no Cenaculo com suas mãos as manchas dos Discipulos, que lavar na confissão com seus merecimentos as culpas dos homens : pois que mais claro argumento do amor de Christo ? Christo sabia mui bê q̄ era infinito o valor de seus merecimentos, & o poder de suas mãos : *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus* : & que Christo quando em desagravo de seu Eterno Padre devera applicar contra nós todo seu poder, & todo seu valor, que pelo contrario applicasse todo o poder de suas mãos para purificação de nossas manchas, & todo o valor de seus merecimentos para remedio de nossas culpas ! q̄ mais effcaz prova, q̄ mais evidente final de seu amor ?

60 Deo-se por offendido El Rey Saul de q̄ David faltasse por alguns dias à obrigação de assistir no paço, & acudindo seu filho Jonathas a livrar da culpa a David, lhe disse Saul assim :

Nunquid ignoro quia diligis 1. Reg. 20. 30.

filium Isai? Jonathas, eu tenho entendido o quanto amais a David. Reparo na occasião, & no motivo porque se certificou Saul. Se bem discorrerem por todas as finezas de Jonathas, acharão que nunca Saul disse que sabia de seu amor para com David mais que só-méte nesta occasião. Unio-se a alma de Jonathas à alma de David, & de tal sorte lhe entregou todo o dominio de sua liberdade, q̄ lhe votou cõ juramêto a firmeza de seu amor: em cõfirmação deste juramêto chegou Jonathas a ser o primeiro exemplar da mayor amizade, padecendo por amor de David todas aquellas difficuldades, todas aquellas contradicções, & todos aquelles pezares que sabemos, obrando por seu respeito todas aquellas finezas, todos aquelles extremos, & todos aquelles impossiveis que admiramos; & sendo todos aquelles excessos notorios a Saul, nunca Saul chegou a dizer q̄ sabia do amor de Jonathas, por-

que consultando a variedade dos corações humanos, sempre ficava como suspenso, & duvidoso daquelle amor; mas tanto que Saul vio que Jonathas se empenhava em livrar da culpa a David, não pode duvidar do amor de Jonathas: *Nunquid ignoro quia diligis filium Isai?* Mas qual foy a razão disto? A razão foy, porque Saul era pay de Jonathas; David era vassallo de Saul: Saul estava offendido, David estava culpado, & posto Jonathas entre o pay, & o vassallo, claro está que pela obrigação de filho devera vingar a offensa do pay: pois que quando Jonathas era obrigado a desagravar ao pay da offensa, que se empenhasse em livrar ao vassallo da culpa! que havia já ahi que duvidar? certo se estava que amava Jonathas a David. Mas que seria se a offensa de Saul não fora só desconfiança, senão também realidade? E que seria se Jonathas com dispêdios de seu proprio sangue se em-

penhaffê na justificação de David? Não chegou a tanto empenho o filho de Saul, mas effa vem a fer a fineza do Filho de Deos; porque no Sacramento da Confissão nos lava Christo das culpas com seu proprio sangue: pois duvidese embora do amor de Christo, ainda no mysterio da Encarnação, onde com mais estreitos laços que Jonathas com David, se unio o Filho de Deos com a natureza dos homens; duvidese embora em todas as finezas q obrou antes da hora da morte, & em todos os trabalhos que padeceo por todo o discurso da vida, mas em chegando a esta acção, não ha que duvidar do amor de Christo: no Sacramento da Confissão onde nos livra das culpas, ou no lavatorio dos pès onde nos lava das máchãs, aqui, onde o amor de Christo se declarou cô tanta evidencia, não ha que duvidar do amor de Christo.

ab 61. Ainda não está pôderado o mais fino desta

acção, & para melhor o pôderarmos, passemos o pensamento da bacia para a toalha: *Cœpit lavare pedes Discipulorum, & extergere linteo quo erat præcinctus.* Grãde mysterio faz o Evangelista de que Christo não enxugasse os pès a seus Discipulos com outra toalha, senão com a mesma có que estava cingido; porque depois de dizer que Christo se cingira com húa toalha, *Et cum accepisset linteam, præcinxit, se faz advertencia q com effa mesma com que estava cingido enxugara os pès a seus Discipulos: Et extergere linteo, quo erat præcinctus.* Ora reparemos no mysterio. E que necessidade havia de cingirse o Senhor com aquella toalha? ou já que a cingio, porque não enxugou os pès a seus Discipulos có outra, senão com a mesma com q estava cingido: *Et extergere linteo, quo erat præcinctus?* Direy: Se o Senhor não tivera cingido aquella toalha, ou se enxugara os pès a seus Discipulos có outra toalha que

que não tive cingido, ficarião as manchas dos pès fóra de Christo, & imprefas sómente na toalha; & estando Christo cingido có a mesma toalha, em que havião de ficar as manchas? ficavão as manchas dos pès da parte do mesmo Christo: pois que o amor de Christo no lavatorio de nossas culpas não só nos lave das manchas que temos, mas que ainda tome sobre si nossas manchas! que mayor declaração de seu amor?

62 Aquelle livro fechado, & cheyo de mysterios que vio S. João no seu Apocalypse, dizem S. Bernardo, & S. Paschasio que era o livro dos mysterios do amor de Christo; por isso ninguem o pode abrir senão só o Cordeiro, porq' só o mesmo Christo pôde explicar os segredos de seu amor: sim, mas Christo não assistia no trono sómente como Cordeiro, tambem assistia como Leão, & o que mais he, tambem assistia como Deos: pois porque não

abrio os mysterios daquelle livro em quanto Deos, ou em quanto Leão? porque razão explicou, & deo a conhecer ao mundo os segredos de seu amor sómente em quãto Cordeiro? No mesmo Texto acharemos a razão. Diz o Texto, que lavandose as almas dos homens no sangue do Cordeiro, ficaraõ todas alvas, limpas, & purificadas: *Laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine agni.*

Apoc. 7.
14.

Notem: Se as almas dos homens ficaraõ alvas, & puras, porque lavaõ suas manchas no sangue do Cordeiro, segue-se que no sangue do Cordeiro ficaraõ as manchas dos homens: assim he: pois por isto se diz que Christo não abrio o livro fechado de seu amor senão em quanto Cordeiro: porque em quanto Christo não chega a tomar sobre si nossas culpas, não poderà dar a conhecer suas finezas; mas tanto que para nos lavar a nós de nossas manchas toma sobre si nossas culpas, então sem duvida nenhũa

Apoc. 5.
9.

faz patentes ao mundo os escondidos segredos de seu amor : *Dignus est Domine accipere librum , & aperire signacula ejus, quoniam redemisti nos Deo in sanguine tuo.* Varios exemplos de amor se tem visto no mundo, de muitos que por livrarem da culpa a seus amigos se imputarão a si mesmos a culpa : final foy calificado de seu amor ; mas quanto mais calificado fora se ouvesse hum exéplio no múdo de qué tomasse sobre si não sómente as culpas alheas, senão tábem as offensas proprias ? Pois esse he o raro exemplo de amor que hoje veneramos em Christo; porque no Sacramento da Confissão toma sobre si nossas culpas, as quaes são suas offensas : & que Christo para livrar das culpas aos homés se faça elle o culpado, sendo elle o mesmo offendido ! que mais evidente final do amor de Christo ? Pois como no lavatorio dos pès se vio a representação desta fineza, parece que havemos de dizer que o mais evidéte

final de seu amor foy o lavatorio dos pès : *In finem dilexit , & cepit lavare pedes Discipulorum.*

62 Mas com isto se representar assim, digo que o lavatorio dos pès não foy o final mais evidente : mais evidente final foy a instituição do Sacramento do Altar: que o lavatorio dos pès não fosse o final mais evidente, disse-o o mesmo Christo a S. Pedro : *Quod ego facio tu nescis modo* : mas como assim ? Pode S. Pedro entender os mysterios da divindade de Christo : *Tu es Christus Filius Dei vivi* , & não pode entender a fineza de ver ajoelhada a divindade : *Tu mihi ?* Pode S. Pedro pizar as agoas , & passear sobre os mares : *Ambulabat super aquas* , & aqui goçobrado do mysterio não pôde tomar pè em quatro dedos de agua : *Tu mihi lavas pedes ?* E porque razão ? Porque era tam profundo o mysterio , & tam incomprehensivel a fineza, que tendo S. Pedro só respeitos para a admirar : *Tu mihi ;*

mibi : não teve capacidade para a entender : *Tu nescis modo. Scies autem postea*, disse o Senhor a S. Pedro, que se naquella acção não alcançava os mysterios de seu amor, que os entenderia depois; & depois do lavatorio dos pès que se seguiu ? A instituição do Sacramento : logo mais evidente fica o amor de Christo na instituição do Sacramento, que no lavatorio dos pès : & a razão he manifesta; porque posto que o renderse Christo aos pès de seus Discipulos foy verdadeiramente impullo de seu amor; comtudo foy disfarçada a fineza, porque se fez a titulo de humildade; porém a fineza que Christo fez no Sacramento foy expressamente a titulo de fineza, porque deixar-se ficar comnosco por não poder ausentar-se de nós, buscar traça para ficar, quando era forçoso o partir, hum prodigio de amor tam declarado que nome pòde ter senão de amor? Por isso não

entédendo S. Pedro os mysterios do amor de Christo no lavatorio, os poderia entender depois no Sacramento: *Quod ego facio tu nescis modo, scies autem postea.*

64 E ainda comparando o Sacramento do Altar com o lavatorio dos pès em quanto lavatorio de culpas: comparando o Sacramento do Altar com o Sacramento da Confissão, ainda digo que he mais evidente final do amor de Christo o Sacramento do Altar: a razão pudera ser; porque na Confissão nos dà Christo perdão da culpa, o qual não he tam infallivel argumêto de amor, como de misericordia: & no Sacramento da Penha Christo a si meimo, & visto està que a entrega de si mesmo não pode ser senão por força de amor: mas eu quero conceder como devo que a Confissão não só he final de misericordia, senão tambem de amor, ainda digo que o Sacramento he final mais evidente de amor que a Confissão.

fiffaõ : provo ; porque posto que na Confiffaõ se nos communica a primeira graça, & nos admite Deos à sua amizade, no Sacramẽto continuase a amizade, porque nelle se augmenta a graça, & assim que a Confiffaõ he final do amor que começa, & o Sacramento he final do amor que continua ; pois quem duvida q̃ com mayor evidencia se declara o amor pelos sinaes de que continua, do que pelos sinaes de que começa ? O amor em seus principios pôde ser impeto, em sua continuação sempre he firmeza ; pelo que a noticia q̃ se té do amor em seus principios sempre foy opinião, mas em sua perseverança sempre foy evidencia : logo por mais que se signifique o amor que começa, ainda se não poderá crer ; mas nas demôstraçoens de que continua, já ahi senão pôde duvidar.

65 Adoeceo de amor a Espôsa divina, & sentindo o primeiro accidẽte, só pedio remedios para seu

achaque : *Fulcite me floribus quia amore languo* ; porẽm não obstantes os remedios, mal convalescente de seu mal foy por alguns tempos continuando na mesma enfermidade ; tornou a sentir outro desmayo, & então pedio às filhas de Jerusalé que fizessẽ a saber a seu divino Esposo, que ella estava enferma de amor : *Si inveneritis dilectum meum, dicite ei quia amore languo*. He cõmum reparo porque não mandou a Alma santa estas noticias a seu divino Esposo quando lhe deo o primeiro accidente, senão quando lhe deo o segũdo ? Varias são as repostas que se dão a este reparo. Eu darey tambem a minha. Digo que não mandou a Alma santa avisar de sua enfermidade ao seu divino Esposo, quando lhe deo o primeiro accidente, porque entendo que como era o primeiro final de sua fé, ainda poderia o Esposo duvidar de seu amor : mandou avisar do segundo accidente, porque julgou que já o Esposo

pofo divino não teria que duvidar : o primeiro accidente de amor era final de amor que começava, & como o final de amor que começa não he final infallivel de amor, por isso a Esposa divina receosa de que se não déffe credito à sua verdade, não mandou logo noticias de sua fé ; porê m o segundo accidente foy final de que o mal continuava, & como o final de amor que continûa he final infallivel de amor , por isso a Esposa divina fiando seu credito de sua constancia, & da firmeza de sua enfermidade, & verdade de sua afeição, quando chegou a dar hum final de que seu amor continuava, segura já de que seu amor não podia ser duvidado, mandou confiadamente dar aviso , & noticias de seu amor : *Dicite ei quia amore langueo.*

66 Este mesmo conceito que formava a Esposa divina de seu amor para cô Christo, formou tambem Christo de seu amor para com a Esposa. Ambos os Sa-

cramentos da Confissão, & da Communhaõ sabem os Theologos que são sinaes sensiveis da divina graça, & pelo conseguinte da amizade divina : concedeo pois Christo à sua Igreja por sinal de seu amor o Sacramento da Confissão ; mas como a Cõfissão he o final da primeira graça, entendeo que ainda alli se podia duvidar de seu amor : pois para que se não duvidasse, que fez ? Por final de seu amor desmayou nos accidentes da Eucharistia , & como naquelles accidentes continûa o mesmo amor que começou na Confissão, segue-se que poderão embora duvidar de seu amor na Cõfissão, mas na Eucharistia ja se não poderá duvidar : & assim tâbem pela mesma razão poderia a cabeça da Igreja ignorar o amor de Christo no lavatorio : *Tu nescis modo*; mas não tinha que duvidar depois no Sacramento : *Scies autem postea.* Para Deos significar ao mundo logo em seus principios os excessos de seu amor

amor ordenou que o Espirito Santo, que he amor divino, andasse sobre as aguas no principio do mudo; porém adverte o Texto sagrado que andava o Espirito Santo debayxo de escuridades: *Tenebræ erant super faciem abyssi, & Spiritus Domini ferebatur super aquas*: andaraõ os tempos, continuaraõ os annos, & cõ elles cõtinuaraõ as finezas, & para Deos dar ao mundo outro final de seu amor, tornou o mesmo Espirito Santo ao mundo, & appareceu no Cenaculo entre rayos de luz, & linguas de fogo: *Apparuerunt dispertitæ linguæ tanquam ignis, seditque super singulos eorum*. Vejaõ que differente he de si mesmo o amor divino quando começa, & quando continua: quando começa vem na tibieza das aguas, *super aquas*; quando continua vem cõ violencias de fogo, *tanquam ignis*: quando começa he impeto, *ferebatur*; quando continua he firmeza, *seditque*, & por isso quando começa só se explica en-

tre escuridades, *tenebræ erant*, & quando cõtinua, vé em luzes para se ver, em linguas para se explicar, em fogo para se descobrir: *Apparuerunt dispertitæ linguæ tanquam ignis, seditque super singulos eorum*. Aqui temos vivamente representado o amor de Christo no lavatorio, & no Sacramento: no lavatorio, lavando-se em aguas, *super aquas*; & no Sacramento, consumindo-se em fogo, *tanquam ignis*: no lavatorio começou, *cœpit lavare*, & começou cõ impeto arrojando-se aos pès, *ferebatur*; no Sacramento continuou cõ firmeza, *seditque*, assentando-se nos corações, *in me manet*, & *ego in illo*: segue-se logo que assim como o amor de Deos começou nas aguas entre escuridades, & *tenebræ erant*, & continuou no Cenaculo entre luzes, *tanquam ignis*; que assim tambem o amor de Christo ficou menos declarado entre as aguas do lavatorio, & muito mais entendido nas luzes do Sacramento;

&

Gen. 1.
2.

AA. 2.3

Ioan. 6.
56.

& por isso São João para dar evidente final do amor de Christo, disse que Christo continuàra hoje seu amor, & que amàra sobre ter amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

67 Comtudo' ainda digo que cõser o Sacramento a esphera do amor, nem ainda o Sacramento foy o final mais evidente do amor de Christo, porque a Cruz de Christo foy mais evidente final que o Sacramento; & por ventura que por essa razaõ se chame a Cruz por excellencia o final de Christo: *Tunc apparerebit signum filij hominis.* Que o Sacramento não seja final evidente, provase: porque o Sacramento he mysterio de fé, & com fé não pòde haver evidencia: o Sacramento he cifra de mysterios escondidos; logo mal pòdem os affectos de Christo estar alli declarados. Mas abstrahindo desta razãõ, abstrahindo de q' o Sacramento seja de sua natureza mysterio escondido, comparando só a fineza

de hũ sacrificio cõ a fineza de outro, ainda digo que o sacrificio da Cruz he mais infallivel argumento, & mais evidente final do amor de Christo, que o sacrificio do Altar. Bem sey que vou contra a opiniaõ de todos, mas fundo a minha opiniaõ em duas razões: primeira: porq' se o ficar Christo no Sacramento foy fineza, tãbê foy cõmodidade, & o morrer Christo na Cruz foy totalmête fineza: ficar Christo no Sacramento foi tãbê comodidade & conveniencia para Christo; porque ficando no Sacramento escusou o mal da ausencia, & aliviou o rigor da faudade: pelo cõtrario, o morrer na Cruz foy tudo fineza, porque só para nòs foy toda a cõveniencia: cõvinha a nosso remedio que Christo morresse por nòs; porèm o morrer Christo era partirse, era ausentar-se, & que Christo quizesse na morte perder o bem da vida, & padecer o mal da ausencia, só porque o nosso remedio dependia de sua mor-

morte, que mais evidente final de seu amor? A outra razão he: porque o sacrificio do Altar he para augmento da graça, & o sacrificio da Cruz he para o remedio da culpa: logo a fineza da Cruz foy feita pelos homens no estado da culpa, & a fineza do Sacramento foy applicada aos homens postos no estado da graça? Assim he: pois pergunto: qual he final de amor mais evidente, amar a hum amigo, ou a hum inimigo? amar Deos a quem está em sua graça, ou ao mesmo author de sua offensa? Amar a hum amigo não he tanto fineza, como obrigação: amar a hum inimigo, será cegueira, não duvido; mas quem duvidará que essa he a fineza? Pois como a fineza da Cruz foy feita para remedio da culpa, & em beneficio dos mesmos offensores de Christo, & a fineza do Sacramento foy para augmento da graça, & feita em beneficio dos amigos; bem se segue, & bem digo eu, que mais evidete

final de amor he a Cruz, q̄ o Sacramento.

168 Sentouse a Esposa de Christo ao pé da Cruz, & diz que à sua sombra comèra do Sacramento: *Sub* Cat. 2. 3 *umbra illius quem desideraveram sedi, & fructus ejus dulcis gutturi meo.* Notem: Se comia o Sacramento à sombra da Cruz, seguese q̄ a Cruz fazia sombra ao Sacramento; donde se segue tambem que a claridade estava da parte da Cruz, & da parte do Sacramento ficava a escuridade: logo estava mais clara a fineza da Cruz, & mais escura a do Sacramento. Hum, & outro mysterio considerava a Igreja Catholica Esposa querida de Christo, & quando hia a persuadirse que o Sacramento era todo fineza, via que tambem era commodidade, pois era remedio da ausencia; via mais que era obrigação, pois era para augmento da graça, & assim ficava a fineza entre duvidas, & o Sacramento entre escuridades, *sub umbra*: mas quando a Esposa di-

divina considerava a fineza da Cruz , via que a fizera Christo por seus próprios inimigos, via tambem que a fizera a todo o discomodo proprio; pois aqui que havia que duvidar de finezas? Ficava logo a luz, & a claridade da parte da Cruz: *Sub umbra illius quem desideraveram sedi.* Bem creyo, & confesso que a fineza do Sacramento foy singularmente grande, porém como o adora a fé entre cortinas, cativase a razão entre duvidas: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* Mas a fineza da Cruz foy tam patente, que não sómente a adora a fé, senão tambem q̄ a reconhece a razão: *Maiorem charitatem nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*

69 O author daquella lançada que se deo no peito de Christo já sabem q̄ foy Longuinhos; porém Longuinhos quem foy? Dizem Santo Agostinho, & Santo Isidoro, Beda, & Usuardo, que foy hum homem cego. Grande confirmação do q̄

dizemos! A hum Deos morto em húa Cruz até os cegos lhe estão penetrando os segedos do peito, até os cegos lhe estão descobrindo os affectos do coração. Abrindose pois, & descobrindose na Cruz aquelle cetro de amores, aquella officina de afeiçoões, quem deixará de ver muy claramente naquelle descuberto coração todo o amor que se encerra naquelle amoroso peito? Finezas tam evidentes, que até hum cego as descobre; amor tam descuberto, que até a olhos fechados se atina, quem poderá duvidar de tam evidente amor? Confirmemos tudo com o Evãgelho. Para S. João dizer que Christo nos dera hoje hum sinal evidente de seu amor, disse que amara até o fim: *In finem dilexit eos:* & que quiz dizer nisto o Evãgelista? Quiz dizer, como explica Santo Agostinho, que amara até morrer, que amara para encarecimento até dar a vida. Segue-se logo que o sinal mais evidente do amor de Christo foy sem duvida o padecer a

mor-

morte : *Maiorem charitatem nemo habet ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*

70 Não obstantes todas estas razoens, ainda me parece que né ainda a morte de Christo foy o final mais evidente de seu amor, porque tambem a fineza da morte se obrou entre eclipses, & escuridades: *Tenebrae factae sunt super universam terram.* O mesmo Senhor disse na Cruz, que os homens não entendião aquella mysterio: *Non enim sciunt quid faciunt*: pois meu Senhor da minha alma, não sabé muito bem os homens q' elles vos estão tirádo a vida? He verdade, mas isso mesmo he não saber: para entenderem os homens o mysterio daquella morte, havião de entéder que não era violenta, senão muito voluntaria; havião de entender que aquella morte era mais execução do amor, que da crueldade; pois como elles imaginavão que aquella morte elles mesmos a fazião, *faciunt*, bem se

segue que não entendião a fineza daquella morte: *Non enim sciunt.* Supposto pois que nem ainda na Cruz conhecêrão os homens com evidencia o amor de Christo, onde havemos nós por derradeiro de achar o final mais evidente de seu amor? Eu digo que na sepultura, nos toques daquella pedra se hão de ver mais claraméte os quilates de sua affeição; & para que se veja o fundamento com que o digo, digo assim: Vendo o amor de Christo que não acabavão os homens de cõvencerte, vendo que não acabavão de conhecer a verdade de suas finezas, né acabavão de ver súas verdades, recolhido à sepultura de Christo, quiz fiar todo o seu credito de hum retrato, retratando de morta cor a Christo morto; para acabar perfeitamente este retrato, fez das mortalhas o quadro, da morte as sóbras, do sangue as cores, dos affectos os pinceis, das feridas os rasgos, das chagas os golpes, do sofrimento a valentia,

lencia, das finezas o primor; & desta sorte deixou perfeita mête acabado o retrato de Christo morto por derradeiro final do amor de Christo. Este retrato pois de Christo morto, este transumpto de hum Deos amortalhado, aquella derradeira préda de seu amor, aquella lastimosa figura do seu Sudario, esse digo por ultima resolução, que foy o final mais evidente do amor de Christo. Ora provemos esta verdade primeiramente com o nosso thema.

71 *In finem dilexit eos.* Diz S. João q quando Christo hia mais para o fim, tão mais declarava seu amor: vendo que se chegava o fim da vida, declarou seu amor no lavatorio dos pés: foy mais para o fim, declarou se mais cõ o Sacramento: chegou ultimamête ao fim, declarou se mais cõ a morte: passou alem do fim, chegou a entrar na sepultura, & ahi se declarou muito mais, por isso onde S. João diz, *In finem dilexit eos*, tres-

ladou S. Jeronymo, *Ultra finem dilexit*: quer dizer, q deo o final mais evidente de seu amor depois da morte: *Ultra finem*: pois como o final de seu amor q Christo nos deo depois de sua morte foy o santissimo Sudario, por isso digo que o Sudario de Christo foy o mais evidente final de seu amor: não nego que fossem maiores finezas, como na realidade foraõ, o lavato o, o Sacramento, & a Cruz; porèm eu não trato das mayorias, senão das evidencias, & digo que o Sudario de Christo foy o final mais evidente de seu amor, porque foy a prenda que nos deixou depois de sua morte: *Ultra finem dilexit eos.* Para darmos agora a prova cõ a razão, reparemos naquella palavra: *Dilexit*: em todas as acções do presente Evangelho falla o Evãgelista de presente: *Surgit a cœna: ponit vestimenta sua: mittit aquã in pelvim: cœpit lavare pedes discipulorum*: pois assim como diz levantate da cea, despe as vesti-

duras; lança agua na bacia, começa a lavar os pés dos Discipulos, porque não diz também, & chega lá a ultima hora ama a seus Discipulos, senão chegada a hora amou: *Dilexit eos*? Cõ muita razão: porque o amor presente ainda pôde deixar de ser, o amor passado ja não pôde deixar de haver sido, & assim que o amor não se conhece tam certamente quãdo se nos diz que he, senão quando se nos diz que foy; pois como o intento de S. Joã era dizer q Christo dera em sua morte os sinais mais evidentes de seu amor, por isso não diz que Christo ama, senão q Christo amou: *In finem dilexit eos*. Supposto isto, bem clara fica a razão porque eu digo que o santissimo Sudario he final mais evidête do amor de Christo que todos os outros sinais: no lavatorio estava se vendo que Christo actualmente estava amando: no Sacramento também se via que Christo de presente amava: na Cruz via se também que actualmente

amava Christo; & no Sudario? estamos vendo que Christo amou: *Ultra finem dilexit*, estamos vendo os sinais daquelle antigo amor, estamos vendo as demõstrações daquelle passada afeição, isto he o que vemos naquella ultima prenda do Sudario de Christo: logo mais se conhece o amor de Christo pelo que nos mostra o Sudario, do q se conheceo no lavatorio, no Sacramento, & na Cruz.

72 Chorou Christo a morte de Lazaro, & vêdo os circumstantes aquelle tão claro sinal de amor, assentãraõ consigo que havia sido muito grande o amor de Christo: *Ecce quomodo amabat eum*: pois ainda agora o conhecem? E em quanto Lazaro vivia não lhe assistia sempre Christo dando sempre os sinais do muito que amava a Lazaro? pois porque o não conheceraõ entãõ? porque mais o conhecem agora? Porque aquellas assistencias passadas eraõ sinais do amor quando era presente, & estas

tas lagrimas presentes são sinaes daquelle amor que ja he passado ; então no tempo passado dava Christo sinaes de seu amor actual, agora de presente dà os sinaes daquelle antigo amor; pois agora he que são mais evidentes os sinaes: o amor he como o bem, porque assim como o bem se não conhece senão depois de perdido ; assim tãbem se não crê, nem se conhece o amor senão depois de passado; & a razão deve ser ; porque como he taõ inconstante o coração humano , por isso se não conhece o amor có evidencia onde se vem sinaes de que se ama, senão quando se vem demonstraçoens de que se amou; & por isso os circunstantes q̄ assistirão a morte de Lazaro não conhecêraõ com evidencia o amor de Christo quando em outro tempo dava sinaes de que actualmente amava, senão quando depois de sua morte deo final de que tinha amado: pois como o lavatorio, o Sacramento , & a Cruz

eraõ sinaes de que Christo actualmente amava , & o santissimo Sudario he final de que Christo antigamente amou; bem claro fica q̄ o final mais evidente do amor de Christo he sê duvida o seu santissimo Sudario.

73 Ainda não he esta a mais efficaz razão: a razão mais efficaz he, porq̄ o amor de Christo representado no Sudario se nos deo a conhecer depois de tantas vezes se duvidar : que depois de nos dar Christo sinaes de seu amor tam evidentes no lavatorio, no Sacramento, & na Cruz, que comtudo ainda ficasse em duvida seu amor ! não sey se he fraqueza de nosso conhecimento , se força de nossa ingratição: pois que vendo Christo a seu amor não sómente tam mal correspondido , senão ainda tam duvidado : que vendo Christo o credito de seu amor perigar entre nossas duvidas, ainda porfiasse em darnos no seu retrato final de suas finezas ! que mais

evidente final de seu amor? Quando Abraham levou da espada para fazer a Deos sacrificio de seu proprio filho, disselhe o mesmo Deos estas palavras: *Nunc cognovi quod times Deum*: querem dizer na fraze da Escritura: Abraham, agora conheço de certo que me amais: ainda agora? Sim: *Nunc cognovi*: & Deos não sabia de antes que o amava Abraham? antes para mostrar que era grande a duvida, quiz fazer aquella experiencia: *Tentavit Deus Abraham*: notavel duvida em Deos! Quando as tres divinas Pessoas da Santissima Trindade apparecerão na terra, & se forão a hospedar na casa de Abraham, sabemos que Abraham lhes lavou os pés: *Afferam paxillum aquæ, & lavate pedes vestros*: sabemos que Abraham os sentou à sua mesa: *Ponamque buccellam panis, & confortate cor vestrum*: sabemos que Abraham no mayor rigor do dia os fez descansar à sombra da sua arvore: *Requiescite sub arbore*: & que comtudo

sobre estes sinaes de amor q̄ Abraham tinha dado a Deos, que sobre Abraham lhe lavar os pès, sobre lhe dar o seu paõ, sobre o aliviar na sua arvore, que ainda Deos mostrasse ter tâtas duvidas! que ainda andasse a fazer taõ custosas experiencias! *Tentavit Deus Abraham*: não sey em que podião fundarse estas duvidas de Deos. Mas se Deos, a nosso modo de entender, se Deos atégora duvidava, porque razão não duvida agora? Com grandissima razão: já Deos agora não duvida, porque ve agora q̄ Abraham depois de ver a seu amor tantas vezes duvidado, ainda persiste em dar este ultimo final de seu amor: que vendo Abraham seu amor duvidado tantas vezes, no lavatorio, no paõ, & na arvore, que ainda se resolvesse por ultimo final de seu amor a fazer sacrificio de seu filho! que se resolvesse a banhar em sangue o seu mesmo natural retrato para testemunho de seu amor! que se resolvesse a

banhar em fangue sua imagem natural , para testemunho de sua inteira verdade ! à vista de hũa resolução tam valente depois de hũa fé taõ duvidada , q̃ tinha já Deos que duvidar do amor de Abraham? Não ha já que duvidar : *Nunc cognovi*. Pois da mesma sorte: assim como se ouve Deos no conhecimento do amor dos homens, assim se devem haver os homens no conhecimento do amor de Deos: duvidáraõ os homens do amor de Christo no lavatorio dos pès , duvidáraõ na mesa do Sacramento, duvidáraõ na Arvore da Cruz, & que sobre tantas duvidas continuasse Christo as finezas ! que sobre ver tantas vezes duvidado seu amor em sinaes tam evidentes de sua affeição, q̃ ainda Christo nos deixasse por ultimo final de seu amor seu proprio retrato banhado em fangue ! não ha já que duvidar de seu amor : *Nunc cognovi*.

74 E que com effeito a Igreja Catholica ficasse

certa, & inteirada do amor de Christo à vista de seu santissimo Sudario , se eu me não engano, cuydo que consta da mesma Escritura. Ora dem-me attêção. Chorava a Alma Santa a ausencia de seu divino Esposo, & explicando seu sentimento entre lagrimas, & suspiros, lhe disseraõ as filhas de Jerusalem, que ou lhes mostrasse, ou lhes descrevesse o seu amado tirado pelo seu amado : *Qualis est dilectus tuus ex dilecto ô pulcherrima mulierum?* E que quer dizer o amado tirado pelo amado ? Quer dizer o retrato do mesmo amado , & por eile he que perguntavaõ as filhas de Jerusalem, sendo certas que não havia de ausentar-se o Esposo divino, sem deixar a sua querida Esposa para alivio de sua saudade a prenda de seu retrato ; por isso lhe perguntavaõ : *Qualis est dilectus tuus ex dilecto?* A esta pergunta das donzellas de Jerusalem, esforçando a dor , & rompendo o silencio a Esposa soberana de Christo,

respondeo desta forte : *Dilectus meus candidus, & rubicundus* : Esse meu amado por quem me perguntais, ou esse retrato de meu amado he branco, & encarnado : são matizes de sangue em campos de linho : *Caput ejus aurum optimum* : a cabeça posto que banhada em rios de sangue, está cuberta de ondas de ouro : *Comæ ejus sicut elatæ palmarum* : sobre a coroa da cabeça se vê agudas pontas de ásperos espinhos : *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum* : os olhos brandos, & modestos, banhados em rios de lagrimas, & de sangue : *Genæ illius sicut areolæ aromatum* : as duas faces são dous divididos quadros de jasmins secos, & de Rosas murchas : *Labia ejus lilium distillantia myrrham* : a boca he hum roxo lirio cheyo de amarguras : *Manus illius tornatiles plene hyacinthis* : as mãos como estiverão pèdentes em duas pontas de ferro, parece que forão feitas ao torno, mas engastadas em dous rubis : *Venter ejus*

eburneus distinctus sapphiris : o corpo he de marfim na brácura, mas taõ cuberto de nodoas azuis, que parece esmaltado de Saphiras : *Crura illius columnæ marmoreæ, quæ fundatæ sunt super bases aureas* : as colunas são de marmore ensanguetado, & ospès de ouro batido : *Species ejus ut libani, electus ut cedri* : a estatura alta, grave, & soberana como Cedro do monte Libano : & finalmente todo o retrato move a lagrimas, porque todo move a saudades : *Et totus desiderabilis*.

75 Depois de assim descrever a Esposa divina aquelle mysterioso retrato que lhe deixou no Santo Sudario o seu divino Esposo, conclue desta maneira : *Talis est dilectus meus, & ipse est amicus meus filie Jerusalem* : Este que vos descrevi, ó dözellas de Jerusaleem, este he o retrato de meu amado, & elle he meu verdadeiro amate : *Et ipse est amicus meus*. Aqui reparo : Se lerem todo o livro dos Canticos, acharão que nun-

nunca a Espoſa divina chamou a Chriſto ſeu amante mais que ſómente neſta occaſiãõ ; recebeo a Espoſa divina de ſeu divino Eſpoſo mil favores em mil finezas , mas ou cega de ſua deſconfiança , ou duvidofa de ſeu merecimento , em nenhuma occaſiãõ lhe chamou ſeu amante , ſenaõ ſempre ſeu amado : *Dilectus meus , quem diligit anima mea, &c.* Viõe no lavatorio doſpès : *Lavi pedes meos :* viõe na meſa do Sacramento : *Introduxit me in cellã vinariã :* viõe à ſóbra da Cruz : *Sub umbra illius quem deſideraveram ſedi , &c.* com tudo nunca ſe acabou de perſuadir que Chriſto era ſeu amante , ſenaõ ſempre ſeu amado : *Dilectus meus , quem diligit anima mea ;* porẽm tanto que vio o retrato de Chriſto , alli deſcobrio ſeu amor com tâtas demonſtraçoens de evidẽte , que já lhe não pôde negar o titulo de ſeu amante : *Et ipſe eſt amicus meus.* E a ultima razão de tudo he ; porque os outros ſinaes ſaõ

objectos da fé , o Sudario he objecto da viſta , & como he mais evidẽte aquillo que ſe percebe pela viſta , que aquillo que ſe adora pela fé , por iſſo a Igreja Catholica , Espoſa merecida de Chriſto , reconhecendo o amor de Chriſto entre eſcuridades no lavatorio , no Sacramento , & na Cruz , ſó no Sudario conheceo có evidencia ſeu amor : *Et ipſe eſt amicus meus.*

76 Suppoſto pois que ſó das viſtas ſiamos as evidencias : vinde cà meu doce Jeſus , & entre eſtas conſuſoẽs do voffo retrato veremos as verdades do voffo amor ; por ventura que duvidaráo ſe ſois vos , porque ſendo vòs Imagẽ de Deos , não tendes agora nem a figura de homem : mas eſte he Chriſtaõs : *Dilectus meus candidus , & rubicundus :* eſtes eſmaltes roxos neſtes campos brancos , eſte he o verdadeiro retrato do noſſo amante verdadeiro : *Talis eſt dilectus meus , & ipſe eſt amicus meus :* não temos já q̃ duvidar do amor

de Christo à vista deste final de seu amor; não temos já que duvidar de sua verdade, onde o credito de seu amor está firmado com letras de seu sangue. Oh meu Deos do meu coração, meu Jesus, meu Redemptor, q̄ chagado, que ferido, que despedaçado que estais! Mas assim Senhor, assim chagado vos quero, assim ferido vos amo, assim despedaçado vos adoro: quem vos tratou assim, meu Deos da minha alma, vosso amor, ou nossas culpas? Oh quanto vos obriga vosso amor! Oh quanto vos maltratão nossas culpas! Oh cabeça sacrosanta, como trocastes o diadema de raios em coroa de espinhos! Sem duvida que poz os espinhos sobre a cabeça, para que nós não magoássemos os pès. Oh olhos divinos, tam cegos de sangue, como de amor! quem vos eclipsou divinos olhos? Sem duvida que cerrou os olhos para não ver nossas culpas. Oh boca sagrada, se tantas vezes vos abristes para inf-

pirar suavidades, como agora vos fechastes para conservar amarguras? Sem duvida que fechou a boca para não formar queixas de nossas ingraticões. Oh braços omnipotentes, se atègora estendidos em hũa Cruz, como estais cruzados agora? Sem duvida q̄ de rendidos estão cruzados. Oh mãos divinas, se atègora trespassadas com cravos, como agora abertas com rubis? Sem duvida que de liberaes estão abertas. Oh lado sacrosanto, Thesouro de soberanos affectos, Sacratio de divinas afeições, qué vos ferio, qué vos rasgou tam cruelmète? Sem duvida q̄ abriu o peito para nos meter no coração.

77 Aqui tendes Almas Christãs este divino retrato do nosso amoroso Jesus, este sagrado transumpto do nosso amorosissimo Salvador, este cadaver enfanguentado, assim aberto a açoutes, assim despedaçado a feridas; este he o nosso Jesus, este he o nosso Deos,

& o nosso Redemptor. Estampay Almas Christãs, estampay esta figura em vossos coraçõens por sentimento, em vossas Almas por amor. E para que mais se dobre a lastima, vede por estoutra parte. Oh que lastima! Oh que rigor! Aqui onde carregãõ as culpas, aqui mais descarregãõ os golpes, mas como não daria aos golpes as costas, se virou as costas por não ver nossas culpas? Oh chegay, Fieis, lavay com este sangue vossas culpas, lavay có vossas lagrimas este sangue: se neste cadaver não ha já lugar para mais feridas, q lugar nos fica para mais offensas? Quem haverà que tenha ainda coração para offender a hum Deos tam ferido? Quem haverà que tenha ainda valor para magoar a hum Deos tam chagado? Oh se padecesse naufragio o pezo de nossas cul-

pas neste mar de misericordias! Mas voltay Senhor: *Ostende nobis faciem tuam, & salvi erimus.* Oh meu amantissimo Jesus! meu Deos, & meu Redemptor! Oh quanto me peza, meu Deos, de vos ter offendido! Oh quem nunca vos offendera meu Deos do meu coração! De todos os peccados que contra vòs temos feito vos pedimos perdão meu bom Jesus: perdoaynos Senhor por todos os tormentos que representa este vosso santissimo retrato; & perdoaynos pelo amor que nelle se represéta; por este preciosissimo sangue, por este santissimo cadaver, pelos merecimentos de vossa santissima paixão, & pelos poderes de vossa divina misericordia, para que assim alcãemos a graça, penhor da eterna gloria: *Ad quam, &c.*



S E R M A M

Q V A R T O

Prègado em a festa do Santissimo

S A C R A M E N T O

Em dia de S. Miguel.

Hic est panis, qui de Cælo descendit. Joann. 6.

78

SE algum dia se pudera imaginar que estava o Ceo envejofo da terra, fora sem duvida na presente solemnidade; porque toda ella parece verdadeiramente hũa declarada cõpetencia, ou hũa gloriosa emulaçãõ q̃ faz hoje a terra ao Ceo; cõtudo a verdade he, q̃ não està hoje o Ceo nẽ envejofo, nẽ cõpetido, senão tresladado, & transferido. Como a Igreja he de

S. Pedro, sem duvida que o glorioso Principe dos Apostolos abrio hoje as portas do Ceo, para que todo elle descendo à terra se visse tresladado nesta Igreja: desceraõ primeiramente as nuvens desmentidas em pompas, desceraõ as estrellas transformadas em luzes, desceo a harmonia das esferas na suavidade das vozes, descéo o resplendor dos Planetas na magnificencia dos apparatus, des-

descêo o firmamento no culto, a gloria na sumptuosidade, a Bemaventurança na grandeza, a santidade na devoção, & enfim descêrao as Hierarchias de todos os Anjos em cõpanhia de São Miguel, cujo he o dia; & desceo toda a sãtissima Trindade por concomitancia do Santíssimo Sacramento, cuja he a festa; porque em fim tãbem o Sacramento descêo do Ceo à terra: *Hic est panis, qui de Cælo descendit.* Esta he brevemente a sũma de toda esta solemnidade; & sendo toda ella emprego assãs merecido de nossa admiração, ainda tenho mais que admirarme das palavras do nosso thema.

79 *Hic est panis, qui de Cælo descendit:* Paõ q̃ desceo do Ceo? E com que razão se'põdem verificar estas palavras do mysterio sacrosanto do Altar? Ou nos havemos de considerar ao Sacramento em quanto paõ, ou em quanto corpo de Christo: se o cõsiderarmos em quanto paõ, na ter-

ra se cria; se o cõsiderarmos em quanto corpo de Christo, na terra se cõsagra. Bem he verdade que todos os dias desce Christo do Ceo a sacramentarse na terra; porém Christo sacramentado não desce, nem desceo do Ceo: não desceo, porq̃ cã na terra se instituiu; não desce, porque cã na terra se sacramenta: na terra teve a sua primeira instituição, na terra tem toda a sua existẽcia: pois logo có q̃ verdade se pôde dizer, que desceo do Ceo à terra: *Hic est panis, qui de Cælo descendit?* Para satisfazer a esta duvida, busquei a exposiçãõ destas palavras de Christo, & em nenhũ Author as achei melhor cõmentadas q̃ nos Psalmos de David. Diz elle assim: *Panem Cæli dedit eis, panem Angelorum manducavit homo:* quer dizer: Verdadeiramente o Sacramento do Altar se deve chamar paõ do Ceo: *Panem Cæli:* porque verdadeiramente he paõ dos Anjos: *Panem Angelorum.* Esta he a exposiçãõ mais authorizada

zada das palavras do nosso thema ; porém ainda assim confesso, que se achei duvida no Texto, ainda a tenho mayor na exposição. E có que verdade , ou com que fundamento se ha de chamar o mysterio sacrosanto da Eucharistia pão dos Anjos ? Sò então se podera chamar pão dos Anjos, quando elles ou o pudessem cofagrar, ou o pudessem receber ; porém os Anjos, até Santo Thomás com ser o Doutor Angelico , ensina, & mostra com toda a evidência , que não podem nem cofagrar , nem receber o corpo santissimo de Christo : pois se assim he, & se este Sacramento he sustento, & regalo dos homens , porque razão se ha de chamar pão dos Anjos: *Panem Angelorum manducavit homo* ? A resposta desta duvida, & a razão desta verdade ha de ser todo o empenho desta acção, para que assim satisçamos juntamête ao dia, & à festa: ao dia, que he dos Anjos; & à festa, que he do Sacramento. Pelo que

baile de exordio, & vamos a buscar esta razão.

8o Primeiramente a resposta mais vulgar he, que este mysterio augustissimo se deve chamar pão dos Anjos, porque verdadeiramente nos he necessaria a conciencia, & a pureza de Anjos para dignamente recebermos tam soberano , & tam celestial mysterio. He esta verdade tam certa, que mais necessario fora persuadila, que provála ; porque suppostos os principios de nossa fé, q Christão haverà a quem não seja já presente que só húa conciencia Angelica poderà ser a disposição devida para iguaria tam celestial? O primeiro pay de todos os crêtes já sabem todos que foy Abraham ; & todos sabem tambem que o mesmo Deos em tres distintas Pessoas se hospedou húa hora em sua casa, & à sua mesa: *Apparuit ei Dominus sedenti in ostio tabernaculi sui, &c.* porém he muito para reparar, que sendo Deos, & sendo divinas as Pessoas que

Gen. 18

1.

naquelle dia se hospedãrão em casa de Abraham, lhes chame comtudo a Escritura homens, & juntamente Anjos: *Apparuerunt ei tres viri*: Anjos: *Venerunt Angeli*. Valhame Deos por qué he! Se he Deos qué apparece a Abraham: *Apparuit ei Dominus*, porque lhe não apparece como he em fórma de Deos? & já que ha de mudar a fórma, porque lhe não apparece ou só na fórma dos homês, ou só na fórma dos Anjos? Porque razão se lhe mostra na figura dos Anjos: *Venerunt Angeli*, se já se lhe tinha manifestado na apparencia dos homens: *Apparuerunt ei três viri*? Se Abraham não hospedãra então a Deos com o convite que lhe offerreceo, por ventura que nos não fora tam facil a resposta; porêm sendo tam esplendido o convite, quem não acharà nelle a razão? Ora notem: Todo aquelle solemnissimo convite, como era sacrificio que Abraham offerrecia a Deos, visto està que era representaçam do

Sacramento, onde Christo juntamente he convite, & sacrificio: he conforme à Glosa Ordinaria do mesmo Texto: *Vitulus tener, & saginatus corpus Christi est, quod pro mundi salute Deo oblatum est*: pois eis ahi a razão de nossa duvida: Era Abraham o pay de todos os crentes, & como Deos naquella mesa de Abraham se sentava por representaçam na mesa do Sacramento, para q̄ todos os crentes aprendessem o como havião de chegar a tam soberana mesa, que fez Deos? Tomou alli a figura humana, & tomou a figura Angelica, para que assim ficasse advertido a todos, que para chegarmos a este celestial convite, havemos de ser homens, & juntamente havemos de ser Anjos.

81 Pois havemos de ser Anjos sendo homens? Sim: sendo homens na realidade, havemos de ser Anjos na consciencia; húa, & outra cousa havemos de ser; porque só então receberemos dignamente este di-

divino m̃ajar, quando juntamente formos na realidade, na substancia; & por essencia homens; mas na cõciencia, na pureza, & por imitação Anjos: ainda não disse bem: se fora possível, parece que nos quer Deos tão puros para este soberano convite, que se fora possível devíamos ser na realidade verdadeiramente Anjos, & só na apparecia figuradamente homẽs: colhe-se do mesmo Texto: *Apparuerunt tres viri, venerunt Angeli*: já devem de reparar na differença: de maneira que para as pessoas da Santissima Trindade nos ensinarem o modo, & a pureza com que havíamos de receber o Sacramento, tomãraõ a figura de homens, & tomãraõ a forma de Anjos; mas cõ esta differença, que em quanto Anjos, diz a Escritura que realmente eraõ Anjos que vieraõ: *Venerunt Angeli*; & em quãto homens? diz que erãõ sómente homẽs que apparecerãõ: *Apparuerunt viri*: parece sem duvida que por

encarecimento nos quiz Deos dar a entender, que para tam alto mysterio, se fõra possível, deveramos ser Anjos na natureza, & na realidade, & sómente homẽs na apparecia, & na representação; mas ja q̃ assim não he possível, ao menos sejamos embora na natureza homẽs por realidade, porẽ na cõciencia justo he que sejamos Anjos por imitação: muito mais justo fora q̃ fossẽmos tam puros na consciencia, & tam ajustados cõ Deos, como se verdadeiramente tivẽssemos de homẽs sãõ as semelhanças, & de Anjos as realidades; mas ao menos tenhamos de sua pureza sequer algũa semelhança, porque em fim ainda que este divino mysterio foy instituido para iguaria, & regalo dos homens, comtudo he certo q̃ deve ser recebido com cõciencia, & pureza de Anjos: isso he o q̃ quer dizer a exposição do nosso thema: *Panẽ Angelorum manducavit homo.*

mais vulgar por onde dizê q o mysterio da Eucharistia se deve chamar pão dos Anjos ; porém amim não satisfaz, porque como a consciencia dos Bemaventurados he sem duvida tão pura como a dos Anjos, parece que havemos de dizer que sufficientemête estava declarada esta propriedade do Sacramento, com se chamar pão dos Bemaventurados : *Frumentum electorum* : logo algũa razão ha mais particular por onde alem de se chamar pão dos Bemaventurados, se chama tam especialmente pão dos Anjos : *Panē Angelorum manducavit homo?* É qual serà esta razão?

83 Parece em segundo lugar que a razão he, porque o modo com que os Anjos estão em lugar, he também o modo có q Christo está no Sacramêto: he doutrina sem cõtroversia ; porq os Anjos estão em lugar por *ubi* diffinitivo: quero dizer: cada Anjo está no seu lugar, todo em todo o lugar, & todo em qualquer parte del-

le : & este tambem he o modo prodigioso com q Christo assiste no Sacramento, todo em toda a hostia, & todo em qualquer parte della. Oh que rara excellencia, q admiravel fineza do Sacramento ! que o mesmo que faz hũ Anjo para o serviço de Deos na esphera do seu lugar, faça também Christo para beneficio dos homens naquella candida esphera ! A mayor fineza que se pôde considerar na promptidão dos Anjos para o serviço de Deos, he, q estando hũ Anjo todo em todo o seu lugar, esteja todo em qualquer parte delle, tão prompto todo para seu serviço em qualquer parte, quanto está inteiramente em todo o lugar: & que isto mesmo que faz hũ Anjo sendo espirito para o serviço de Deos, faça também Christo sendo corpo para beneficio dos homens ! Que hũ espirito esteja diffinitivamente em lugar, essa he a propriedade do espirito ; mas que hũ corpo esteja em lugar diffinitivamente, quem du-

duvida que quanto tem de prodigio, tanto tem de admiração? Que tanto se empenhe Christo sacramentado para beneficio dos homens, quanto peza na estimação dos Anjos o serviço de Deos! E que julgando os Anjos que para o serviço de Deos deve estar cada qual delles todo inteiro em qualquer parte do lugar, que assim Christo para beneficio dos homens não só se nos dê sacramentado todo indivisivelmente em toda a hostia, mas todo inteiramente em qualquer parte! admiravel fineza do amor de Christo!

84 Quando o Espirito Santo desceo sobre o Cenaculo dos Apostolos, diz o sagrado Chronista que apparecêraõ varias linguas de fogo, as quaes se fêtaoõ todas, cada qual em cada hũ dos Apostolos; porẽm saõ notaveis as palavras com que o diz: *Apparuerunt dispersitæ linguæ tamquam ignis, seditque supra singulos eorũ:* diz que apparecêraõ divididas as linguas, & que se fêto

sobre cada hũ dos Apostolos: parece que não havia de dizer assim: parece que havia de dizer que as linguas apparecêraõ, & se sentaõ; mas apparecêraõ, & sentouse: *Apparuerunt, seditque?* Sim; porque como o Espirito Santo era quem descia, necessariamente se havia fallar em singular, & dizerse que se sentou, para que assim se entendesse, que quem se sentou foy o mesmo Espirito Santo: *Seditque supra singulos eorũ... repleti sunt omnes Spiritu Sancto.* Bem: mas assim como o Espirito Santo foy quem se sentou sobre as cabeças, assim tambem elle foy o que se repartio em linguas; & se elle se repartio, como se diz que todo elle se sentou? Se se repartio em linguas para todos, como se sentou todo em cada hum: *Seditque supra singulos eorum?* Essa vem a ser a excellencia do Espirito Santo, & essa a propriedade que tem de amor divino, que se divide sem se dividir, porque quando se reparte, não he

he para se diminuir, senão para se multiplicar; por isto estado dividido nas linguas, & não se sentando mais que hũa só sobre cada hũa das cabeças, ainda assim se sentou sobre cada hũ todo o Espirito Santo, porque em cada hũa das linguas estava todo: *Apparuerunt dispersitæ linguæ ... sedit que supra singulos eorum*: porèm ainda tenho aqui q̄ reparar, porque as linguas, como se forão flamantes adornos, ou repartidos esmaltes daquella luminosa esphera, diz o Texto sagrado que estavão espalhadas, & divididas por toda a casa; a qual diz o mesmo Texto que estava chea do Espirito Santo: *Et replevit totam domum ubi erant sedentes*: pois se todo o Espirito Santo occupava o vão da casa, & se as linguas erão como partes de todo aquelle vão, como estava todo o Espirito São em cada hũa das linguas? Mas que outra cousa havia de fazer o Espirito Santo sendo elle formalmente o mesmo amor

divino? Necessariamente havia de cõmunicar-se todo a todos os Apostolos, & todo a cada hum delles, & não satisfeito cõ esta ostentação de sua grandeza, necessariamente sendo as linguas de fogo as celestiaes porçoens, & as partes resplandecentes daquella casa felicissima, necessariamete havia de estar o Espirito Santo não só todo em toda a casa: *Replevit totam domum*; mas tambem todo em cada hũa das linguas, & em cada hũa das partes: *Apparuerunt dispersitæ linguæ ... seditq; supra singulos eorum*.

85 Eis aqui o que fez o Espirito Santo no Cenaculo, & eis aqui o que faz o corpo do Santissimo no Sacramento; o Espirito São por immensidade, & o corpo do Santissimo por finenza; o Espirito Santo seguindo as propriedades de Espirito, & o corpo do Santissimo vencendo as repugnancias de corpo: assim se faz no Sacramento o amor de Christo emulo glorioso não

não menos que do amor de Deos : porque assim como o Espírito no Cenaculo se comunicou todo a todos os Apostolos, & todo a cada hum delles ; assim o corpo de Christo no Sacramento se dà todo a todos, & todo a cada hum : & assim como o Espírito Santo assiste no Cenaculo todo em toda a casa , & todo em cada hũa das linguas ; assim Christo no Sacramento assiste todo em toda a hostia , & todo em cada hũa das partes ; de maneira que não satisfeito Christo com se dar no Sacramento todo a todos, & todo a cada hum, para mais liberalmente se dar, a cada hum se dà no Sacramento todo em toda a hostia , & todo em qualquer parte della ; de tal sorte, que em qualquer ponto indivisivel da hostia se nos dà, & se nos comunica todo Christo inteiramente : ha mais generosidade ? ha mayor fineza de Christo ? Pois se assim imita Christo no Sacramento para beneficio dos homens o modo com que os

Anjos assisté em qualquer lugar para o serviço de Deos; que muito he, q̄ este divinissimo Sacramento se chame paõ dos Anjos? Que muito que se chame paõ Angelico este paõ celestial? *Panem Cœli dedit eis: panem Angelorum manducavit homo.*

86 Esta razão cõ parecer a mais verdadeira, não he cõtudo a mais propria, porque assim como os Anjos assistem diffinitivamente na esphera de seu lugar; assim tãbem cada qual das nossas almas se constitue em lugar diffinitivamente toda em todo o corpo, & toda em qualquer parte delle ; pois que mais era necessario para declarar-se esta propriedade do Sacramento, do q̄ chamar-se manjar das almas: *Refectio animarũ?* Logo algũa razão ha mais particular por onde se chama paõ dos Anjos: *Panem Angelorum?* E qual serà esta razão? Parece em terceiro lugar, que a razão he, porq̄ s̄o os Anjos nos ensinão os respeitos de

devidos, & os amorosos termos cõ que devemos servir, & adorar a ineffavel cõsistencia de hũ Deos sacramentado; & para q̃ vejamos este prodigioso modo que os Anjos nos ensinaõ, ponhamos os olhos no throno de Isaías, & nelle veremos soberanamente exposto o augustissimo mysterio do Santissimo Sacramento: *Vidi Dominum super solium excelsum & elevatum ... Sãctus, Sãctus, Sãctus*: digo q̃ este he o mysterio que estava exposto, porque elle he por antonomasia o Senhor: *Vidi Dominum*, & elle he nomeadamente o Santissimo, *Sanctus, Sãctus, Sanctus*: na presença pois deste santissimo mysterio diz o Propheta que vira dous Seraphins, os quaes cõ duas azas cobrião os olhos, & que estẽdiaõ outras duas azas: *Duabus velabant, & duabus volabant*. Ora qual seria o intento destes dous abraçados Seraphins? a que fim cobririaõ os olhos? a q̃ fim estẽderiaõ as azaş? Poderà

parecer que estẽdiaõ as azas para voar à presença do mesmo Deos, & que cõtudo cobrião os olhos para não cegar aos rayos de tão divina presença; porẽ se o Senhor estava sacramentado, visto he que estava escondido: logo não era necessario cobrir os olhos para não cegar aos rayos: mais: os Seraphins já estavaõ assistindo no mesmo throno de Deos: *Stabant super illud*: logo não era necessario bater as azas para chegar ao throno: pois logo porque razãõ estẽdiaõ as azas, & porque razãõ vendavão os olhos? Arazãõ he; porque assim se venera, & assim se adora o mysterio Santissimo do Altar: para venerarmos devidamente este soberano mysterio, devemos fechar os olhos, & descobrir os peitos; porque devemos cegar os entedimentos, & render as vótades: isto he saber venerar este santissimo mysterio, cativar os discursos, & entregar os corações: & porque os dous entendidos Se-

raphins queriaõ que o mudo o tivesse assim entendido , por isso estendiaõ as azas, & cobriaõ os olhos; por isso estendiaõ as azas, descobrindo, & come entregando os peitos; & cobriaõ os olhos, como rendendo, & cativando os discursos : *Duabus velabant: duabus volabant.*

87 Desta maneira nos ensinão os Anjos o como devemos venerar ao mysterio santissimo da Eucharistia, & considerada bem a mesma essencia do mysterio, este he sem duvida o verdadeiro modo de o venerar; porq̃ sendo o mysterio da Eucharistia por excellencia o mysterio da fé, sendo hũ mysterio tão escondido, onde não sómête não vemos o que adoramos, mas adoramos contra o que vemos, quem duvida que no rendimento de nossos discursos consiste a veneração de seus respeitos? & sendo elle o manjar de nossas almas, quem duvida que sobre lhe rendermos os entendimentos, lhe

devemos entregar os coraçãoes? Se puzermos os olhos em Christo morto na Cruz, veremos que tem o peito rasgado, & a cabeça inclinada sobre o peito : mas porque ajunta Christo a rasgadura do peito com a inclinação da cabeça? Porque assim nos quiz Christo ensinar na Cruz os respeitos que se lhe devem no Sacramento : tinha Christo o Sacramento encerrado no peito, porque o havia recebido no Cenaculo, & como quem divinamente entendia que os respeitos devidos ao Sacramento consistem em que os entendimentos se lhe rēdão, & em que os coraçãoes se lhe abrão, por isso tributando igualmente hũa, & outra veneração ao Sacramento que encerrava no peito, inclinoulhe a cabeça, como rēdendolhe os discursos, & descobriolhe o peito, como entregandolhe a posse de seu coração.

88 Porê m que muito que Christo assim respeitasse ao Sacramento na Cruz,

Cruz, se essa vem a ser a essencia, ou ao menos a propriedade do Sacramento?

In me manet, & ego in illo, diz Christo: diz que elle fica em nós, & que nós ficamos nelle: admiraveis palavras! que elle fique em nós, bem entendo; porque lhe devemos abrir os peitos para o receber nos corações; porém que nós fiquemos nelle tambem? pois isso de que maneira?

Não ficando nós em nós; porque não sómente lhe devemos entregar os corações, senão que tambem lhe devemos render os entendimentos. São as especies do Sacramento pão, & vinho: pois de hum pão tam delicioso, que se havia de esperar senão que os corações se occupassem? & de hum vinho tam extatico que se havia de seguir senão que os entendimentos se rendessem? Tem o Sacramento da Eucharistia muito de fineza, & muito de mysterio, & a tanta fineza que coração deixará de renderse? a tam grande

mysterio que entendimento deixará de eclipsarse? Justo he logo, que obrigados da fineza lhe entreguemos os corações, & justo he que absortos do mysterio lhe rendamos os entendimentos; & desta sorte se verá que elle fica recebido em nós, & nós ficamos absortos nelle: *In me manet, & ego in illo*. Eis aqui os amorosos respeitoos cõ que o Sacramento do Altar deve ser tratado de todos nós: & não he este propriamente o estylo com que os Anjos venerão ao Sacramento? se cobrem os olhos, não he para cativar os discursos? se descobrem os peitos, não he para entregar os corações? Digase logo, & cõ razão, que este celestial mysterio não obtante ser sustento dos homens, se deve chamar pão dos Anjos: *Panem Caeli dedit eis: panem Angelorum manducavit homo*.

89 Só esta terceira razão poderia parecer a mais propria; comtudo como este estylo de adoração se

attribue só a dous Sera-
phins, ainda me parece q̃
naõ he esta a propria ra-
zaõ porque o mysterio da
Eucharistia se chama paõ
dos Anjos; pelo menos se
esta razaõ he a propria,
ainda considero que naõ
he a principal: pois qual
serà? Respondo, que a meu
ver a principal razaõ por
onde o mysterio da Eucha-
ristia se deve chamar paõ
dos Anjos, he sem duvida,
porque o Principe de to-
dos elles o glorioso S. Mi-
guel, & todos elles em se-
guimento de seu glorioso
Principe tomaraõ, & tem
por sua singular empreza a
existencia, a verdade, & a
veneraçãõ deste sempre
augustissimo mysterio. Pa-
ra desempenho do que di-
go: digo primeiramente,
que de certo naõ pòdem
averiguar os Doutores
qual foy o ponto da con-
troversia que tiveraõ entre
si Saõ Miguel, & Lucifer;
porque ainda que dizem
cõmummente que debateo
o ponto sobre a uniaõ hy-
postatica, & divindade de

Christo, cõtudo naõ he fé,
senaõ discurso, & nesta in-
certeza cuido eu que tam-
bem poderemos dizer a
nossa opiniaõ; pelo q̃ naõ
obstante a sentença mais
vulgar que os Anjos con-
tendèraõ sobre a Encarna-
çãõ do Verbo, a mim me
parece que contendèraõ
sobre o mysterio do Altar,
& para que se veja o fun-
damento com que o digo,
discorro assim.

90 Primeiramente a
primeira figura do Sacra-
mento que ouve em todo o
mundo, bem sabido he que
foy o fruto da vida q̃ Deos
plantou no Paraíso: para
defender aquelle peregrino
fruto, bem sabido he
tambem que està hum An-
jo posto da maõ de Deos:
mas qual serà este Anjo?
Diz Pantaleaõ Diacono, q̃
he S. Miguel: pois qual se-
ria a razaõ porque esco-
lheu Deos a S. Miguel por
guarda daquelle fruto? Bẽ
sey que não podemos de
certo dar esta razãõ: mas
que podemos conjecturar
senão que vio Deos o genio
de

Apud
Viegas
in 12.
Apoc.
sect. 17

de S. Miguel, & que conforme o genio lhe encarregou o officio? que havemos de dizer senão que como Deos vio a galhardia com que S. Miguel defendeo a veneração do Sacramento no Ceo, que por isso o mandou defender o fruto da vida no Paraíso? O certo he, que posto São Miguel em campo contra os desvanecimentos de Lucifer, bem sabem todos que o não seguirão hum, nem dous Anjos, senão que todos os Anjos bons seguirão, & defendêrão a parte de S. Miguel: *Michael, & Angeli ejus præliabatur cum Dracone*: pois se todos os Anjos o seguirão, que havemos de dizer senão que defendião a veneração, & a existencia do pão dos Anjos? Eu me declaro com hum exemplo.

91 Quando Christo no deserto contendeo com o Demonio, estavão os Anjos à vista, ou admirando a batalha, ou esperando a vitoria, & conseguida ella, diz o Evangelista que com

iguarias do Ceo chegarão a servir à mesa do Senhor: *Ecce Angeli accesserunt, & ministrabant ei: Ministrabāt cibum, & potum*, expoê Santo Thomàs, & S. Boaventura: porèm quantos Anjos lhe servirão à mesa? Naõ o diz o Evangelista, porque lhes não achou numero; só diz, que os Anjos o servirão, para que assim entendessemos que o servirão todos os Anjos. Aqui agora o meu reparo: & porque razão o servirão todos? Para se effectuar o mysterio da Encarnação veyo hum só Anjo: *Missus est Angelus*: para livrar a Christo das mãos de Herodes, veyo hum só Anjo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis*: para aliviar a Christo nas agonias do Horto, veyo hum só Anjo: *Apparuit Angelus de Cælo confortans eum*: para divulgar a Resurreição de Christo, apparecêrão quando muito dous Anjos: *Vidit duos Angelos sedentes*: & outros dous apparecêrão em sua gloriosa Ascensão:

Matt. 4. 11.

D. Bon. c 14. de vita Christ.

Luc 1. 26.

Matt. 1. 20

Luc. 22. 43.

Joan. 20. 12.

Ecce duo viri astiterunt juxta illos: desorte que para servirem a Christo em outro qualquer mysterio, vem hum atè dous Anjos; & para servirem à mesa de Christo, todos os Anjos vem: pois qual poderia ser a razão da differença? Qual havia de ser? Era aquelle convite celestial figura do divino Sacramêto; ou porque a mesa era de Christo, ou porque o mǎjar era dos Anjos, & para que se entendesse que quando hum só atè dous Anjos serve a Christo nos outros mysterios, todos os Anjos juntos se occupão em servilo no mysterio da Eucharistia: ou para que se entendesse que quando se ajuntão todos os Anjos em serviço de Christo, he sem duvida em serviço do Sacramento; por isso naõ se achando mais q̃ hum atè dous Anjos nos outros mysterios, se achãrão eomtudo no convite do deserto juntos todos os Anjos: *Ecce Angeli accesserunt, & ministrabant ei.*

91 Daqui venho a tirar

por consequencia o fundamento da minha opiniaõ, porq̃ se para servir a Christo nos outros mysterios não assistem todos os Anjos, & se só lhe assistem todos quando he para o servirem no Sacramento do Altar, sendo certo que todos elles se puzerão em campanha contra os intentos de Lucifer; bem se segue que todo o empenho dos Anjos foy defender a existencia, & a veneração do Sacramento. E verdadeiraméte neste caso do deserto se vio bem representada a batalha do Paraiso; porque alli se vio Christo no meyo de duas opinioens contrarias, de hũa parte combatido, da outra venetado; de huma parte tentado do Demonio, de outra assistido dos Anjos; de hũa parte o Demonio contendia que fosse o seu paõ feito de pedras; da outra contendiaõ os Anjos que fosse o seu manjar paõ de delicias: em fim retirou-se o Demonio, triumphou Christo, & ficou no campo como vitorioso o paõ dos

dos Anjos, dandose os vi-
vas, & cantandose os ap-
plausos a tam divino, & a
tam soberano paõ: *Ecce*
Angeli accesserunt, & mini-
strabant ei. Eis aqui a con-
tenda dos Anjos com o De-
monio no deserto: pois
porque não diremos tãbem
que esta mesma foy a con-
tenda do Paraíso? Mas pa-
ra que he argumentarmos
com as conjecturas, quando
temos tanto à mão as evi-
dencias? Para que he buf-
carmos o fundamento na
semelhança, quando temos
o caso na Escritura?

93 Diz S. João no seu
Apocalypse, que S. Miguel,
& os Anjos todos de sua
vitoriosa esquadra bata-
lhãraõ no Ceo contra o De-
monio: *Michael, & Angeli*
ejus præliabantur cum Dra-
cone: tantæ ne animis Cæles-
tibus iræ? Que atè no Ceo,
q̃ atè entre os Anjos ouves-
te discordias? E qual foy a
causa da guerra dos Anjos?
O mesmo S. João nos ha de
dizer esta causa: *Signum*
magnum apparuit in Cælo,
mulier amicta Sole & Luna

sub pedibus ejus, & in capite
ejus corona stellarum duode-
cim, & in utero habens: diz q̃
vira hũa mulher celestial, q̃
estando cercada dos rayos
do Sol, tinha concebido em
suas purissimas entranhas
ao mesmo filho de Deos:
contra o filho desta myste-
riosa mulher diz o Evange-
lista que se armãra o Dra-
gaõ, não só para o vêcer, se-
não para o tragar: *Draco*
stetit ante mulierẽ, quæ erat
paritura, ut cum peperisset, fi-
lium ejus devoraret: & esta
diz S. João que foy toda a
causa da guerra que houve
no Ceo: *Et factum est præ-*
lium magnum in Cælo. Não
temos que duvidar nem
qué fosse a molher, né qué
fosse o filho; porque bem
claro està que a mulher era
a Mãe Santissima de Deos,
& que o filho era Christo
filho da Virgẽ Santissima;
porẽ fazme duvida o mo-
do có que o Dragão se avã-
çou cõtra o filho, da Virgẽ:
Ut filium ejus devoraret: &
porq̃ não diz o Evangelista
que o quizera vencer, ou q̃
o quizera destruir, senão q̃

o quizera tragar? pois ha mysterio em que o filho da Virgem pôde ser tragado? Sim, o mysterio em que pôde ser comido: segue-se logo que todo o deslumbramento do Dragão foy côtra aquelle mysterio em que Christo pôde ser comido, & pelo conseguinte que na differença deste mysterio debateo todo o pôto de S. Miguel contra o Dragão; & como em nenhũ outro mysterio pôde Christo ser comido senão onde o adoramos sacramentado, bem claro fica q̄ defender a existêcia, & a veneração de Christo sacramentado, foy todo o pôto dos Anjos, & todo o empenho de S. Miguel: *Draco stetit ante mulierē, ut devoraret filium ejus: Michael, & Angeli ejus præliabantur, &c.*

94 E para que melhor realce a probabilidade deste meu parecer, fundemos ultimamête a sua verdade no mesmo principal fundamento da côtraria, & mais vulgar opinião: o prin-

cipal fundamento em q̄ se estribão os Doutores q̄ dizem que a controversia dos Anjos foy sobre o mysterio da Encarnação, saõ aquellas palavras de S. Paulo: *Et cum iterum introducit primogenitum in orbem terræ, dicit, adorent eum omnes Angeli Dei.* Destas palavras de S. Paulo, & principalmête daquella palavra, *iterum introducit*, colhem os Doutores, que Christo Senhor nosso foy duas vezes dado ao mundo: a primeira na criação dos Anjos, quando lhes foy revelado o mysterio da Encarnação: & a segunda no nascimento de Christo quando se deo à execução esse mysterio; dôde vem a concluir que por isso peccarão os Anjos que cahirão, porque não obedecerão ao preceito que se lhes impoz sobre o mysterio da Encarnação: *Et dicit, adorēt eum omnes Angeli Dei.* Agora para fundar sobre este mesmo Texto a minha opinião, argumento assim: Os Anjos que cahirão he certo que não come-

meterão o peccado senão quando se lhes poz o preceito, o qual preceito he certo também que se lhes não poz senão quando Christo foy dado ao mundo segunda vez: *Et cum iterum introducit, dicit, adorēt eū*: sed sic est, q̄ o peccado dos Anjos não succedeo quãdo foy a execução do mysterio, senão na mesma criação dos Anjos: segue-se logo que na mesma criação dos Anjos se lhes poz Christo duas vezes, & que da segunda vez se lhes impoz o preceito de adorarem a Christo: *Et cum iterū introducit primogenitum, dicit, adorent eū omnes Angeli Dei* mas quaes foraõ os dous mysterios em que o Eterno Padre propoz aos Anjos a seu Unigenito filho dado duas vezes ao mundo? Digo que o primeiro foy o mysterio da Encarnação, & o segundo foy o mysterio da Eucharistia; porque em ambos foy Christo dado ao mundo: na Encarnação: *Ut filium suum unigenitū daret*; & na Eucharistia: *Panē Cæli de-*

dit eis: & neste segundo mysterio, neste mysterio soberano em que o Eterno Padre deo ao mudo segūda vez a seu Unigenito filho, neste digo q̄ poz preceito aos Anjos q̄ adorassem a Christo como verdadeiro Deos: *Et cū iterū introducit primogenitum in orbē terræ, dicit, adorēt eū omnes Angeli Dei*: pois como toda a controversia dos Anjos foy sobre a obediencia deste preceyto de Deos; parece q̄ por boa consequencia devemos confessar que sobre a adoração do mysterio da Eucharistia foy toda a divisão, & differença dos Anjos.

95 Confirmemos este pensamento com a mesma execução. Quando Christo nasceo na terra, diz o Evangelista q̄ todos os Anjos, formando hū luzidissimo exercito dividido em alas, se puzerão todos em campo a tom de guerra: & acrescenta, que de todos aquelles esquadroens volantes vinha por General o Principe dos Anjos: *Facta est cum Angelo multitudo*

Luc.
3.

militiæ Cœlestis: pois porq̃ se não puzerão os Anjos em campo quando o Verbo encarnou, senão quando Christo nasceu? Se foy para mostrarem que a sua contenda não havia sido sobre a Encarnação, tãbem não havia sido sobre o nascimẽto: pois porque mais se formão em campo quando se executa o nascimento, do que quando se executa a Encarnação? Dizey: Christo nascia em Belem, que na exposição de S. Gregorio Magno quer dizer casa de pão: *Bethlê domus panis interpretatur*; cõ q̃ havemos de dizer que ja Christo nascido representava a Christo sacramentado, & que aquelle mesmo Deos, que alli nascia entre palhas, era o trigo celestial que se nos havia de dar em pão: pois para que se visse no mundo que a contenda que haviam tido entre si todos os Anjos em sua criação, não havia sido tanto sobre o mysterio da Encarnação, quanto sobre o mysterio da Eucharistia, por isso, quando foy à

execução dos mysterios, no mysterio da Encarnação não sahirão os Anjos a câpo; mas no mysterio do nascimẽto, alli onde se dispunha em sombras a verdade, & a existencia do Sacramento do Altar, como preparandose com armas nas mãos para a defesa de tão alto Sacramento, ja desde alli se puzerão os Anjos em campo, & ja desde alli formou S. Miguel o exercito dos Anjos: *Facta est cum Angelo multitudo militiæ Cœlestis.*

96 E verdadeiramente que sobre este sacrosanto mysterio fosse toda a diftenção dos Anjos, & que a duvida q̃ altercãrão entre si, fosse toda sobre este alvo de duvidas, assim parece q̃ o persuade ainda a mesma razão; porque no mysterio da Encarnação ainda que Christo he verdadeiramente homem, tãbé he realmente Deos: logo não se lhe faria tão difficultoso ao Demonio adorar a Christo por Deos no mysterio da Encarnação, nem seria neces-
sario

fario a Deos por lhes preceito q adorassem a Christo por Deos nesse mysterio, principalmente quãdo então se propunha a todos os Anjos ainda na mesma entidade da uniaõ hypostatica toda a excellencia do mysterio, toda a superioridade da Encarnação: porê no mysterio santissimo da Eucharistia não està Christo formalmente em quanto Deos, senão só em quanto homem expressamente; antes, *ex vi verborum*, só està em quanto corpo de homê, & sobre tudo està Christo debaixo das especies de hũ pouco de paõ, ainda q acreditando seu amor, todavia como desmentindo sua grandeza, & que com tudo se visse o Demonio obrigado a adorar no Sacramento a Deos! esta foy sem duvida toda a força do preceito de Deos, esta sem duvida foy toda a reluctancia do Demonio, & esta toda a causa de seu peccado, & de sua perdição. Pelo contrario S. Miguel divinamente illustrado, co-

mo ainda no disfarce do paõ soube reconhecer a soberania do mysterio, & como naquelle circulo de alvuras soube adorar o cêtro da divindade, esse sem duvida havemos de dizer que foy todo o cuidado, todo o merecimento, & todo o triumpho de São Miguel: *Draco stetit ante mulierem, ut devoraret filium ejus: Michael, & Angeli ejus præliabantur cum Dracone.*

97 Esta cuydo que deve ser a razão porque todo aquelle exercito de Anjos que poz S. Miguel em campo no nascimento de Christo, de tal maneira vinhão marchando para Belem, que vinhão juntamente cantando: *Facta est cū Angelo multitudo militiae Cælestis laudantium Deum*: como vinhão a defender o Sacramento, trazião armas, & porq já o haviaõ defendido, celebravão vitorias: erão formados esquadroes, & erão alternados coros, porq vinhão em coros cantando a antiga vitoria, & vinhão em es-

qua-

quadroës dispondose a cõ-
 tinua batalha: vinhão em
 esquadroës marchando pa-
 ra Belem em defesa do
 Sacramento: *Faeta est cum*
Angelo multitudo militie
Cælestis; & vinhão em co-
 ros cantãdo vitorias: *Lau-*
dantium Deum: para assim
 mostrarem q̃ a vitoria que
 vinhão cantandõ em co-
 ros, era alcançada em defê-
 sa do mesmo Sacramento
 quando em sua creação se
 havião formado em esqua-
 droens: *Michael, & Angeli*
ejus præliabantur cum Dra-
cone. Tiremos logo por cõ-
 sequencia de todo este dis-
 curso que a principal razão
 porque o Sacramento se
 chama pão dos Anjos, he
 porque todo o empenho
 dos Anjos foy defender no
 Ceo ao Sacramento, &
 por isso verdadeiramête se
 deve chamar pão do Ceo,
 porque verdadeiramente
 he pão dos Anjos: *Panem*
Cæli dedit eis: panem Ange-
lorum manducavit homo: he
 verdade que de là não des-
 ceo consagrado, mas de là
 desceo defendido; & porq̃

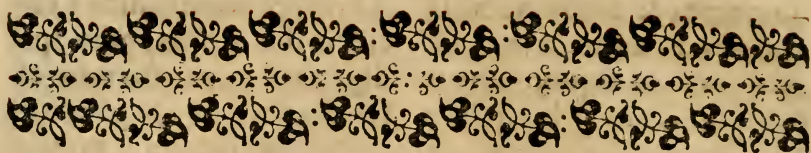
no Ceo o defêderão os An-
 jos, por isso com toda a ver-
 dade se pòde dizer q̃ he pão
 q̃ desceo do Ceo: *Hic est*
panis, qui de Cælo descendit.

98 Esta he, todo po-
 deroso Deos, & Senhor
 nõsso, esta he a causa porq̃
 em dia de S. Miguel se ce-
 lebra vossa ineffavel exis-
 tencia com tanta grandeza,
 com tanta Christandade,
 & com tâta demonstração,
 para que assim conheça o
 mundo que sendo vòs o
 sustento, & o regalo dos
 homens, sois tâbem todo o
 cuydado, todo o mereci-
 mento, & toda a gloria dos
 Anjos; & esse, Senhor, serà
 hoje o mayor encarecimê-
 to de vossa gloria, q̃ a gloria
 dos Anjos em parte he ho-
 je mayor que a vossa, porq̃
 he tâta a vossa grãdeza, &
 a vossa soberania tanta, que
 ainda mais se devem os An-
 jos gloriar de haver-vos
 defendido a vòs, do que de-
 veis gloriarvos vòs de vos
 veres defêdido dos Anjos;
 mas sendo mayor a sua glo-
 ria, mayor he a vossa fine-
 za, que mais fazeis vòs sen-
 do

do corpo, & ainda fizereis mais sendo espirito, em assistir em qualquer ponto dessa hostia para beneficio dos nomens, do que fazem juntos todos os Anjos em assistir em qualquer parte para o serviço de Deos, porque emfim toda a vossa presença para cónosco he fineza, & toda a sua assistêcia para comvosco he obrigação. Eya pois, amorosissimo Senhor, ja que sois a iguaria do Ceo, & o pão dos

Anjos, cõmunicainos a cõciência dos Anjos, para que dignamente recebamos esse pão do Ceo, & para que possamos subir ao mesmo Ceo dõde quizestes decer, em quanto vos rendemos os entendimentos, & vos entregamos os coraçõens, vós Senhor nos assitti com vossos soberanos auxilios, como fonte que sois da graça, & como penherq sois da gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*





S E R M A M

Q V I N T O ,

Prègado em a festa que faz a Iustiça em
a primeira Oitava do Espirito Santo
no Convento de N. Senhora do
Carmo da Cidade da Bahia.

Hoc autem est iudicium: quia lux venit in mundum.
Joann. cap. 3.

99



O dia de hontẽ
desceo o Espiri-
to Santo do Ceo
à terra em lin-
guas de fogo ; hoje desce
em raios de luz : hontem q̃
desceo ao Cenaculo dos
Apostolos, desceo em lin-
guas de fogo, porque des-
ceo para abraçar corações ;
hoje que vem assistir aos
Tribunaes da Justiça, desce

em raios de luz, porque vê
a illustrar entendimentos ;
antes se bem repararmos,
acharemos que ja no dia de
hontem descendo em lin-
guas de fogo, ja vinha em
fórma de luz ; & senão re-
paremos nas palavras do
Texto: *Apparuerunt disper-
tite linguæ tanquam ignis:*
não diz que erão linguas
de fogo, senão como de fo-
go,

go, *tanquam ignis* : & porque? Porque erão linguas de luz , erão na realidade luz , & só na apparencia fogo ; pareciaõ de fogo, porque abrazavão os coraçoes, mas erão de luz, porq̃ illustravão os entendimentos: *Sedit que supra singulos eorum*. Mas se o intento do Espirito Santo era abrazar em amor divino os coraçoes dos Apostolos, porq̃ não desceo realmente como fogo ateado em seus coraçoes, senão mais propriamente como luz assentada sobre suas cabeças? A razão a meu ver he; porque os Apostolos são os Julgadores do mundo: *Sedebitis et vos judicantes*; & alli no Cenaculo estavão ja como postos em Tribunal: *Et replevit totam domum ubi erant sedentes*: & para que se entendesse no mundo que a propriedade do Espirito Santo he assistir em forma de luz ja todos os Julgadores, por isso ja hontem desceo como luz sobre as cabeças dos Apostolos, *tanquam ignis*; porque hoje

havia de assistir a todo este Tribunal em fórma de luz: *Quia lux venit in mundum*.

100 Eu bem sey que estas palavras do nosso thema no sentido litteral fallão de Christo verdadeira luz do mundo: *Ego sum lux* ^{Ioan. 8.} *mundi*; porèm hoje có grãdissima propriedade as applica a Igreja Catholica ao Espirito São, q̃ iguالمéte he tãbem luz verdadeira: *O lux beatissima veni lumen cordium*: & digo que com grãdissima propriedade lhe dà hoje a Igreja Catholica o nome de luz; portq̃ ainda q̃ o Espirito São he verdadeira luz do mundo, comtudo nunca parece que có mais propriedade exercita o nome de luz, do que quando assiste aos Tribunaes da Justiça. Na creação do mundo, na Encarnação do Verbo, & no Bautismo de Christo tãbem desceo o Espirito Santo do Ceo à terra, & comtudo não desceo em fórma de luz, senão em figura de pomba: pois porq̃ razão desceo mais ao Cenaculo dos Apostolos em

fór-

fôrma de luz? Já fica dada a razão. Os Apóstolos são os Juizes do mundo, & ainda que o Espírito Santo se pre he luz verdadeira, quando assiste aos Tribunaes da Justiça, então he q̄ mais especialmête toma fôrma de luz. Cõ razão logo a Igreja Catholica lhe dà o nome de luz quando assiste ao Tribunal da Justiça: *Quia lux venit in mundum*. Supposto pois que hoje o Espírito Santo para assistir a este rectissimo Tribunal desceo à terra em fôrma de luz, para entendermos os documentos que dà, & a Justiça que ensina, veremos hoje as propriedades da luz, & nellas veremos as obrigações da Justiça; & como a graça he a luz principal, & mayor illustração do Espírito Santo, para vermos as propriedades da sua luz, procuremos os auxilios da sua graça. *Ave Maria.*

*Hoc autem est iudicium :
quia lux venit in mundum.* Loco ut supra.

101 **A**inda q̄ nas propriedades da luz ensina o Espírito Santo as rectidoens da Justiça, & ainda que o Espírito Santo assiste hoje à Justiça em fôrma de luz, não he o meu intento dizer que o Espírito Santo vem hoje dar dictames de justiça a este rectissimo Tribunal; porque os dictames do Espírito Santo se vem aqui tam seguidos, & taõ executados, q̄ bem mostra a experiencia que o Espírito Santo não dà hoje os seus dictames, senão que este rectissimo Tribunal em todos os seus acertos se ajusta aos dictames do Espírito Santo: pelo que declaro que as propriedades da luz, & os acertos da Justiça sobre q̄ hoje pertendo discorrer, não são para materia de conselho para tão recto Tribunal, senão para motivo de advertencia a todo o mundo,

do, & para que o mundo conheça a grandissima pontualidade cõ que este augustissimo Tribunal se ajusta aos arbitrios, & dictames do Espirito Santo.

102 Para haveremos pois de discorrer sobre as propriedades da luz, & dellas tirarmos os acertos da Justiça, havemos primeiro de suppor que a justiça se pinta com tres propriedades, ou divizas da sua rectidão: a primeira, he hũa espada na mão direita: a segunda, huma balança na mão esquerda: a terceira, hũa venda em os olhos: suppostas estas tres divizas da Justiça, entremos agora pelas propriedades da luz.

103 A primeira propriedade da luz he ser benigna: que cousa mais benigna, que cousa mais favoravel do que a luz? que qualidade mais branda, mais suave, & mais amorosa? ella he a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a delicia dos olhos, a fermosura dos astros, & em fim

o contentamento de todo o mudo: pois esta propriedade da luz ha de ser tambem a propriedade da Justiça; porq̃ a Justiça deve ser tam bráda, tam amorosa, & tam benigna como a luz. Bem conheço q̃ muitos seráo de muy contrario parecer; porque como vê na mão da Justiça defembainhada hũa espada, totalmente se persuadem que a Justiça toda deve ser rigores, toda crueldades, & toda execuçoens; mas o certo he que se engana quem assim o imagina; porque a Justiça verdadeira ha de ser Justiça, & não crueldade, & para não ser crueldade, deve temperarse com a brandura, & sò com ella ferà Justiça; & porque sey q̃ a espada da Justiça he a q̃ obriga a imaginar que toda a Justiça deve ser rigor, quero que nos sirva de prova a mesma espada.

104 Pergunto assim: E para que se armou com hũa espada a mão da Justiça? Já sabem todos que para significar o seu rigor: pois porque se não pinta a

figura da Justiça com hum cutelo, senão com hũa espada? o instrumento mais proprio do rigor da Justiça não he o cutelo? que razão haverà logo, para que nam pintem com cutelo a Justiça? porque mais a pintaõ cô hũa espada? Com grandissima razão. Entre o cutelo, & a espada ha esta differença, que o cutelo he inflexivel, he tanta a sua dureza que a nada se dobra, & se porfiaõ a que se dobre, arrebeta; & a espada? toda he pelo contrario; a espada com ser tam rigorosa, he muito branda, quanto mais se dobra, tâto tem de melhor espada, & o que he mais de admirar, q̃ ainda que a vejamos dobrarse, não deixa nunca de ficar muy recta: desorte q̃ a espada he branda, a espada dobrase, & cõtudo sempre he recta, & sempre he espada: pois assim ha de ser a Justiça, espada, sim, mas que se dobre; recta, sim, mas que se abrande; em sim ha de ser como rayo da luz, he rayo, mas benigno;

he rayo, mas he de luz.

105 Annunciando o Propheta Malachias a vinda do Verbo divino ao mundo, disse que havia de vir como Sol de Justiça no seu Oriente: *Orietur vobis Sol* Malach. 4. 2. *Iustitia*: reparo nestas palavras, que para o Propheeta encarecer a rectidão da Justiça chame a Christo Sol, não em outro qualquer ponto, senão no Oriente, *Orietur*: que para encarecer a sua Justiça lhe chame Sol? Com grandissima razão; porque na luz consiste a Justiça: porém porque lhe não chama Sol de Justiça no ponto do meyo dia, ou no ponto do occaso, senão no ponto do Oriente? Direy: No ponto do meyo dia està muy ardente o Sol, està muito intenso o seu calor, & muy vehemente o seu incendio; & no Oriente? està o Sol muy benigno, muito brando, & muito favoravel, & como o Propheeta pertendia encarecer os acertos da Justiça de Christo, por isso o não cõsiderou como Sol de Justiça

ça no meyo dia, onde o Sol está mais rigoroso, senão como Sol de Justiça no Oriente, onde o Sol está mais brando: *Orietur vobis Sol Iustitiæ*. Porém no occaso não he igual a brandura do Sol? pois porque razão não chamou o Propheta Sol de Justiça a Christo no occaso, senão Sol de justiça no Oriente? Por duas razões: primeira, porque no occaso, ainda que está brando o Sol, já no meyo dia tem sido rigoroso, & a brandura depois do rigor, já nam he brandura, porque em fim já se tem executado o rigor: a segunda razão he, porque o Sol no seu occaso de tal maneira está brando, q já no mesmo dia não ha de ser rigoroso: pois por isso o Propheta não poé a rectidão da Justiça na brândura do Occaso, senão na brândura do Oriéte; porqno Oriéte de tal maneira está brado o Sol, q está ameaçando os rigores do meyo dia. Esta he a propriedade do verdadeiro Sol de Justiça, nem ha de estar no meyo dia, onde tu-

do he rigor, nem no occaso, onde tudo he brandura; ha de ser Sol no Oriente, onde o mundo tema o rigor que ameaça, & onde com tudo illustre com brânduras ao mundo: *Orietur vobis Sol Iustitiæ*.

106 Mas qual será a razão porque o Sol da Justiça ha de ter a brandura do Oriente, & não o rigor do meyo dia? A razão deo pôtuamente o mesmo Propheta: *Et sanitas in pennis ejus*: Este Sol de Justiça, diz o Propheta, não vem para destruição do mudo, senão para seu remedio, & para sua conservação: pois Justiça que he para a cõservação do mundo, não ha de ter os rigores do meyo dia; ha de ter as branduras do Oriente: não he luz que vem para abraçar, porque não vem para destruir; he luz que vem para luzir, porq vem para remediar: *Orietur vobis Sol iustitiæ, & sanitas in pennis ejus*. He tão certo este dictame, que se o mesmo Deos ouvesse de governar ao mundo sómen-

te cõ os rigores da sua justiça sem as branduras da sua misericordia, não faz duvida nenhũa que se destruire todo o mundo; & para que não pareça encarecimento, vamos à experiencia, & veremos a prova.

107 Castigou Deos ao mundo todo cõ o diluvio de agua, & do mesmo modo o ha de castigar cõ o diluvio de fogo; mas qual he a differença destes dous diluvios? He bem notavel a sua differença: castigou a primeira vez ao mundo cõ o diluvio de agua, & depois de executar o castigo, tornou outra vez a continuar o mundo: castigará segunda vez ao mundo cõ diluvio de fogo, & reduzindo tudo a cinza, acabará o mundo todo por hũa vez: pois qual he arazão de hũa differença tão notavel? hũ, & outro diluvio não são ambos execuçoens da divina Justiça? pois se no primeiro diluvio se não destruiu o mundo de todo, porque mais no segundo diluvio ha de ficar todo o

mundo destruido? ou se no segundo diluvio se ha de destruir todo o mundo, porque não ficou tãbem destruido no primeiro? Por que no primeiro diluvio de tal maneira se executou a justiça, que tãbem houve misericordia; & no segundo não ha de haver misericordia algũa, porq̃ tudo ha de ser justiça: no primeiro de tal maneira se executou a justiça, que tãbem houve misericordia; porque ainda que todo o mundo ficou afogado nas agoas do diluvio, ainda houve misericordia para oito almas, ainda houve hũa arca de Noè, & ainda houve misericordia de Deos: pelo contrario no diluvio de fogo, nem a huma só vida se ha de perdoar, todo o mundo inteiramente ha de padecer as mesmas chamas, & todo se ha de reduzir às mesmas cinzas: pois eis ahi a razão, porq̃ conservandose o mundo no diluvio de agua, se ha de destruir com o diluvio de fogo; & he, porque a

Justiça sem misericordia não he para remediar, he para destruir, & a Justiça com misericordia, só essa não he para destruir, senão para remediar. Mas qual he o intento da verdadeira Justiça? Não està claro que ainda nas execuçoens dos castigos não he o seu intento a destruição dos povos, & das Rêpublicas, senão a sua paz, & a sua conservação? Logo claro està tambem que a perfeita Justiça deve acompanhar-se da misericordia: o rigor exaspera, a brandura remedeia; & como a Justiça se introduzio no mundo para remedio, & não para destruição, bem se segue que ha de haver misericordia para haver justiça.

108 Nenhũa justiça pôde haver mais justa, nenhũ castigo pôde ser mais ajustado do que aquelle qvem pela mão de Deos, & comtudo he muito de reparar que o mesmo Deos renunciou todo o direito da Justiça, & o entregou todo a seu Santissimo Filho: *Pa-*

ter non judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio: pois porq' razão não ha de julgar o mundo o Pay, senão o Filho? o Pay não he Deos? não he sabio? não he recto? não he justo? pois porque mais ha de julgar o Filho, do que o Pay? A razão deo-a o mesmo Filho: *Quia Filius hominis est*: o Filho de tal maneira he Deos, que juntamente he homem: sobre a essencia de divino, tem tambem a natureza de humano, & isto de ser humano he hũa circumstancia tam relevante para ser Julgador, que até no mesmo Eterno Padre onde se achão infinitamête todos os attributos de divino, só porque lhe faltou a circumstancia de humano, parece que não diz bem o officio de Julgador: parece que melhor diz o officio no Filho, só porque nelle se ajuntou a natureza de humano sobre os attributos, & a essencia de divino: *Pater non judicat quemquam, sed omne iudicium acuit Filio, quia filius hominis est.*

109 Para ultima confirmação deste discurso, reparo : porque razão ha de ser o Espírito Santo o Presidente, & arbitro da Justiça? a jurisdicção da Justiça não se funda no poder? pois se o attributo especial do Eterno Padre he a divina Omnipotencia, porque se não escolheo para Presidente da Justiça ao Eterno Padre? Mais : os acertos da Justiça não se fundão todos no juizo, na prudencia, & na sabedoria? pois se ao Verbo Eterno se attribue mais especialmente a sabedoria de Deos, porque se não elegeo para Presidente da Justiça ao Verbo? & já que se não elegeo nem ao Eterno Padre, nem ao Verbo divino, porque mais se elegeo ao Espírito Santo? Porque o Espírito Santo, como procede da vontade, todo he amor, & sendo partes tam principaes da Justiça o poder, & a sabedoria, tanto conduz o amor, & a piedade para a Justiça, q̄ preferindose ao poder, & à sabedoria, só porque o Es-

pirito São he amor, o mais proprio Presidente da Justiça deve ser o Espírito São. Oh que bem governado Tribunal onde este amor assiste! Oh que acertado juizo onde preside este amor! Por isso ao Tribunal dos Apostolos nam desceo o Espírito Santo como fogo, senão como luz, *tamquam ignis* : por isso como luz benigna assiste hoje o Espírito Santo a este rectissimo Tribunal : *Quia lux venit in mundum*.

110 A outra propriedade da luz he ser apressada, & de tal maneira he a pressa propriedade da luz, que parece nella se vê contra toda a Philosophia que ha moto instantaneo; porque apenas apparece a luz no Oriente, quando todo este Emisferio, & todos os seus Horizontes no mesmo instante se vem banhados de luz. Ra gase húa nuvé no Ceo, & logo no mesmo instante se ve o relampago; sendo que dahi a muito se ouve o trovão : disparase húa peça na terra, & primeiro se ve o
fogo

fogo do que se ouça o estrondo: de maneira que relampago, & trovão tudo he no mesmo tempo: fogo, & estrôdo tudo he no mesmo ponto, & com tudo primeiro se ve o relampago, & primeiro se ve o fogo; porque esta he a propriedade da luz, he tam apressada, q̄ parece instantanea, & he tam veloz, porque isso he ser luz. Esta he a propriedade da luz, & esta deve ser tambem a propriedade da Justiça.

III Mas dirà alguê que a segunda mão da Justiça està armada contra esta propriedade da luz, porq̄ na mão esquerda da Justiça, q̄ he o q̄ vemos? Húa balança: & que significa esta balança que té na mão? Significa que as resoluções da Justiça devem ser tomadas com muito pezo, & com toda a ponderação: tomar o pezo às cousas, & ponderar a gravidade, & as circumstancias dellas, que duvida faz que demanda tempo, & vagar? pois logo como digo eu q̄

a velocidade da luz deve ser parte da Justiça? Ora veção como na mesma balança da Justiça se representa a velocidade da luz. Todas as cousas ajustadas cõ a verdade, & com a razão são aquellas que se levão por pezo, cõta, & medida: pois porque se não pinta a Justiça cõ a Arifmetica numerando contas, ou com húa vara tomando medidas, senão cõ húa balança tomãdo pezo? Porque nas contas, & nas medidas sempre ha de haver algum vagar, & no pezo tudo he velocidade, apenas se poem o pezo na balança, quando arrebaradãmete de húa parte se inclina, & da outra se levãta pois esta velocidade da balança, ha de ser a velocidade da Justiça: tudo se ha de pezar; tudo se ha de ver; tudo se ha de ponderar, mas tudo com velocidade, porque esta he a propriedade da luz, & nella consiste a formalidade da Justiça.

112 Segunda vez nos ha de abrir os olhos, & dar a conhecer esta verdade o

mesmo Sol do Propheta Malachias. Diz que o Sol de Justiça trazia a saude, & o remedio nas pennas : *Et sanitas in pennis ejus*: o que nós vemos he Sol com luzes; porèm Sol com azas? quem vio ja mais có azas ao Sol? Pois logo como diz o Propheta que o Sol de Justiça não sómente havia de vir có luzes, senão também có azas? He q̃ não fallava o Propheta do Sol da natureza, senão do Sol da Justiça, & o Sol da Justiça ha de correr tam arrebatado, que não só pareça que vem correndo, senão também que vem voando. Ora notem: o curso do Sol material he tão veloz, & tão arrebatado, que como dizem os Astrologos, corre em cada hora trezentas & oitenta mil legoas, & côm-tudo deve o Sol de Justiça ser tão veloz que ainda todo este curso do Sol, sendo tão arrebatado, ainda para o Sol da Justiça lhe vem a ser vagaroso, sobre estes passos tão apressados do Sol da natureza, se de-

vem ainda acrescentar azas ao Sol da Justiça: mas porque razão? Porque nisso he que está o remedio, em que não só venha correndo, senão voando: *Et sanitas in pennis ejus*. E reparem que às azas com que a Justiça ha de voar não lhe deo o Propheta o nome de azas, senão de pennas, nos despachos das pennas he que está o voo das azas, nas azas he que está o remedio, porq̃ nas pressas he que se ve a luz, & nellas he que se ve a Justiça: *Orietur vobis Sol Justitiæ, & sanitas in pennis ejus*.

113 Hetam natural propriedade da Justiça esta circunſtancia da pressa, q̃ quando os vagares não se-jão materia para a censura, pelo menos sempre o devê ser para a admiração: estar hũa causa parada, as partes suspensas, & o pleito sem correr, que cousa mais para admirar? Parou o rio Jordão para dar passagem à Arca do Testamêto; & admirado David de ver oſtroy parado, rompeo nestas pala-vras:

113
2
vras: *Et tu Jordanis quia conversus es retrorsum.* Da vid admirouse de ver parado o Jordão, eu admirome de ver admirado a David: assim como David soube q̄ o Jordão se suspendeo em huma muralha de aguas, não soube tâbem que o mar Roxo se formou em duas muralhas? pois se se não admira de ver a suspensão do mar, porque mais se admira de ver a suspêsão do rio? Dirá alguem que se não admirou de ver o mar suspenso, porque soube que alli obrava o braço de Deos para dar passagem ao Povo de Israel: & não sabia tambem que parar o Jordam foy empenho do mesmo braço para dar passagem ao mesmo Povo? pois porque mais se admira de ver parado o rio, vêdo por ambas as partes parado o mar? A razam da differença he, que o Jordam segundo a sua etymologia val o mesmo q̄ *fluvius judicij*: quer dizer, rio de juizo: por rio havia de correr, por juizo não havia de parar; & que

quando por dous titulos tam forçofos devia correr o Jordão, que em vez de correr se visse parar! esta foy a admiraçam de David. Em todo o tempo era muito justa a sua admiração; porém naquella occasiã foy muyto mais justa, porq̄ naquella occasiã passava a Arca do testamento; & q̄ se incluia na Arca? Astaboas da Ley, & a vara de Moyses: & q̄ à vista das Leys, à vista da vara deixasse o juizo de correr! grande materia para se admirar. E para que melhor vejamos a razaõ cõ que se admira David, reparemos nas palavras cõ que se admira: *Et tu Jordanis quia conversus es retrorsum*: não diz que se admira de ver o Jordão parado, diz q̄ se admira porque o Jordão tornou para trãs: *Conversus es retrorsum*: parece que não havia de dizer assim, porque tanto que a Arca do testamento chegou ao rio Jordão, para poder passar livremente, bastava que as aguas desta parte corresse, como corrêrão, para o mar,

& bastava que as aguas de estoutra parte ficassem detidas, & suspensas emquanto passava a Arca do testamento : pois logo porque não diz David que as aguas desta parte só paráráo, senão que retrocedêráo ? Porque não diz só que ficarão suspensas, senão que tornarão para trás ? Porque o Jordam (torno a dizer) he rio de juizo : parar o juizo, não só he parar, he retroceder, deixar de correr a causa, he tornar o juizo para trás, não só he estar parado, mas he para ficar corrido, & não só he para que se admire David, senão para que se admire todo o mundo. *Et tu Jordanis quia conversus es retrorsum.*

114 Bem cõheço que as causas, & a averiguação dellas depende de tempo, & de vagar, estes vagares ninguém os condena, antes todo o mundo os louva, os vagares que se estranhaó, & de que o mundo se queixa, são aquelles que nascem do descuido, da negligencia, & da omisção, & se se

dá caso em que tal vez por arte, & pôr industria se retardem as causas, & se deixem de tomar as resoluções, não sómente seriaó os vagares para admirarse, senão tambem para reprehenderse, porque assim como he obrigação dos Ministros examinar com toda a ponderação todas as causas; assim tambem dar expediencia às partes, aos pleitos, & às sentenças he sua igual obrigação.

115 Quem mais Senhor do mundo do q̄ Deos? & comtudo de que maneira julga Deos as causas do mundo? Vejamos o q̄ diz o Propheta Daniel : *Iudicium sedit, & libri aperti sunt* : diz se sentará Deos no Tribunal de sua Justiça, & que pegará nos livros, ou para ver o ponto, ou para examinar o facto: & acrescenta o mesmo Propheta, q̄ o throno de Deos estava sobre hûas rodas, as quaes diz que eraó de fogo: *Thronus ejus flâmæ ignis: rotæ ignis accensus.* Notavel throno, & notavel Tribunal ! Tribunal

bunal sobre rodas? Se a Justiça de Deos se assentou: *Judicium sedit*; seguese que foy para ver muito de assêto os autos. & os livros, & *libri aperti sunt*: pois se o mesmo Deos se poem de assento no seu Tribunal do Juizo, que razão ha para q̄ tenha rodas o seu Tribunal? Deos ha de estar assentado como immovel, & ha de ser movel, & ha de andar sobre rodas o Tribunal de Deos? Sim, que isso mesmo he ser Tribunal de Deos, Tribunal que anda, Tribunal que não para, & Tribunal que para andar em hũa roda viva caminha sobre muitas rodas: *Rotæ ignis accensus*. E reparem que a materia destas rodas era de fogo; & porque? Porque o fogo he o elemento mais activo, mais efficaç, & mais executivo que todos os outros elementos: esses haõ de ser os Ministros do Tribunal da Justiça, haõ de ser tam activos, q̄ pareçaõ fogosos, haõ de ser tam efficaçes, q̄ pareçaõ repentinos, haõ de ser tam exe-

cutivos, que pareçaõ accelerados: *Et rotæ ignis accensus*.

116 Este era o throno, ou o Tribunal da Justiça de Deos, & esta foy a Justiça que ensinou na terra o Espirito Santo: he verdade que se assentou como em Tribunal, *seditque*, porém formado em chamas de fogo, *tamquam ignis*: & para mostrar a velocidade cõ q̄ vinha, diz que veyo cõ estrondo tam repentino que se anticipou à mesma luz: *Factus est repente de Cælo sonus tamquam advenientis Spiritus*: o estrondo sempre costuma ser tam vagaroso, que sempre se ouve depois da luz; porém na vinda do Espirito Sãoto não só foy apressada a luz, tãbem foy repentino o estrondo: *Factus est repente de Cælo sonus*: em fim vinha ensinar os acertos da Justiça, por isso veyo cõ as pressas da luz: *Quia lux venit in mundum*.

117 Ainda que a luz tem outras muitas propriedades; cõ tudo, como as di-

divizas da Justiça são somente tres; & como das tres Pessoas da Santissima Trindade o Espirito Santo, que he a terceira, he tãbem a ultima, seja a ultima propriedade da luz, a que por ordem he a terceira: & qual he esta propriedade? He ser a luz universal: a luz não he somente para o dia no Sol, tãbem he para a noite nas Estrellas; não he sô para os montes, tãbem he para os valles; não he sô para os grandes, & poderosos, tãbem he para os pequenos, & humildes; & o que mais he, não he sô para os bons, & para os justos, tãbem he para os mãos, & para os peccadores: *Qui Solem suũ oriri facit super bonos, & malos.* Esta a meu ver he a mais soberana propriedade da luz; & esta deve ser a principal parte da Justiça: assim como a luz sem exceiçam de pessoas, nem de estados, nem de fortunas, para todos he universal; assim a Justiça sem exceiçãõ alguma deve ser universal para todos, tanto pa-

ra os grandes, como para os pequenos, tanto para os ricos, como para os pobres, tanto para os humildes, como para os poderosos, tanto para os estranhos, como para os naturaes, para todos deve ser igual a Justiça, porque a Justiça, sob pena de ser injustiça, deve ser igual, & universal para todos: *Super bonos & malos.*

118 Parece que cõtra este documento da luz està a ultima diviza da Justiça; porque a sua ultima diviza, he a cegueira, hũa venda nos olhos he a ultima diviza da Justiça: logo a Justiça não deve ser universal para todos. Provo: porque quem està com os olhos vendados, não se governa senão pelo tacto das mãos, & como nem todos pòdem ser tocados com as mãos, segue-se que a Justiça não pòde ser igual para todos. Respondo, que esta mesma diviza nos significa esta propriedade, porque para isso se vendaraõ os olhos da Justiça, para que a Justiça se não governe

pe-

pelos olhos; se a Justiça se governara pelo que vê, não fora Justiça; a Justiça não deve governar-se pela grandeza das pessoas, senão pelo merecimento das causas, não ha de olhar para as pessoas, nem para as fortunas, nem para as qualidades, nem para as valias, & em fim para nada deve olhar; porque como estas singularidades se não achão em todos, não fora universal a Justiça, se não prescindira destas singularidades: pois para ser universal, que remedio? Não olhe para as pessoas, attenda sómente para as causas, & para isso teche os olhos, & abra os discursos, & só deste modo será Justiça, porque só deste modo será universal.

119 Ultimamente nos ha de tãbê illustrar este discurso o Sol do Propheta Malachias. Diz o Propheta para encarecer a Justiça de Christo, q̄ Christo ha de ser Sol de Justiça: *Orietur vobis Sol Justitiæ*: & não diria muy bê se lhe chamasse espelho, ou estrella, rayo, ou

flor da Justiça? Pois porq̄ lhe não chamou flor, rayo, estrella, ou espelho, senão Sol? Porque os espelhos são de seus donos particulares: as estrellas hũas são do Norte, outras do Sul, hũas alumeaõ em hum Emisferio, outras em outro: os rayos tem ponto fixo onde vão ferir: as flores tem sitios determinados onde costumaõ nascer: o Sol sendo tam singular, he todo universal, corre todo o Zodiaco, chega a ambos os Tropicos, illustra ambos os Emisferios, & em fim he todo universal para todos: pois como neste ponto de ser universal consiste o todo da Justiça, por isso Malachias para dar a conhecer ao múdo a Justiça de Christo, disse que havia de ser como o Sol: *Orietur vobis Sol Justitiæ*.

120 Com varios exemplos pudemos mostrar a importancia desta universalidade da Justiça, porèm já que os Apostolos foraõ os principaes Ministros sobre quem desco

o Espírito Santo, vejamos este exemplo nos mesmos Apostolos. Para Julgadores do mundo escolheu Christo a doze Apostolos: *Sedebitis & vos judicantes*: & para os fazer acertados Julgadores, de pescadores de peixes os fez pescadores de homens: *Faciam vos fieri piscatores hominum*: porém he de reparar que os Apostolos de Christo nam eraõ pescadores de cana, senão pescadores de rede: *Mittentes retia in mare: re-ficientes retia sua*: pois que mais tem com o officio de verdadeiros Julgadores o ser pescador de redes, ou o ser pescador de cana? Está bem claro o que tem de mais: a cana do pescador he muy differente sendo para peixe grande, do que sendo para peixe pequeno, a cana com o peixe pequeno não se dobra, antes fica muito recta, & com o peixe grande, toda se torce, toda se dobra, & tal vez tambem se quebra: de maneira que a pesca da cana não he igual para todos, he

húa para os grandes, outra para os pequenos: & a pesca das redes? para todos he igual, grandes, & pequenos, graúdo, & miúdo a tudo abrangem, tudo abarcaõ, tudo cercaõ, tudo levaõ, & tudo comprehendem as redes: pois por isso Christo não escolhe para Julgadores do mundo pescadores de cana, senão pescadores de redes; porque a Justiça para ser Justiça ha de ser igual, & para ser igual ha de ser para todos; se he favoravel para huns, seja para todos favoravel; se he rigorosa para os pequenos, seja para os grandes rigorosa; se he expediente para os grandes, seja tambem para os pequenos; & em fim não attenda a Justiça se he grande ou pequeno, senão só ao que he Justiça.

121 Assim formou Christo aos Julgadores do mundo, para assim os conformar com os dictames de Deos. Deos, como todos sabem, he o supremo Juiz de todo o mundo, & quando

o vier a julgar, porque parte virà Deos? Esta duvida teve David pondose a considerar por donde viria Deos a julgar o mundo: perguntou se viria pela parte do Oriente, & diz que não: *Neque ab Oriente*: se virà, diz, pela parte do Occaso? Responde da mesma sorte: *Neque ab Occidente*: se virà pelo Septétriaõ? se virà pelo Meyo dia? se virà pelos valles? se vira pelos montes? Por nenhũa destas partes virà *Neque à desertis mōtibus*: pois por onde ha de vir? Por nenhuma parte: & porque? Porque ha de vir como Juiz: *Quoniam Deus Iudex est*: pois porque Deos ha de vir como Juiz, por isso não, ha de vir por parte algũa? Sim; porque se viera por algũa parte, viera ja parcial, & quem vem como verdadeiro Juiz, por nenhũa parte vem, vem como indifferente, vem como igual, vem como absoluto, & vem como universal, só deste modo vem, quem vem como Juiz; & por isso Deos, que

he o exemplar de todos os Juizes, quando vier a julgar o mundo, como ha de vir como justo Juiz, ha de vir como Juiz universal: *Neq; ab Oriente, neq; ab Occidente, neq; à desertis mōtibus, quoniã Deus Iudex est.*

122 Só nos falta confirmarmos tãbem este ultimo discurso có a vinda do Espirito Santo. Confirmo, & acabo. Diz o Texto, que descêra o Espirito Santo sobre os Apostolos, & que se sentàra igualmente todo sobre todos: *Seditque supra singulos eorum.* Eu cuidava que como S. Pedro era cabeça de toda aquella congregação, o Espirito Santo se communicasse mais a S. Pedro, ou mais a S. João, por ser o Discipulo mais amado; ou mais a S. Mattheos, por ser entre os Evangelistas o primeiro; & assim discorrendo pelos mais Apostolos poderia haver razoens para se comunicar a huns menos, & a outros mais; porèm igualmente todo a todos? qual seria a razão? A razão he;

por;

porque em se assentar como luz, mostrou que era Juiz, & Presidente das Justiças, & hũa vez que vinha como Juiz, havia de ser todo para todos: foy Juiz, *Seditque* ? pois ha de ser igual em todos, *Supra singulos eorum*: em fim vinha como luz, & era força que viesse como universal: *Quia lux venit in mundum.*

123 Tenho acabado de mostrar os dictames da Justiça nas propriedades da luz, & quando parece q' só o Espírito Santo he o q' nos inculca estes dictames, acabo agora de entender, quando acabo, que toda a Santissima Trindade nestas tres propriedades da luz nos inculca as tres divizas da Justiça: na omnipoten-

cia do Pay se inculca a espada, na sabedoria do Filho se entrega a balança, no amor do Espírito Santo se intima a cegueira; mas todas estas tres divizas da Justiça cõ as tres excellências da luz, a espada com a misericordia, a balança com a pressa, a cegueira cõ a universalidade: o mesmo Espírito Santo como Author destes dictames, & arbitro das Justiças assista com sua superior influencia a todo este rectissimo Tribunal, para que assim como sabem seguir ao Espírito Santo nos acertos da Justiça, sollicitem tãbem alcançar os auxilios de sua Divina graça, para merecer o premio da eterna Gloria: *Quam mihi & vobis, &c.*





S E R M A M

S E X T O,

Prègado em a terceira Dominga da
Quaresma.

Erat Jesus ejiciens Dæmonium, & illud erat mutum.

LUC. II.

124 **E**M todo o tempo
deveraõ os Prè-
gadores prègar
ao mundo mate-
ria que o nosso descuido re-
duzio a este só tempo. Esta-
mos em o tempo santo da
Quaresma, tempo em que
a Igreja obriga a todos ao
Sacramento da Penitência:
estamos na terceira Do-
minga, dia em que os Prè-
gadores persuadem aos ou-
vintes o Sacramêto da Cõ-
fissão. Por isso São Paulo

chama a este tempo, tem-
po de remedio, & chama a
este dia, dia de saude: *Ec-
ce nunc tempus acceptabile:
ecce nunc dies salutis* : po-
rèm se todo o tempo he de
enfermidade, porque não
seria todo o tempo de re-
medio? Nas enfermidades
do corpo todas as vezes q̃
padecemos o mal, procu-
ramos logo o remedio : &
quanto mayores males são
as enfermidades da culpa,
que os achaques da nature-
za?

I

za?

za? Pois se todas as vezes que padece enfermidades o corpo, lhe buscamos o remedio, porque não trataremos do remedio todas as vezes que sentimos enfermidades da alma? Se a todo o tempo, & todos os dias estamos cahindo no mal da culpa, porque nam trataremos do remedio da Confissão a todo o tempo, & todos os dias, & não sey se diga que a tod s as horas, & a todos os instantes? Mas oh desgraça, & oh descuido da humana natureza, que buscando com tantas ancias o remedio das enfermidades do corpo, assim se descuida, & se dilata no remedio da sua mayor enfermidade! Considerádo, & conhecendo a Igreja Catholica este nosso universal descuido, applicou ao menos para o remedio da Confissão este tépo santo da Quaresma, & o dia q os Pregadores escolherão para persuadir este remedio he o dia de hoje, porq hoje temos no Evangelho a hum Demonio fazedo em-

mudecer a hum homem, & a Christo fazendo fallar a hum homem emmudecido pelo Demonio: *Erat Iesus ejiciens Demonium, & illud erat mutum.*

125 Este Evangelho conclue o Evangelista São Lucas, referindo a admiração das turbas, & ainda que todos convenhão nesta sua admiração, eu não hey de admirarme hoje com as turbas; antes pelo contrario, das turbas he que venho hoje admirarme. E se não digaõ-me: de q se admirarão as turbas? Dirmehão, q se admirarão de ver a Christo fazer fallar a hū mudo; mais me admirara eu de ver a Christo emmudecer a hum fallador: he verdade que fazer Christo fallar a hum mudo foy obra de sua divina Omnipotencia; porèm tambem foy obra accõmodada à postulancia da nossa natureza: quanto mayor he a repugnancia contra a natureza, tanto mayor he o prodigio da Omnipotencia fazer fallar a hum mudo, he o que a

natureza pede; fazer em mudecer hũ fallador, he o q̃ a natureza repugna: logo mais se podião admirar as turbas de ver a Christo em mudecer a hũ fallador, do que de ver restituir a falla a hum mudo: pois logo de que se admirarão as turbas?

126 Dirmehão que se admirarão de ver a hũ Demonio mudo: mais fundada me parece esta admiração; porque sendo a soltura da lingua propriedade tam diabolica, como foy possível que ouvesse hum Demonio que tivesse refreada a lingua? Os homês q̃ são soltos da lingua, na realidade não vivê como homês, fallão como Demonios: parece logo digno de admiração que ouvesse hum Demonio que em mudecesse, & callasse para confusão dos homens: comtudo ainda não he esta causa digna de admiração; porque o Demonio não era mudo, era hum Demonio que tinha a hum homem em mudecido; & ainda que he propriedade do Demonio

fazer fallar aos homens, quando este homem havia de fallar para seu bem, que o Demonio o fizesse em mudecer para seu mal, não he para admirar no Demonio: pois logo de que se admirarão as turbas.

127 Parece que se admirarão de que este homê se deixasse em mudecer do Demonio: que a este homê lhe importasse fallar, & que comtudo se deixasse em mudecer? grande materia de admiração! Affim he: por isso eu digo que me não admiro có as turbas, senão q̃ me admiro das turbas: se as turbas achavão q̃ era para admirarse que este homem deixasse em mudecerse, como se deixão em mudecer as turbas? Se os homens se admirão de que hum Demonio tenha em mudecido a hum homem; como se não admirão os homens todos de si mesmos vendo se em mudecidos pelo Demonio? Os homens que estão mudos para confessar suas culpas, os homês que vivem mudos para o

Sacramento da Confissão, que vos parecé q' os té mudos? qué senão o Demonio? Pois disto he que me admiro, este he o meu pasmo, effta a minha admiração. Direis que vos não emmudece o Demonio, senão q' ha outras muitas causas q' vos emmudecem. Ora eu hey de impugnar hoje estas causas, & hey de mostrar que quem vos emmudece não he senão o Demonio: para que eu vos persuada esta verdade, & para que vos aproveite esta doutrina, peçamos primeiro a Deos que nos assista có sua divina graça. *Ave Maria.*

Erat Iesus ejiciens Dæmonium, & illuderat mutū.

Loco supra.

128 **T**emos a hum homem emmudecido pelo Demonio, & quando todos se admirão de que o Demonio o emmudecesse, eu não me admiro senão dos que se admirão, por que estão tam emmudecidos como elle, té por novidade

verem a este homé emmudecido: já vejo que me perguntão, quaes são os homens a quem o Demonio tem emmudecido? Respondo, q' são todos aquelles que deixão de confessar as suas culpas. Assim o disse Estella: *Efficit mutum hominem Dæmon, ut ne queat Sacerdoti confiteri sua peccata.* Contra esta verdade tam certa, & tam experimentada costumão responder os emmudecidos com tres desculpas; estas quero eu hoje ouvir, & estas pertendo eu hoje impugnar.

129 É começando pela primeira: dizem todos os emmudecidos para o Sacramento da Confissão, que quem os emmudece, não he o Demonio, senão o pejo, & a vergonha da enormidade de suas culpas. Valhame Deos! não tiveste peccador vergonha de as cometer, & tens vergonha de as confessar? Ora vé como te não emmudece o pejo, senão o Demonio. para persuadir esta verdade ha-

Stella
in 2. l. c.
Luc.

vemos de suppor, que no Sacramento da Confissão podem concorrer duas fortes de pejo: hum pejo da intrinseca natureza da Confissão, & merecimento della, o qual infunde Deos; outro pejo que difficulta, & impossibilita a confissão, o qual causa o Demonio: se o pejo que tendes de vossas culpas he infundido por Deos, necessariamente vos haveis de confessar; se o pejo que tendes de vossas culpas he causado pelo Demonio, necessariamente haveis de emmudecer: segue-se logo que se emmudeceis, he porque vos emmudece o Demonio. Vamos ao primeiro pejo infundido por Deos.

130 Agradouse Deos de hũa alma, & querendo dar o motivo do seu agrado, disse que era hũa alma que tinha as duas faces como dous pedaços de romã: *Quasi fragmen mali punici, sic genæ tuæ*: pareciam a mim q̃ para se louvar o ro do das faces, se havia de explicar pelo encarnado das

rosas: pois porque as não comparou Deos com a belleza das rosas, senão cõ os pedaços da romã? Direy o que me parece: Deos foy aqui a mostrar o quanto se agrada de que huma alma se corra, & se envergonhe de suas culpas, & como no sangue que sahe às faces se verifica o pejo do coração, por isto Deos para mostrar que se agradava de que hũa alma tivesse pejo de suas culpas, disse que se agradava de ver a cor de suas faces: ainda não está solta a dúvida: & nas rosas não está tãbem o encarnado das faces? pois porque não explicou Deos a cor das faces pelo encarnado das rosas? porque mais o explicou pelo despedaçado das romãs? Vejaõ o mysterio: as rolas he verdade que representaõ o pejo das faces, como representão as romãs; porê cõ esta differença, que as rosas mostraõ o encarnado, não só estando abertas, senão tãbem estando fechadas; porém as romãs não mostraõ a cor do sangue se-

não abrindose, & explicandose : pois eis ahi a razão porque Deos quando se agrada do pejo de hũa alma, não quer q̃ as faces de hũa alma se vistaõ de cor como a rosa, senão como a romã: correrse huã alma, & envergonharse de sua culpa, & cõtudo fecharse, isso he cor da rosa, não he o de q̃ Deos se agrada ; correrse huã alma de sua culpa, & envergonharse della, & cõtudo arrebêtar de dor, despedaçarse de pena, abrirse, & explicar-se, mostrar a cor de seu pejo, & cõtudo abrir-se, padecer o sentimento do seu peccado, & cõtudo explicar-se, esta he a cor da romã, & este o pejo de que se agrada Deos ; por isso não explicou o seu agrado pela cor da rosa, senão pela cor da romã : *Quasi fragmen mali punici, sic genæ tuæ.*

131 Dirã comtudo alguẽm, que custa muito vencer este pejo ; mas não custasse ; por isso mesmo he merecimento, porq̃ he custoso : custou ao Redem-

ptor do mũdo o perdão de nossas culpas o sangue de suas veas, não nos custaria a nõs o sangue de nossas faces ? tão facil he alcançar o perdão, que nos não haja de custar padecer algũ pejo ? No louvor que o Espofo divino deo às faces da quella alma, não poza maior força no purpureo, senão no despedaçado: *Quasi fragmẽ* : se ao encarnado da romã lhe não custàra despedaçarse para abrirse, por ventura que se não agradàra Deos tãto da romã : se ao pejo que tem huã alma para abrirse ao Confessor lhe não custàra fazer de si pedaços, por ventura que se não agradàra Deos tanto desse pejo : logo para Deos se agradar, necessariamẽte se ha de o pejo vencer, necessariamente se ha de a cõciencia abrir, & se ha de a alma explicar ; & pelo seguinte se se fecha huã alma, se se não explica a consciencia, se se não descobre o interior, pejo tão fechado, não he este o pejo de q̃ Deos se agrada, nem se pôde

de dizer que o causa Deos: pois logo quem dir mos q̄ o causa? Sabeis quem? O Demonio: quando o pejo vos fecha a boca, o Demonio vos causa o pejo.

132 Peccou Adão, & envergonhado de si mesmo, & de sua propria culpa, diz o Texto sagrado q̄ por se não atrever apparecer diãte de Deos fugira de sua presença, & se fora esconder no meyo dos bosques do Paraíso: *Abcondit se Adam à facie Domini in medio ligni Paradisi*: dous pejos teve aqui Adão: o primeiro me parece muito justo; o segundo me parece muito sospeitoso: o primeiro he muito julto; porque se envergonhou de si mesmo quando se vio despido da graça: *Cognoverūt se esse nudos* pareceme sospeitoso o segundo; porque se envergonhou de Deos de tal forte, que fugio do proprio Deos: *Abcondit se Adam à facie Domini*: toda a acção que se faz desviandose, & fugindo de Deos hũa alma, não pôde ser unida, nem

conforme com Deos: se-guese logo, que não foy causado por Deos este segundo pejo de Adam, pois era pejo fugindo, & apartandose de Deos: pois logo quem lhe causou aquelle pejo? Para responder a esta duvida reparo, q̄ entrando Deos pelos bosques do Paraíso em busca de Adam, tabem là achou a Serpente dentro dos mesmos bosques: & qué levou a Serpente a esconderse có Adam, ou para melhor dizer, quem levou a Adam? Quem senão a Serpente? A mesma Serpente que o tinha guiado para a culpa, o guiou tambem para o bosque, & por isso Deos achou tambem a Serpente, onde achou Adam: não he logo de admirar que o pejo que teve Adam do seu peccado fosse desviandose de Deos; pois era pejo causado pelo Demonio: mas que se seguiu desse pejo? Entrou Deos em cõtas com Adam, com Eva, & com a Serpente, que todos achou juntos nos bosques do Paraíso; &

fendo que a Serpête fallou tanto quando induzio para a culpa, emmudeceo totalmente quando foy para a confissão: Adam que se havia de confessar culpado, lançou a culpa a Eva, Eva que se havia de confessar culpada, lançou a culpa à Serpête; parece que a Serpente ainda que mais muda andou mais advertida, porque não lançou a sua culpa a ninguem, ainda que não confessou a sua culpa.

133 Eis aqui o que faz o pejo causado pelo Demonio, pejou-se Adam, pejou-se Eva, & dahi se seguiu não confessar a sua culpa Adam, nem confessar Eva a sua culpa. Oh desgraçados filhos de Adam, & Eva, que quanto vos deixais enganar da Serpente para o peccado, tanto vos deixais levar da Serpente para o pejo, & quanto vos cega o engano do pejo, tanto se vos impossibilita o remedio da Confissão! Abri pois os olhos, & adverti que se o pejo he causado por Deos, forçosamête vos haveis de confessar; & se he causado

pelo Demonio, forçosamête haveis de emmudecer. Envergonhouse o Publicano de levantar os olhos a Deos: *Nolebat oculos ad Cælum levare, & dahi se seguiu confessarse peccador: Propitius esto mihi peccatori.* Envergonhouse a Magdalená de que Deos puzesse nella os olhos: *Stans retro secus pedes Domini, & dahi se seguiu confessarse peccadora: Lacrymis cæpit rigare pedes ejus: remittuntur ei peccata multa:* segue-se logo que se confessais a vossa culpa, o pejo, q̄ tēdes della he causado por Deos; & se a não cōfessais, o pejo q̄ tēdes della he causado pelo Demonio. Em fim emmudeceis, porq̄ o Demonio vos emmudece: *Erat Iesus ejiciens Dæmonium, & illud erat mutum.*

134 A segunda desculpa que costumão dar os homens que se não confessão, vem a ser, que ainda não he tempo; porque dizem que fóra do artigo da morte o tempo da Quaresma he o tempo que a Igreja Catholica assinou para o Sa-

Luc. 18

13.

Luc. 7.
38.

Sacramento da Confissão ; porèm não me pôde satisfazer esta razão , nem esta resposta , nem esta desculpa : he verdade que ninguem está obrigado ao preceito da Confissão senão no tempo da Quaresma ; porèm , valhame Deos ! não havemos de fazer o que nos importa senão por força de preceito ? Hum homem q se acha enfermo , será bem que se não cure de sua enfermidade senão quando lhe puzerem preceito que se cure ? hum homem que se acha carregado com hum grande pezo , será justo que não largue esse pezo que o carrega senão quando lhe puzerem preceito que o largue ? hum homem que sabe que o accusaõ de algum crime , será razão que senão livre do crime de q o accusaõ senão quando lhe puzerem preceito que se livre ? hum homem que té hum inimigo que lhe está tirando a vida , será conveniente que se não defenda de seu inimigo senão quando lhe puzerem preceito q

se defenda ? que homem có entendimento o poderá dizer ? que homem com juizo o poderá praticar ? Pois isto diz , isto pratica quem dilata a cõfissão do seu peccado.

135 É senão, q accusa he o peccado senão enfermidade da alma ? Pois homem , como esperas pelo preceito para te curares dessa enfermidade ? Que cousa he o peccado senão hú pezo, huã carga, huã oppressão ? Homê, não sentes o pezo do teu peccado ? pois como esperas pelo preceyto para largar esse pezo ? Não te accusa a propria consciencia ? pois como esperas pelo preceyto para te livrar de quem te accusa ? Não vês que o teu peccado te tira a vida, & te mata para toda a eternidade ? pois como esperas pelo preceyto para te defenderes de quem te mata ? Não sabes que a confissão he o remedio dessa enfermidade , & o alivio desse pezo , o livramento de quem te accusa , & a defensão de quem te

mata? pois como esperas pelo tempo de preceyto para o remedio, para o alivio, para o livramêto, & para a defeza da cófissão? Ora qué se não cófessar por esta razão, cuido eu q me ha de cófessar esta verdade, que hũa alma que se acha em peccado, ainda que não tenha preceyto da Igreja que se confesse logo, que có tudo he vontade de Deos que se cófesse: & que cousa he preceyto de Deos senão huã explicação de sua vontade? pois que importa que Deos vos ponha esse preceyto, se vòs sabeis que essa he a sua vontade? O certo he que se expoem a grande castigo de Deos quem falta à sua vontade por não ser ainda chegado o tempo, & senão, vede-o claramente.

136 Vio Christo huã figueira copada toda de folhas, & ornada de verduras, & desejando comer de seus frutos, diz o Evangelista, que chegando Christo mais de perto não achâra figos na figueira, porque ainda não era tempo de fi-

gos: *Non erat tempus ficorũ*: & que faria Christo neste caso? Diz o mesmo Evãgelista, que lhe lançára a maldição, & que logo secàra a figueira: *Nunquam ex te nascatur fructus; & statim aruit*: cruel parece esta acção de Christo, porque o mesmo Evangelista diz q ainda não era tempo de figos, & se ainda não era tempo, não tinha a figueira obrigação: pois se a figueira não estava ainda obrigada a dar figos, como castiga Christo có tanto rigor est a figueira? Porque ainda que não estava obrigada segundo a ordẽ do tempo, estava obrigada segundo a vontade de Christo, Christo queria que a figueira tivesse figos, & figueira que não corresponde à vontade de Christo, ainda q não esteja obrigada segundo a ordem do tempo, ja que faltou à sua vontade, finta a sua maldição: *Nunquam ex te nascatur fructus; & statim aruit*. Oh peccador em mudecido que te desculpas com o tempo, como te-

mo que Deos te lance a sua maldição, & que sejas mal-aveturado por toda a eternidade, porque não respondes à vontade de Deos! Cuidas q̄ estàs mudo para a confissão, porque não he ainda tempo de preceito, & he engano o que cuidas, quem te emmudece não he o tempo, quem te emmudece he o Demonio, não deixas de confessarte porque o tempo ainda te não obriga, senão porque o Demonio te engana.

137 Comtudo eu não me escandalizo tanto daquelles que dilatão a cõfissão para o tempo da Quaresma, senão daquelles que a dilataõ para a hora da morte. Dizê muitos ignorantes, a quem o Demonio traz emmudecidos, que na hora da morte tratarão de fazer hũa verdadeira confissão: & he racional, he Christão qué diz isto? He possível que haveis vòs de deixar a confissão, que he o remedio da mayor importancia para a salvação da alma, para hũa hora, & pa-

ra hũa hora tão chea de cõtigencia? para hũa hora em que podeis estar sem juizo, porque vo lo pôde perverter a enfermidade? para huã hora em que podeis não ter memoria, porque vo la pôde tirar a afflicção? para hũa hora em que estais sem forças, porque volas tem debilitado as sãgrias? para huã hora em que vos faltão os alentos, porque vo los tem estragado as dores? para esta hora guardais o Sacramento da penitencia? para esta hora guardais o remedio de vossa salvação? Oh desgraçados de vòs os que o guardais para esta hora! Mas quero q̄ cô todas estas afflicções que vos pôde causar a enfermidade, tendais lugar para vos confessar: hũa cõfissão dilatada como pôde ser perfeita, & verdadeira confissão? Por isso Eu dizia que o mesmo Demonio que no discurso da vida vos aconselhava que ainda não era tempo, que na hora da morte vos ha de dizer que ja não he tempo. Daqui fi-

ca

ca facil de conhecer a verdade do meu discurso, que quẽ vos emmudece não he o tẽpo, senão o Demonio; porq̃ o Demonio he o q̃ vos persuade q̃ ainda não he tẽpo, o Demonio bê conhece que ja he tempo para o vosso remedio, mas vòs vos persuadis que ainda não he tempo, porque andais tomados, & assistidos do Demonio.

133 Entrou Christo na regiaõ dos Gerasenos, & sahindolhe ao encõtro dous endemoninhados, começãrão a clamar assim: *Quid tibi & nobis fili Dei? Venisti huc ante tẽpus torquere nos?* Eu cuidava atẽgora que estas palavras disserão os Demonios a Christo, mas advertindo com algũa attenção nas palavras do Evãgelista, vejo que o Evãgelista faz distincção entre as palavras que disserão os Demonios, & as palavras que disserão os endemoninhados; porque fallando distintamente do que disserão os Demonios, diz que pedirão a

Christo licença para se meterem em os corpos de hũs animaes que alli andavão pascendo: *Dæmones autem dixerunt: si nos ejicis, mitte nos in gregem porcorum: & fallãdo dos endemoninhados, diz que elles forão os que disserão a Christo que os vinha atormentar antes de tempo: *Occurrerunt ei duo Dæmonia habentes, sævi nimis, & clamabant dicentes: Venisti huc ante tempus torquere nos?* Muito temos aqui que reparar: primeiramente havendo de fallar a Christo assim os Demonios, como os endemoninhados, porque não disserão os Demonios a Christo, que ainda não era tempo?, porque ainda que os Demonios digão aos homens que ainda não he tẽpo para tratarem do seu remedio, comtudo bem conhecem elles que já he tẽpo pois se o não disserão os Demonios, porque o disserão os endemoninhados? Porque erão endemoninhados: homens tomados, & assistidos dos Demonios*

nun-

nunca se persuadem que he tempo do seu remedio; era tempo para estarem assistidos dos Demonios, & não era tempo para serem aliviados por Christo: os Demonios conhecião que era tempo, & por isso o não differão; os endemoninhados differão que ainda não era tempo, porque estavaõ assistidos dos Demonios.

139 Mas reparo eu ainda, que estes endemoninhados erão dous: *Duo Dæmonia habentes*: & com que mysterio, ou com que razão? Para que assim se visse que aquelles para cujo remedio ainda não he tempo, são de duas sortes: huns são aquelles para que ainda não he tempo do remedio, porque ainda não he tempo da Quaresma; outros são aquelles para cujo remedio ainda não he tempo, porque ainda não he tempo da morte; mas a verdade he que ou sejaõ huns, ou outros, não tratarem de seu remedio, não he porq̃ ainda não seja tempo, senão porque tem em si ao De-

monio: *Duo Dæmonia habentes*. E por isso o homẽ do Evangelho estava mudo, não porque não fosse tempo de fallar, senão porque o Demonio o fazia emudecer: *Erat Iesus ejiciens Dæmonium, & illud erat mutum*.

140 A ultima desculpa que dão os mudos para a confissão, he toda Theologica, & Christã, & fundada toda em escrupulos de consciencia, & dizem assim: A confissão para ser perfeita, ha de ser com verdadeiro arrependimẽto das culpas, & proposito firmissimo da emenda: logo quem não tiver este verdadeiro arrependimento, & este firme proposito, não fará confissão verdadeira: de que servirá logo confessarme, senão de acrescetar às culpas de minha descompõsta vida a nova culpa de hũa sacrilega confissão? pois se não estou para confessarme, para que me hey de confessar? Hum diz, que està tam amarrado à occasião de sua culpa, que de nenhũ modo

a pôde largar: outro diz, q̄ tem em si a fazenda alhea de que vive, & de que se sustenta, & que de nenhũa forte a pôde restituir: outro, que está tam aggravado, & tão deliberado à vingança, que em nenhũ caso pôde ceder. E se com estes impedimétos, dizem elles, fica a confissão não sómête nulla, senão sacrilega, quanto melhor sera não tratar da confissão?

141 Eis aqui a ultima desculpa dos mudos, & quanto mais fundada, tão mais enganosa. Vinde cá homens, dizime: porque não confessais vossas culpas? Dizéis que porque estais impedidos, & he boa razão esta para hum Christão? deixay o impedimêto, & confessai vos, que para isso he a confissão, para remedio do peccado que vos poem esse impedimento; & senão respondeime: Está hum homem dêtro em hũa casa de que faz toda a estimação, por seu asseyo, & por sua architectura: demos que se ponha fogo à

casa em que está: que fará este homem? será bem que se não livre do incendio pelo amor que tem à casa? Quem duvida que ha de deixar a casa para se livrar do incendio? Pois isto mesmo que deve fazer quem tem amor à casa por se não queimar, deve fazer quem ama a occasião por se não perder. Vay hum ladrão carregado do dinheiro que roubou, quando ve que o vem seguindo a Justiça, se conserva o dinheiro q̄ leva, vay impedido para fugir das mãos da Justiça, se quer fugir da Justiça, ha de largar o dinheiro: que fará este homem? Quem ignora q̄ ha de largar o dinheiro para escapar da Justiça? Pois isto mesmo que faz o ladrão que quer fugir, isto mesmo deve fazer o peccador para se livrar. Vay o Cossario seguindo o pobre baxel, & quando já o vay entrando, de repente se arma contra elle hũa cruel tempestade: que fara neste caso o resolute Cossario? se segue ao inimigo, perde-se,

se

se foge da tormenta, perde a occasiã de tomar ao inimigo: que farã? Que tem que ver que ha de largar ao inimigo para escapar da tormenta? Pois isto mesmo que faz o Cossario por se não perder, isto deve fazer o vingativo para se salvar.

142 Supposta assim a verdade, & a proporção destes exemplos, diga-me agora os que se não confessaõ, se he para admitirse a razão com que se desculpão? Bem vejo que dizem com razão, & com verdade que não fica valida a confessaõ que se faz cõ algum impedimento; mas porque não haõ de lançar de si esse impedimento para que fique valida a confessaõ? Se o impede a occasiã do peccado, lance de si a occasiã, & confesse-se, se o embaraça a fazenda alheia que em si tem, reitua o alheyo, & confesse-se, se o estorva o pensamento da vingança, já que quer q̄ Deos lhe perdoe, perdoe a seu inimigo, & confesse-se, & desta forte não terá im-

pedimento para fazer a sua confessaõ. Ora veção o que succedeo a David.

143 Resolve-se David a sair a campo com o Gigante, & revestindo-se de valor, se vestio tambem cõ as armas de Saul: armado assim David, quiz provar a dar dous passos adiante, mas era tam grande o pezo das armas de Saul, que não podia mover-se David: *Non possunt sic incedere*: & que faria David neste caso? deixaria de entrar na batalha, porque não podia andar? Não o permittia assim nem o seu valor, nem a sua resolução: pois que havia de fazer se verdadeiramente não podia andar? Que Lançar de si o impedimento: *Et deposuit ea*. Viase David impedido para a batalha do Gigante com as armas de Saul, & se não lançasse de si o impedimento, nunca venceria ao Gigante: pois que remedio para o vêcer, se não lançar de si o impedimento? Lançou o pezo, & alcançou o triunfo: *Deposuit ea, & processit adversus*

1. Reg
17. 19.

sus Philisthæum.

144 Isto he o que fez David para vencer ao Gigante, & libertar ao povo; & isto he o que deve fazer qualquer Christão para triûphar do peccado, & libertar a sua alma, deve revestirse do valor de David, & se lhe serve de estorvo o impedimento de algum peccado, lance de si o impedimento como David, & desta sorte poderá alcançar o triumpho, se lançar de si o impedimento; & se não quer desempedirse, segue-se que a razão de se não confessar não he por escrupulo que tenha da consciencia, senão pelo amor que tem ao peccado. De todo este discurso se colhe có evidencia a verdade com que eu dizia, que quem vos emmudece não he a vossa desculpa, senão o Demonio, porque se quem vos emmudece não he o escrupulo, senão o peccado: quem vos causa o amor desse peccado senão o Demonio? Logo o Demonio he quem vos emmudece. Com varios

exemplos pudera provar esta verdade, mas por não irmos mais longe, vamos ao mudo do nosso Evange-
lho.

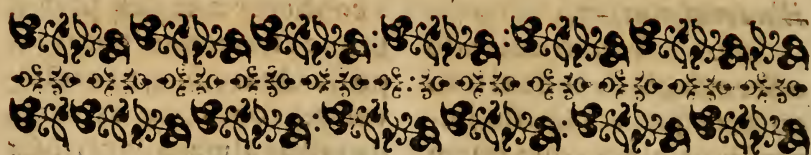
145 Offerecêrão a Christo hũ homem mudo: & quem teria mudo a este homê? Estã o fallar taõ arriscado no mundo, que nos puderamos persuadir que por escrupulo não podia fallar; porẽm não era mudo por escrupulo, senão por impedimento; & este impedimento qué lho poz? por ventura a natureza? Não foy senão o Demonio, lançou Christo o Demonio, cessou o impedimento: *Cum eiecisset Daemonium, locutus est mutus.* Eis aqui os impedimentos do mudo do Evangelho, & eis aqui os impedimentos q̃ a tantos trazem mudos, não são impedimentos de escrupulo, não são impedimẽtos da natureza, são impedimentos q̃ o Demonio vos poê; com que vimos a concluir, que quem vos té mudos he o Demonio: *Erat le-
sus ejiciens Daemonium, &
illud*

illuderat mutum.

146 Tenho acabado o Sermão, & de todo elle só quizera que vos ficasse impresso na alma, que quem fez fallar ao mudo foy Christo, & que o fez mudo foy o Demonio; & como o Demonio só attende à nossa perdição, & Christo sollicita tanto o nosso remedio, ficai certos que a confissão he todo o nosso remedio, & que estar mudo hum peccador he toda a sua perdição: Deus nolo dê assim

a conhecer a todos, para q̄ ja que estamos no santo tempo da Quaresma, nos resolvamos com todas as veras de nossas almas a fazer hũa verdadeira confissão com verdadeiro arrependimento de nossas culpas, propondo firmemente, em quanto a vida nos dura, hũa verdadeira emenda de nossas vidas, & só por este meyo alcãçaremos neste mundo a graça, & no outro a gloria:
Quam mihi, & vobis prestare dignetur & c.





S E R M A M

S E P T I M O,

Prêgado nas Exequiãs dos Irmaõs dos
Passos de Christo.

O vos omnes qui transitis per viam, attendite, & videte si est dolor, sicut dolor meus. Threnor. i.

147



Erusalé aquella celeberrima Cidade, que sendo admiraçam do mundo, chegou tâbem a ser o mimo de Deos, depois de se ver por sua adoraçãõ tam venerada, chegou por suas culpas a verse de todo destruida; de tal sorte, que sendo Jerusalem o mayor emprego da admiraçãõ, o mayor motivo da lastima foy, & he agora Jerusalem. Entre as suas ruínas formando

as suas queixas, & entre as suas queixas as suas deprecaçoens, rompeo nas palavras que citey por thema: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte si est dolor, sicut dolor meus.* Isto he no sentido litteral; no sentido mystico Jerusalem gloriosa representa a Igreja triumphãte, Jerusalem perseguida representa a Igreja militante; & da mesma sorte Jerusalem gloriosa representa a hũa alma collo-

collocada no Ceo, & Jerusalem perseguida representa a hũa alma padecêdo na terra; & se Jerusalem perseguida representa a hũa alma padecendo na terra, que representará Jerusalem posta por terra, & arruinada? Que havia de representar senão a hũa alma padecendo debaixo da terra? Assim explica as palavras do nosso thema o doutissimo à Lápide, seguindo a S. João Chrysof. tomo: *Hæc eadem, & plura dicit anima in Purgatorio*: desorte que Jerusalem gloriosa representa as almas premiadas no Ceo, Jerusalem perseguida representa as almas molestadas no mundo, & Jerusalem arruinada representa as almas castigadas debaixo da terra. Temos logo em Jerusalem representado o Purgatorio; que muito logo que treslademos hoje para as bocas das almas do Purgatorio as palavras de Jerusalem? *O vos omnes qui transit per viã, attendite, & videte si est dolor, sicut dolor meus.*

148 Supposto pois q as almas do Purgatorio são hoje as que fallão, & as q dizê estas palavras, vejamos com quem fallão, & ouçamos o que dizem. Primeiramente fallão sem exceção algũa com todos quantos vivemos neste mundo transitorio, & estamos nesta vida mortal: isso he, *O vos omnes, qui transitis per viam*: pois já que cõ todos fallão, que nos dizem? Dizem que attendamos, & que vejamos a sua dor: isso he, *attendite, & videte si est dolor sicut dolor meus*: pois não bastava que nos dissessem que attendessemos, ou não bastava que nos dissessem que vissemos? Nam bastava, porque ver, & attende saõ cousas muy diferentes, & saõ cousas muy diversas a vista, & a attenção: attende às cousas he pôr nellas o cuydado, ou ter cuidado dellas; velas, he conhecelas, ou consideralas; ambas estas cousas nos pedê hoje a todos as almas do Purgatorio; que attendamos às suas penas com o

cuidado, & com o remedio, & que vejamos as suas penas com o conhecimento, & consideração, o cuidado he o que pedem, a consideração aconselhão, & tudo isto he o que nos dizem: *Attendite, & videte, si est dolor sicut dolor meus*: mas já que as almas do Purgatorio fallão hoje com todos universalmente, vejamos a razão que tem para fallar cõ todos, & vejamos a razão que tem para nos dizer a todos o que nos dizê. Esta ha de ser toda a materia deste Sermão, & como não pedem ja remedio para a culpa, senão para a pena, menos difficultoso nos será pedir intercessão para a graça. *Ave Maria.*

O vos omnes, qui transitis per viam, &c.

149 **D**Uas cousas cõ-têm estas palavras ditas pelas almas do Purgatorio: hũa nos pedê, outra nos aconselhão: pedem-nos que attendamos à sua dor para que a reme-

diemos; & para que nos aproveitemos; aconselhão-nos que a vejamos. E começando pela sua petição: a quem pedem, & com que fallaõ? Fallão cõ todos os homens, fallaõ cõ todos os mortaes, fallaõ cõ todos os que vivemos neste mundo: isso quer dizer: *O vos omnes qui trāsitis per viam.* E porque razão haõ de fallar com todos? Cõ grandissima razão: fallaõ as almas do Purgatorio cõ os que vivemos neste mudo, & de todos sollicitão o remedio; porq̃ quantos nelle vivemos temos obrigação de acudir ao remedio das almas do Purgatorio. Eu dizia atè agora que as almas pedem; agora digo que mandão, porque não dizê, pedimos que attendais, senão, attendei: *Attendite*: & porq̃ razão fallaõ mandando, se verdadeiramente estaõ pedindo? Porque fallaõ cõ todos quantos vivemos neste mundo, & como todos temos obrigação de socorrer as almas do Purgatorio, de tal maneira nos pedem,

dem, que não sómente movem a nossa piedade, senão que nos lembraõ a nossa obrigação, *attendite*.

150 Mas em que se funda esta obrigação dos homens? Em que se havia de fundar? São homens, são mortaes? logo a respeito dos mortos a sua piedade he divida, a sua misericordia he obrigação. Chegou Christo à sepultura de Lazaro para o resuscitar, & diz o Evangelista que começára a romper em suspiros, & a desatar-se em lagrimas: *Infremuit spiritu, & lacrymatus est Jesus: & porque razão chora Christo? Dirmehaõ que porque ve morto a Lazaro: pois se o ve morto, não o ha de ver logo resuscitado? Assim he; mas se o ha de resuscitar como Deos, tem obrigação de o chorar como homé; Christo he homé, & he Deos, & se como Deos usava cõ Lazaro da sua misericordia, como homé deve mostrar em Lazaro a sua obrigação: resuscite pois a Lazaro pelo poder que*

té a titulo de Deos, & chore a Lazaro pela obrigação que té a titulo de homé: Lazaro he morto, Christo he homé, deve logo Christo chorar a Lazaro: tudo he de São Cyrillo Alexandrino: *Flebat eum Dominus, & lacrymas solvebat pro parte humanitatis, quem resuscitaturus erat per potentiam divinitatis*. Reparem naquella palavra, *lacrymas solvebat*; não só quer dizer que desatava as lagrimas, senão que as pagava; como Christo era homem, & Lazaro era morto, a Lazaro pelo que tinha de morto devia Christo pagar o tributo das lagrimas pelo que tinha de homé; bastava a ser homé para lhas dever, & para lhas pagar: *Flebat eum Dominus, & lacrymas solvebat pro parte humanitatis*.

151 Esta lição aprende de Christo pontualmente aquelle Discipulo seu que usou na morte a mayor piedade cõ Christo; foy elle Joseph, & he de advertir que descrevendo o Evã-

Cyroll.
in 1. x
c. Ican.
c 2c.
tom. 1.

Luc. 23.
50.

gelista o acto de piedade q̄
usou cõ Christo quando
lhe deo a sepultura, o que
mais encareceo nelle foy a
sua justiça: *Et ecce vir erat
nomine Joseph, qui erat De-
curio, vir bonus, & justus.*
Reparo em que duas vezes
lhe chama homê: a primei-
ra, *Et ecce vir*: a següda, *vir
bonus, & justus*: porque se
há de chamar homê duas
vezes? Porque duas vezes
foy homê, húa, porque o
era por natureza; outra,
porque mostrou que o era:
estava Christo morto & el-
le foy o que tratou de dar
sepultura a Christo, & he
tam propria dos homens
esta piedade, que quem usa
de piedade para cõ hũ
morto, esse mostra verda-
deiramente que he homê:
era homê pela natureza q̄
tinha: *Et ecce vir*: na pie-
dade que usou mostrou q̄
o era: *vir bonus*: pois se a
sua acção foy piedade, co-
mo a attribue o Evangelis-
ta a justiça: *Vir bonus, &
justus*? Porque era homê,
& a piedade que se usa cõ
os mortos he tão devida

nos homens, que ainda que
he piedade, deve chamar-se
justiça, & o homê que a
faz, húa vez que he homê,
não só a faz como piedoso:
Vir bonus, senão tãbem co-
mo justo: *Vir bonus, & ju-
stus.*

152 E para que se ve-
ja com mayor evidencia q̄
esta he a obrigação de to-
dos os homens, pergunto:
Que homens pôde haver
em quem se não ache esta
obrigação? Dirão que nos
Barbaros, & nos Infieis:
pois ahi se verá como abrá-
ge a todos os homens, que
atè nos Infieis, & atè nos
Barbaros se acha, os que
saõ infieis para os vivos,
atè esses saõ fieis para os de-
funtos. Que gente mais in-
fiel para os Hebreos que os
Egypcios, & cõtudo sendo
infieis para elles em quan-
to vivos, os souberão cho-
rar depois de mortos: *Fle-*
vit eum Egyptus septuaginta
diebus. Que homens mais
barbaros que os Hetheos?
& cõtudo não ha entre os
Hetheos que possa prohibi-
r o beneficio dos mortos:

Ger
3

Nullus

Gen. 15. *Nullus te prohibere potest, quin sepelias mortuũ tuum.*

Porém que muito? ainda q̃ eraõ Infieis, ainda que eraõ Barbaros, comtudo eraõ homens, & basta esta razão de homẽs vivos para se darem por obrigados à piedade para cõ os mortos. Por isso cõ razão à piedade que se usa cõ os mortos chamãrãõ Santo Thomàs, Santo Agostinho, S. Paulino, & S. Bernardo acto de humanidade, porque em fim he acto proprio da humana natureza a piedade para cõ os mortos, & por isso fallão os mortos cõ todos: *O vos omnes, qui transitis per viam.*

153 Porém ainda q̃ todos os homens devem esta piedade aos mortos, comtudo como nesta acção fallão mais especialmente as almas do Purgatorio, & só os Christãos cõ os seus suffragios pòdem remediar aquellas bẽditas almas, digo em segundo lugar que ellas fallão hoje, & fallão sempre com todos os Christãos, & se me não engano,

cuido que assim se nos explicão quando nos fallão: *O vos omnes, qui transitis per viam*: esta palavra, *per viam*, significa esta presente vida, & neste sentido fallão as almas cõ todos os mortaes; porèm esta mesma palavra mais rigorosamente considerada, como significa o caminho, & o verdadeiro caminho de nossa salvação he a fé, & a Christandade, podemos considerar que fallão as almas do Purgatorio com todos os Christãos, porque fallão com todos os que acertamos com o verdadeiro caminho: *O vos omnes, qui transitis per viam.*

154 Daqui se segue q̃ todos os Christãos, universalmente todos somos obrigados a focorrer as almas do Purgatorio, ainda quando naõ ouvera outro titulo algum, só pelo nome que temos de Christãos: somos Christãos: logo somos obrigados a procurar o remedio das almas do Purgatorio: a razão fundamental desta doutrina he;

porque aquelles são os verdadeiros Christãos, que seguem a doutrina de Christo: & qual he a sua doutrina? He a caridade para cõ os proximos: & só esse, diz o mesmo Christo, mostrarà ser meu discipulo, que tiver esta caridade: *In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis, si dilectionem habueritis ad invicem*: porèm se mostra ser Christão, & Discipulo de Christo quem he piedoso para com os vivos, quanto mais se o for para com os mortos? Infinita foy a misericordia de Christo para com os vivos; porèm quem duvidarà que para com os mortos andou muito mais adiantada a sua misericordia? Todo o sangue de Christo foy derramado pelos vivos, & pelos mortos, porèm o seu preço primeiro se applicou ao beneficio dos mortos, do que ao remedio dos vivos:

Mat. 27. *In sepulturam peregrinorũ, quia pretium sanguinis est.*
8. A alma de Christo depois de sua morte, antes q̃ Christo resuscitasse para os vi-

vos, já tinha decido para os mortos: *Descendit primũ* ^{Ephef. 4} *in inferiores partes terræ*: 9. seguese logo que a misericordia de Christo primeiro he para os mortos, que para os vivos: logo quem professa a Ley de Christo, para mostrar q̃ segue a sua Ley, o seu primeiro cuidado deve ser o beneficio dos mortos.

155 Joseph ab Arimathea, de quem já fallamos, era discipulo de Christo, porèm occulto; & por onde se veyo a conhecer depois que era seu discipulo? Tãto que o viraõ tratar da sepultura de Christo morto: bem inferiraõ os que o conheceraõ; porque qué trata de fazer beneficios a hũ morto, que pòde ser senaõ discipulo de Christo? Foy ponderação de Hugo Cardinal: *Erat discipulus Christi, sed occultus; sed circa funeris extrema manifestavit discipulatum.* Isto que aconteceo a Joseph discipulo de Christo, se vê tambem em toda a Christandade, & em toda a Igreja Catho-

Hug. in
23. D.
Luc.

tholica; porque essa foy a diviza de toda a Igreja Catholica, occuparse toda em beneficio dos mortos, seguindo os exéplos de Christo. E senão, qual he a differença entre a Ley da Graça, & a Ley Escrita a respeito dos mortos? Na Ley Escrita, & ainda na Ley da Natureza sempre os vivos tiverão piedade para com os mortos; porèm em que mostravão essa piedade? Nos prantos, nos luctos, na soberba das inscripções, na magnificencia dos epitafios, nas sepulturas que erigião, nas piramides que levantavão, em fim todo o beneficio era para os corpos; pelo contrario, em q̄ consiste a piedade para cõ os mortos na Ley da Graça? Nos sacrificios, nos suffragios, nas preces, & nas Oraçoens, & em fim todo o beneficio he para as almas: pois donde veyo à Ley da Graça este mayor cuidado das almas, que dos corpos? Dóde havia de vir, senão q̄ essa he a Ley da Christandade? Somos Christãos,

seguimos a Ley de Christo? logo devemos focorrer as almas do Purgatorio.

156 Fallava Christo em nome de Esposo divino cõ toda a Igreja Catholica, & dizia assim: *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocẽ tuã:* quer dizer: Vòs Esposa minha, que habitais entre os jardins, levantay a voz para que Eu vos ouça, porq̄ os amigos estaõ esperando q̄ levanteis a voz. Duvido aqui, que Esposa de Christo he esta que habita nos jardins, & que amigos são estes que esperaõ pela voz da Esposa? Responde Hugo Florense, que a Esposa nos jardins he a Igreja Militante, & os amigos q̄ esperaõ pela sua voz são as almas do Purgatorio: *Debemus habitare in hortis, id est in Ecclesia militante, & amici nostri in Purgatorio positi volunt audire nostræ piæ supplicationis vocem, qui sumus in horto meritorum.* Cõ razaõ querem logo os amigos ouvir a voz da Esposa; porque como as almas do Purgatorio

Cant. 8.
13.

Hugo
Flor in
idẽ cap.

rio dependem tanto das Orações da Igreja, có razão estão sêpre esperando pelas suas vozes ; porque sêpre estão dependendo das suas Orações: *Amici auscultant*: porê se as almas do Purgatorio são as que querê ouvir as vozes da Igreja , como diz Christo à mesma Igreja que levâte as vozes, porque elle as quer ouvir: *Fac me audire vocem tuam?* Ah! se verà como a piedade da Igreja para có as almas do Purgatorio toda nasce da Ley, & doutrina de Christo. As almas do Purgatorio, diz Christo fallando có toda a Igreja, todas estão esperando que me røgueis, & que me peçais por ellas, & Eu vos ordeno que me peçais; ellas esperão ouvir as vossas vozes, & as vossas Orações dirigidas amim, & Eu vos mando que levanteis as vozes, & me façais Orações por ellas: *Fac me audire vocem tuam*: de maneira q̄ as almas do Purgatorio esperão pelas Orações da Igreja: *Amici auscultant* ; &

Christo ordena à mesma Igreja que lhe faça essas Orações: *Fac me audire vocem tuam*: logo he obrigação universal de toda a Igreja Catholica, & de toda a Christandade pedir a Deos pelas almas do Purgatorio, essa he a obrigação da Christandade, porque esse he o preceito de Christo: *Fac me audire vocem tuam*. Tiremos logo de todo este discurso, que se fazer beneficios às almas do Purgatorio he doutrina, & preceito de Christo, todo o que se preza de Christão, & de filho da Igreja deve não faltar às almas do Purgatorio có os seus beneficios; & por que esta he a obrigação de toda a Christandade, por isso as almas do Purgatorio pedem o alivio de seu tormento a todos os que acertaraõ có o verdadeiro caminho: *O vos omnes, qui transitis per viam*.

157 Porê ainda q̄ esta obrigação he universal a todos os Christãos, em hūs Christãos para com outros pòde haver algũa ra-

zaõ mais especial: & qual he essa razão? He a da patria: os q̃ são da mesma patria, da mesma lingua, & da mesma nação são mais obrigados a socorrer cõ seus suffragios às almas do Purgatorio que forem da mesma nação, da mesma lingua, & da mesma patria. Là chamou Deos a Moyses desde a Carça, & alli lhe ordenou, q̃ fosse livrar aos Hebreos do cativoiro do Egypto:

Exod 4.
12: *Perge igitur, & ego ero in ore tuo: vade, & revertere in Egyptum.* Reparo aqui, porque poz Deos este preceito a Moyses: por certo que não era o negocio tão livre de difficuldades que se não pudesse livrar de obediencias, nem era a expedição tão livre do perigo que se não pudesse escusar do preceito: ir fallar a hũ Rey sobre hũ negocio de tam pezadas consequencias, que mayor perigo? Entrar em hũ ponto de tam consideraveis circumstancias, que mayor difficuldade? Porque no negocio a q̃ Moyses havia de ir, tudo se

havia de vencer: Moyses havia a libertar o povo de Deos que estava no cativoiro do Egypto: o povo de Deos no cativoiro do Egypto representava as almas dos Fieis no carcere do Purgatorio, & he negocio de tanta importancia a liberdade das almas, que à custa de todo o perigo se deve tratar do seu remedio; & por isso manda Deos a Moyses que vã tratar da liberdade do seu povo, sem attêder ao seu perigo: *Perge igitur, & vade.* Bẽ está: mas este preceito de Deos porque razão se havia de pôr a Moyses? faltaria outrem a quem se por? por força Moyses havia de ser quem executasse este preceito? qual seria a razão que teria Deos? O mesmo Moyses conheceo a razão: *Vadam, & revertar ad fratres meos in Egyptum:* Moyses se do Hebreo vivia livre como filho adoptivo da filha de Pharaõ, todos os outros Hebreos estavaõ cativos; desorte que o livre, & os cativos todos eraõ da mes-

mesma nação, todos da mesma lingua, todos da mesma patria, todos da mesma profissão: pois o livre socorra aos cativos, o Hebreo q̄ vive em sua liberdade, vâ livrar aos Hebreos q̄ estão em cativeiro; & vâ Moyses tratar da redempção dos Hebreos, & para que entenda Moyses que esta he a sua obrigaçã, não vâ só por piedade de homé, vâ por preceito de Deos: *Perge igitur: vade, & revertere in Egyptum.*

158 E para que levantemos a consideraçã a pensamentos mais altos, passemos da redempção dos Hebreos q̄ Deos encomendou a Moyses, à redempção de todo o mundo, que o mesmo Deos encomêdou ao nosso Redêptor. Assim como Deos ordenou a Moyses que fosse remir aos Hebreos, assim ordenou a seu Filho que viesse remir o mundo: foy Moyses remir aos Hebreos da pena do cativeiro, & veyo o Filho de Deos a remirnos, não só do cativeiro da cul-

pa, senão tâbem do cativeiro da pena. E qual foy a primeira disposiçã que Deos fez para que o Filho nos remisse? Dispoz, que o Verbo divino encarnasse: profunda disposiçã de Deos! E que dependencia tinha a redempção dos homens da Encarnação do Filho de Deos? por força para nos remir havia de encarnar? Por força; porque como a nossa redempção para ser meritoria havia de ser por força de preceito:

Factus obediens usque ad mortem; & como o Verbo divino não era capaz de preceito, em quanto Filho de Deos, para nos remir por preceito de Deos foy necessario que encarnasse, & tomasse a natureza de homem. Mas parece que não basta esta razão; porque para obedecer a Deos pudera tomar a natureza de Anjo: pois porque mais tomou a natureza de homem? Porque quiz Deos que tivesse Christo obrigaçã de remirnos, & para nos remir por obrigaçã,

ha-

havia de ter a mesma natureza: queria Deos q̄ Christo remisse aos homens não só por força de seu preceito, senão também de sua obrigação: pois para isso que remedio? não tome a natureza dos Anjos, que são nascidos, & tem patria no Ceo, tome a natureza dos homens, nasça, & tenha a patria na terra, porque desta sorte, sendo da mesma natureza, do mesmo sangue, da mesma lingua, & da mesma patria, elle se dará por obrigado a remir as almas dos homens. Eis aqui a razão porque Christo se deo por obrigado a remir da culpa as almas do mundo: & eis aqui a razão porq̄ eu dizia que a patria, a lingua, & a nação nos devem obrigar a remir da pena as almas do Purgatorio.

159 Comtudo ainda que os homens são todos obrigados só por homens, & ainda que mais especialmente são obrigados os Christãos, & dos Christãos mais especialmēte os naturaes, de todos elles os que

saõ muito mais obrigados a favorecer os mortos, são os amigos, os que forão amigos sendo vivos, esses são mais obrigados a socorrer aos amigos depois de mortos. Por isso lá Job, viva representação de hũa alma do Purgatorio, pedia aos amigos que ao menos elles o socorressem; porque faltando todos, pelo menos não devê faltar os amigos: *Miseremini mei, miseremini mei, saltē vos amici mei*: a razão desta mayor divida he, porque os amigos para serem verdadeiros, devem mostrar-se verdadeiros amigos; & em que hão de mostrar os amigos que verdadeiramente são amigos? Respondo, que só na morte o pòdem mostrar: quem mostra que he amigo depois da morte, só este mostra que foy amigo durante a vida; porque pelo contrario, quē se não mostrou amigo depois da morte, mostra com bem grãde evidencia que no tēpo da vida verdadeiramente não era amigo; & assim he verda-

deci-

ob 19.
21.

deiramente; porque a verdadeira amizade não se acaba com a vida, segue a alma, & continua depois da morte.

160 Morreo o Emperador Theodosio, que até os Emperadores morrem, & escolhendo-se digno Orador para tão augustas exequias, foy nomeado o seu grande amigo Santo Ambrosio: no fim da sua funesta Oração disse o Santo, & Doutor eloquentissimo desta maneira: *Dilexi, & ideo prosequor eum usque ad regionem vivorum, nec deserram, donec fletu, ac precibus inducam Virum quò sua merita vocat, in mōtem Domini sanctum.* Quer dizer, se o soubermos explicar: Morreo o Emperador Theodosio, & como eu o amey em vida, quero mostrarlo na morte, por tanto não hey de descançar, até q com minhas lagrimas, & minhas oraçoens o ponha no lugar devido a seus merecimentos. Todas estas palavras do Santo Doutor são dignas de toda a vene-

ração; porém acho que he muito digna de reparo aquella palavra, *dilexi*, se Santo Ambrosio queria mostrar com as suas preces que ainda depois da morte continuava a sua amizade, *prosequor*: porque não diz, quero mostrar que tãbem agora o amo, senão, quero mostrar que o amey: *Dilexi, & ideo prosequor*? Com grande fundamento, & có grande razão; porque qué não ama na morte, he final que não amou na vida, & he necessario na morte mostrar que ama, para mostrar que na vida tãbem amou: *Dilexi, & ideo prosequor.*

161 Esta Filosofia de amor parece que estudou Santo Ambrosio na escola de Christo; porque o mesmo Christo para fazer argumento de que tinha amado na vida, fundava a prova no que amava na morte. Isto se vio claramēte no amor que Christo mostrou que tinha a Lazaro depois de morto, porq ainda depois de morto Lazaro foy amigo na boca de
Chri-

Christo : *Lazarus amicus noster dormit* : mas que faria Christo depois da morte de Lazaro para mostrar que era amigo ? Diz o Evangelista que chorára Christo , diz que suspirára , diz que levantou os olhos para o Ceo , & fallou có o Eterno Padre , diz que mandou levantar a sepultura , & que mandou aos Apostolos que tirassem as mortalhas , & as ataduras de Lazaro , & em fim diz que restituio a vida , & que Lazaro refuscitou. Admiravel piedade de Christo ! Lazaro morto , Lazaro atado , Lazaro de baixo da terra , Lazaro entre os horrores da sepultura representa a húa alma ligada entre as penas do Purgatorio: Christo chorando , & sentindo , Christo có os olhos no Ceo pedindo , & rogando , Christo mandado aos Apostolos que soltassê a Lazaro , representa a húa Christão rogando a Deos pelas almas , & applicado os suffragios dos Sacerdotes para as soltarem de suas penas : & em fim Lazaro re-

fuscitado , | & restituído da sepultura para a vida representa a húa alma do Purgatorio livre da pena , & refuscitada para a gloria: pois por isso diz Christo que he amigo até depois da morte, *Lazarus amicus noster* : depois da morte do amigo saber sentirlhe a morte , saber pôr os olhos no Ceo procurandolhe o perdão , saber encomendalo aos Sacerdotes encarregandolhes a soltura , & em fim saber procurarlhes a livrança da pena , & a entrada na gloria , isso he ser amigo : *amicus noster*.

162 Mas reparem aqui que vendo os circunstantes todas estas demonstrações de amizade , não differão , bem mostra Christo como he amigo de Lazaro , senão , bé mostra como foy seu amigo : porque não differão , eis aqui quanto o ama , senão , eis aqui quanto o amava : *Ecce quomodo amabat eum* : pois se Christo nesta presente acção mostra que actualmête ama , porq̃ não dizê , eis aqui

como o ama actualmête? se não, eis aqui quanto o ama. va? Porque qué mostra na morte que ama, não sómête mostra que ama de presente, mostra que amou; porque qué amou na vida, esse só ama na morte: *Ecce quomodo amabat eum.*

163 Nê pareça que esta demonstração de amor que deo Christo, foy só impulso da piedade, senão tá-bé Ley da natureza, porq̃ esta demõstração deo Christo não só como Filho de Deos, senão como filho de David; porque ja David havia dado esta mesma demonstração. Morreo Saul, & morreo Jonathas, & na sua morte chorou todo o povo em companhia de David: *Omnisque viri qui erant cum eo, planxerunt, & fleverunt*; porê m como este pranto tão universal era tambem pela morte da maior parte do Exercito, escolhendo David segundo dia para o prãto, chorou cõ todos a morte de Jonathas, & de Saul, & depois mandou às filhas de Jerusalem

que chorassem a morte de Saul: *Super Saul flete*; & elle só cõfigo se poz a chorar a morte de Jonathas: *Doleo super te frater mi Ionatha.* Reparão aqui cõmumente os Expositores, porque razão chorou David tres vezes: a primeira com todos por Saul, por Jonathas, & por todos os mortos do Exercito: a segunda com todos, porê m só por Saul: a terceira só por Jonathas, & elle só? Responde o Abulense, que quiz David mostrar o seu amor na morte, como havia sido na vida: na vida amou a todos geralmête, por isso na morte primeiro chorou geralmente a todos: na vida amou mais especialmête a Saul, & a Jonathas, por isso na morte chorou a Jonathas, & a Saul mais especialmente; & em fim na vida amou a Jonathas mais especialmête que a todos, & que a Saul, & por isso na morte muito mais especialmente chorou a Jonathas: assim se mostra na morte o mais, ou menos

2. Reg
14.

2. Reg. 1
12.

que

bul. in
Reg.
17.

que se amou na vida. São palavras do Abulense: *Specialiter plangit Ionatham, quia specialius eum diligebat*: não diz, chora mais a Jonathas, porque o ama mais, senão, chora, porque o amou mais: *Quia specialius eum diligebat*: quem mostra q̄ ama na morte, não só mostra q̄ ama, mostra q̄ amou: final he logo q̄ não amou na vida, quem não amou na morte.

164 Porèm para que confirmemos esta doutrina com a acção mais generosa de David, vejão neste caso a sua mayor acção. Eu não me admiro neste caso de q̄ David chorasse a morte de Jonathas, admirome de q̄ chorasse a morte de Saul: q̄ chorasse a morte de Jonathas! em fim havia Jonathas sido seu amigo em vida, & não era muito que o lamentasse na morte; mas que havendo Saul sido tão cruel, & tão declarado inimigo de David, que David chorasse a morte de Saul? Porèm não he ainda isso o que mais me admira em David; porque em fim

ainda que era seu inimigo, era seu Rey: mas q̄ Abner, que era hum Soldado, fosse em vida taõ grande inimigo de David, & que comtudo David sentisse com tantos extremos a morte de Abner? Mas ainda não he isso o que mais me admira em David; porque em fim ainda que era seu inimigo, não era seu obrigado: mas q̄ Absalaõ, sendo filho de David, fosse taõ rebelde, taõ desobediente a seu Pay, & taõ temerario, que se arreveffe contra a sua honra, contra a sua Coroa, & contra a sua vida, & que cõtudo David chorasse a morte de Absalaõ? parece que taõ grande piedade só podia caber no grãde coração de David: mas o certo he q̄ aqui nos quiz mostrar David o quãto se deve aos mortos toda a piedade; deve-se tâto, q̄ o odio só pòde durar em quãto dura a vida, depois da morte né aos inimigos se deve ter odio: pois se atè com os inimigos se deve a piedade de pois da morte, quanto mais se deverà aos amigos? O

odio deve acabar-se com a vida; a amizade deve continuar-se até depois da morte, & esta he a obrigação da verdadeira amizade: *Miseremini mei saltem vos amici mei.*

165. Mas ainda que os amigos tenham tanta obrigação de socorrer aos mortos, mayor he a obrigação que tem os parentes: muito bem sey procedem alguns parentes tam esquecidos desta sua obrigação, q̃ tem mostrado a experiencia, que tal vez mais val hũ amigo, que hum parente; porẽm isto he o que he, & não o que de vera ser, o que de vera ser he, que os parentes ainda são mais obrigados do que os amigos; & a razão està bem clara; porque os amigos são obrigados a socorrer as almas de seus amigos só pelo titulo de amigos, & os parentes devem doer-se das almas de seus parentes pelo titulo de parentes, & mais pelo titulo de amigos,

166. Estava a Alma Santa padecendo entre as

asperezas dos mōtes, & entre o horror das feras, & do meyo de taõ grande pena a chamou o Esposo divino para a coroa: *Veni de cubili. Cãt 4
bus Leonum, de montibus Pardorum, & coronaberis.* E que causa teria o Esposo divino para cõ tantas ancias chamar a Alma Santa para a coroa? Que mayor causa que querer livrãla da pena, porque cõ ella se lhe magoava o coração: *Vulnerasti cor meum Soror mea Spõsa, vulnerasti cor meum.* Ora eu não reparo já em que o coração do Esposo divino se magoasse tanto da pena da Alma Santa; porẽ reparo em que se magoasse duas vezes de ver a sua pena: *Vulnerasti cor meum*, eis aqui a primeira vez: *Vulnerasti cor meum*, eis aqui a segunda: pois porque razão se magoa o Esposo divino duas vezes? Porque na Alma Santa achava duas razões, achava nella a razão do amor, & a razão do parentesco; a razão do amor, porque era amiga: *amica mea:*

mea: a razão do parentesco, porque era Irmã, *Soror mea Sponsa*: de maneira que toda a razão porque o Esposo divino procurava livrar da pena, & dar a coroa à Alma Santa, he porque se doia della pelo titulo do amor, & pelo titulo do parentesco: *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*: logo os parêtes devem doer-se dos parêtes para livralos da pena, & para procurarlhes a coroa mais ainda do que seforão só amigos: das almas dos amigos devem doer-se só pelo titulo de que são amigos; mas das almas dos parentes devem doer-se por dous titulos, porque são amigos, & porque são parentes.

167 Esta dobrada obrigação que tem os parentes a seus parentes mortos, se vê claramente no sentimento que tem os parentes nas molestias dos parentes vivos: pergunto: Se virmos padecer a hũ parente, & ahũ amigo, cuja molestia havemos de sentir mais?

Claro estã que a do parente; porque a pena do amigo sinto só pelo titulo de amigo, & apenas do parente sinto-a pelo titulo de amigo, & pelo titulo de parête; como tenho dobrada razão para o amar, tenho dobrada razão para a sentir: pois se eu tenho dobrada razão para sentir as penas do parente vivo, quãto mayor a terei para sentir as penas do parente morto?

168 Chorava Jacob a nova que se lhe havia dado da morte de seu filho Joseph, & depois de alguns dias de sentimento juntandose os outros filhos, & vindo aliviar o sentimento do Pay, diz o Texto, que Jacob não quizera aceitar, nem ouvir as razoens de alivio que lhe davaõ os filhos vivos; porque diz que cõ as suas lagrimas queria chegar atè onde estava seu filho morto: *Noluit consolationem accipere, sed ait, descendam ad filium meum lugens in Infernũ*: cõ razão dizia Jacob que queria derramar lagrimas na morte de

Gen 37.
35.

Joseph; porque como supunha que Joseph estava no Purgatorio: *In Infernũ;* & como sabia que cõ as lagrimas dos vivos se aliviavaõ no Purgatorio as penas dos mortos, ja que em quanto vivo não podia descer ao Purgatorio cõ a pessoa, queria descer ao Purgatorio cõ as lagrimas: *Descendam ad filium meum lugens in Infernum*: porê contra esta razão que tinha Jacob para querer aliviar as penas do filho morto, estava a pena que dava aos filhos vivos; porque não querer admitirhes a sua razaõ, qué d'vida que era causarhe grande pena? pois se tanto procura aliviar as penas do filho morto, como não attende à pena que dà aos filhos vivos? Mas em si n'era filho morto, & devendo sentirse muito as penas dos parentes vivos, tanto mais se devem sentir as penas dos parentes mortos, que ainda que Jacob não possa aliviar as penas do filho morto sem pena dos filhos vivos, não attende à

pena que dà aos filhos vivos: *Noluit consolationem accipere*, só por acudir às penas do filho morto: *Descendã ad filium meum lugens in Infernum.*

169 Mas oh que bê soube Joseph corresponder a esta piedade de Jacob! q' bê que soube o filho desempenhar-se desta obrigação q' devia ao Pay! Soube depois Jacob a certeza do caso, & que seu filho estava vivo, & feito Viso-Rey do Egipto, & hindo buscar ao filho para o ver em vida, là em fim encôtrou a morte; à morte de taõ piedoso Pay, diz o Texto sagrado, q' estivera presênte o filho, & taõ q' espirou, diz que começara a dar mostras de seu amor nos excessos de seu sentimento: *Quod cernens Joseph* ^{Gen 5}
ruit super faciem patris flês,
& deosculans eum. Oh q' bem (torno a repetir) que bê soube corresponder o filho às finezas que devia ao Pay! & que mal que correspondem às obrigaçoês que devem a seus pays muitos que não merecê o nome de fi-

filhos! Tanto cuidado para herdarlhes as suas fazêdas, & tão descuido em lébrarse de suas almas! táta cortezia, ou tanta lisonja para cô os pays em quanto vivos, tanto esquecimento, ou táta ingratidão para cô os pays depois de mortos! Pois eu sou de opiniaõ que se aos pays vivos se deve todo o amor, & todo o respeito, aos pays mortos ainda se deve dobrado amor: & porque? Porque são parentes mortos: veja se claramente nesta mesma açcão de Joseph.

170 Estava Jacob morrendo, estava Joseph assistindo, cõtudo não diz a Escritura que fizesse Joseph nenhũ extremo de amor: em fim espirou Jacob, & então começãrão os extremos de Joseph: *Quod cernēs Joseph ruit super faciem patris flens, & deosculans eum*: foy advertencia de Carthusiano: *Ostendens in mortuo quam vehementer amavit viventem*: de crer he, que qué tanto ama a seu pay na vida, que tãbem o

avia de amar no artigo de sua morte, & de crer he q̃ cô todo o extremo estaria sentindo o ver a seu pay morrendo: pois porque não faz a Escritura menção do sentimento que mostrou Joseph no ponto em que seu pay estava morrendo; senão do amor, & do sentimento que teve depois de o ver morto? Porque Jacob morrendo ainda estava vivo, & tanto mayor he o sentimento, & o amor que se deve ao pay depois de morto, do que ao pay em quanto vivo, ainda que esteja morrédo, q̃ cõparado amor cô amor, & sentimento cô sentimento, a respeito dos extremos que fez Joseph depois de ver morto ao pay, foy tanto menos o que fez quando vio ao pay morrendo, que não descreve a Escritura, nem o amor, nem o sentimento de Joseph quando vio ao pay morrendo, por se occupar toda em descrever o seu sentimento depois que vio ao pay morto: *Quod cernēs Joseph ruit super faciem pa-*

tris flens, & deosculans eum.

Estes são os verdadeiros filhos, & estes os verdadeiros parentes, saber doer-se das penas dos parentes mortos ainda mais do que dos mesmos parentes vivos, saber doer-se delles pelo titulo de amigos, pelo titulo de parentes, & pelo titulo de mortos; & por isso eu dizia, que a mayor obrigação que temos, he doermonos das penas que na outra vida padecem as almas dos parentes; a obrigação que temos às almas dos amigos, he só de amor; a que temos às almas dos parentes, como he do amor, & do fangue, he dobrada obrigação.

17 Mas ainda que os parentes mais especialmẽte são obrigados a lembrar-se de seus parentes; abaixo de pays a respeito de filhos, & de filhos a respeito de pays, os que mais particularmente são obrigados, são os irmãos para com os irmãos; & porque a razão que eu pudera dar està fundada no parentesco, & he a razão que já tenho dado,

põe a 'presente acção que passemos dos irmãos por fangue para os irmãos por fraternidade. Estes são neste piedosissimo acto os devotissimos Irmãos dos Passos santissimos de Christo; & estes digo q' são os mais obrigados a este piedoso sacrificio, & a toda esta religiosa acção. seguem os Passos de Christo com a Cruz às costas pela rua da amargura? pois para mostrar que o seguem, devem procurar o remedio das almas do Purgatorio, que isso he seguir os passos de Christo. E senão digão me: Para onde caminha Christo com a sua Cruz às costas? & a que caminha? A remir todas as almas do mal da culpa, & do mal da pena: logo todos os que seguem os passos de Christo pela rua da amargura, para mostrar que os seguem, devem ir a remir as almas, da culpa não, porque isso só tocou a Christo na Cruz: logo ao menos devem remil-as da pena; para seguir os passos da Cruz de Christo.

172 Comumente reparão todos que razão haveria para que só as tres Marias fôsse ao Sepulchro de Christo; & ainda que cada qual dà engenhosamente a sua razão, a mim me parece que a verdadeira está tão clara, que só ella se deve ter por verdadeira. Todas as tres Marias seguirão os passos de Christo pela rua da amargura, todas assistirão à morte de Christo: alli virão que o termo dos passos de Christo era remir as almas, & que a remir as almas das penas em que estavam forão dirigidos os primeiros passos que deo a alma de Christo: assim o disse São Paulo: *Descendit primum ad inferiores partes terra:* pois almas que seguirão os passos de Christo pela rua da amargura, almas que virão os primeiros passos da alma de Christo desde o throno da Cruz, se virão que os mortos erão o primeiro emprego de seus passos, que outra cousa haviam de fazer senão dirigi-

rem os seus primeiros passos à sepultura de Christo morto? Disse São Pedro Chrisologo, que Christo sobira à Cruz, & padecera a sepultura: *Crucem ascendit, sepulturam patitur:* parece que trocou os termos: como Christo estava vivo quando esteve na Cruz, essa havia de dizer que padecio; & como estava morto quando foy para a sepultura, a essa podia dizer que sobio: mas q̄ sobio à Cruz, & que padecio na sepultura? Eu não sey a razão que o Santo teve, mas darey a minha razão. Diz o Santo Doutor, que Christo sobio à Cruz, porque fez da Cruz cadeira onde sobio, para dalli ensinar a todos os que seguirão seus passos pela rua da amargura; que tratar do remedio dos mortos he o primeiro emprego de seus passos: diz mais, que Christo padecia na sepultura, não porque alli padecesse, mas porque alli representava aos mortos quando padecem, & porque alli representava as penas dos

Chrisol
ferm. 65

mortos ; por isso aquellas tres devotas almas como havião ouvido a lição q̄lhes deo na Cruz, buscãrão a representação que fazia na sepultura : buscãrão a Christo na sepultura pelo que tinha de morto, porque seguirão seus passos em quãto vivo.

173 Porèm he de advertir que entre todas estas devotas almas a que mais zelosamente assistio à sepultura de Christo foy a Magdalena : as outras chegarão, & voltarão ; a Magdalena chegou , perseverou, & assistio : *Stabat ad monumentum foris plorans*: pois porque mais perseverou a Magdalena do que as outras ? Se he porque havia seguido os passos de Christo , as outras tambem havião seguido seus passos : q̄ mais teve logo a Magdalena ? He que a Magdalena era mais devota de seus passos, porque sempre andou mais unida a seus pès : desde a primeira hora que a Magdalena buscou a Christo , foy abraçandose

com os seus divinos pès : *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus ; & depois : Sedens secus pedes Domini* : quem tanto se abraça a seus pès, final he que mais lhe ha de seguir os passos ; & como quem melhor segue os passos de Christo , he quem melhor se applica ao beneficio dos mortos , por isso a Magdalena he a que mais perseverou junto ao Sepulchro de Christo , porque ella he a que melhor segue os passos de Christo : *Sedens secus pedes Domini : stabat ad monumentum foris plorans*.

174 Daqui tiraremos hũ final evidentissimo por onde conheçamos quaes são os Irmãos mais zelosos da Irmandade dos Passos de Christo : aquelles que mais tratao do beneficio das almas, esses são os Irmãos mais zelosos dos passos ; & aquelles que forem descuidados dos passos, igualmente hão de ser descuidados das almas. Lá corrião, & davão passos para a sepultura de Christo São Pe-

Pedro, & São João, & diz o Evangelista que ao principio hião iguaes nos passos: *Currebant pariter*; porém como cõ o tempo tudo cança, primeiro chegou à sepultura de Christo São João, do que São Pedro: *Præcurrit citius Petro, & venit prior ad monumentum*: pois se ao principio começãrão cõ tanta igualdade, como se vio depois tão grande differença? Tudo nasce do mayor, ou menor fervor cõ q se segue os passos da Paixão de Christo: os passos de sua santissima Paixão começãrão desde o Horto, São João, como mais zeloso, seguia os mais de perto, São Pedro como mais tibio seguia-os mais de longe: *Sequebatur eum à longe*: cõ esta difficuldade chegarão ao Pretorio, & seguindo desde alli S. João até o Calvario, São Pedro divertido com os seus descuidos deixou alli de lhe seguir os passos: *Exiit foras*: pois São João, que foy mais zeloso no seguimento dos passos de Christo, esse

ha de chegar à sepultura de Christo primeiro do que S. Pedro; & S. Pedro como seguio mais tibiamente os seus passos, ainda que o morto seja o mesmo Christo, ha de ter mais vagares em buscar ao morto: São Pedro para o morto he mais vagaroso, porque para os passos foy mais tibio; S. João, como foy mais zeloso nos passos, andou para o morto mais adiantado: *Præcurrit citius Petro, & venit prior ad monumentum.*

175 Eis aqui a razão porque eu dizia que pelo zelo para com os mortos se deve medir, & regular o zelo para com os passos, & he bem fundada a razão; porq como os passos de Christo vão tão dirigidos ao remedio das almas, bem se deixa ver que a obrigação das almas anda complicada com a obrigação dos passos: dôde se segue, que quem se descuida de hũa, falta à outra obrigação, & ninguem deixará de fazer ambas, quádo ouver de fazer hũa.

Nestes

0an. 20

Mat. 26.
8.

Nestes dous pontos se encerra toda a obrigação dos Irmãos dos Passos, em seguir os passos de Christo q' vay a morrer, & em assistir ao remedio das almas dos Irmãos q' morrerão; & porque não pareça que eu sou o que aponto esta obrigação, vejão como as almas são as que a dizem, & a apô-tão. *O vos omnes, qui transitis per viam*: fallão com todos os que vivem: isso quer dizer, *O vos omnes, qui transitis per viam*: fallão com todos os Christãos, que effes são os que estão postos em via, & no verdadeiro caminho: *O vos omnes, qui transitis per viam*: & ultimamente para apertar a mayor obrigação, fallão cõ todos os que dão passos, & fallão com todos os que caminham pela sacra via, ou pela rua da amargura: *O vos omnes, qui transitis per viam, attenante.*

176 Temos ouvido o que nos mādão as almas do Purgatorio; vejamos agora o que nos aconselhão: & que nos aconselhão? Que

vejamos: *Videte*: mas que havemos de ver? O seu estado, a sua dor, & o seu tormento: *Si est dolor sicut dolor meus*: pois porque nos não aconselhão que o consideremos, ou que o meditemos, senão que o vejamos: *Videte*? Porque a cõveniência que nõs havemos de ter das suas penas em satisfação de nossos suffragios, não he tão grande tirada da consideração, como tirada da vista. Querem as almas do Purgatorio pagarnos o remedio que nos pedem para suas penas, & considerando qual era a mayor paga q' nos podião dar, achãrão que a não havia mayor que mandarnos ver, & não seria o mesmo mandarnos cõsiderar? pois porque nos não mandaõ q' consideremos, senão que vejamos: *Videte*?

177 Antes de responder a esta duvida, será necessario que vejamos que cousa he o Purgatorio, & ahi veremos o porque nos mādão as almas q' vejamos. Vio São João no seu Apo-

calypse representado o Purgatorio, & diz que era hú mar de vidro cheyo de fogo: *Et vidi tamquam mare vitreum mixtum igne.* Que seja o Purgatorio cheyo de fogo, está bê, mas q' seja formado de vidro, cõ que razão? He vidro, & he fogo, porq' para as almas he tormento, & por isso he fogo; mas para os vivos he espelho, & por isso he vidro. Pois eis ahi a razão porque as almas querem que não sómente consideremos o Purgatorio, senão tãbem que o vejamos: *Videte.* Ora noté: Quê poem os olhos em hú espelho para o ver, não vê ao espelho sómente, senão que se vê a si mesmo representado no espelho: isso he o que querem as almas do Purgatorio, que vejamos o Purgatorio, para que nos vejamos, para que advirtamos que pena, que dor, & estado será o nosso no Purgatorio.

178: Agora para que vejamos qual ha de ser o nosso estado em que nos havemos de ver, ponhamos

os olhos nas almas do Purgatorio, & vejamos qual he o seu estado. *Videte* (dizem ellas) *si est dolor, sicut dolor meus:* Vede se ha dor semelhante à minha; & esta dor em que me vedes, essa he a mesma em que vos haveis de ver. Valhame Deos! que dor será esta das almas do Purgatorio, que não té fêmeilhaça, nem igualdade, nem cõparação? Será por ventura a morte por onde passarão? Se essa he a sua dor, bê dizem que nos vejamos como em espelho; porque he infallivel que como todos somos mortaes, todos havemos de passar aquella ultima hora, & aquella derradeira dor. Ah Fieis, que pouco nos lembramos daquela hora! pois ponhamos os olhos nesse tumulto, & elle nos servirá de espelho, alli nos veremos representados, porq' em fim essas cinzas, & essas sóbras he o tudo em que nos havemos de ver convertidos. Poré não he essa a dor mayor das almas do Purgatorio; porque ellas não fal-

lão

lão da dor que ja passarão, fallão de presente, fallão da dor que estão passando : *Si est dolor , sicut dolor meus :* pois qual será esta dor ?

179 Dizem as almas, que he hũa dor que não té semelhante: *Si est dolor , sicut dolor meus.* Eu cuido que não só lhes hey de dar dor semelhante, senão outra mayor : a dor do Inferno he mayor que a do Purgatorio , porque a mayor dor que pôde ter as almas do Purgatorio he não verê a Deos : os condenados nem vem a Deos , nem o haõ de ver em quáto Deos for Deos ; as almas do Purgatorio ainda que o não vem , tem certeza que o haõ de ver: pois logo se ha mayor dor que a sua, como dizem que não ha semelhante dor: *Si est dolor , sicut dolor meus ?* Ainda o torno a dizer , que a sua dor não tem semelhante: *Si est dolor , sicut dolor meus.* Pois a dor do Inferno não he mayor que a do Purgatorio ? Respondo, que as almas do Purgatorio não

fallão da mayor pena , fallão da mayor dor : *Si est dolor :* a pena , & o tormento do Inferno não faz duvida que he mayor do que a pena do Purgatorio , porque he pena de damno por toda a eternidade ; porê m a dor que tem as almas do Purgatorio, he hũa dor taõ grande, que nem ha mayor, né ha semelhante , nem ainda no mesmo Inferno : & que dor he esta ? He a dor das culpas, & esta dor não tem as almas do Inferno , porque estão impenitentes, & sómente tem dor das penas: de maneira que as almas do Purgatorio tem dor de penas, & tem dor de culpas: quanto à dor das penas, mayor a tem as almas do Inferno ; quanto à dor das culpas, mayor a tem as almas do Purgatorio : donde se segue que a mayor dor de todas as dores he a das almas do Purgatorio; porque a dor das culpas he muito mayor que a dor das penas, & como a culpa he mayor mal do que a pena , claro está que não doe tanto o mal

mal da pena , como o mal da culpa.

180 Chegou o Propheta Natham da parte de Deos intimar a David os grandes castigos que Deos havia decretado contra sua pessoa , & he de admirar a generosidade de animo cõ que o grande Rey ouviu mudamente a sentença de seus castigos. Passou avante o Propheta a lerlhe o processo das culpas pelas quaes Deos justamete o havia sentenciado àquellas penas, fezlhe cargo do caso de Bersabè , & da morte de Urias , & então o Rey movido de dor , & de sentimento , rompeo neste suspiro: *Peccavi Domino* : Ay de mim , que offendi a Deos ! Admiravel dor , & admiravel sentimento ! pois não lhe doe que Deos o castigue , & só lhe doe haver offendido a Deos ? não lhe doe o verse castigado , & só lhe doe o havelo offendido ? Sim , q̃ o mayor mal , isso lhe o que mais lhe doe , & como a culpa he mayor mal do q̃ a pena , tendo tanto valor

para ouvir a sentença das penas , não pode dissimular a pena na relação das culpas. Esta pois he a differença que vay da dor do Inferno à dor do Purgatorio , q̃ a dor do Inferno he sòmete de penas , a dor do Purgatorio he tãbem das culpas , & como mayor he a dor das culpas do que a dor das penas , cõ razão dizem as almas do Purgatorio que não tem semelhante a sua dor: *Si est dolor , sicut dolor meus.*

181 Porém sem irmos mais longe , aqui mesmo lhe mostro semelhante : Não està ahi David que teve dor de suas culpas ? Mas que digo só David ? não se doeraõ de suas culpas hũa Magdalena , hum S. Pedro ? S. Pedro como Mestre de tantos penitentes , a Magdalena como exemplo de tantas arrependidas ? Os penitentes todos não tiverão dor de suas culpas ? Pois como dizem as almas do Purgatorio que não tem semelhante a sua dor: *Si est dolor , sicut dolor meus ?*

meus ? Por isso mesmo o dizem : porque David , S. Pedro, a Magdalena, & os mais penitentes todos , todos tiveram dor de suas culpas a tempo que lhes servia de remedio a sua dor, tiveram a dor no tempo de sua vida , & por isso lhes servio a sua dor de remedio ; porèm as almas do Purgatorio estão padecendo a dor de suas penas, porque em vida não tiveram tanta dor , quanta era necessaria para ser satisfação de suas penas , & para ser dor de suas culpas , agora no Purgatorio estão tendo a dor de suas culpas, & contudo não lhes serve de remedio essa dor : pois que servindo a dor de remedio das culpas, & de reparo das penas, que as almas do Purgatorio estejaõ padecendo essa dor sem lhes servir de remedio, que mayor pena? que mayor dor?

182 Duas vezes sabemos que chorou a Magdalen a, húa aos pés de Christo em quanto vivo , outra junto ao Sepulchro depois de morto ; porèm he muy

grande a differença destas lagrimas da Magdalena, porque das primeiras lagrimas diz o Evangelista q' só começáão : *Lacrymis cepit rigare pedes ejus* ; & quando vay a fallar das segundas , diz que esteve continuando em derramar lagrimas, & mais lagrimas : *Stabat ad monumentum foris plorans* : chorava, & perseverava : pois se bastou começar aos pés de Christo, porque razão ao sepulchro de Christo ha de perseverar ? Eu não sey outra mayor razão, senão que no Sepulchro de Christo devia de ter mayor dor ; porèm disto mesmo se pode pedir a razão : & porque teve mayor dor junto ao Sepulchro de Christo ? Se junto ao Sepulchro a sua dor era pela morte de feu Mestre, aos pés de Christo a sua dor era pela morte de sua alma, & cõ ser a morte de Christo taõ digna de toda a dor, ainda merece mais dor a morte de húa alma, do que a morte de Christo : pois porque razão tem a Magdalena mayor dor da mor-

morte de Christo, do q̄ teve da morte de sua alma? Eu darey por ella a razão: A morte da alma da Magdalena pode se remediar com a sua dor, a morte de Christo não se podia remediar com nenhũa dor da Magdalena: pois por isso na morte de Christo tem mayor dor do que teve pela morte de sua alma: porque doerse para dar remedio à dor, isso he remedio; doerse sem que a dor tenha remedio, essa he a dor: chora a Magdalena mais hũa dor, do que outra; porque a primeira dor de suas culpas com se começar a chorar teve remedio: *Cæpit rigare pedes ejus: remittuntur tibi peccata tua;* porèm a segunda dor não tinha remedio nas suas lagrimas, por mais que as suas lagrimas perseverassê com a sua dor: *Stabat ad monumentum foris plorans.*

183 Esta mesma differença q̄ ha entre a primeira, & a segunda dor da Magdalena, he a differença que té entre si a dor que tem de suas culpas os vivos, & a

dor que tem de suas culpas os mortos: a dor que tem os vivos de suas culpas he remedio dellas: pois como pôde ser tão grande dor o q̄ he remedio? A dor que tem os mortos de suas culpas não lhes pôde ja servir de remedio: pois que mayor dor? Cõ razão logo podem dizer aos vivos que a sua dor não sómente não tem mayor, senão que não tem igual: *Si est dolor, sicut dolor meus.*

184 Dirã alguem, que aqui mesmo temos igual dor: em quem? Na mesma Magdalena, que tâbem teve hũa dor que lhe não servio de remedio; mas o certo he que não he semelhante a sua dor: provo: porque ainda que a dor da Magdalena não servio de remedio à morte de Christo, he porque nê lhe podia servir de remedio, cõ nenhũa dor podia a Magdalena prevenir o não padecer esta dor; mas que as almas do Purgatorio estejão padecendo a dor de suas culpas sem lhes servir de remedio, quando

em

em sua vida puderaõ ter o remediõ, na sua dor? que padeção agora sem remediõ hũa dor, porque não tiveraõ a dor que lhes podia servir de remediõ? esta dor das almas do Purgatorio não tem semelhante, sò se acha entre hũas, & outras almas do Purgatorio: *Si est dolor, sicut dolor meus.*

185 Eis aqui Christãos porq̃ querem as almas do Purgatorio que nos vejamos no Purgatorio como em hũ espelho: a mayor dor que tem as almas do Purgatorio he terem a dor de suas culpas, quando ja lhes não serve de remediõ, & quando puderão prevenir esse remediõ tendo em sua vida a dor dessas culpas: pois Christãos, *Videte*: ponde os olhos no Purgatorio,

considerai vos nelle como em espelho; a mayor dor que là havemos de ter, he ter là hũa dor sem remediõ, quando cà nos podia servir de remediõ esta mesma dor: nesta mesma occasiãõ em q̃ acudimos às almas do Purgatorio cõ o remediõ de tuas penas, procuremos para nõs o remediõ de nossas dores, procuremos todos ter hũa dor effcaz das nossas culpas, porque cõ esta dor evitaremos todas as penas, evitaremos as penas do Inferno, evitaremos as penas do Purgatorio; cõ esta dor alcançaremos a graça, & mereceremos a gloria: *Quam mihi, & vobis prestare dignetur Pater, & Filius, & Spiritus Sanctus. Amen.*





S E R M A M

O I T A V O ,

Prègado na festa da Iustiza na primeyra
Oitava do Espirito Santo.

Hoc autem est iudicium : quia lux venit in mundum ... qui autem facit veritatem, venit ad lucem. Joan. 3.

86

SEndo a festa do Espirito Sãto no dia de honté tão luzida, & no de hoje tão authorizada, & sêdo ja tão sabido entre os Prègadores desta festa qual deve ser a materia deste dia, eu me não sey ainda determinar sobre que materia dêvo discorrer. A festa he do Espirito Santo, & he da Iustiza: he do Espirito Santo, porque elle he o que se celebra; & he da Iustiza,

porque ella he a que hoje celebra ao Espirito Santo: mas qual he a materia que tratão os Prègadores no dia de hoje? São as obrigações da Iustiza: & porque não haõ de ser as excellencias do Espirito Santo? Em todas as outras festas que se fazem, todo o empenho dos Prègadores he encarecer as excellencias dos Santos q se festejaõ, & não sey que fosse nunca seu empenho tratar das obrigações

M

dos

dos que festejão aos Sãtos, pois se em todas as outras festas he assim, porque não ha de ser assim tambem nesta festa? tam pouco ha que dizer em louvor do Espírito Santo, que como que se a Justiça fosse misericórdia, mendiguemos o remedio na Justiça? Que se appelle para a Justiça nos casos da violencia, he de ley natural; mas que até nas materias dos Sermoens appellemos para a Justiça? quanto a mim não he de receber esta appellação. Por esta razão desejava eu fazer hoje hum panegyrico, cujo glorioso argumento fossem só os attributos, & as excellências do Espírito Santo, sem de nenhum modo me intrometer nas obrigações da Justiça, principalmente porque prégado eu perante hum Tribunal de tão rectos, & ajustados Ministros, quem duvida q̃ ao menos, quando não fosse culpa, seria desatenção toda a advertencia? E que tinhamos nós para advertir, onde tudo he para ve-

nerar? Que lugar nos fica para os conselhos, onde tudo he materia para os applausos? Como se há de dar documentos aos que pôde ser exêplares? Como se hão de inculcar dictames da Justiça aos mesmos q̃ a mesma Justiça pudera propor ao mundo para ideas da rectidão? Comtudo sem embargo de hũa, & outra razão. está em contrario o costume, porque o costume introduzido neste dia he, q̃ os Prégadores desta festa nos cansemos todos, & nos empreguemos em discorrer sobre as obrigações da Justiça: pois que havemos de fazer entre o costume, & a razão? Se sigo a razão de me empenhar todo nos louvores do Espírito Santo, salto ao costume; se sigo o costume de me occupar sómente nos documentos da Justiça, salto à razão: pois que havemos de fazer?

187 Para me ver livre de tão grande embaraço, romey para o dia de hoje hum novo accordo; & o accordo he este: *Hoc autem est*

est iudicium : que para não faltar nem ao costume, nem à razão, farey o que devo de direito, & de justiça. A Justiça, segundo a definição Justiniano, *Est constans, & perpetua voluntas jus suum unicuique tribuendi* : pois isso faremos, daremos a cada qual o que he seu, & assim que satisfazendo às disposições da Justiça, para dar a cada qual o que lhe toca de direito, trataremos primeiro do Espirito Santo, como pede a razão, & delle diremos as suas excellencias; depois fallaremos có os Ministros da Justiça, como he costume, & do modo que soubermos lhes apontaremos as suas obrigações. Porém como as excellencias do Espirito Santo são infinitas, & as obrigações da Justiça são quasi innumeraveis, já que não he possível nê ainda referilas todas, ao menos para satisfazermos às partes, veremos em primeiro lugar qual he a mayor excellencia do Espirito Santo: em segundo lugar vere-

mos qual he a mayor obrigação da Justiça: desta sorte terão o Espirito Santo, & a Justiça cada qual a sua parte do Sermão, & cada qual a sua parte do thema: a parte do Sermão que toca ao Espirito Santo, he a sua mayor excellencia; a que toca à Justiça, he a sua mayor obrigação: a parte do thema q̄ toca ao Espirito Santo, he: *Quia lux venit in mundum*; a que toca à Justiça he: *Qui autem facit veritatem, venit ad lucem*. Tenho proposto, entremos no discurso.

188 *Quia lux venit in mundum*. Estas palavras dizia Christo Senhor nosso fallando de si mesmo; porque elle foy a verdadeira luz que no mysterio da Encarnação de ceo do Ceo para illustrar toda a terra: *Erat lux vera, que illuminat* Ioan i. 9 *omnem hominem venientem in hunc mundum*. Porém estas mesmas palavras que Christo dizia de si, & que no sentido literal se entendê da vinda do Verbo divino; hoje as applica a

Aa 2.

Igreja Catholica à vinda do Espirito S. porq̃ tãbem elle entre as apparencias de fogo deceo ao mundo em fórma de luz: *Et apparuerunt dispersitæ linguæ tamquam ignis.* Explicado assim, & applicado o nosso thema, sem irmos mais longe, me fica já facil de dar o meu parecer sobre a nossa questão da mayor excellencia do Espirito Santo; & o meu parecer he este: *Hoc autem est iudicium*: que entre todas as excellencias do Espirito Santo, a mayor de todas ellas he ser elle a luz que veyo ao mundo: *Quia lux venit in mundum.* Ainda não estou explicando, & para que nos expliquemos, saybamos em q̃ foy o Espirito Santo luz. Isto havemos de ver na mesma vinda do Espirito Santo.

189 Estava recolhido no Cenaculo todo o Collegio Apostolico, eis que de repente deceo o Espirito Santo, & desatado em bella pópa de chamas, ou sagrada mûdação de lu-

zes, diz o Texto que encheo toda a casa, & se poz sobre as cabeças de cada hũ dos Apostolos: *Et replevit totam domum ubi erant sedentes; seditque supra singulos eorum.* Reparo no lugar q̃ encheo, & no lugar q̃ tomou: encheo a casa, & sentouse sobre as cabeças. E que necessidade tinha esta luz divina de sêtar-se sobre as cabeças, se já tinha chea toda a casa? Mais: E porque razão se não sentou sobre outra parte? porque se não poz ou sobre as linguas, ou sobre os corações, tenão sobre as cabeças? A razão he; porque quiz mostrar o como era luz do mûdo: Christo, & o Espirito São ambos vierão ao mûdo para suas luzes, & quiz mostrar o Espirito Santo que se Christo era luz da fê, elle era a luz da Justiça. Ora vejão. Os doze Apostolos de Christo saõ os doze Julgadores do mundo: *Sedebitis & vos iudicantes;* assim que a casa em que estavão congregados os Apostolos, era como conferencia, ou

Mat. 28.

Tribunal de Ministros da Justiça, que também chamamos cá a a este rectíssimo Tribunal: donde para dizernos São Lucás que os Apóstolos estavam como Juizes postos em Tribunal, fez particular advertencia de que estavam sentados, & sentados em casa: *Replevit totam domum ubi erant sedentes.* Pois para o Espírito Santo mostrar que elle era luz do mundo, & para mostrar o em que era luz, que fez? Mostrou que era luz da Justiça, & para isso, como a casa era Tribunal, entrou gloriosamente illustrando toda a casa: *Et replevit totam domum:* & como os que estavam na casa erão Julgadores do mundo, & estavam em forma de Julgadores: *Ubi erant sedentes,* para illustrar lhes os entendimentos, sentou se lhes sobre as cabeças: *Sedit que supra singulos eorum:* encheo primeiro a casa, & sentou se depois sobre a cabeça de cada hũ dos Apóstolos; porque o Espírito Santo, como divina luz da

Justiça, não só assiste a todo o Tribunal em cõmum, senão que illustra a cada hũ dos Ministros em particular: *Supra singulos.* Sentou se em fim sobre a cabeça de cada hũ, estando todos como em Tribunal, & sentados na mesma casa; porque ainda que tal vez succeda que o Espírito Santo não assista aos dictames de algũ Ministro fóra do Tribunal; cõtudo devemos persuadirnos que estando todos em Tribunal, & postos em fórma de juizo, ahi lhes assiste muy especialmẽte o Espírito São em forma de luz: *Et replevit totam domũ ubi erant sedentes: & apparuerũt dispersitæ linguæ tãquam ignis: sedit que supra singulos eorum.*

190 Isto assim supposto, agora se verà a razão porque eu dizia que a mayor excellencia do Espírito Santo he o titulo de luz; & a razão he: porque o Espírito Santo em tanto he luz do mundo, em quanto he luz da Justiça, & ser elle a luz da Justiça, esse digo

M iij que

que he sem duvida entre as maiores a mayor excellencia do Espirito Santo: a mayor excellencia de todas? Sim: torno a dizer que a sua mayor excellencia he ser a luz da Justiça: *Quia lux venit in mundum*. Esta minha proposição cõ ser tão verdadeira, à primeira vista parece difficultosa; porque as excellencias do Espirito Santo (ainda fallando no sentido em que fallamos q̃ he *ad extra*, & por ordẽ a nõs) ainda nesse sentido não sómente são cada qual infinita em si, senão que são todas infinitas em numero: nunca pudemos acabar, ainda quando sómente as intentassemos referir. Pois entre tantas, & tão grandes excellências, como se ha de conhecer a mayor dellas? Que razão pòde haver, sendo infinitas as excellências do Espirito Santo, para que possamos afirmar entre todas ellas, q̃ ser o Espirito Santo a luz da Justiça, essa he a mayor excellencia de todas? Para dar esta razão digo assim:

Ahi não ha duvida que entre as excellencias pessoaes do Espirito Santo, a mayor de todas ellas *ad intra*, & a respeito de Deos, he ser elle o termo perfectivo, & o ultimo cõplemento de toda a Santissima Trindade em ordem a si: logo da mesma sorte entre as excellencias attribuaes do mesmo Espirito Santo, a mayor de todas ellas *ad extra*, & para cõnosco, serà també o ser elle termo perfectivo, & o ultimo cõplemento da Trindade por ordem a nõs. Mas qual pòde ser a acção por onde o Espirito Santo se constitue cõplemento da Trindade por ordem a nõs? Qual pòde ser senão a inspiração, & o dictame da recta, & verdadeira Justiça? Seguese logo que essa deve ser entre todas a mayor excellencia do Espirito Santo.

191 Assim se segue; mas por onde nos consta a nõs que o Espirito Santo he o cõplemento da Trindade em quanto luz da Justiça? Provo desta maneira:

Todas as acções de Deos por ordem às creaturas, sendo indivisas, & comúas a todas as tres pessoas da Santíssima Trindade, he certo que ainda assim se attribue algúas mais especialmente a cada qual das pessoas. Nestes termos se attribue a creação do múdo ao Pay, a redempção do homé ao Filho, & a providencia da Justiça ao Espirito São; desfor-te q̄ attribuindose ao Pay a creação do mundo, & ao Filho a redempção do homé; ao Espirito Santo pertence mais particularmente a direcção da Justiça, pela qual se conserva o homé, & se governa o múdo. Pois pergunto agora : E se no mundo que creou o Eterno Padre, não ouvera a Justiça que dicta o Espirito São, que fora do mundo? Se nelle não ouvera Justiça, que importàra ao mundo q̄ Deos o creàra? não he certo q̄ se confundira? & se depois de remidos os homens pela morte que padeceo o Filho, se não observàra entre elles a Justiça que dis-

poem o Espirito Santo, que fora dos homens? Se entre elles se não observàra a Justiça, q̄ importàra ao genero humano que Christo o remira? não he certo que se condenàra? Vamos primeiro ao mundo creado, depois iremos ao mundo remido, & na Justiça de ambos os mundos veremos claramente que ainda em ordé a nós o cõplemento da Santíssima Trindade he sé duvida o Espirito São.

192 Comẽdo pois pelo mundo creado: creou Deos ao mundo; mas de que maneira o creou? Estavão os elemétos todos embaraçados entre si, tão rudes, & tão indigestos todos, que alli se não via mais que húa massa sem dispozição, ou hũ globo sem artificio, porque tudo era alli hũ chaos de escuridades, & hũ abysmo de cõfusoões: *Et tenebræ erant super faciem abyssi*: estando assim o múdo neste abysmo, chegou o Espirito Santo: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*; & dahi q̄ se seguiu?

Gen. 1. 2

Immediatamente appareceo no mundo a fermosura da luz : *Et facta est lux* ; & com a luz que trouxe o Espirito Santo , immediatamente se vio a distribuição da Justiça : *Et divisit lucem à tenebris* : separadas as trevas, & reconhecida a luz , logo se repartirão os lugares, & se dividirão os tempos; para o dia se deo hum tempo, para a noite outro; as noites, & os mezes se encarregarão à Lua, os dias, & os annos ao Sol; assignou se hũ lugar para o Ceo, outro lugar para a terra; este se demarcou em duas partes iguaes ; para esta parte se accómmodarão as aguas, & a terra se arrumou para estoutra parte ; para alli se estendeo o ar , para acolá se elevou o fogo : no Ceo se engastarão as Estrelas , na terra se fixarão as plantas : entre as plantas se assentou a habitação dos brutos , no ar a região das aves, na agua o centro dos peixes; & para se dar cabeça a toda esta monarchia, o homé se nomeou para senhor

de tudo : *Ut præsint piscibus maris, & volatilibus Cæli, & bestijs, univ[er]saq; terra.* Está bem feito agora tudo isto? Agora sim que se acabou já todo aquelle embaraço, & confusão : agora sim que está já tudo posto em seu lugar , & tem cada qual o que he seu : agora sim que está tudo accómmodado a contento das partes, & tudo distribuido cõ paz, com ordem, com justiça, & com razão. Pois se agora está o mundo assim, porque se não fez logo ao principio como agora ? Porque ao principio obrava o Eterno Padre com a efficacia da Omnipotencia *In principio creavit Deus* ; agora entrou de mais o Espirito Santo com a luz da Justiça : *Spiritus Domini ferebatur super aquas : & facta est lux, & divisit lucem à tenebris*, & tanto assim se aperfeiçoão com as disposições da Justiça as obras da Omnipotência; tanto mais perfeito fica o mundo q̄ creou o Eterno Pay , depois que nelle entrou a Justiça que dicta

dicta o Espírito Santo, que aquelle mesmo mundo, que ainda agora sahio das mãos do Eterno Pay hum monstro, hum abyfmo, hum embriao, agora depois da assistencia do Espírito Santo, agora tem a perfeição, a harmonia, & a compostura de mundo.

193 Mas ainda não está encarecido, vejam a differença que vay de hũa cousa a outra. Antes da chegada do Espírito Santo creou Deos aquelle primeiro mundo, ou primeiro abyfmo, & diz o Texto q̄ o creou o Eterno Padre juto cõ o Verbo divino: isto quer dizer, *In principio creavit Deus, idest, in Verbo creavit Pater*; & cõtudo cõ se ajuntarẽ para a criação do mundo o Pay cõ o Filho, estava ainda o mundo tão imperfeito, que sem recommendação algũa, só diz o Texto que Deos o creou: *In principio creavit Deus*: chegou logo o Espírito Santo para dar complemento a tudo o que obrava o Pay com o Filho, &

depois de sua felicissima chegada, desde a primeira obra que Deos fez atè a ultima, não só diz o Texto q̄ Deos lhe dera a existencia, senão que lhe vira a perfeição: *Vidit Deus lucem quòd esset bona: vidit Deus cuncta quæ fecerat, & era t valde bona*. Notavel differença! Pois antes da vinda do Espírito Santo nam ve Deos a bondade no q̄ obra, & depois da sua vinda, então he que lhe acha a bondade? Sim: *Et erant valde bona*. Antes da vinda do Espírito Santo bondade tinhaõ as obras de Deos, porèm como obrava só a Omnipotencia, era hũa bondade ainda imperfeita, & sô transcendente, & por isso Deos a não avaliou por bondade; porèm depois da vinda do Espírito Santo já então obrava a Omnipotencia acompanhada da Justiça; desde então comẽçou Deos a dispor como justo o mesmo que tinha feito como poderoso; & como a luz da Justiça com que assiste o Espírito Santo, he a que

que aperfeiçoa as acçoens da Omnipotencia com que obra o Eterno Padre, dahi vem que não achâdo Deos bondade no que obrava dantes, a achou no que fez depois; dantes não lhe achava nem ainda bondade, depois lhe achou atè perfeiçãõ. Entrou o Espirito Santo: *Spiritus Domini ferebatur: igitur*: vejaõ a cõsequencia que ultimamente tira o mesmo Texto: *Igitur perfecta sunt*: depois entãõ lhe deo a perfeiçãõ: *Perfecti sunt Cæli, & terra: complevitque Deus*; entãõ lhe poz o complemento: *Complevitque Deus opus suum quod fecerat.*

194. Passemos agora do mundo creado para o mundo remido. E qual foy o empenho de Deos para a formação do Redêptor do mundo? Entrou o Pay: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi*: encárnou o Filho: *Quod nascetur ex te sanctum, vocabitur filius Dei*: & a tudo como complemento sobreveyo o Espirito Santo: *Spiritus Sanctus super-*

veniet in te: bem diz que sobreveyo, porque parece que superabundou: & para que era necessaria aqui a vinda, & a assistencia do Espirito Santo? para o mysterio não bastava que encarnasse o Filho? para o prodigio não bastava que concorresse o Pay? pois para que foy necessario que assistisse o Espirito Santo? Foy necessario, disse o mesmo Deos ao Propheta Isaías: foy necessario que o Espirito Santo assistisse à encarnação do Verbo divino, & formação do Redemptor do mundo, para q̃lo seu proprio Redemptor fosse juntamête o seu Juiz: *Dedi Spiritum meum super eum, & iudicium gentibus proferet.* Bem está: mas q̃ necessidade havia de que o Redemptor fosse Juiz? não bastava q̃ fosse Redêptor? Direy: bastava para a sufficiencia da redempçãõ; mas para a efficacia, & complemento della não bastava: para a sufficiencia bastava que o Pay accitasse por Redemptor ao Filho; porém pa-

para o complemento foy necessario que o Espirito Santo instituisse Juiz ao mesmo Redemptor.

195 E para que se veja esta verdade cõ toda a evidencia, ja devem saber todos que para a efficacia, & cõplemento da nossa redempção não bastão só os merecimentos da parte de Christo, senão que he necessaria tãbê a cooperação da nossa parte: pois que meyo haveria para que da nossa parte se tratasse tãbê da cooperação? O meyo foy dispor Deos o mysterio da Encarnação cõ tão alta providencia, que naquella mesmo mysterio onde o mundo recebia o seu redemptor, ahi mesmo visse o mundo que se lhe institua o seu Juiz: *Omne iudicium dedit Filio, quia filius hominis est*: como se disse-ra o mesmo Deos: E que importa que da minha parte se faça hũ Redemptor do mundo, se bê averiguadas as contas, he certo que o mundo ha de faltar da sua parte? Pois que remedio

a tão grande dãnno? Graõ remedio: no mesmo ponto que o mundo ve a minha misericordia, nessa mesma acção tema tãbem a minha justiça: entendão todos os homens, & veja o mundo todo, qesse mesmo Deos q os vay a remir, esse mesmo os ha de julgar. Delta sorte darão os homens cõplemẽto à obra da redépção; porq delta sorte obrarão como devem, & se salvarão os homens, conhecendo que hão de ser julgados depois de remidos; & que ha de ser seu exactissimo Juiz esse mesmo Deos, que agora he seu amorosissimo Redemptor.

196 Esta foy a razão porque o Eterno Padre escolheo a Christo para Julgador dos homens naquelle proprio mysterio, em q o divino Verbo encarnou para Redemptor do mundo; & para que o mundo assim o entendesse, vejaõ na mesma obra da redempção como cõfirmou o Filho o mesmo que dispoz o Pay. Obrou o Filho a nossa redem-

dem-

dempção morrendo em
 hũa Cruz, & se bem aten-
 tarmos, acharemos que al-
 li mesmo de tal maneira
 morre como Redemptor,
 que se ha juntamente como
 Juiz: foy ponderação de
 Santo Ambrosio : *Unus à*
dextris, & alter à sinistris,
quia sic erit in die judicij :
 porque se lançarmos os o-
 lhos para a mão direita de
 Christo crucificado, vere-
 mos ao Bô ladraõ hũ pre-
 destinado que se salva ; se
 os lançarmos para a mão
 esquerda, veremos ao Mau
 ladrão hũ reprobõ que le
 condena : ha mais viva re-
 presentação do Juizo fi-
 nal? salvandose huns, con-
 denãdose outros, salvãdose
 os predestinados q̄ ficão à
 mão direita, & perdendose
 os reprobos q̄ ficão à mão
 esquerda? É a q̄ fim quiz o
 Senhor represêtar ao mũdo
 que estava julgandõ, nã-
 quella mesma acção em q̄
 o estava remindo? A que
 fim, senão para que o te-
 melle o mundo? & para que
 este temor do castigo que
 ha de executar como Juiz,

dèsse efficacia ao remedio
 que estava obrando como
 Redêptor? Pois isto que
 fez o Redêptor para dar ef-
 ficacia à obra da redêpção
 quando a executava, isto
 mesmo foy o que traçava o
 Eterno Pay, quando a dis-
 punha: quiz que a obra da
 redempção se lograsse cõ
 fruto, & cõ effeyto, & por
 isto cõ altissima providêcia
 no mesmo mysterio da En-
 carnacão em que se conce-
 bia o nosso Redemptor,ahi
 mesmo ordenou que se for-
 maste o nosso Juiz : *Omne*
judicium dedit Filio, quia fi-
lius hominis est.

197 Agora depois de
 conhecida eita verdade, fi-
 ca clara a razaõ porque eu
 dizia que assistir o Espirito
 Santo à formação do Re-
 demptor do mundo, foy dar
 complemento à obra da re-
 dempção: para se formar o
 Redemptor não era neces-
 saria especial assistencia do
 Espirito Santo, bastava que
 o decretasse, & concorresse
 o Pay, bastava que viesse,
 & encarnasse o Filho; po-
 rêm para se dar complemê-

to à redempção, não bastava toda aquella infinita misericordia, era necessario que foubesse o mundo que tambem havia justiça; nam bastava que ouvesse Redemptor do mundo, era necessario que fosse Juiz o mesmo Redemptor. Pois como a direcção da Justiça pertence ao Espirito Santo, assistio o Espirito Santo à formação do Redemptor do mundo, constituindo-o supremo Juiz, para o consummar perfeito Redemptor, & desta forte se vio q̄ para a obra da redempção, sobre o decreto do Pay, & sobre o merecimento do Filho, para complemento de tudo sobreveyo a assistência do Espirito São: *Spiritus Sæctus superveniet in te.*

198 De todo este discurso vimos a tirar que ou consideremos o mundo creado, ou consideremos o mundo remido, o complemento da Santissima Trindade em ordem ao mundo, he o Espirito São em quanto luz da Justiça. Oh que grande credito da Justiça!

que superior excellência do Espirito Santo! Com razão dizia eu logo que ser elle a luz da Justiça, essa entre todas he a sua mayor excellencia: assim como as luzes na pintura servem às valentias de realce, nas peças de ouro servê aos quilates de lustre, & nos Orizontes da terra servem aos montes de coroa; assim no Espirito Santo o titulo de luz da Justiça he tanto sobre tudo, que he todo o realce da valentia de suas excellencias, he todo o lustre dos quilates de seus attributos, & he finalmente o timbre, & a coroa dos montes de suas perfeições. Naõ sey se reparação na difficuldade das palavras com q̄ se referem as tres vindas do Espirito Santo de q̄ atè agora fallamos: a primeira vinda foy, quando o mudo se creou, & diz o Texto que andava o Espirito Santo sobre as aguas q̄ cercavaõ todo o mundo: *Ferebatur super aquas*: a segunda foy, quando encarnou o Verbo divino, & diz que vicia o

Espirito Santo sobre a Senhora : *Superueniet in te* : a terceira foy , quando o Espirito Santo entrou no Cenaculo, & diz que se puzera sobre os Apostolos : *Seaitque supra singulos eorum.* Valhame Deos! Sempre sobre ? sobre o mundo ? sobre a Senhora ? & sobre os Apostolos ? como pôde fer ? Aquellas aguas sobre que andava o Espirito Santo, eraõ a circumferencia , o ambito, & a superficie de todo o mundo ; dalli para riba o espaço que havia era só possível, & imaginario : logo por cima das aguas não havia, nem ha lugar algum : pois logo como andava o Espirito Santo por cima ? & o que mais he, como dentro daquella superficie das aguas se continha todo o lugar q̄ existe na natureza ; seguese que toda a immensidade de Deos estava dêtro daquella superficie , & que só alli assistia actualmête o mesmo Deos : logo alli assistia tambem realmente o mesmo Espirito Santo : pois se das aguas

a dentro estava o Espirito Santo , como andava elle mesmo sobre as aguas : *Super aquas ?* por ventura andava sobre si mesmo ? Mais : quando foy na Encarnação do Verbo divino he certo que estava a Senhora chea do Espirito Santo : *Gratia plena* ; porque estava chea de Deos : *Dominus tecum* : pois se dentro da Senhora estava o Espirito Santo, como veyo elle mesmo sobre a Senhora : *Superueniet ?* por ventura veyo sobre si mesmo ? Ultimamête quando o Espirito S. entrou no Cenaculo , todos os Apostolos ficãrão cheyos do Espirito Santo : *Et repleti sunt omnes Spiritu Sãcto* : pois se dentro dos Apostolos, estava o Espirito Santo, como se sentou elle mesmo sobre os Apostolos : *Supra singulos ?* por ventura sentouse sobre si mesmo ? Todos estes tres reparos tem a mesma difficuldade, & assim q̄ a todos satisfaço com a mesma resposta.

199 Digo que ahi se verá o quãto mayor excellen-

lencia he do Espírito Santo ser a luz da Justiça, do que todas as outras suas infinitas, & perfeitissimas excellencias. No mundo, na Senhora, & nos Apostolos estava inteiramente todo o Espírito Santo, & pelo conseguinte todas as suas excellencias se achavaõ juntas dentro do mundo, dentro da Senhora, & dentro dos Apostolos; porẽm o Espírito São assistio à criação do mundo para luz da Justiça; assistio à Senhora na Encarnação para formar o Julgador de todo o mundo; assistio aos Apostolos no Cenaculo para os instituir Ministros, & adjuntos do mesmo supremo Julgador. Pois excede tanto neste Espírito divino a excellencia de ser a luz da Justiça a todas as outras mais excellencias, que esta só he tanto mayor que todas as outras juntas, que reduzindose todas as outras a caber dentro do mundo, dentro da Senhora, & dentro dos Apostolos, a excellencia de ser luz da Justiça,

como impaciente de limites, & como digna de maiores, & mais espaçosas esferas, não se abrevia por dentro, senão que se dilata por fóra; nem só se dilata por fóra, senão que se sobreleva por cima: a excellencia de ser luz da Justiça fica por cima de todas as mais excellencias, & he sobretudo o mais: o mesmo Espírito Santo, em quãto luz da Justiça, parece que he sobre si mesmo; parece q por este titulo he mayor q o mesmo Espírito Santo; por isso estando todo dêtro do mundo, dentro da Senhora, & dentro dos Apostolos, tanto se elevou sobre si mesmo em quanto luz da Justiça, que como realce da pintura andava sobre todo o mundo: *Ferebatur super aquas*: como lustre do ouro assistio sobre a Senhora: *Superveniet in te*: & como coroa dos montes se sentou sobre os Apostolos: *Sedit, que supra singulos eorum*. Fiquê logo por conclusãõ, *Hoc autem est judicium*, que entre as infinitas excellencias

cias do Espirito Santo, a mayor de todas ellas em ordem ao mundo, he ser o Espirito Santo a luz da Justiça: *Quia lux venit in mundū.*

200 Depois de vermos a mayor excellencia do Espirito Santo, segue-se vermos agora a mayor obrigação dos Ministros da Justiça. Porém sendo ellas tantas, & tam relevâtes todas, qué poderà divizar a maior dellas? Ora ainda q̄ sejaõ tântas as obrigações de hū Ministro da Justiça, & ainda que sejão outros tantos os pareceres sobre qual dellas he a mayor, entre todos elles me atrevo a dizer que só o meu voto neste particular he o verdadeiro; & o meu voto he este: *Hoc autem est iudicium*: que assim como a mayor excellencia do Espirito Santo he ser a luz da Justiça; assim a mayor obrigação dos Ministros da Justiça he viver, & conservarem-se na graça do Espirito Santo. Grande ponto! Grande obrigação! Já que entramos na segunda parte do discurso, vamos à

segunda parte do thema: *Qui autem facit veritatem, venit ad lucem.* Estas palavras construídas ao pé da letra querem dizer, que quem obra bem, anda às claras; porém consideradas mais profundamente, muito mais querem dizer: aquella palavra (*veritatē*) significa a justiça; porque a justiça he a que define, & descobre a verdade: & aquella palavra (*lucem*) significa a graça; porque a graça he a que illustra os entendimentos, & a que illumina as almas como verdadeira luz; com que todas as palavras juntas vé a dizer, q̄ o Ministro q̄ faz verdadeira justiça, he só aquelle, q̄ vive, & anda em graça; isso he: *Qui autē facit veritatem, venit ad lucem.*

201 Eis aqui a principal obrigação de hum Ministro da Justiça, este ha de ser o seu mayor cuidado, porque esta he entre todas a sua mayor obrigação. Todos os Christãos somos obrigados a viver em graça de Deos; porém os Ministros

tros da Justiça ainda são muito mais obrigados, he dobrada a sua obrigação: húa por Christãos, & outra por Ministros: por Christãos, para merecerem a gloria; por Ministros, para administrarem a Justiça. Pois assim como a sua, & a nossa obrigação sobre todas, em quâto Christãos, he procurar a divina graça; assim tâbem em quanto Ministros essa mesma sobre todas deve ser a sua mayor, & a sua principal obrigação. E na verdade se se dêsse caso em que algũ Ministro das Justiças do mundo não andasse em graça de Deos, como seria possível, não estãdo actualmête em graça, q̃ administrasse rectamête a Justiça? Quem não soubesse corregir as culpas proprias, como havia de emendar as alheas? Com quanta razão se lhe poderia dizer: *Ejice primum trabẽ de oculo tuo?* Quem se não soubesse reger a si, como poderia governar aos outros? Cõ quanta razão tâbem se lhe diria: *Medice cura*

te ipsum? E em fim se o Espirito Santo he o que inspira acertos da Justiça, como poderia acertar o Ministro que não tivesse em si ao Espirito Santo? *Nisi Spiritus Sanctus sit in nobis, & in nostra conscientia, ejus scientia non potest esse in nobis*, disse bem acertadamente Santo Agostinho: *Nisi Spiritus Sanctus* (torno a repetir) *nisi spiritus Sanctus sit in nobis, & in nostra conscientia, ejus scientia non potest esse in nobis*. Bem sei que para se formar hũ Ministro perfeito he necessaria a sciencia, a qualidade, a inteireza, a misericordia, a vigilancia, a expediencia, & dissera eu tâbem a fazenda, & a fortuna sobre o poder, & a jurisdicção; porẽm digo que sem a graça de Deos tudo isto he nada, & tudo isto tem quẽ vive na graça de Deos: *Querite primum regnũ Dei, & justitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis: Procuray vòs* (diz Christo) *viver na graça de Deos, & logo tereis todas essas prẽdas, & todas essas propriedades.*

dades. Reparem de caminho na palavra có q̄ Christo falla na graça; chamalhe Justiça, & *justitiam ejus*: a Justiça, & a graça vivem entre si tão cóplicas, que ambas igualmente se chamão Justiça, parece que se não distinguem ambas; mal poderá logo haver justiça, onde faltará a graça, & pelo contrario, tã onde ouver graça podemos crer que se achará justiça: mas se o Ministro tiver todas as outras condições, & qualidades q̄ constituê hũ perfeito Ministro? torno a dizer, q̄ sem a divina graça tudo he nada, a graça he a que dà vida, & valor a tudo.

Hũa das causas mais controversas que se virão no mundo, foy aquelle renhidissimo pleito que houve no Egypto entre o povo Hebreo, & El Rey Pharaó: Pharaó sustentava a sua regalia; o povo clama va pela sua liberdade: Pharaó tinha adquirido o direito da posse; o povo tinha por si a ley da natureza. Nestes termos correo esta

causa tantos annos, que não havendo quem a decidisse entre os homens, foy affecta a Deos; & a quem escolheria Deos para Cômissario seu, & Julgador nesta causa? Escolheo a Moyses; mas vejaõ de que sorte o instituo Julgador. Primeiramente deo lhe todas as instrucções quãtas erão necessarias para hũa expedição tão importante, & tão difficullosa: entregoulhe logo a vara; nella lhe delegou toda a Omnipotencia por jurisdicção, & depois de feitas todas estas diligencias, por fim de tudo lhe mādou meter a mão no seyo: *Mitte manum tuam in sinum tuum*. Admiravêl diligencia de Deos! Quando Deos nomeou a Moyses para Ministro seu, ja aquella divina eleição assentava sobre hũ grande merecimento; porque neste grande Ministro tudo era grande: em Moyses havia grande qualidade, grande sabedoria, grande valor, grande zelo, grande experiencia, grande piedade, grande cau-

Exod
6

cau-

cautela , & grande resolução , que todas estas partes refere a Escritura de Moyses. Pois se em Moyses se achavão juntas todas estas partes , & se sobre ellas ja Moyses tinha a vara, se ja tinha a jurisdicção, que tinha mais Deos que fazer, ou que tinha mais que examinar? Ainda tinha que fazer mais ; porque ainda tinha que examinar a consciencia de Moyses : *Mitte manum tuam in sinũ tuum.* Mas que faz ao caso o pôto da consciencia ? Antes ahi consiste todo o ponto : porque a alma do Julgador he a vida de suas prendas , a sua vida he a alma de suas acçoens , & em fim na sua consciencia consiste toda a effencia de suas propriedades : todas ellas sem huma consciencia muito pura , & muito ajustada com Deos , tudo he nada ; porque tudo depende della , & nella he que consiste tudo. E senão, veção o q succedeo a Moyses quando o examinava Deos : meteo elle a mão no seyo, & tirou-a chea de le-

pra : *Quam cum misisset in sinum , protulit leprosam.* Nada temos feito Moyses, ainda não estã para Julgador. Como não Senhor? não sabeis vós as minhas partes, & não tenho eu já os vossos poderes ? Nada temos feito ; porque todos estes poderes sobre todas estas partes, tudo isso có essa consciencia , tudo he nada : torna a meter a mão na consciencia : *Retrahe manum tuam in sinum tuum : retraxit, & protulit iterum , & erat similis carni reliqua :* meteo segunda vez a mão no seyo, & para prova de q tinha limpa a consciencia , mostrou que tinha as mãos limpas. Agora sim , diz Deos, agora ratifico eu, & confirmo Julgador a Moyses: agora que elle está na minha graça , assiste rey eu à sua justiça : *Perge igitur, & ego ero in ore tuo.*

203 Neste caso verã os Julgadores quanto mais he a graça de Deos que tudo o mais, tudo o mais he nada sem a graça de Deos, & a graça de Deos he o tu-

do, ou quando menos deve ser sobre tudo. E para que melhor se verifique este ponto no seu mayor encarecimento, pergunto: Entre todos os cuidados quâtos tem os Ministros todos que servem aos Principes do mundo, qual deve ser o seu mayor cuidado? Sabidamente, o mayor cuidado, & ainda a melhor parte dos Ministros he viver na graça dos Principes: não quero para Author desta politica, nem a Plinio, né a Cassiodoro, senão ao mesmo Espirito Santo, porque também elle expressamente diz que o Ministro, que sabe ser Ministro, he só aquelle q vive na graça do Principe, q aquelle q não attêde à tua graça, totalmente he inutil para Ministro: *Acceptus est regi minister intelligens: iracundiam ejus inutilis sustinebit.* A razão desta doutrina querem algus que seja; porque, quâtos Ministros haveria no mundo de bẽ grandes partes, & merecimentos, a quem porque faltou a gra-

ça dos Principes, tudo o mais lhes faltou? E pelo contrario, quantos Ministros haveria que cõ merecimentos muito desiguaes ti verão grande nome de Ministros, só porque tiverão a graça dos Principes? Porém a razão verdadeira he; porque sendo os Principes Christãos tão rectos todos, tam justos, tam prudentes, & tam Catholicos, bem claro está que não conservarão na sua graça senão só aquelles Ministros que se ajustarão à tua obrigação. O mesmo Espirito Santo nas mesmas palavras em que nos deo esta doutrina, nos dà tambem esta razão: notem as palavras: *Acceptus est regi minister intelligens*: não só quer dizer que o Ministro que sabe ser Ministro, he só aquelle que vive na graça do Principe, senão q o Principe só tem na sua graça ao que sabe proceder como Ministro: & pelo contrario, o que não corresponder às obrigaçoens de Ministro, descahirà da graça do Prin-

Principe: *Iracundiam ejus inutilis sustinebit.*

204 Justo he logo que o mayor cuidado dos Ministros sobre todos os cuidados, & a sua mayor obrigação seja procurar a graça dos Principes : assim he ; porém agora torno a perguntar assim : E qual importa mais a hum Ministro, a graça de Deos, ou a graça do Principe ? Entre Christãos he escusada esta pergunta ; mas não fallando só como Christãos , senão como politicos , quem poderá duvidar que muito mais importa a graça de Deos ? Entre tantas quantas se me offerecem , darey só esta razão : porque o Ministro que estiver na graça do Principe, ha de perder a graça do Principe , se estiver fóra da graça de Deos ; & o que estiver fóra da graça do Principe, estando em gra a de Deos ha de adquirir a graça do Principe. Os dous mayores Ministros q se conhecêrão no mundo, forão Joseph , & Amam, Amam no Imperio dos Per-

las , Joseph na Corte de Pharaó : Amam aquelle Ministraço de Assuero, collocado no throno, vivia na graça do Principe, mas fóra da graça de Deos ; & em que parou a fortuna de Amam ? Acabou miseravelmente a privança fóra da graça de Deos, & fóra da graça do Principe : pelo contrario , Joseph aquelle gram Ministro de Pharaó, lá metido em hum carcere, vivia na graça de Deos, mas fóra da graça do Principe ; porém como viveo , & como acabou Joseph ? Acabou gloriosamente a vida na graça do Principe, & em graça de Deos : logo muito mais importa aos Ministros (fallando ainda politicaméte) muito mais lhes importa a graça de Deos, do que a graça do Principe ; porque a graça de Deos assegura a graça do Principe, & a gra a do Principe não assegura a graça de Deos ; & o que mais he de admirar, nem ainda a si mesma se assegura. Pois agora sobre a experiencia desta verdade

fundo eu o mayor encarecimento desta obrigação ; porque se toda a obrigação de hum Ministro , & se todo o seu cuidado deve ser portarse tão ajustadamente que se conserve na graça do Principe ; sendo a graça de Deos tanto mais , quanto mayor obrigação terá de viver em graça de Deos ? A graça dos Principes importa mais aos Ministros que tudo o mais : a graça de Deos importa mais do que a graça dos Principes : logo a graça de Deos importa , & he até do que he mais que tudo , nisso consiste tudo , na graça de Deos.

205 Por todas estas razões me persuado , & se devem persuadir todos os Julgadores do mundo , que a sua mayor obrigação he viver na graça de Deos. Isto he o que dicta a propria razão *Gravia regnat per justitiam*: isto he o que clama a mesma graça: *Per me reges regnant, & legum conditores justis decernunt : per me Principes imperant, & potètes decernunt justitiam.*

Porém já que o Espirito Santo he o que inspira aos Ministros a verdadeira justiça , nelle mesmo será justo que veção a sua mayor obrigação. E para que a veção elles reparo eu , porque ha de ser o Espirito Santo a luz , o arbitro , & o Author da Justiça ? parece que este attributo mais cõvinha ao Eterno Padre , porque lhe toca o poder ? parece que mais convinha ao Verbo divino , a quem pertence a sabedoria ? & parece que a nenhuma das Pessoas convinha menos do que ao Espirito Santo , porque em fim he todo amor ? pois logo porque se não attribue a direcção da Justiça nem ao Padre , nem ao Verbo divino , senão mais especialmente ao Espirito Santo ? Com grandissima razão ; porque entre as divinas Pessoas qual dellas he a fonte , & principio da divina graça ? não he o Espirito Santo ? pois quem senão elle havia de ser o inspirador da verdadeira justiça , a ? ja que tem a gra-

graça a seu cargo, corraõ as Justiças por sua conta: não se veção divididas graça, & justiça, tudo esteja na mão do Espírito Santo. Oh quanto importa às Justiças do mundo que vivão na graça de Deos! tanto mais lhes importa a graça do q' o poder, do que a sabedoria, & do que tudo o mais, que só aquella divina Pessoa, a quem toca infundir a graça, só a ella lhe toca regular a Justiça; porque parece por encarecimento, q' até o mesmo Deos não pudèra inspirar aos Ministros os acertos da Justiça, sem os prevenir primeiro com as assistencias da graça; & por isso o Espírito Santo, como elle he o que pode mais especialmente prevenilos da graça, elle he o que tem em si mais especialmente o inspirarlhes a justiça, elle he o que inspira a justiça como Espírito, porque elle he o que infunde a graça como Santo.

206 Disse que todos os Ministros para procederem rectos na justiça,

devem ser prevenidos da graça, & esta palavra (prevenidos) não a disse acaso, senão cõ toda a reflexão; porque he tão relevante obrigação que té os Ministros da Justiça de viver em graça, que primeiro ha de ser nelles o estado da graça, do q' toda a administração da Justiça: sendo as obrigações, & as expediencias da Justiça tantas, tão grandes, & tão importantes todas, o ponto da graça està primeiro, os acertos da Justiça serãõ depois; porque só estando o Ministro prevenido da graça, só então poderà acertar nos arbitrios, & disposições da justiça. Quem poderà calificar esta doutrina senão o mesmo Espírito Sãto? Em todo o mundo não póde haver República governada, nem cõ mayor, nem cõ melhor justiça do que aquella que vio Ezechiel representada nos quatro animaes, que tiravãõ pello carro de Deos; porque sendo hũa Aguia veloz, & remontada, hum Boy tardio, & rasteiro, hũ

homem benigno, & prudente, & hú Leão feroz, & arrebatado, elles se téperavão, elles se compunhão, & andavão tanto a ponto, que iguالمéte emparelhados caminhavão todos sêpre com o mesmo concerto, & sempre ao mesmo côpasso: *Ambulabant pariter*: mas donde nasceria q̄ quatro animaes, cada qual de tam diferente natureza, assim se ajustassem todos cõ tão maravilhosa proporção? Tudo vinha das rodas do carro; porque o Espirito Santo governava as rodas: *Ubi erat impetus Spiritus, illuc gradiebantur; & Spiritus vitæ erat in rotis*: não podia ser menos; porque tanta igualdade, tanto acerto, & tanta justiça, que tinha que ver que só a podia governar o Espirito Santo? Oh que bem que procedê os animaes! Quando o Espirito Santo governa as rodas, que bem se governa o carro! O carro de Deus era huma Republica Christã: os animaes diferentes erão os diversos es-

tados de húa República: as rodas que movião o carro, & sobre as quaes o carro se sustentava, como hião cheas de olhos, erão as Justiças formadas de Ministros; & tão que o Espirito Santo assiste nas rodas, logo ha governo no carro, & cõformidade nos animaes: *Ambulabant pariter: ubi erat impetus Spiritus, illuc gradiebantur; & Spiritus vitæ erat in rotis.*

207 Ora já que estas rodas erão as Justiças, saybamos quantas erão, & de que modo estavão? Erão duas, & estava húa dentro da outra, & o Espirito Santo estava em ambas & duas: *Quasi rota in medio rotæ, & Spiritus vitæ erat in rotis.* Bem; mas em qual destas duas rodas se poz primeiro o Espirito Santo? Já se vê que na primeira dellas: pois qual dellas era a primeira, a de dentro, ou a de fóra? O Propheta diz que a de dentro; porque nao diz q̄ vio húa roda, que cercava a outra por fóra, senão que vio húa roda dentro de outra:

tra: *Rota in medio rotæ*: a de dentro foy a primeira q se lhe representou: logo a de dentro era a primeira: logo a primeira em que affistio o Espirito Santo era a de dentro. Altissimo documento do Espirito São! As Justiças compoem-se de duas rodas, hũa he a de dentro, outra a de fóra: em ambas se acha o Espirito Santo, para que assim vão bem governadas as Justiças; porêm com esta differença bem notavel, que na roda de dentro deve estar o Espirito Santo por assistencia, na de fóra por impulso: na de dentro por realidade, na de fóra por consequencia: primeiro ha de haver Espirito São por dentro, para que haja Espirito Santo por fóra; porque o Espirito São não governa pela banda de fóra, se não posto primeiro pela parte de dentro: primeiro assiste na roda de dentro, & dahi he que move a roda de fóra: procurem pois os Miniferos da Justiça mais q tudo, & primeiro que tudo,

procurem em primeiro lugar ter o Espirito Santo dentro em si, dentro em suas almas, & em suas consciencias, & logo no governo de fóra se veráó os impulsos do Espirito Santo: tanto que ouver este cuidado nas rodas, logo haverá concerto, & compostura no carro: *Ambulabant pariter, & ubi erat impetus Spiritus, illuc gradiebantur; & Spiritus vitæ erat in rotis.*

208 Ultimaméte quero confirmar a importacia desta obrigação com a mesma vinda do Espirito São. Deceo o Espirito Santo sobre os Apóstolos, & como os vinha a instituir Julgadores do mundo, para lhes inspirar os acertos da justiça, se lhes cõmunicou em linguas de luz, & para lhes illustrar os entendimentos, se lhes sentou sobre as cabeças: *Seditque supra singulos eorum*: porêm para q te visse que não bastava esta diligencia, acrescenta o Texto que todos os Apóstolos ficarão confirmados em graça, & cheyos do Espirito

pirito Santo : *Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto.* Temos logo que para serê Julgadores os Apostolos , não lhes bastava a luz da justiça, senão que lhes era necessario o estado da graça : temos que lhes não bastava a luz nas cabeças, senão que lhes era necessaria a graça nas almas ; & em fim que lhes não bastava o Espírito Santo por fóra, senão que sobre isso lhes era tambem necessario o Espírito Santo por dentro ; & verdadeiramente para tudo era necessario o Espírito Santo : porêem onde seria mais necessario , por dentro, ou por fóra ? nas almas, ou nas cabeças ? Reparem com admiração no que diz o mesmo Texto : As cabeças tocoulhas : *Sedit que supra singulos eorum ;* & as almas ? encheolhas : *Repleti sunt omnes Spiritu Sancto.* Valente confirmação de tudo o que temos dito. Para ambos os fins , & có ambos os intentos desceo o Espírito Santo , para illustrarlhes as cabeças, & para

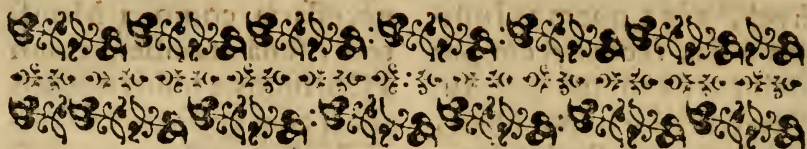
sanctificarlhes as almas ; porêem como quem sabia o quanto mais importa aos Julgadores a graça nas almas, do que a luz nas cabeças, tâto mais se empenhou em infundirlhes nas almas a graça, do que em darlhes às cabeças a luz , que sentãdose nas cabeças só por fóra, sòmente as tocou: *Sedit que supra singulos eorum ;* & empregandose todo nas almas por dentro, totalmête as encheo : *Et repleti sunt omnes Spiritu Sancto.* Fiquelogo por ultima conclusão de ambos estes dous discursos : *Hoc autem est iudicium :* que a mayor excellencia do Espírito Santo he ser a luz da Justiça : *Quia lux venit in mundum :* & a mayor obrigação dos Ministros da Justiça he viverê na graça do Espírito Santo: *Qui autem facit veritatem, venit ad lucem.*

209 Tenho acabado o Sermão: já que ser a luz da Justiça he a mayor excellência do Espírito Santo , vòs ò Espírito divino , eterna luz , dictame incomprehenfivel,

sivel, vòs a quem as Justiças todas reconhecem por Arbitro, venerão por Author, & adorão por Deos, vòs lhes assisti Senhor com as inspiraçoens de vossa eterna Justiça, & com os raios de vossa soberana luz: *Veni Sancte Spiritus, & emittite cœlitus lucis tue radium.* Mas já que a sua mayor obrigação he viver na vossa divina graça, para que assim cabalmente possa corresponder aos dictames da vossa justiça satisfazendo às leys de sua obrigação: *Veni lumen cordium, lava quod est sordidum, riga quod est aridum, sana quod est saucium.* Porém já que a vossa graça não só lhes he

necessaria como a Ministros, senão tambem como a Christãos, a todos nós nos assisti com vosso divino côcurso, & a todos nos illustray com vossa superior assistencia: *O lux Beatissima, reple cordis intima tuorum fidelium.* Vinde Espirito divino, descey Paraclito soberano, & tão delatado em chamas, como repartido em luzes, assisti como luz a nossas almas, purificai como chama as nossas consciencias, & como tudo inflamay os nossos coraçõs, para que com o favor de vossa divina graça mereçamos o premio da eterna Gloria: *Quam mihi, &c.*





S E R M A M

N O N O,

DAS SOLEDADES da Senhora.

*Quomodo sedet sola? facta est sub tributo Domina
gentium: & lacrymæ ejus in maxillis ejus.*

Threnorum I.

210



Assim cõ estas palavras lamentava o Propheta Jeremias o triste estado da Cidade de Jerusalem entre as ruínas de sua destruição; & cõ estas mesmas palavras quizera eu pôderar a dor, & os sentimentos da Virgem Santissima entre as lagrimas de sua Soledade: bem sey o excesso que vay de Maria

solitaria a Jerusalem destruida; mas bem sabem todos que de ordinario se costumão explicar as dores de Maria pelas magoas de Jerusalem: pelo que com estas palavras nos explicaremos hoje; & não só porque ha grande parte de semelhança entre Jerusalem destruida na morte do seu amado Josias, & entre Maria solitaria na morte do seu

seu querido Jesus , senão mais especialmête porque posto que o Propheta no sentido literal descrevia a destruição de Jerusalem , bem sabido he que debaixo desta figura prophetizava mysteriotamente a dor , & a soledade da Máy Santissima de Deos. Porém como me serà possível explicar esta dor, & esta soledade? explicar aquella dor cujo encarecimêto consiste em se não saber explicar: reduzir a vulgaridades da lingua a grandeza daquella magoa , que a Senhora fiou só dos segredos de seu coração, como me serà possível? Atègora imaginava eu que o vir a profanar có vozes o silencio desta soledade era acção menos atèta; agora me persuado que he tambem empreza impossivel: porque como he possível que cheguem as nossas vozes a explicar a dor , que nossos discursos nunca chegarão a comprehender? O mesmo Propheta Jeremias empenhado em declarar ao mundo

o tormento desta soledade, pegando na penna có que havia de escrever este tormento , & olhando para a Senhora, que queria descrever , entre o horror , & a lastima , ou de compadecido , ou de assombrado rompeo nesta admiracão: *Quomodo sedet sola?* Que sò, & que solitaria que està! Pois de que modo està solitaria? Não he esse o ponto para se referir, sò he materia para se admirar: *Quomodo sedet sola?* E na verdade se a mesma Senhora em sua soledade não pode explicar sua dor senão sò com o pranto, & com o silencio, bem visto està, que com muito mayor razão só com pasmos, & admiracões podemos explicar o tormento de sua Soledade; porque caber na breve esfera de hum coração lastimado todo o pezo, & toda a immensidade de tam desigual tormento , este lastimoso assumpto não he materia que se haia de reduzir aos estylos da eloquencia, quando muito sómente se

poderà fiar aos horrores da admiração; por isso o Propheta vendo a Senhora em sua soledade, em vez de a descrever, tratou sòmente de admirar: *Quomodo sedet sola?*

211 Mas todavia posto que o Propheta não descreveo a soledade da Senhora pelo que era em si, descreveo comtudo a principal consequencia, & effeito da soledade: & qual foy essa consequencia? O mesmo Propheta a declarou: disse que em sua soledade ficára a Senhora tributaria, pagando o tributo ao mar de seu amargo prático: *Facta est sub tributo Domina gentium, & lacrymæ ejus in maxillis ejus.* Com razão deo o Propheta ao rigor deste tormento este nome de tributo, porque tributo he hum tormento composto de dor, & de dispendio; he hum tormento que obrigando a dispender, dà muito que sentir: & como a Senhora em sua soledade teve tanto que sentir, & tanto que dispende;

como o seu tormento se cõpunha da dor de sua soledade, *Quomodo sedet sola?* & do dispendio de suas lagrimas, *& lacrymæ ejus in maxillis ejus*, com razão deo o Propheta nome de tributo ao rigor de seu tormento: *Facta est sub tributo Domina gentium.* Etta foy a principal consequencia da soledade da Senhora que nos refere o Propheta Jeremias, ficar a Senhora em sua soledade tributaria de sua dor; & aqui se ve que a consequência, sim, descreveo-a, porém a soledade, admirou a; porque entendo judiciosamente que o tormento da soledade da Senhora, era sò assumpto para se admirar: *Quomodo sedet sola?* & que sò os effeitos della erão materia para se dizer: *Facta est sub tributo Domina gentium, & lacrymæ ejus in maxillis ejus.*

212 Seguindo pois este mesmo estylo, fique a Senhora em quanto solitaria para emprego de nossos assombros, & sòmente em quanto

quanto tributaria seja o assumpto de nossos discursos. Grãde, & lastimoso assumpto ! E verdadeiramente que se ouvessemos de ponderar a natureza deste tributo que a Senhora pagou em sua soledade, veriamos que este foy de todos os tributos o mais tyrannico, & o mais custoso : o mais tyrannico , porque o paga sòmente hũa affligidissima Mãy, sendo ella a Senhora de todo o mundo, sem que a pudessem libertar das pensoens de tributaria , né ainda as soberanias de Senhora: *Facta est sub tributo Domina gentium* : o mais custoso, porque he tributo que se paga em lagrimas, q nas faces da Senhora não só forão derretida prata, mas ou defatadas perolas , ou successivos diamantes: *Et lacrymæ ejus in maxillis ejus* : porém nem ainda ha de ser o meu cuidado ponderar o preço, nem a tyrannia deste tributo que hoje se paga nesta soledade ; todo o meu cuidado será sòmente saber hoje qué paga

este tributo. Bem sey que a Alma Santissima da Senhora foy a que nesta sua soledade ficou sò a tributaria de sua dor ; porém hũa alma tem diversas faculdades, & operaçoens : huma alma ve com os olhos, discorre com o entendiméro, & ama com o coração : pois qual destas faculdades da alma, qual destas foy a que pagou este tributo ? os olhos , porque não vião a Christo , o entendimento pelo que discorria , ou o coração pelo que amava ? Fundemos no thema este reparo. O mesmo Propheeta Jeremias para nos propor a Senhora como tributaria, representou-a debaixo da metaphora de huma Cidade: *Quomodo sedet sola Civitas plena populo ?* Hũa Cidade he hũa República composta de diversos estados, Ecclesiastico, nobreza, & povo: destes tres estados de huma República, hum sòmente paga os tributos , & ficão isentos os demais estados : pois da mesma sorte nesta solitaria

Jerusalem celeste, nem todos os estados devem pagar tributo : pois qual o deve pagar, os olhos, o coração, ou o entendimento? O entendimento representa o estado Ecclesiastico, por mais espiritual, por mais sublime, & por mais acertado: o coração representa a nobreza, ou porque a nobreza he o coração do povo, ou porque o sangue mais calificado reside no coração: os olhos representam o povo, ou por mais occupados, ou por mais vulgares, ou tambem por mais chorosos: pois qual destes tres estados, qual destas faculdades da Alma Santissima da Senhora (torno a perguntar) qual destas foy a que principalmente pagou as pensoes deste tributo? os olhos, o entendimento, ou o coração? Dias ha que trago esta duvida comigo; hoje havemos de ver se a podemos averiguar.

213 Primeiramente parece que a parte principal que nesta triste soleda

de pagou o tributo ao sentimento, foy sem duvida o coração da Senhora; porque quem duvida que sendo elle a parte mais amorosa, seria tambem a porção mais magoada? Na imposição do tributo das faudades observase muy differente estylo, que nos outros ordinarios tributos: nos outros tributos sempre paga mais, quem mais pôde; mas no tributo das faudades sempre paga mais, quem mais ama; & como nas leys da natureza o coração he a parte da alma, q̄ mais ama, bem claro fica que no tributo das faudades quem mais o paga, he sempre o coração; & verdadeiramente que sendo o coração da Senhora sobre tão amoroso, tão amante daquelle seu tão prezado Filho, que duvida faz que por sua ausencia, a parte mais saudosa, mais sentida, & mais magoada havia sempre de ser aquelle amorosissimo coração?

214. Lá disse o Espírito Santo pelo Propheta Oseas,

Oseas, que havia de fallar ao coração da Senhora quando estivesse em sua soledade: *Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor ejus.* Dous reparos faço aqui: primeiro, porque havia o Espirito Santo de assistir à Senhora em sua soledade? Segundo, porque mais assistio, & fallou ao coração da Senhora? Quanto ao primeiro, responde Santo Anselmo, que foy necessario que o Espirito Santo com sua especial assistencia acompanhasse a Senhora em sua soledade, porque de outra sorte não era moralmente possível q̄ tivesse a Senhora, nem alêto para tanta dor, nem vida para tão sentimento: *Non crediderim te potuisse tot cruciatus sustinere, quin vitam amitteres, nisi ipse Spiritus vitæ, & Spiritus consolationis te confortaret, & consolaretur.* Daqui fica já facil a resposta ao segundo reparo. Digo pois que na soledade da Senhora lhe assistio o Espirito Santo mais especialmente ao co-

razão, porque sendo o Espirito consolador, & assistindo à Senhora em sua soledade, para de algum modo a aliviar em suas penas, necessariamente havia de assistir com o alivio, & consolar aquella parte que estivesse mais affligida, & q̄ se achasse mais necessitada: pois porque verdadeiramente o coração da Senhora foy a parte mais anciada, & mais affligida em sua soledade, & porque todo o rigor da soledade carregou mais especialmente sobre aquelle affligidissimo coração, por isso justissimamente a parte mais assistida, & mais animada pelo Espirito Santo foy o coração da Senhora: *Ducam eam in solitudinem, & ibi loquar ad cor ejus.*

215 Mas se o coração da Senhora para aturar seu tormento necessitou da especial assistencia do Espirito Santo: que cruel seria a dor, que rigoroso seria o tormento que padeceo, & sentio aquelle saudoso coração? A mesma Senhora

revelou a Santa Brigida, q̃ fora tam cruel o tormento que seu coração chegou a padecer, que esteve quasi a ponto de estalar, & parece que se lhe queria dividir: *Cor meum quasi scindebatur præ tristitia.* Notavel agonia de coração ! Ora que razão haveria para que hũ coração se quizesse dividir estando tão ancioso de padecer ? Parece primeiramente q̃ foy força da emulação. Estava o cadaver santissimo de Christo depositado no coração da terra, podendo estar mais dignamente recolhido no coração da Senhora: *Sic erit Filius hominis in corde terræ*; & vendo o coração da Senhora a dita, & a felicidade do coração da terra, sagradamente envejoso, como arrebrandando de dor, ou pertendia rasgar-se preparando lugar onde o mesmo Senhor se recolhesse, ou desejava partir-se abrindo porta por onde sua dor se manifestasse: pudemos tambem dizer, que se quiz dividir o coração por força

da saudade: a saudade pedia que o coração se arrancasse do peito da Senhora, & fosse a sepultarse no mesmo tumulto do Senhor; porém pedia a razão, que em occasião de tanta dor, onde a Senhora tinha tanto que chorar, lhe assistisse o coração para a ajudar a sentir: pois para que se não faltasse nem à força da saudade, nem à obrigação do sentimento, pertendia dividir-se em duas partes o coração, para que assim huma parte fosse assistir ao Senhor em sua sepultura, & outra parte ficasse sentindo com a Senhora em sua soledade: porém a mais fundada razão porque se quiz dividir o coração da Senhora, cuidando eu que foy por força do sentimento: assim o colho das palavras da mesma Senhora: *Quasi scindebatur præ tristitia.* Ora notem: Ajuntáraõse naquelle coração por affecto todos os tormentos, todas as dores, & todos os martyrios que Christo padecio por realidade; alli se ajuntaram a

Cruz,

Cruz, a columna, a lança, a esponja, os cravos, os espinhos, os açoutes, as prisões, & finalmente todos os crueis instrumentos da Paixam sacratissima de Christo: sobre estes tormentos de Christo se accumulãrão alli tambem naquelle mesmo coração os sentimentos, & os martyrios todos da mesma Senhora: alli se ajuntãrão as ancias, as angustias, as tristezas, as saudades, a pena, a magoa, a dor, a cómiseração, & finalmente os sentimentos todos que padeceo a Senhora em sua soledade; todos estes tormentos juntos, estes martyrios todos opprimião, & occupavam tão violentamente aquelle affligidissimo coração, que não cabendo tanta dor em tam breve esfera, quiz o coração arrebentar de dor; ou por não sentir seus tormentos tão inteiro, ou para dilatar os espaços onde coubessem todos os tormentos: *Quasi scindebatur præ tristitia.* Esta foy a rigorosa oppressão, este o lasti-

moso estado em que se vio o coração da Senhora; & sendo assim tão cruel, que muito que diga eu que o coração da Senhora foy a parte que nesta soledade pagou mayor tributo ao sentimento? que muito? quando o Espirito Santo, como quem bem conhecia que o coração era o mais angustiado, afflilio mais principalmente a tam angustiado coração? *Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor ejus.*

216 Sendo pois o coração da Senhora nesta soledade triste a parte mais sentida, & a mais magoada, necessariamente havemos de dizer pelo mesmo consequinte, que a parte mais executada pelo tributo das lagrimas foy tambem o mesmo coração; porque sendo o coração da Senhora a parte mais carregada de dores, & de pezares, que tinha que ver que elle era o que devia chorar? As saudades que sentia a Senhora em sua soledade, ou por sua grande dor erão enfermidade

dade que padecia, ou por sua muita oppressão erão peso que carregava: pois se o coração principalmente padecia todo o mal, & carregava todo o peso; bem visto he que por razão do mal que padecia, elle havia de ser quem pelos olhos se havia de sangrar; & que por razão do peso que carregava, elle era quem devia suar pelos olhos. São as lagrimas nas horas da ausência, ou correys da alma que costuma enviar o sentimento; ou fiadores do sentimento que costumão abonar hũa alma: pois se o coração da Senhora era a parte mais quebrada, qué duvida que só o coração era obrigado a dar aquelles fiadores do sentimento? & se o coração era a parte mais saudosa, quem duvida que aquelles correys da alma só os devia mandar o coração? Todos os Devotos Contemplativos deste doloroso mysterio dizem, que a soledade da Senhora se representou naquella lança, que ferio o lado de

Christo no Calvario: com razão: porque assim como aquella lança foy a ferir o coração de Christo; assim tambem a soledade da Senhora a parte que mais lhe magoou, já vimos que foy o coração: mas reparo em que o coração de Christo lançasse sangue, & juntamente agua: *Exivit sanguis, & aqua*: & que mysterio tem lançar agua alem do sangue? hum coração pôde lançar sangue, pois logo como lançou tambem agua? Direy: lançava sangue pelo que era; lançava agua, pelo que representava: era o coração de Christo ferido na Cruz, & como tal lançava sangue; representava o coração de Maria trespassado na soledade, & como tal lançava agua: para que assim se entendesse que as lagrimas que chorou Maria em sua soledade, erão sim destiladas pelos olhos, mas erão muy nascidas do coração: ou para que assim se entendesse q̃ o tributo de suas lagrimas, q̃ pagou em sua soledade, foy

foy o mesmo coração destilado em lagrimas : *Lancea latus ejus aperuit , & exiivit aqua.* Algum dia me lembra a mim que comparava eu neste mesmo dia as lagrimas da Senhora aos quatro rios do Paraíso, & agora me persuado que as comparava bem; porque aquelles quatro rios diz o Texto que nascião do meyo do Paraíso : *de medio Paradisi* : treslada o Abulense : *de corde Paradisi* : quer dizer, que nascião todos do coração do Paraíso : & que bem nascião ! porque como aquelles tam celebrados rios representavão por aquelle deserto as lagrimas da Senhora em sua soledade; para que se visse que erão muy nascidas do coração as lagrimas da Senhora , claro está que todos aquelles rios havião de nascer de hum coração : *de corde Paradisi* : a dor da soledade sabem todos que era hum mar de amarguras que fluctuava no coração da Senhora : *Magna est enim velut mare contritio tua* : as lagrimas

erão os rios que nascião deste mar; & por isso porque là andava tam tormentoso o mar, apparecião ca tam caudalosos os rios: pois se o mar da soledade estava no coração da Senhora , & se as lagrimas erão os rios que nascião daquelle mar; bem se segue que là do coração nascião as lagrimas: fique logo por conclusão deste discurso, que a parte mais oprimida da penção das saudades , & a parte mais executada pelo tributo das lagrimas , foy sem duvida o coração : *acta est sub tributo Domina gentium.*

217 Comtudo eu tenho nesta materia grande duvida ; imagino que o coração rão foy o principal tributario , nem das lagrimas , nem das saudades: pois logo quem ? Entendo que o entendimento ; porque quem nasceo para mais entender, quem duvida q̃ foy para mais sentir ? Houve de encarnar hũa das tres divinas Pessoas, & hé commum reparo, porque mais

encarnou o Verbo divino ; porèm quem senão elle havia de encarnar ? Deos encarnava para padecer pelos homens, & como o Verbo divino he a mesma intelligença de Deos, a quem senão a elle havia de tocar o padecer ? Não nego que tambem costuma sentir o coração, porèm o coração não pôde sentir senão a dor material; & como todas as razoens de sentimento que padeceo a Senhora em sua soledade tocavão só à parte intelligivel, seguese que sobre o entendimento carregou toda a dor da soledade : & senão pergunto : Quaes forão os tormentos que padeceo a Senhora ? Primeiramente padeceo a dor de suas saudades : & saudades que vem a ser ? Saudades são aquellas amorosas lembranças que ficão de hum bem ausente ; são aquellas tristes memorias que se conservão de hum bem perdido : pois se as saudades são lembranças, se as saudades são memorias, sendo as memorias, &

as lembranças operaçoens do entendimento, a quem senão ao entendimento toca padecer as saudades ? Logo se o tributo que pagou a Senhora nesta rigorosa ausencia forão as saudades do seu amado Jesus ; bem se segue que seu entendimêto foy quem principalmente pagou este tributo.

218 Mais. O outro tormento que padeceo a Senhora em sua soledade, foy a consideração da morte, & circumstancias que aggravarão a paixão sacratissima de Christo : recolheo se a Senhora a seu retiro, & alli acópanhada só de sua dor, & sò comfigo, entre o pranto, & o silencio, se poz a recorrer pela memoria as sem-razoens daquella morte, & as causas de sua soledade; alli se poz a considerar, que lhe mórre em húa Cruz hũ Filho unico, innocente, divino, atormentado, vendido, açoutado, escarnecido ; alli se poz a considerar na crueldade da prisão, na tyrannia dos açoutes, na barba-
ri-

ridade dos espinhos, no rigor dos cravos, no ludíbrio da pupura, na injuria da cana; alli se poz a considerar na multidão das feridas, na immensidade das chagas, na impiedade da lança, na amargura da esponja, no tormento da columna, na afronta da Cruz: & que dor lhe causaria à Senhora a consideração de todas estas afrontas, & de todos estes tormentos? Mas esta dor quem a padecia senão a consideração? Logo na soledade da Senhora quem padeceo toda a pena foy só seu entendimento. Descreve São João no seu Apocalypse a soledade desta Senhora, & diz que lhe derão hũas azas de Aguia para affitir em sua soledade: *Raptus est filius ejus, & datae sunt mulieri alae duae Aquilae magnae, & mulier fugit in solitudinem.* Reparava aqui, porque razão havia a Senhora em sua soledade de tomar azas de Aguia: que fosse Aguia a Senhora, em quanto fosse vivo o divino Sol de justi-

ça, bem está; mas depois de defunto o Sol? ao Sol costumão as Aguias beberlhe os resplandores; porèm contemplarlhe os paracifmos? se quiz vestirse de azas para carregar-se de pennas, não tomaria com mais propriedade ou azas de pomba como mais faudosa, ou azas de Phenix como mais solitaria? poi logo porque mais azas de Aguia? Porque as Aguias são o symbolo dos entendidos, & como pelos discursos se apurão os sentimentos, para que entendefemos nós que a Senhora padeceo em sua soledade com todos os sentimentos de entendida, ou que só em quanto entédida padeceo, por isso em sua soledade a reprezentou São João com azas, & cõ voos de Aguia: *Datae sunt mulieri alae duae Aquilae magnae, & mulier fugit in solitudinem.*

219 É verdadeiramente que para S. João encarcer a dor, & o sentimento da Senhora no retiro de sua soledade, não sey com que

mayor encarecimento o püdera fazer do que significando que padecera com o entendimento ; porque, que dor de mayor confideração pöde haver do que a dor da mesma confideração? As feridas tanto são mais penetrantes, quanto mais agudos são os instrumentos com que se fazem, & quanto mais se levantão os instrumentos com que se imprimem ; & que instrumento mais agudo que hũ entendimento delicado? q̄ instrumento mais levantado que hum discurso bem sobido? Segue-se logo que a dor mais aguda he a que causa hum discurso, & que o golpe mais penetrante he o que imprime hum entendimento: & assim que a dor do coração, grande he, porque he muy sensível ; porém a do entendimento he muito mayor, porque he muito mais consideravel: já se o entendimento se achar em hũa soledade, onde os conceitos são mais agudos, & os discursos são mais sobrelevados, quem duví-

da que serão mais penetrantes os golpes do entendimento? Logo mais encarecida fica a dor da Senhora dizendose que foy dor do entendimento, do que dizendose que foy dor do coração: por isso São João acertadamente descrevendo a soledade da Senhora, para a encarecer magoada, a exaggerou entendida; por isso a considerou com azas de Agüia no retiro de sua soledade: *Data sunt mulieri alæ duæ Aquilæ magnæ, & mulier fugit in solitudinem.*

220 Remontada pois esta Agüia generosa aos retiros de sua soledade, assim como seu entendimento foy o principal tributario que pagou as penas, assim tambem havemos de dizer que seu entendimento foy o principal tributario que derramou as lagrimas; porque lagrimas tam secretamente vertidas, & pelo côseguinte, tam discretamente choradas, de quem podião ser senão lagrimas do entendimento? Plantou Deos

no Paraíso a Arvore da Vida ; depois logo a Arvore da Sciencia ; & então logo immediatamente brotarão os quatro rios do Paraíso : esta he a ordem com que o Texto sagrado descreve a disposição das duas Arvores , & o nascimento dos quatro rios : *Lignum etiam vitæ in medio Paradisi , lignumque scientiæ boni , & mali , & fluvius egrediebatur de loco voluptatis , qui inde dividitur in quatuor capita.*

Notem a ordem do Texto : *Lignum etiam vitæ in medio Paradisi*, eis aqui primeiro a Arvore da Vida : *Lignumque scientiæ boni , & mali*, eis aqui logo a Arvore da Sabedoria : *Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis , qui inde dividitur in quatuor capita*, eis aqui immediatamente o nascimento dos quatro rios : pois porque razão nascêrão os rios, & as Arvores por esta ordem? porq̃ não] nascêrão os rios logo depois da Arvore da Vida , senão immediatamente da Arvore da Sciencia? Grande confirmação

do que digo. O Paraíso naquelle deserto era figura da Senhora nesta soledade ; a Arvore da Vida figura do coração, que he o principio da vida ; a Arvore da Sciencia figura do entendimento, que he a officina da sciencia ; os quatro rios erão figura das lagrimas da Senhora, que como fontes perênes estavão brotando de quatro em quatro : pois por isso os quatro rios não brotavão logo da Arvore da Vida, senão depois da Arvore da Sciencia ; porq̃ as lagrimas da Senhora em sua soledade mais propriamente nascêrão dos discursos de seu entendimento, que das angustias de seu coração.

211 He verdade que o coração estava feito hum mar de lagrimas ; & he verdade tábê q̃ como o vento dos suspiros se represava todo sobre o coração, estava muy tempestuoso o mar: porê m bem pòdem haver tormentas no mar, sem que cayão chuvas do Ceo ; porque visto he que no Ceo se
for;

formão , & do Ceo he que cahem todas as chuvas : logo ainda q̃ o coração corresse mar tormenta , nem por isso he forçoso nascerê as lagrimas do coração; mas vejão como aquelles chuveiros de lagrimas nascião todos do entendimento. Estando assim o coração da Senhora em hũa tormenta desfeita, nublouse o entendimento da Senhora , que como tam celestial , & tam superior , era o Ceo daquelle mar, por final que como lhe faltava o Sol , então se lhe escureceo o dia : as nuvens erão de tristeza , & estava todo aquelle Ceo cuberto de nuvens ; estas pois embebendo em si todos os tormentos da Alma, & todas as amarguras do coração, cheas de dor , & prenhes de sentimento, começãrão a desfatarse pelos olhos, ou em lagrimas a diluvios, ou em diluvios de lagrimas; & posto que erão dirigidas do coração, bem mostravão comtudo que erão nascidas do entendimento, & não só do enten-

dimento nascidas, mas no entendimento formadas , ou ja pela razão có q̃ brotavão, ou ja pela discrição có q̃ corriaõ. Digase pois q̃ ainda que o mar estava no coração, que cõtudo as lagrimas nascião do entendimento: assim o deo a entêder a Santa Brigida a mesma Senhora, que todas as suas lagrimas resultavão de seu entendimento, & nascião de sua consideração: *Quando considerabam clavos, manus, & pedes, tunc oculi mei lacrymis replebantur.* Fique logo por conclusão deste discurso, que a porção da Alma da Senhora que principalmente pagou tributo a suas lagrimas, & a suas saudades, foy sem duvida o entendimento da Senhora: *Facta est sub tributo Domina gentium.*

222 Comtudo, ainda esta resolução tem sua duvida; ainda me persuado q̃ não foy o entendimento o principal tributario , nem das penas, nem das lagrimas : pois logo qual havemos de dizer que foy o principal

S Brigida
ubi sup

cipal tributario? Se ao povo sò mête costumão abráger os tributos, & se os olhos, como diziamos, representaõ ao povo, que tinha que ver, que este tributo só o haviaõ de pagar os olhos? Porém como este fundamento serà tal vez sem razão: busquemos nova razão que nos sirva de melhor fundamento; argumento assim: Toda a pena, toda a dor, todo o tormento, que neste seu retiro padeceo a Senhora, foy a ausencia, & a soledade do Senhor; esta soledade nam a padeceo o coração, esta soledade naõ a padeceo o entendimento, sò os olhos padecêraõ esta soledade: logo esta pena sò a pagãraõ os olhos. A primeira vista parecerà a proposição que digo menos verdadeira, mas eu a mostro a olhos vittos, & provo desta sorte: Estar em soledade, he estar em ausencia: logo quem tem a Christo presente, naõ està em soledade de Christo: o entendimento da Senhora tinha a, Chri-

sto muy presente por lembrança: o coração da Senhora tinha a Christo muy presente por amor; porque posto que Christo estava sepultado, estava comtudo muy impresso naquelle entendimento, & muito dentro daquelle coração: logo nem o coração, nem o entendimento estavão em soledade de Christo; só aos olhos da Senhora faltava Christo de todo com tua presença, só os olhos estavão totalmente em ausencia, & soledade de Christo: logo só os olhos padecião rigorosamente toda a soledade: não deixo de conhecer que foy grande o sentimento do coração, & que foy grande a pena do entendimento; porém digo que a pena do entendimento, & o sentimento do coração, não foy porque a soledade a padecessen elles, senão por acompanharem aos olhos na dor de sua soledade. Assim o disse profundamente David: *Conturbatum est cor meum: dereliquit me virtus mea, & lumen oculo-*
rum

rum meorum, & ipsum non est mecum. Singulares palavras ! desorte que faltando a luz, & estão a Senhora em ausência do Sol, & *ipsum non est mecum*; o coração não ha duvida que ficou turbado: *conturbatum est cor meum*: o entendimento he verdade que ficou desfalecido: *dereliquit me virtus mea*; mas isso nam porque se ausentasse a luz, nem da presença do entendimento, nem da presença do coração; senão, porque a seus olhos lhes faltava a luz, ou porque se lhe ausentára a luz de seus olhos, & *lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecum*: logo com razão dizia eu, que posto q̄ nesta soledade o coração, & o entendimento acompanhãrão aos olhos na sua dor, que comtudo sómente os olhos padecêrão em si toda a dor da soledade.

223 Nesta mesma cõformidade havemos de dizer, que assim como he certo que os olhos sómente padecêrão o tormento da

soledade, assim tambem he certo que só os olhos pagãrão o tributo das lagrimas; & a razão he, não só porque as lagrimas são o thesouro dos olhos, senão porque quem havia de pagar o tributo, senão quem era devedor ao sentimento? Pois como só os olhos padecião a ausência, quem devia as lagrimas, senão sómente os olhos? Notavel mysterio foy que derramando a Senhora tantas lagrimas em sua soledade, & *lacrymæ ejus in maxillis ejus*, que ao pé da Cruz não derramasse hũa só lagrima, *Stabat juxta Crucem*: assim explicou Santo Ambrosio a energia destas palavras: *Stantem lego, flentem non lego*: pois se tanto chora na Cruz de sua soledade, porque não chora tambem ao pé da Cruz? Para darmos reposta a este reparo nas lagrimas da Senhora, façamos este reparo mesmo nas lagrimas da Magdalena. Sendo a Magdalena tão amante de Christo, não consta do Evangelho que chorasse no Cal-

Calvario, só nos consta que derramou muitas lagrimas junto ao Sepulchro: *Stabat ad monumentum foris plorans* : pois se tanto chora junto ao Sepulchro, porque não chora tambem ao pé da Cruz ? Ou já que não chorou ao pé da Cruz, porque mais chora tanto junto ao Sepulchro ? A razão he, porque na Cruz ainda via a seu Mestre, & a seu Senhor, & no Sepulchro já o não via: bem he de crer q̄ à vista daquelle tam lastimoso espectáculo teria o coração muy magoado, & o entendimento muy sentido ; porèm ainda que o vello era seu tormento, o vello ainda era seu alivio, & por isso em quanto os olhos tinham que ver, não tinham ainda tâto que chorar, mas tâto que o Senhor se lhe occultou aos olhos em hũa sepultura, tanto q̄ seus olhos chegarão a não ver a seu Senhor, claro está que já então como os olhos padecião, já então devião lagrimas os olhos: não he o pensamento menos que de

Santo Agostinho : *Oculi qui Dominum quaesierunt, & non invenerunt, jam lacrymis vacabant, plus dolentes quod fuerat de monumento sublatus, quam quod fuerat in ligno occisus.* D. Aug. tr. 1. 21. in Joan.

224. Passando pois das lagrimas de huma Maria para as lagrimas de outra, passando das lagrimas de Maria Magdalena para as lagrimas de Maria Santissima, respondo da mesma forte, & digo, que na Cruz não chorou a Senhora, porque ainda os olhos tinham presente ao Senhor; & chorou na soledade, porque já tinha ao Senhor ausente de seus olhos: pois te atè os proprios olhos, de quem são proprias as lagrimas, se atè elles não chorarão senão depois que não virão; sendo certo q̄ sempre a Senhora teve muy presente a Christo nos affectos de seu coração, & nas lembranças de seu entendimento, & sendo certo outrossi que só aos olhos faltou a presença de Christo; que havemos de dizer, se não

não que as lagrimas que corrião por esta soledade, são só tributo que pagavão os olhos? que havemos de dizer, senão que nesta ausência de Christo só os olhos pagarão o tributo de seu amargo pranto, porque só os olhos padecerão a dor de sua rigorosa soledade? He toda a razão de suas lagrimas que deo a mesma Senhora pelo Propheta Jeremias: *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas, quia longè factus est à me qui consolabatur me.* Por ultima confirmação: já sabem todos que a Arca do Testamêto foy expressa figura da Virgem Santissima; & naquella occasião prodigiosa em q̃ a Arca do Testamento atravessou no deserto as aguas do Jordão, entendo eu que mais especialmente representava a Senhora entre as aguas de seu prãto no deserto de sua soledade; porque assim como as lagrimas da Senhora hiaõ todas dirigidas ao seu morto, & sepultado Jesus: assim tambem as aguas do

Jordão corriaõ a sepultarse no mar morto; & assim como as lagrimas da Senhora formãrao na sua soledade hum dilatado mar: assim tambẽ as aguas do Jordão correraõ ao mar, que chamavaõ da soledade: *Steterunt aquæ ad instar montis intumescentes; quæ autem inferiores erant, in mare solitudinis, quod nunc vocatur mortuum, descēdebant.* Isto posto, reparo aqui na differença com que se achava a Arca do Testamento no meyo daquellas aguas: de maneira, que no meyo do Jordão estava tudo enxuto, porque alli se viaõ as aguas divididas: da parte de cima estavaõ as aguas suspensas; da parte inferior corriaõ as aguas arrebatadas; & pelo meyo ou differença de todas estas aguas hia atravessando a Arca do Testamento: & porque razão caminhava assim com esta differença? Com grandissima razão: porq̃ o meyo, ou o coração do rio representava o coração da Senhora: a parte superior re-

Thien.
1. 16.

Iosue 3
16.

representava os discursos de seu entendimento; & a parte inferior representava o sentido dos olhos: pois com razão corria só para o mar da soledade as aguas da parte inferior; para que assim ficasse entendido, que para correrem ao mar do pranto da Senhora, & para tributarem ao mar de sua amargura, & de sua soledade, que as lagrimas do entendimento, como de mais affombradas, estiverão detidas; as do coração, como de mais exhaustas, ficãrão enxutas; só as inferiores, só as lagrimas dos olhos, como de mais sentidas, correrão precipitadas: *Quae autem inferiores erant, in mare solitudinis, quod nunc vocatur mortuum, descenderunt.* Fique logo por conclusão deste discurso, que nesta soledade que a Senhora padece, quem pagou todo o tributo foraõ os olhos da Senhora: *Facta est sub tributo Domina gentium: & lacrymae ejus in maxillis ejus.*

de ouvir as partes, & de todas temos ouvido as razões: qual havemos de dizer agora que foy a parte mais magoada, & que nesta rigorosa soledade pagou o mayor tributo ao sentimento? Respondo por ultima conclusão, que quem pagou nesta soledade todo este tributo, nem foraõ só os olhos, nem foy só o entendimento, nem foy só o coração; & digo que toda a Alma Santissima da Senhora foy a que pagou inteiramente todo este tributo da soledade: o coração, o entendimento, & os olhos foraõ os ministros por cujas mãos se pagou o tributo do sentimento; mas verdadeiramente a Alma Santissima da Senhora foy a que pagou todo o tributo: do entendimento eraõ as faudades, do coração eraõ as dores, dos olhos eraõ as lagrimas: porque os discursos formavaõ-se no entendimento, as penas sentiaõ-se no coração, & as lagrimas arrebentavaõ dos olhos; porẽm a Alma era a que se enleva-

va em discursos, a Alma era a que se consumia em penas, a Alma era a que se destilava em lagrimas; porque da Alma nasciaõ os discursos do entendimento, na Alma carregavaõ as penas do coração, da Alma corriaõ as lagrimas dos olhos, & em fim todo o tributo inteiramente era pranto, era dor, era sentimento da Alma, de tal sorte, que ella toda era a que ponderava, a que sentia, & a que chorava; porque ella toda indivisivelmente discorria com o entendimento, ella toda chorava com os olhos, ella toda padecia com o coração. Comparou o Santo Velho Simeão esta soledade da Senhora a hũa espada penetrante, & disse que a Alma da Senhora se havia de trespassar com hũa rigorosa espada: *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius*: & porque não disse que a espada a havia de ferir, senão que a havia de trespassar: *Pertransibit?* Porque ferir, he magoar hũa só parte; & trespassar,

he passar de parte a parte, & he não deixar parte nenhũa por ferir; & como na Alma da Senhora não houve parte nenhũa que ficasse igualmente ferida, por isso se diz que ficou totalmente trespassada: *Et tuam ipsius animam pertransibit gladius*. Segue-se logo, que para fallarmos com acerto nesta materia, havemos de dizer ultimamente, que este tributo da soledade, que o pagou inteiramente a Alma da Senhora, porque namouve parte daquella Alma, que não pagasse igualmente este tributo, sendo ella nesta rigorosa soledade a unica, a principal, & a propria tributaria das lagrimas, das faudades, & das dores; porque só por sua conta corria o pagar nesta triste soledade as lagrimas dos olhos, as faudades do entendimêto, & as dores do coração. Esta he a resolução de todo o meu discurso, porque esta he a resolução do nosso thema; pois o Propheta Jeremias descrevendo este tributo da soledade da Senhora,

nhora , não fez distincam
nenhũa das partes que o
pagavão ; por isso sem ex-
pressaõ das partes disse só
distintamente , que a Se-
nhora pagava este tributo :
*Faëta est sub tributo Domi-
na gentium : & lacrymæ
ejus in maxillis ejus.*

226 Porêm como o
Propheta de algũ modo at-
tribuhio mais as lagrimas
aos olhos, & *lacrymæ ejus
in maxillis ejus* : ja que o
dispendio das lagrimas, &
o rigor da soledade cõ al-
gũa propriedade mais to-
cou aos olhos da Senhora,
justo será que nesta soleda-
de demos algũ alivio a seus
olhos; se bem temo que se-
rà mayor causa de seu tor-
mento , o mesmo instru-
mento de seu alivio. Não
poderey eu, ó Virgẽ Santif-
sima, & affligidissima Mãy,
não poderey aliviar vossos
olhos cõ a presença do ori-
ginal; mas visto que os re-
tratos servem de alivio nas
ausencias , aqui offereço
a vossos olhos este ensan-
guentado retrato : tormen-
to seria vosso que sendo vòs

tão soberanamente Senho-
ra, vos visse o mundo tão
rigorosamente tributaria:
*Faëta est sub tributo Do-
mina gentium* : mas deste
vosso tormento achareis
aqui o vosso alivio; porq̃,
q̃ muito que sendo vòs Se-
nhora do mundo, pagasseis
tributo a vosso sentimento,
se aqui vedes o Senhor do
mundo pagando tributo à
nossa mortalidade? Oh que
cruéis, mas que preciosos
tributos! Vosso Filho pagã-
do tributos à morte em tão
destilado rubi, vossa Alma
pagando tributos à dor em
tanto derretido aljofar, ru-
bis, & aljofares se ajuntão
para o custo do vosso senti-
mento, para o preço de nos-
sa redempção. Ó Virgem
Santissima! ò affligidissima
Mãy! suspendei por hum
pouco as lagrimas, & pon-
de os olhos hũ pouco nes-
te divino transumpto, neste
ensanguentado retrato. Es-
te, Senhora, he o retrato,
não sey se de vosso Filho,
se de vossa Alma; parece
mais de vossa Alma; porq̃
assim como este retrato está

todo despedaçado de chagas; assim está também vossa Alma toda trespassada de dores; porém por isso mesmo me parece mais o retrato de vosso Filho, porque se parece tanto com vossa Alma; & não só porque era toda a vossa Alma o vosso querido Filho, senão porque estas sóbras nesta vossa soledade tanto mais o retratão vivo, quanto mais o representão morto; mas do modo que for, este he o retrato do vosso amado Filho', este he o retrato do vosso doce Jesus, neste espelho vos podereis hoje ver, & nesta estãpa o podereis contemplar: pelo que se até agora derramaveis lagrimas para lhe chorar a auêcia, derramai lagrimas agora, para lhe lavar as chagas; porém como por tão chagado, está tão desconhecido, por ventura que nem as chagas que vedes, nem as lagrimas que chofais, vos permitão conhecer este retrato sem figura, esta apparencia sem semelhança, esta imagê sem pro-

porção. Mas Senhora, esta cabeça que ensanguentou a coroa, estes olhos que eclipsou a morte, estas faces que maltratárão as afrontas, esta boca que atormentárão as marguras, estes braços que renderão as pritoês, estas mãos, & pês que trespassarão os cravos, este peito que rasgou a lança, este coração que descobrio o amor, este corpo todo assim chagado, assim ferido, assim despedaçado, este he o vosso querido Filho, este he o vosso doce Jesus, este he o nosso Deos, & o nosso Redemptor; & para que por todas as partes o contempleis, vede por estoutra parte.

227 O Almas Christans, chegai a lavar este sangue com vossas lagrimas, chegai a lavar vossas culpas com este sangue; aqui vereis na multidão destas feridas o numero de nossos peccados; aqui vereis na immensidade destas chagas o effeito de nossas culpas. Oh Fieis! como não desistimos algũa hora de continuar
tan-

tantas culpas, se quer pela lastima de acrescentar tantas chagas? Oh se acabaramos algũ dia de offender a hũ Deos que tanto padeceo por nós! Oh se acabaramos algũ dia de conhecer o quanto devemos a Deos! Oh se acabaramos de acumular a multidão de tantas culpas para q algum dia nos aproveitasse o preço de tantas chagas! Mas Senhor, para q vossas chagas nos aproveitem, *Ostende nobis faciẽtuam, & salvi erimus.* Oh meu dulcissimo Jesus! Oh meu Deos da minha alma! meu Senhor do meu coração! Oh quem sempre vos

amãra, quem nunca vos offendera meu Deos, & meu Senhor! mas ja que tanto vos offendemos, não possão mais nossas offensas, que vossas misericordias, perdoaynos Senhor o que somos por quem vòs sois, perdoaynos por este sangue, por estas chagas, por estas feridas, pelos tormẽtos todos de vossa Payxaõ sacratissima, & o que mais vos moverà, pelas lagrimas, & soledade de vossa Santissima Mãy, para que assim alcãçãdo vossa divina misericordia, mereçamos a graça, & depois a Gloria. Amen.





SERMOENS

DOS PASSOS DE

Christo S. Nosso,

Prègados em as tardes das festas feiras da Quaresma em o Convento de N. Senhora do Carmo da Cidade da Bahia , pòr ordem dos Irmaõs da Veneravel Ordem Terceira da mesma Senhora.

SERMAM I.

Do Passo do Horto.

Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus adversus semetipsum contradictionem. Ex Paulo ad Hebr. 12.

228



E no mar , & na tormenta da Paixão santissima de Christo puderaõ navegar tam confiadaméte os discursos, como pôde os sentimentos, bem nos pu-

deramos atrever não só ao cuidado de tam superior assumpto , mas ainda ao desempenho de tão mysteriosa acção ; porém sendo os tormentos de Christo tão sobrelevados a nossos dis-

discursos, quanto o forão a
nossos merecimentos, &
sendo elles aquelle mar tẽ-
pestuoso onde o mesmo
Verbo divino encarnado
chegou a çoçobrar-se; que
juizo, ou que entendimen-
to poderà dar hum só passo
sem perder-se? Com que se-
gurança poderà navegar a
intelligencia humana, on-
de padeceo naufragio a
mesma Sabedoria divina?
68 3. *Veni in altitudinem maris,
& tempestas demersit me.*
Comtudo se he certo; co-
mo he, que nesta mesma
tempestade da Paixão de
Christo consistio a salva-
ção do mundo, porque ha
de ter nella receyos de per-
der-se, quem só nella funda
as esperanças de salvar-se?
Seguramente posso eu lo-
go empregar os meus dis-
cursos na consideração de-
stes tormentos, principal-
mente, porque quando me
falte a piedade para os sen-
tir, sobra em mim a expe-
riencia para os ponderar;
& porque isto he o que no
nosso thema nos està per-
suadindo a todos o Apосто-

lo S. Paulo, que huma, &
muitas vezes empregue-
mos a cõsideração nos tor-
mentos, & paixão de Chri-
sto: *Recogitate eum, qui ta-
lem sustinuit à peccatoribus
adversus semetipsum con-
tradictionem.*

229 E verdadeiramẽte
não sey eu, Catholico audi-
torio, que objecto possa ser
mais digno da cõsideração
dos homens, que huns tor-
mentos de tanta considera-
ção? Não sey que outro ar-
gumento pudemos des-
cobrir os que nos preza-
mos de Christãos, & do no-
me de Jesu Christo, que
seja mais merecedor de
nossos discursos, do que a
consideração de seus tor-
mentos? Sendo a paixão de
Christo aquella officina de
dores, onde à força de sen-
timentos se apurou o mes-
mo divino Verbo, ou a
mesma Sabedoria divina:
onde acharão as discrições
humanas melhor que sen-
tir, que onde a Sabedoria
divina teve tanto que pa-
decer? He certo que da
mesma sorte que o juizo

aviva a dor, assim também a lastima apura ao juizo: pois como a paixão santissima de Christo he a materia que mais lastimosamente nos deve sollicitar os sentimentos, ella he sem duvida também a que mais mercadamente nos deve suspender as attêções. No Paraiso plantou Deos a Arvore da Vida, & junto a ella plantou logo em sua correspondencia a Arvore da Sabedoria: assim era justo que fosse, porque como a Arvore da Vida representava a Cruz, & paixão de Christo, & a Arvore da Sciencia cifrava em si as agudezas, & discursos do entendimento, justo era que a Arvore da Sabedoria ja desde o principio do mundo estivesse correspondendo à Arvore da Cruz, para que assim nos significasse Deos q̄ devião corresponder nosas considerações a suas penas, & os discursos do nosso entendimento aos tormentos de sua paixão. Em confirmação desta verdade, falando Christo do mysterio

da Eucharistia, disse que os homês haviaõ de ser Aguias à vista de tam alto mysterio: *Ubi cumque fuerit corpus, ibi congregabuntur & Aquila*: mas a que fim haõ de ser Aguias? Varias são as razoens que aqui se cõsideraõ; porẽm quanto a mim a razaõ he; porque como a Eucharistia he hũ compendio dos tormêtos, & paixão de Christo, *Recolitur memoria passionis eius*: quer Christo que assim como remontandose a Aguia, se emprega toda nos rayos do Sol; assim na cõsideração de seus tormêtos nos empenhemos todos como Aguias: *Ibi congregabuntur & Aquila*. Que he ver remontarse generosamete hũa Aguia, & deterse na cõtemplação do Sol? tam extatica, & tam abforta se suspende, que ou parece q̄ fio a fio lhe estã examinando os rayos, ou que rayo a rayo lhe estã como bebendo os resplandores: pois assim quer Christo que se enlevem nosos discursos na cõtêplação de seus tor-

Mat: 2
28.

men-

mentos ; quer que nossos pensamentos em sua contemplação tam altamente se remontem , & tam elevadamente se empenhem , que sendo por natureza homens , por imitação sejamos Aguias , & sendo homens para os sentir , sejamos Aguias para os contêmpar ; por isso diz q̄ em sua cõtemplação devemos cõverternos em Aguias : *Ibi congregabuntur & Aquilæ;* & por isso nos persuadem as palavras do nosso thema , q̄ huã , & muitas vezes consideremos a paixão de Christo : *Recogitate eum, qui talem sustinuit contradictionem.*

230 Visto pois que os tormentos , & a paixão de Christo hão de ser todo o emprego da nossa consideração , a primeira cousa em que pudemos considerar , era que S. Paulo lhe não chame paixão , nem tormentos , senão contradicção : *Qui talem sustinuit adversus semetipsum contradictionem* : porèm não he este o ponto de mayor difficul-

dade ; porque se na paixão de Christo admirou novamente a natureza tantas repugnancias da razão , se alli se vio padecer o impassivel , & morrer o immortal ; que outra cousa havemos de dizer que foy a paixão de Christo , senão huma conspiração de implicancias , & hũa cifra de cõtradições ? O pôto pois em q̄ eu faço o meu singular reparo he , que no concurso de tâtas , & taõ incõpatíveis cõtradições , quantas se contêm na paixão de Christo , nos falle o Apostolo sãmẽte em hũa contradicção singular , & isso sê nos dizer , nem explicar qual seja esta contradicção ; & o que mais he , por taes termos falla o Apostolo , q̄ suppoem , sem se explicar , que ja o devemos de entender : essa he a força que tem aquellas palavras , *Qui talem sustinuit cõtradictionem*. Notavel , & singular contradicção deve ser esta ! contradicção que sem ser explicada , ja se suppoem entendida , sem duvida que esta deve ser por

antonomafia a contradição da paixão de Christo: pois qual será entre tantas esta tam notavel, & tam singular contradição? Aqui consiste todo o ponto do nosso thema, & toda a materia do meu assumpto.

231 Pelo que ainda que são muitas, & muy diversas as opinioens dos Expositores neste lugar; eu entendo, com licença de todos, & digo que esta contradição de que trata S. Paulo, he sem duvida o não concorrerem os homens da sua parte com os merecimentos da paixão de Christo. He verdade que por mais diligencia que fiz, não achey Author que me desse esta exposi,ção; contudo, como tenho toda esta Quaresma para desempenho do que digo, torno a dizer, que a falta da cooperação da parte dos homens he sem duvida a contradição que S. Paulo nos manda considerar, & sobre que todos hũa & mil vezes deveramos discorrer: *Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus adversus se. metipsum contradictionem.*

232 Para fundamento do que digo, devemos suppor em primeiro lugar como doutrina certa, que a falta da cooperação da parte dos homens he hũa contradição manifesta que se faz aos merecimentos de Christo, porque he huma opposição, ou resistencia que se faz à efficacia de tam altos merecimentos; por isso daqui resultão aquelles dous termos côtraditórios dignos de se chorarem por toda a eternidade, a saber, ser Christo Redemptor de todo o múdo, & não ser Redemptor de todo o múdo; porq faltado os homês da sua parte, he Christo Redemptor de todos quanto à sufficiencia, & não he Redemptor de todos quãto à efficacia: he Redemptor de todos quãto he da sua parte no valor, & no merecimento; & não he Redemptor de todos por nossa culpa no fruto, & na execução. Devemos mais suppor em segundo lugar, que esta he sem duvida a mayor contradição da paixão de Christo, porque a razão o dicta assim,

& porque assim o suppoz também em prophecia o Santo Velho Simcaõ. Falava elle à letra da paixão fantissima de Christo, & disse assim: *Ecce positus est hic in ruinam, & in resurrectionem multorum, & in signum cui contradicetur*: queria dizer que Christo havia de ser hum alvo de contradicõens, & para prova diz que ainda suppostos os infinitos merecimentos de sua fantissima paixão, ainda assim sendo muitos os que se havião de salvar, ferião também muitos os que se havião de perder: pois isto he ser alvo de contradicões? Ser Christo Redéptor de todos, & não ser Redéptor de muitos, não he húa contradicção sómente? Sim he; mas entendo o Santo Velho judiciosamente, que para provar q̃ Christo havia de ser hum alvo de muitas contradicõens, bastava especificar a mayor dellas; & porque julgou que a mayor de todas as contradicõens quantas padeceo o Redemptor

do mundo em sua paixão fantissima, he o não cooperarem todos para sua salvação; porque julgou que o salvarem-se huns, & condemnarem-se outros, he a mayor contradicção que se faz ao nome, & aos merecimêtos de Redemptor; por isso só por haver dito que huns se havião de salvar, & outros se havião de perder: *Ecce positus est hic in ruinam, & in resurrectionem multorum*, só com especificar esta contradicção tam notavel, se deo por satisfeito para dizer que seria o Redemptor do mundo hum alvo de contradicõens: *Et in signum cui contradicetur*.

233 Isto assim supposto que esta he a mayor de todas as contradicõens da paixão de Christo, & supposto mais que o Apostolo S. Paulo falla em húa contradicção por antonomasia a mayor dellas, bem se segue que a contradicção de que falla o Apostolo S. Paulo, deve ser sem duvida esta mesma de que falla o Santo Velho Simeão. Porém pa-

ra mayor confirmação deste meu pensamento, & para fundarmos a materia de todo o nosso discurso, digo assim: He certo, como já advertimos, que esta contradição de que falla São Paulo, he por antonomasia a contradição da paixão de Christo; assim o significão as mesmas palavras do Apostolo: *Qui talem sustinuit contradictionem*: pois porque razão julgaria o Apostolo S. Paulo que esta contradição que elle nos manda considerar, he a cõtradição por antonomasia? Sem duvida que por huma de duas razoes: ou he, porque à vista da singular contradição de que trata S. Paulo, desapparecê todas as mais contradicoes da paixão de Christo; ou he, porque sêdo as demais cõtradições divididas pelos passos da paixão, só esta singular contradição de que elle trata, se acha sempre inseparavelmente em todos os passos da paixão; pois para q̄ se veja q̄ a contradição q̄ S. Paulo nos mã-

da considerar nas palayrás do nosso thema, he a falta de nossa cooperação, esse ferà todo o meu empenho, que a falta da cooperação da parte dos homens he hũa contradição tam universal, que se acha em todos os passos da paixão de Christo, & tão singular, que à sua vista desapparecê todas as mais contradições q̄ padeceo Christo em sua santissima paixão. Esta he toda a materia que pertendo tratar esta Quaresma, & para que seja cõ algũ proveito de nossas almas, & melhoramento de nossas consciencias: Vòs ô Espirito divino, eterna luz, dictame incõprehensivel, vòs Senhor me assisti com as influencias de vossa divina graça, & suavidades de vossa superior assistencia: inflamai Senhor meu espirito, illustrai meu entendimento, & nos corações de todos nòs tam altamente inspirai, que sintão nossos corações o poder de vosso divino auxilio, & as efficacias de vosso soberano impulso,

pulso : bem conheço que he desigual o instrumento para tão superior empreza; mas nisso mesmo se veião as valentias de vossa graça, que por meyo tam abatidos se executem as assistências de vossa misericordia.

234 Começando pois pelo mysterio do Horto, & primeiro passo da paixão, muitas são as repugnâncias, & contradicções que nelle se representaõ, & a primeira, he aquella mesma repugnancia que Christo começou a sentir, temendo o caliz que havia de passar:

Capit pauere, & tædere. Entrou o Redemptor do mundo pelas espessuras daquelle monte, acompanhado de tres Discipulos, & retirado mais hum pouco entre as sombras daquelle arvoredor, entrou na consideração dos tormentos que havia de padecer, & tendo de todos elles cada accidente hum horror, cada circunstantia hũ susto, diz o Texto sagrado que começou Christo a te-
ner: Capit pauere, & tæ-

dere. Considerado bem este temor de Christo, nam faz duvida q he hũa grãde contradicção de seu amor; porq bẽ cõsiderada a valẽtia de seu amor, & a generosidade daquelle amoroso coraçãõ, não sei como nelle se puderaõ cõ padecer tam grande amor com temor tam grande. He o amor hum affecto tam alentado, que o naõ acõvarda nennũ perigo; porque como delde menino foy sèpre creado com as armas na maõ; de tal sorte perdeu o medo ainda à mesma morte, que assim como implicaria que a morte temesse a alguẽm, assim tambem implicaria que temesse o amor; porque o amor já sabem que he tam intrepido como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*: isto he fallando indistinctamẽte de qualquer amor; pois que serã fallando do amor de Christo? He o amor de Christo tam agigantado nas forças, q quando naõ ouvesse outra razão para pintar-se menino todo outro qualquer amor, ba-

baitava comparar-se com o amor de Christo para parecer menino; porque em fim, *Exultavit ut Gigas ad currendam viam* : pois se amar, & temer em outro qualquer amor são termos que se contradizem; que contradição não será em tam agigantado amor? Ora com isto se representar assim, eu entendo que não foy esta a contradição de q̄ trata S. Paulo no nosso thema, antes digo que se bem o ponderarmos, não ouve aqui contradição: he verdade que à primeira vista parece que este temor de Christo foy covardia de seu amor; mas a verdade he que este mesmo temor foy argumento de sua mayor valentia, & que não fora o amor de Christo tam alentado, se Christo não ouvera temido: dou a razão; porque se Christo padecera os tormentos de sua paixão sem primeiro os haver temido, differamos sómente que seu amor tivera forças para padecer os tormentos, mas não differamos q̄

as tivera para vencer o temor: & temendo Christo padecer? segue-se que seu amor não só teve esforço para pôr o peito a todos os tormentos da paixão, senão também para vécer, & atropellar o mesmo temor dos tormentos: pois q̄ mais alentado amor? Com ser o temor formalmente a mesma covardia, he bem averiguado que não ha paixão mais valerosa que o temor, porque ainda as mais celebradas constancias a que nenhum outro valor poderia arrastar, sabemos que só o temor de algum perigo as pode vencer; & que cô-tudo sendo tão valente o temor, nos amasse Christo com hum amor tanto mais valente, que a pezar do mesmo temor se avançasse seu amor a padecer tanto numero de tormentos, & tormentos não só cruelmente executados, mas ainda tão fundadamente temidos, quem duvida que esta foy a mayor valentia do amor de Christo?

235 Se advertirmos

para as proezas mais heróicas ou de Cesar, ou de Alexandre, acharemos que a sua mayor valentia não consistio nos Exercitos q̄ rompêrão, nem nos Rey nos que conquistãrão: pois em que consistio? Em que avisados ambos por carta da morte que os esperava, a Alexandre no veneno, & a Cesar no Senado, tendo ambos na mão os avisos de sua morte como fundamentos de seu temor, apezar do temor triunfantes ambos, Alexandre poz a taça à boca, & Cesar poz o peito ao punhal. Oh valor digno de hum Cesar, digno de hum Alexandre! Mas este mesmo valor contagrãrão divinamente os dous mayores affombros da valentia, cada qual delles com a espada na mão, o grande Propheta Elias na Ley Escrita, & o Apostolo S. Paulo na Ley da Graça; mas onde esteve o mayor esforço de Elias? onde esteve o mayor valor de São Paulo? Ninguem porã duvida em que o mayor esforço de

Elias esteve em chegar elle mesmo a desafiar a morte: *Petivit animæ suæ, ut moreretur*: & q̄ o mayor valor de S. Paulo esteve em buscar a morte elle mesmo: *Vado in Jerusalem*: & nunc *ecce ego scio quia amplius non videbitis faciem meam*: porêm aqui se offerece esta duvida, que muitos outros desejãrão a morte como S. Elias, & muitos outros se offerecêrão à morte como S. Paulo: pois logo que singularidade teve o valor de S. Paulo, ou o esforço de Elias? Vejaõ a singularidade: Elias quando desafiou a morte, hia fugindo para livrar a vida: *Timuit ergo Elias, & surgens abiit*; & S. Paulo quando foy offerecer a vida, já havia fugido da morte: *Per fenestram dimissus sum, & sic effugi manus ejus*: pois eis ahi a ventagê de Elias, & eis ahi o excessõ de São Paulo. Que outros muitos se offerecessẽ intrepidamente à morte sê o receyo della, seja embora argumẽto de seu grande esforço;

porém não he esse o credito de mayor esforço: q̄ Elias, & que S. Paulo, temendo ambos perder a vida, venceffem ambos o temor da morte, aqui consiste a valentia de ambos, & aqui consiste a mayor valentia: razão: porque offerecerse a morrer sem haver temido a morte, he vencer só o amor da vida; porém temer a morte, & offerecerse a morrer, se bem se nota, he triunfo dobrado, porque he vencer em hũa mesma acção não sómente o amor da vida, mas tambem o temor da morte; pois este fim, este he dobrado valor, porque he dobrado triumpho.

236 Este he o valor de hum Cesar, & de hum Alexandre; este he o valor de hum Elias, & de hum São Paulo; & este em fim, se bé com superiores ventagens, he o valor do amor de Christo, & este, se me não enganar, o mayor brazão de seu valor. Bem sabem todos que a Cruz he o brazão, & o estendarte de Christo, &

que por isso até no fim do mundo apparecerá cõ este estendarte: *Tunc apparebit signum filij hominis*: porém duvidey muitas vezes, porque razão não tomaria Christo por trofeo de sua vitoria nenhum outro instrumento de sua paixão, senão o estédarte da Cruz? Fundemos a duvida: Não foy a lança o instrumento com que se consumou a vitoria de Christo? Logo a lança, como ultimo instrumento de sua vitoria, devia ser a mayor diviza de sua valentia: pois porque mais fez Christo o seu estendarte da Cruz, do que da lança? E para que creça a difficuldade: Não he certo que Christo padeceo o tormento da Cruz, dandolhe as costas como temeroso? & não he certo que padeceo o golpe da lança, dandolhe o peito como alentado? Assim he; mas por isso mesmo, porque Christo padeceo o golpe da lança a peito descuberto como que não receava, & porque padeceo o tormêto da

Mat. 2
3º.

Cruz,

Cruz, dandolhe as costas como quem a temia, por isso he que fez trofeo, não da lança, senão da Cruz: para padecer a lança, mostrou que tinha valor; porém levando o golpe, mas não vencendo o temor; pois não seja trofeo a lança: para padecer a Cruz, mostrou que tinha temor, he verdade; mas mostrou que tinha alento, não só para padecer a Cruz, senão também para vencer o temor; mostrou que tinha temor da Cruz, porque lhe dava as costas como quem fugia; mostrou que tinha alento para vencer o temor, porque morria a pè quedo, como quem a não receava: pois instrumêto onde Christo não sómente vence o amor da vida, senão também o temor da morte, este tão glorioso instrumento, este seja o brázão de suas valentias, & este só seja o estendarte de seus triunfos: *Signum Filij hominis*. Segue-se logo que da mesma sorte os temores que Christo padecio no Horto, não contra-

dizem as valentias de seu amor, antes muito mais acreditão, & encarecê suas valentias; & temos satisfeito à primeira contradição que se nos representava nas palavras, *Cæpit pavere*.

237 *Et progressus pusillum prócidit in faciem suam*. Entrado assim o Redêptor do mundo do temor de sua paixão, diz o Texto sagrado que ajoelhando perante seu Eterno Padre, & abaixando o rosto como quem não ousava pôr os olhos no Ceo, se debruçara todo sobre a terra; & a razão deste mysterio dizem os Expositores que foy, porque como Christo tinha tomado sobre si todas as culpas dos homens, cobrio o rosto como envergonhado de tantas culpas: *Prócidit in faciem suam*: & cahio sobre a terra como opprimido do peso della: *Et prócidit super terrã*. Cõ tudo não obstante esta razão dos Expositores, grande contradição parece, que os hõbros Omnipotentes de

de hum Deos cahissem có o peso das culpas dos homens. Não vivem os homens taõ carregados de culpas sem sentirem o peso com que vivem , & ainda sem repararê em materias de tanto peso ? pois se os homens nem ainda sentem o peso das culpas proprias, como fraquea hũ Deos có o peso das culpas alheas ? pôde haver mayor contradicção para as forças de hum Deos ? Parece que não pôde haver ; mas o certo he que não foy contradicção : bem vejo que parecem termos que se contradizem, ser Deos, & cahir, ser Omnipotente , & desmayar ; porêem se o peso era do peccado, que muito he que cahisse , que muito he que desmayasse hum Deos ? Qualquer peccado mortal em razão dé offensa contra Deos , ensina Santo Thomàs, que he materia de peso infinito. Por isso David reparando na carga de suas culpas, advertio que pesavão sobre suas forças : *Ini-*

sunt caput meum : & quasi onus grave gravatae sunt super me. Noto a palavra, *super me.* He taõ certo ser o peso do peccado infinito, que pèsa indefinitamente sobre as nossas forças, sobre as nossas posses , & como todo o nosso ser he finito, pèsa sobre todo o nosso ser : *gravatae sunt super me.* Sêdo pois infinito o peso do peccado, que importa que sejão infinitas as forças da Omnipotencia, se carregavão sobre suas forças infinitas culpas , & cada qual de peso infinito ? Que outra cousa obrigou a Deos a decer do Ceo à terra senaõ o haver tomado sobre si os peccados dos homens ? Pois se os peccados que Deos tomou sobre si pesáraõ taõto sobre seus hombros, que desde o Ceo deraõ có elle em terra na Encarnação ; q̃ muito he que no Horto dèsses com elle por terra ? que muito , sendo infinito o peso dos peccados ? Cesse pois a admiração de vermos a Christo cahido có o peso de nossas culpas , &

D. Tho.
3 p. 9.
art. 2.

Pl. 37. 5. *quitates meae supergressae*

cahindo sobre nós mesmos, de nós mesmos sómente nos admiremos, & de não sentirmos tão enorme peso: que vivaó os homens tão carregados de culpas, sem sentirem dellas nem o peso, nem o pezar? que vivaó os homens tão carregados de culpas, sem cahiré com ellas nem na conta, nem na razaó? grande affronta do nosso sentimento! grãde motivo de nossa admiração! Se os peccados que Christo tomou sobre si, tanto pesáraó, & opprimiraó tanto, como não pesaó os peccados que os homens tem sobre si? Se tanto pesaó peccados q̄ Christo toma para remediar, como não pesaó peccados que os homẽs tomaó para cometer? Se sobre hõbros divinos tanto pesaó peccados alheyos, como sobre forças limitadas não pesaó peccados proprios? O peso do peccado que comettéraó os Anjos, sendo hum só peccado, deo com elles no Inferno desde o Ceo; & onde darà

com os homens o peso de tantos peccados sómente desde a terra? Se saó os nossos peccados de tanto peso que deraó cõ Christo por terra remediandoos; onde darãó com os homens os peccados comettendoos? E que assim vivaó os homens esquecidos de si mesmos, como se não carregãraó tão grave peso! Que não sintamos este peso, & esta carga do peccado! Que se opprimaó as forças infinitas, & gema hum Deos cõ o peso do peccado; & que as forças limitadas do homẽ não sintãó hũ peso infinito! Esta he a admiração, este o pasmo: que quanto he cahir Christo em terra cõ o peso de nossas culpas, não he essa a admiração.

238 Principalmente porque Christo não tinha tã sobre seus hõbros a carga de nossos peccados, senãõ tãbẽ em seu peito o peso de seu amor: *Amor meus, pondus meum*, diz Santo Agostinho; diz que todo o amor he hũ peso, & que to-

Augl. 3.
Confessi.
c. 9.

do

do o amante se inclina para onde propende seu amor:

Illic feror, quocunque feror: pois se o amor de Christo propendia para o mundo, que tinha que ver que havia Christo inclinar para a terra? Aqui se vio repetida, ou verificada a parabolá do Prodigio, quando o amoroso pay cahio sobre o arrependido filho, & quando na mesma acção cõ que cahia, mostrou os excessos com que o amava: *Cecidit*

Luc. 15. *super collum ejus, & osculatus est eum:* pelo que fundadaméte podemos considerar, que como o amor he hũa inclinação natural ao bem que se ama, sem duvida aquella inclinação de Christo sobre a terra foy como peso, ou como impulso de seu amor, porque foy sem duvida, ou querer admitila a si lançandolhe os braços como em testemunho de sua afeição, ou querer darlhe os ultimos abraços como em préda de sua despedida. Se já não foy, q̃ como o Ceo estava ameaçando castigos sobre a terra, quiz interpo-se o pie-

dosissimo Senhor, & cahir sobre a terra, como offerendo as costas ao castigo, & como emparandoa, & defendendoa dos castigos que ameaçava o Ceo. Oh que valente amor quando cahido! que generoso quando desmayado! Digase pois que o cahir Christo no horto não contradiz à sua Omnipotencia; porque posto que as forças da Omnipotencia sejaõ infinitas, cõtudo achavase Christo cõ dous pesos ambos grandes, & infinitos ambos: achavase cõ o peso de nossas culpas, & com o peso de seu amor; & no concurso de taõ graves pesos, q̃ muito he que arrastada a Omnipotencia, aquelle mesmo Senhor que na Encarnação baixou do Ceo, no Horto cahisse por terra? Se deposita a magestade se prostrou por terra aos pés de seus Discipulos no Cenaculo; que muito he que vencida a Omnipotencia, cahisse por terra no Horto? E temostãbem satisfeito à cõtradição que representava nas palavras, *Cecidit super terram.* Et

239 *Et factus est sudor ejus sicut guttae sanguinis decurrentis in terram.* Estando assim o amorosissimo Senhor, ou abraçando-se, ou enternecendo-se cõ a terra, & considerando ou nas afrontas, ou nas consequencias de sua paixão, de improvizo intercadentes os pulsos, & abertos os póros, rotas as veas, & desordenadas as arterias, diz o Texto sagrado que começara a suar sangue tão copiosamente, que chegou a banhar a terra: mas que muito, se sustentava a hũ mesmo tẽpo, divino Atlãte de dous pesos infinitos, aos hombros o peso de nossas culpas, & no coração o peso de seu amor? Da carga de tão graves pesos que te havia de seguir senão suar? Era seu amor a sua enfermidade; & sendo as nossas culpas enfermidade nossa, tãbem elle a padecia como sua: pois cõ duas enfermidades, & ambas mortaes, que muito he que brotasse em tão vehementes suores? que muito he que

tomasse tão copiosas lagrimas? Cõtudo aqui se nos representa hũa contradição bem notavel, & he, q por razaõ natural o medo costuma congelar o sangue no coração: pois logo como era possivel que temendo Christo, suasse sangue? Se suava, estava o sangue liquido, & se temia, estava o sangue congelado; sangue liquido, & sangue congelado são termos oppostos: pois se na verdade temia, como na verdade suava? Respondo, que he verdade que havia contradição nestes termos, porẽm que o amor vence esta contradição; porque ainda q o temor avocasse, & contrahisse o sangue ao coração de Christo, cõtudo como no mesmo coração residia o amor, sendo o amor hum affecto tão ardente, todo chama, & todo incendio, era preciso, que quando o sangue por causa do medo se contrahisse, que por força do amor se desfatesse: batalhão naquelle cõbatido coração, como

dous elementos contrarios, o amor, & o medo: o medo como frio, congelava o sangue para que não corresse; o amor como incendio, impellia ao sangue para que se derramasse, & como o amor venceo ao medo, todo o sangue que no coração de Christo hia a congelarse por causa do medo, todo se resolveo a correr por impulsos do amor.

240 Hum dos mayores prodigios que se admirão na paixão de Christo, foy o sangue que Christo derramou do lado depois de morto: *Exiuit sanguis, & aqua*? mas qué obrou este prodigio? qué tirou aquelle sangue? Todos sabẽ que foy Longuinhos, quando lhe ferio o peito; mas não sey se sabẽ todos qué foy, ou a qué representava Longuinhos: Longuinhos disserão Santo Isidoro, & S. Gregorio Nazianzeno, que era hũ moço cego, ou, como outros querẽ, mal visto: donde eu venho a inferir que Lon-

guinhos era hũa figura do amor muito expressa, & muito natural; porque hũ mancebo cego, que vibrando as armas, faz a portaria a hũ peito, & emprega os golpes em hũ coração, que outra cousa representa senão ao amor? Segue-se logo que o amor foy qué do cadaver de hũ Deos morto pode tirar sangue vivo: & quanto mais congelado estaria o sangue na Cruz em Christo já defunto, do que no Horto em Christo só desmayado? quanto mais congelado estaria depois dos destroços da morte, do que entre as ancias do temor? & cõtudo pode o amor tirar sangue de Christo morto na Cruz; que muito he logo q o pudesse desfatar em Christo desmayado no Horto? Não duvido eu, conforme a razão natural, que o sangue, por causa do medo, fugindo das veas acudisse todo ao coração de Christo; porém como alli mesmo naquella officina de ternuras, & naquelle centro de affeições,

como alli naquelle coração se ateava a ardente chama de seu amor , qué duvida que rodo o fangue que o temor pertendesse congelar, que tanto o amor devia resolver? Em resolução, o que sey he, que alli no coração de Christo animado já o fangue có osalentos de seu amor, como tornando em si de seu desmayo, quasi se deo por afrontado de haver temido, & acudindo ao rosto como envergonhado, ou de corrido começou a correr, ou de picado se sahio a desêpenhar; como se dissera : Eya Senhor, se está empenhado vosso amor na redêpção do mundo, tomay alento em vosso desmayo, que aqui me tendes prompto para vôso desempenho : se o corpo teme ser atormentado, se teme ser affligido, eu não temo ser derramado, já não reparo nos estragos de meu ser, com que se logrem os creditos de voffo amor , antes para que vejão os homens que hey de ser derramado mais por

força de voffo amor , que por violencia de sua execução , já agora anticipadamente, antes que chegue a violêcia que me há de derramar , já desde agora come areya a correr : *Et factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis decurrentis in terram.* Eis aqui a amorosa causa dos suorres de Christo, & eis aqui desfeita a contradição das palavras do Texto , *Factus est sudor ejus sicut gutta sanguinis decurrentis in terram.*

241 *Et orabat, dicens: Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste.* Esta vem a ser a petição que o Redemptor do mundo fazia no Horto a seu Eterno Padre: & posto q' vulgarmête se entenda que Christo nestas palavras pedia ser dispensado no preceito de sua morte, & paixão; contudo a verdade he, q' Christo não recusava o preceito: & provo: porque se o recusàra, pedira, ou dissera, não chegue a mim o caliz; & Christo não disse, não

Q iij che-

chegue a mim, senão, passe de mim: *Transseat à me: & que quer dizer, passe de mim o caliz? Quer dizer: O caliz de minha paixão eu o aceito, venha a mim embora, mas não fique só em mim, bebão também os homêes este caliz, comece por mim, & passe de mim aos homens: assim o explicou Santo Hilario: *Quod autem rogat, ut à se trãseat, non ut ipse prateretur rogat, sed ut in alteros accedat*: porêem sendo tão justa esta petição que o Senhor fazia, & instando o Senhor tres vezes, em nenhũa dellas foy despachada a sua petição: ha mayor contradicção que esta? rogar o mesmo Filho de Deos sem ser ouvido? pedir sem ser despachado? ha mayor contradicção? Sim, a causa porque não era despachado, ainda era mayor contradicção: & qual era a causa? Eu o direy. O que Christo pedia era, que o feu caliz passasse delle aos homens; ou por outros termos, que os homens cooperassem cõ elle, & entrãsem a beber o*

mesmo caliz; porêem este despacho não dependia só da vontade, & concurso de Deos, senão igualmente da vontade, & cooperação dos homens; & não he certo q̃ nem todos os homens haviam de cooperar com os merecimentos da paixão de Christo? ainda mal: pois eis ahi a causa porque pedindo Christo, lhe não deferia Deos à sua petição: ah sim? pois eis ahi a contradicção que se fez a Christo, & eis ahi a contradicção que nos manda considerar S. Paulo: *Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus contradictionem.*

242 Mas oh que rigoroso tormento! oh que lamentavel dor! que dura contradicção! haver Christo de levar elle só hum caliz tão amargo só a cooperação dos homens, he hũ trago este tam duro de levar, que todos os tormêtos quantos Christo padeeo em satisfação de nossas culpas, comparados todos cõ este só tormento de os padecer elle só, todos elles juntos não chegão a fer tor-

tormento tão penoso, como este só unico tormento, porque todos os mais tormentos juntos vem a ser hum só em cõparação deste, & este unico vem a ser dobrado a respeito de todos os outros juntos. Grãde lugar, se me não engano. Queixavase Christo de todos os tormentos de sua paixão, & dizia assim: *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum*: Os tormentos de minha paixão dizia o Senhor eu os padeci só, ninguém os padeceo comigo. Superfluas parecem estas segundas palavras: com o Senhor dizer que padeceo elle só, não estava ja entendido q̃ ninguém padeceo cõ elle? pois para que diz que ninguém padeceo cõ elle, *Et de gentibus non est vir mecum*, se tinha ja dito que elle só padeceo: *Torcular calcavi solus*? Ahi se verá o excesso de dor que causou em Christo a falta de cooperação dos homens sobre todas as outras dores. De duas dores se queixava

o Senhor naquella occasião, da dor que padecia em seus tormentos, & de ser elle só quem os padecia; mas notem a differença q̃ vay de dor a dor, & de tormento a tormento: a todos os tormétoos quantos Christo padeceo, a todos juntos chamou hum só lagar de sangue: *Torcular*: & assim como os explicou com hũa só palavra, assim tambem os sentio com hũa só queixa: *Torcular calcavi*: porrêm quando foy a explicar a dor de padecer elle só, aqui foy dobrada a queixa, porque toyo dobrada a dor; por isso depois de se queixar a primeira vez, *Calcavi solus*, repetio a segunda, *Et de gentibus non est vir mecum*: de maneira que comparados todos os tormentos juntos, quantos Christo padeceo, com a dor de elle só os padecer, em sua cõparação todos os outros tormentos, sendo innumeraveis, no sentimento de Christo não serão mais q̃ hum só tormento, *Torcular*, & a circunfâcia de Christo

padecer só em comparação de todos os tormentos juntos, esse só foy dobrado tormento: *Calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum.*

243 E para que se veja com evidencia a razaõ desta verdade, apontarey duas razoens: a primeira he: porque os outros tormentos deraõ se, & acabã-raõ-se; a paixãõ de Christo he cousa preterita, he hum tormento que ja passou: assim o dizem as mesmas palavras: *Torcular calcavi: & o tormento de padecer Christo só? he dobrado tormento, porque he tormento passado, Calcavi solus, & he tormento presente, & de gentibus non est vir mecum: non est: ainda actualmente se acha quem não coopere com a paixãõ de Christo, porque ainda actualmente ha quem da sua parte falta com a sua cooperaçãõ. Oh eterna dor, eterno sentimento! A segunda razaõ he; porque não acompanhando nos a Christo nas suas penas; &*

não cooperando com elle para a satisfacão de nossas culpas, fica malograndote o fruto da paixãõ de Christo: donde se segue, que se nós acompanharmos a Christo com a penitencia de nossas culpas, tivera Christo esse alivio de ver o fruto de suas penas, porque no gozo de ver seus tormentos logrados, diminuire a dor dos tormentos padecidos; mas sendo pelo contrario, não acompanhando nós a Christo em seus tormentos, fica Christo sobre a dor dos tormentos padecidos, com a dor dos tormentos malogrados. Vejaõ se he dobrada a dor: que muito he logo que fosse dobrada a queixa? *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum.*

244 Ambas estas razoens penetrava altamente o Redemptor do mundo, & sobre tudo considerava a contradicão que dellas se seguia ao seu glorioso nome de Redemptor; porque não cooperando todos para a obra da redempçãõ,

naõ vinha elle a fer com effeito Redéptor de todos, & assim prevendo entre as afflicçoens do Horto estas taõ perigosas, & de nos taõ mal entendidas conseqüências, instava com seu Eterno Padre que obrassem os homens da sua parte, & o ajudassem a beber o caliz de sua paixãõ: *Transseat à me calix iste*; porèm como o despacho deste requerimento naõ dependia só da vontade do Eterno Padre, senãõ tambem da vontade dos homens, naõ deferia o Eterno Padre à petição de Christo, pelo que indo a ver o que achava nos homens, achou que estavaõ dormindo, & descansando: *Sic non potuistis una hora vigilare mecum?* He possível que me naõ haveis de acompanhar? basta que eu só hey de padecer? que sêdo as culpas dos homens, que eu só as hey de pagar, & que os homens se lancê a dormir? & entãõ de que haõ de aproveitar os meus merecimentos aos homêes? & que assim se contradiga a

execuçãõ, & efficacia dos meus merecimentos? Tornava segunda vez a seu Eterno Padre: *Transseat à me calix iste*: Sei hor, ja q he vosso altissimo decreto que a efficacia da redépçãõ dos homens consista igualmente em minha morte, & em sua cooperaçãõ, naõ deixem elles de cooperar, que eu prompto estou para morrer: porèm voltando segunda vez para os homens: *Iterum invenit eos dormientes*. Entre estas ancias, & entre estas afflicçoens torna terceira vez a seu Eterno Padre, & insta terceira vez: *Abijt, & oravit tertio eundem sermonem dicens: Pater, si possibile est, transeat à me calix iste*. Pay, & Senhor meu, se me naõ deferis como Senhor, attêdeime como Pay: eu naõ repugno aceitar o caliz pelo que tem de desabrido, senãõ pelo que terã de descansar: como he possível que haja eu só de estar padecendo, & que estejaõ os homens descansando? Como se permite,

fendo só suas as culpas, que
 sejam só minhas as penas?
 quanto mais, de que apro-
 veitarão aos homêes as mi-
 nhas penas, se forem sò mi-
 nhas? como Senhor? & q̃
 padecêdo eu tantas dores,
 se hajão de perder tantas
 almas? almas por quem eu
 hey de perder a vida, he
 possível que se hão de per-
 der? he possível que se ha
 de malograr o preço de
 meu sangue, & o valor de
 meu merecimento? que
 sendo eu o Redemptor de
 todo o mundo, se haja de
 ver hũa côtradição de não
 ser eu o Redemptor de to-
 dos? & isto porque nem
 todos hão de acompanhar
 ao Redemptor? Ou não
 seja assim, meu Deos, quã-
 to he da minha parte prô-
 pto estou para dar mil vi-
 das porque se não perca
 hũa sò alma: disponde vós
 Senhor que obrem os ho-
 mens da sua parte, para que
 se não percão tantas almas
 por quem vou sacrificar a
 vida: *Transerat à me calix*
istæ.

que fazia a seu Eterno Pa-
 dre o amorosissimo Jesus,
 & como nem os homêes res-
 pendião a seus suspiros, nê
 o mesmo Deos satisfazia a
 suas vozes, achandose sò
 alli nos retiros daquella
 muda soledade, no silencio
 daquella triste noite, & en-
 tre as sombras daquello
 faudo arvoredo, muda-
 mente lhe respondião às
 suas vozes, ou às suas quei-
 xas, as arvores com susur-
 ros, os valles com eccos, os
 montes cõ gemidos, o Ceo
 com o silencio, & a terra
 com a suspenção: no meyo
 de todos estes horrores cõ-
 siderava o Senhor sò com-
 figo a contradicção que se
 fazia ao preço de seu san-
 gue, & ao valor de nossa
 redempção; & como alli
 naquella soledade se apura-
 va mais o juizo, he certo q̃
 crescia mais a dor, & quã-
 to se sobião os discursos,
 tanto mais se augmenta-
 vão os sentimentos; mas
 não sey qual sentia mais,
 se ver tantos merecimen-
 tos que se havião de malog-
 rar, se ver tantas almas q̃

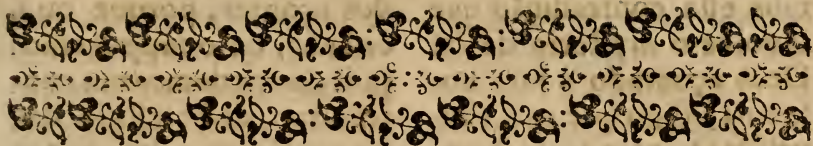
se havião de perder? Se ver a desgraça, & condemnação de tantas almas, se não ver o logro, & fruto de tantos merecimentos? O que sey he, que de não concorrerem os homens a beber o caliz de Christo, se segue aquella fatal contradicção de ser Christo verdadeiramente Redemptor de todo o mundo universo, & não ser Redemptor de todo o mundo: sey mais que no cõmun sentido dos Santos Padres, esta contradicção fatal, & esta consideração de que nem todos se havião de salvar, sendo elle o Salvador de todos, esta foy a que causou em Christo todas aquellas ancias, todas aquellas tristezas, todas aquellas angustias, turbando-se a alma, affligindose o entendimento, desfazendose o coração; & como que se para chorar tão grãde damno não bastáráo só dous olhos, diz S. Bernardo que todo o corpo de Christo se rasgou em olhos para chorar: *Non solum oculis, sed quasi membris om-*

nibus fleuisse videtur: & como que não bastára que tantos olhos chorassem rios de agua, para sentir tanto mal chorarão lagrimas de sangue: Et factus est sudor ejus sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram.

246 Eya pois Catholico auditorio: *Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus adversus semetipsum contradictionem:* consideremos aquelle Senhor, que em tão justo requerimento padece tão injusta contradicção. Oh! chegemos almas Christãs, & ajuntando a aquellas lagrimas de sangue o sangue do coração delido em lagrimas, aliviemos aquelle Senhor no meyo de suas penas com a pena, & com a dor de nossas culpas. O meu Deos, & meu Redemptor, como he possivel meu Deos, que sendo vòs o centro das alegrias, se jais agora a cifra das tristezas? Como he possivel que vos veja eu cahido por terra, quando me estais abrindo o Ceo? Mas

como o vosso amor nos poz com vosco em igual balança, força era désse com vosco por terra, para que nós da outra parte nos levátasemos ao Ceo. Mas em quanto o Redêptor do mundo está tão cahido, & tão angustiado, vós ô Seraphim supremo, ô celestial Para nimpho, no meyo de tão mortaes agonias, & de tão extremas afflicçoens aimay vós a esse Senhor a padecer, já que os homens o não sabem acôpanhar; porêem esse caliz de amarguras não he necessario não q' o offereçais a esse Senhor: prompto está esse Senhor para levar esse caliz; pelo q' passe esse caliz aos homens Espirito celestial; porque essa vem a ser toda a ancia desse Senhor, q' passe o caliz aos homens. Oh que grande afronta nossa, Fieis, que grande confusão! que devêdo a Christo a redêpção de suas culpas os homens, & não os Anjos, que venhão a sêtir suas penas os Anjos, & não os homens! que os Anjos o venhão a côfortar,

& que os homens lhe não hajão de assiitir! Ch não seja assim Catholico auditorio, assistamos a aquelle Senhor, ou já de obrigados, ou já de compadecidos, & pois elle para remedio de nossas culpas assim se offerece a todo o rigor de suas penas, acompanhemolo em suas penas para satisfação de nossas culpas; & para que com effeito emprêdamos Senhor esta vossa assistencia, & nossa satisfação, vós Senhor, que como entregandovos ao castigo nos estais solicitando o perdão, vós meu Bo Jesus, meu Deos, & meu Redemptor, vós Senhor nos concedey o perdão de nossos peccados, pelas angustias que sentistes, pelas tristezas que padecestes, & pelo sangue que suastes; perdoaynos Senhor por vossa santissima paixão, & por vossa santissima misericordia, para que alcancemos a graça, penhor da gloria: *Quam mihi & vobis prestare dignetur, &c.*



S E R M A M

V N D E C I M O,

E segundo do Passo de Christo na
Columna.

*Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus ad-
versus semetipsum contradictionem. S. Paul.
ad Hebræos 12.*

47 **D**Epois de cõside-
rarmos a Chris-
to no Horto , se-
gue-se agora que
o vejamos atado ; porèm
atado a hũa columna , &
padeendo o tormento dos
açoutes , se he que cinco
mil açoutes se pòde chamar
hum só tormento. Mas oh
quam justo , & quam devi-
do fora que em quanto no
atrio de Pilatos te ouvem
tao duros golpes, que se cu-

vissem de nossa parte, & lhe
fizessẽm ecco , ainda mais
nossos suspiros, que nossos
discursos ! Comtudo como
a golpes de sentimento se
pòde tambem responder
com eccos de discrĩaõ, bẽ
se nos poderá permittir q̃
hajamos hoje de discorrer,
principalmente , porque
tambem hoje nos manda S.
Paulo considerar : *Recogi-
tate eum, &c.*

248 Agora para ver-
mos

mos esta contradição que envolve o mysterio de hū Deos açoutado a hūa columna, digo que os Evangelistas a entenderão bem, & a derão assás a entender no modo com que referirão este mysterio ; porque o referirão taõ sucintamente, que parece que tendo a penna horror ao que havia de escrever, não sómente o não chegou a explicar, mas apenas o pode referir. S. Lucas , sendo taõ miudo em todas as circumstancias da paixão , totalmente passou em silencio este tormêto dos açoutes. S. João como se não atinara com os executores deste tormêto, disse que Pilatos açoutara a Christo: *Apprehendit Pilatus Jesum, & flagellavit.* S. Mattheos não disse que o açoutarão, senão que Pilatos o entregara açoutado: *Jesum flagellatum tradidit eis* : nestes termos o disse tambem S. Marcos: *Et tradidit Jesum flagellis casum* : de maneira que nenhū dos Evangelistas descreveo expressamente este mysterio

dos açoutes, porque ou o calarão, ou o suppuzerão: pois que podemos nòs conjecturar deste estylo dos Evangelistas , senão que considerarão quanto contradiz à razão ser Deos, & ser açoutado? & que por isso suspendirão a penna, porque os suspendeo a admiração? Supposta pois esta brevidade cõ q̃ os Evangelistas escreverão este mysterio, para nòs o considerarmos cõ menos brevidade, me pareceo ponderar as principaes profecias que se achão na sagrada Escritura sobre este tormêto de Christo, & desta sorte discorrendo por cada hūa das profecias, daremos na nossa verdadeira contradição.

249 E começando pela primeira profecia, diz assim : *Congregata sunt super me flagella, & ignoravi.* São palavras de Christo nos Psalmos de David, & querem dizer : Estavão repetindose, & multiplicandose sobre mim os açoutes, porèm eu o não sabia : *Et igno-*

ignoravi. Não sabia? como? Despem afrontosamente a hum Deos, atáo no rigorosamente a hũa colúna, começo desapoderadamente revezados os sacrilegios ministros a imprimir naquelle corpo sacratissimo não menos que cinco mil açoutes, & comtudo não o sabia Christo: *Et ignoravi?* Descarrega sobre aquelle delicado corpo cruenta tépestade de açoutes, correm daquelle corpo despedaçado roxos diluvios de sãgue, & tinta em purpura a neve, banhados de rubi os alabastros, não ha vea naquelle corpo que não arrebente em sangue, nem sangue q não arrebente das veas, não ha parte naquelle corpo q não seja hũa chaga, & as feridas se embaração de tal forte, que ja todo aquelle corpo parece hũa só ferida: *A planta pedis usque ad verticem non est in eo sanitas*; & comtudo não o sabia Christo: *Et ignoravi?* Rasgãose as veas, rompêsc as arterias, cahe a carne em postas, corre o sangue em

mares, & de tal maneira se entrão os açoutes por todo aquelle corpo sagrado, que se abre todo o corpo a açoutes: *Dinumeraverunt omnia ossa mea*; & comtudo não o sabia Christo: *Et ignoravi?* Esta parece que deve ser a contradição que Christo padeceo no tormento dos açoutes; porque padecer açoutes sem o saber, he padecer, & não sentir: pois como se compadecer não sentir, & padecer? não está claro que se contradizem estes termos? não está claro que contradiz esta ignorancia assim a sensibilidade dos açoutes, como a mesma sabedoria de Christo? Claro está: mas por isso venho a resolver q Christo não padeceo esta contradição; porque Christo não teve, nem podia ter tal ignorancia: pois logo como afirma o mesmo Christo, *Et ignoravi?* Darey duas explicaçoens a esta profecia, & com ellas desfarey toda esta contradição.

Pl. 21. 18.

ai. 1. 6.

go, que dizer Christo que ignorava que o açoutarão, não he porque realmente o ignorasse, senão porque ha peccados no mundo tam exorbitantes, que parecem incriveis; tam oppostos à mesma razão, que cabendo na malicia dos homens, parece que não cabem no conhecimento de Deos. He bem achado o lugar. Quando no monte Olivete vierão a prender a Christo, perguntou Christo a Judas, a que vinha: *Amice, ad quid venisti?* & à mais turba perguntou, a quem buscavão: *Quem queritis?* E não sabia Christo que Judas o vinha a entregar? não sabia que os Phariseos o vinhão a prender? Assim o advertio o mesmo Evangelista: *Sciens omnia quæ ventura erant super eum, processit, & dixit, quem queritis?* Pois se Christo sabia, como perguntava? & se o perguntava, como diz o Evangelista que o sabia? Perguntava-o, disse Ruperto; porque ha culpas no mundo, q cabendo no atrevimento

humano, parece que não cabem no conhecimento divino: perguntava-o, não porque da parte de seu conhecimento faltasse luz para o ter alcançado, mas porque da parte do objecto havia implicancia para ser crido; porque o chegarem aquelles homens a prender a Christo, foy hum arrojamento dos homens tanto contra as leys da justiça, tão to contra os dictames da razão, que conhecendo-o Christo muy bem, *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum*, comtudo o mesmo Christo o não acabava de entender, porq se não acabava de persuadir: *Quem queritis, inquit, quia re verà talem persecutionis modum lux refugit, veritas nescit, salus ignorat.*

251 Mas se o entendimento de Christo se achou como duvidoso na injustiça da prisão, com quanto mayor causa estaria como perplexo no tormento da columna? Dizia David q nem os males podem chegar a Deos, nem os açoutes

pó-

Luc 40.
50.

Joan 18.
4.

Repe
in 1.
Joan
13.

pódem chegar ao seu throno: *Non accedet ad te malum, & flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.*

E que throno de Deos he este a quem os açoutes não pôdem chegar? Responde Santo Agostinho, que he a humanidade santissima de Christo: *Tabernaculum Dei caro est, in carne habitat Verbum*: de maneira que assim como os males não pôdem chegar a Deos, assim na mesma proporção os açoutes não devião chegar a Christo donde se segue, que assim como implica à mesma razão q a Deos cheguem males, assim não devia caber em nenhum entendimento que a Christo chegassem açoutes: que muito he logo que não coubessem elles no entendimento de Christo? Entre os assombros que vio S. João no seu Apocalypse, diz que mortificados os rayos, & abatidos os resplandores, estava açoutada a terceira parte do Sol:

Et percussa est tertia pars Solis. Com razão o refere

o Evangelista por assombro; porque apparecer açoutada a terceira parte do Sol; não he hum horror sanguinolento? não he hũa resplandecente monstruosidade? Mas se foy assombro que apparecesse açoutado o Sol material, quanto mayor assombro serà o ser açoutado o Sol de Justiça? Se foy pasmo que se açoutasse o Sol, ainda só a terceira parte; quanto mayor pasmo serà que se açoutasse inteiramente o Sol? Que Deos em hũa colúna guiasse ao povo Hebreo pelo mar Vermelho, & que agora o mesmo povo sosobre em outra columna ao mesmo Deos em hum mar de sangue? Neste mar se entrava Christo com a consideração, & fluctuando o mesmo juizo, quasi se sosobrava em tão tempestuoso mar: *Tempestas demersit me*: não tomava aqui pè o entendimento de Christo, & quasi que naufragava: desgovernava alli todo o discurso, & parece que se perdia, não porque Christo

60.10

agust.
m 4
57.

Apoc. 8.
2.

Pl.68 4.

o deixasse de entender, mas porque se não acabava de persuadir, & *ignoravi*. Tudo he conforme à exposição que deo a estas palavras Theophilato: *Tam insolens fuit hostium flagitiū, ut cuius vis cordati hominis excedat cogitationem.*

252 A outra exposição destas mesmas palavras he, que o dizer Christo que ignorava o tormento dos açoutes, não foy porque rigorosamente o ignorasse, senão porque nelle se portou com tanto silencio, como que se realmente o não sentisse: assim o considerou Euthimio: *Sic patitur insuetus, & intantum silet dum percutitur, ut ignorare verbera videatur; & na verda le como podia Christo na ordem natural ter perfeito conhecimento do que passava, sem dar demonstração do que sentia? Qual será o bronze, que tocado não rompa em vozes? Qual será o penhasco, que ferido não responda em eccos? Que Ceo despedaçado do rayo não fez estrondos?*

Que ar açoutado dos ventos não formou ruídos? Pois se assim se queixa o insensível, como se não queixará o racional? se se queixa o insensível, que não só não conhece a causa, mas ainda não sente a dor: como se não queixará o racional, que não só sente a dor, mas tambem pondera a causa? Se brama o Ceo, se geme o ar, se se lamenta até hum bronze, se se queixa até hum penhasco: como padece Christo hum tormento tão sensível, & tão afrontoso, como padece à columna cinco mil açoutes, sem que hum tormento tam sensível lhe arranque do peito nem huma só queixa, nem hum só ay, nem hū sô suspiro? Aquelles mesmos açoutes, & aquellas mesmas varas gemendo como de compassivas, sentião com latidos os golpes que davão: aquellas mesmas paredes, aquellas mesmas abobedas retumbando como de magoadas, lamentavão com eccos os açoutes que ouvião: & que

Theoph
Epit.
41. Bi-
bliot.
Patr.

Euthim
in Ps 34

fendo Christo o atormentado, se não ouvisse alli né húa só queixa de Christo? As mesmas chagas em hum corpo ferido disse S. Pedro Chrisologo que erão bocas: *Ut tot essent pauperis ora, quot vulnera:* & no corpo de Christo disse Rupertto que erão linguas: *Quot in Christi corpore plagae, tot linguae:* & que com tantas linguas, & tâtas bocas padecesse Christo aquelle tormento com tan o silencio, & tanta suspenção? Pois se em hum tormento tam rigoroso assim reprime as queixas como se o não sentira: *Ego autem sicut mutus non aperiens os suum:* que muito he q diga Christo, que assim o padece, como se o não soubera, & *ignoravi?*

253 Oh com quanto mayor razão se admirarião os Discipulos de Christo neste tormento dos açoutes, do que là se admirarão naquella sua tormenta! Enfureceose o mar, batião as ondas a barca, bradavão os Discipulos ao Ceo, & quã-

do elles se estavão queixando, dizo Evangelista que estava Christo dormindo: *Ipse autem dormiebat:* Marth. 8
14 chegão então admirados os Discipulos a Christo, & dizem assim: *Magister, non ad te pertinet quia perimus?* He possível, Senhor, que vós dormindo a estas horas? Em húa tormenta desfeita, em hum perigo do mar assim estais insensível a suas ondas, & assim detentento a nossas queixas. Vós assim dormindo, como se este perigo vos não tocara a vós: *Non ad te pertinet?* Porém se os Discipulos se admirarão de ver de acordado a Christo em hū mar de aguas, que seria de o ver delentendido em hum mar de sangue? Se se admirarão de o ver sem sentidos em húa tormenta do mar, quanto mais se admirarião de o ver como insensível em hū tormento de açoutes? Se se admirarão de ver que não attendia a suas queixas em huma barca açoutada das ondas, quanto mais se admirarião de ver, que sendo

elle mesmo o açoutado, não formava nem huma só queixa? Se se admirarão em fim de ver a Christo se acordo, como se lhe não tocára o perigo: *Ipse vero dormiebat*: quanto mais se admirariao agora de ver a Christo sem demôstração, & como sem conhecimêto de q̄ lhe tocavão os açoutes? *Et ignoravi*. Porém posto que o mesmo Christo significasse esta falta de demonstração com nome de ignorancia, a verdade he que o não queixarse Christo do tormento dos açoutes, não foy falta de noticia, senão sobra de paciencia; antes acrescento, que não só foy sofrimento de dores; senão ambição de penas; porque, que outra cousa foy o não se queixar de tanto padecer, senão não querer o defafogo de se queixar? Considerou Christo que padecia aquelles açoutes pelos homens, & como avarento das dores que padecia, fazendo brio do sentimento, não quiz fiar dos ares as

suas dores: dores padecidas por taõ amorosa causa não quiz Christo que lhe sabissem do peito, né em queixas, nem em suspiros, porque amando aos homens por quem padecia aquellas dores, quiz amar até as mesmas dores que padecia pelos homens; com que veyo Christo a loportar cõ tanto silencio os açoutes q̄ padecia, que pareceo que osignorava, não porque realmete os não conhecesse, & os não sentisse, senão porque padecio os açoutes estãdo taõ immovel, como se os não sentira, & parecendo taõ insensivel, como que se os não conheçera: *Congregata sunt super me flagella, & ignoravi*.

254 A segunda profecia que se acha sobre este mysterio, são tambem hũas palavras de Christo, nas quaes se queixa que esta dor, & este tormento dos açoutes o tráz sempre diante dos olhos: *Quoniam ego in flagella paratus sum, & dolor meus in conspectu meo semper*. Nesta profecia se

representa hũa contradição bem manifesta ; porq̃ se Christo diz que quando padeço os açoutes , os estava ignorando, *Et ignoravi* : como diz que sempre os està vendo : *Et dolor meus in conspectu meo semper* ? Porém como já explicamos os termos em que se ha de entender esta ignorancia , busquemos nestas mesmas palavras outra cõtradição : *Et dolor meus in conspectu meo semper*. Diz que a dor dos açoutes sempre a tem diante dos olhos : mas como he possível que dure tanto esta dor ? A dor que Christo padeço nos açoutes , como a padeço ha tantos seculos , bem visto està que he hũa dor já passada : & que cõta he ter sèpre esta dor diãte dos olhos ? He ter sèpre presẽte a mesma dor : pois como pòde ser dor presente , & dor passada ? Não repugnãrão tanto estes termos , se Christo fallára das chagas que recebo na Cruz, porque ainda depois de glorioso conserva actualmente as

cinco chagas ; porẽm as chagas da columna, he certo que as rão cõserva : pois se não conserva as chagas, como conserva a dor : *Et dolor meus in conspectu meo semper* ?

255 Com isto se representar assim : respondo, que esta profecia não contradiz a verdade, nem ha cõtradição nos termos della ; porque ainda que Christo de presente não padeça a dor dos açoutes na realidade, ainda mal porque a padece na representação ; & senão, pergunto como padeço Christo o tormento dos açoutes ? Como o havia de padecer ? Repetindo, multiplicando aquelles barbaros ministros huns açoutes sobre outros açoutes, hũas feridas sobre outras feridas , huns golpes sobre outros golpes , hũas chagas sobre outras chagas, com que veyo aquelle sacratissimo corpo a padecer por nosso amor não menos que cinco mil açoutes. Eis aqui o medo com que foy açoutado ; mas de que

modo o vemos todos os dias offendido ? Não vemos que se offende a Deos todos os dias acrescentando-se: culpas sobre culpas, offensas sobre offensas, peccados sobre peccados ? E não he isto hũa representação continua, ou hũa perpetua renovação dos açoutes que Christo padeceo ? Pois por isso eu digo que ainda hoje persevera a dor dos açoutes por representação; & por isso se queixa Christo que ainda hoje padece, ou se lhe representa a mesma dor : *Et dolor meus in conspectu meo semper.*

256 Mas oh com quãta razão se queixa Christo ! E para que vejamos esta razão , ponderemos a sua queixa : *Et dolor meus in conspectu meo semper.* Só a esta dor dos açoutes chama Christo a sua dor : *dolor meus* ; & as outras dores da paixão não forão tambem dores de Christo ? Sim forão ; mas como a dor que Christo mais sente, he a repetição de nossas culpas,

por isso só chama sua dor a renovação de suas chagas : *dolor meus* : mas se as chagas forão muitas , como causaraõ hũa só dor : *dolor meus* ? Ahi se verá o quam justa, & quaõ fundada he a queixa de Christo: que não baste ao atrevimento dos homens serem as suas culpas taõ repetidas , senaõ qnem ao menos sejaõ interpolladas ? que tam continuas sejaõ as culpas dos homens, que pareçaõ por cõtinuas hũa só culpa ? que causando tantas dores a Christo, pareçaõ por continuadas hũa só dor : *dolor meus* ? Oh com quanta razão se queixa Christo ! *Et dolor meus in conspectu meo semper.* Mas oh que cegos, & que mal advertidos andamos em renovarmos os açoutes de Christo , & em repetirmos as offensas de Deos ! Os peccados, Fieis, saõ enfermidades da alma, & assim como nas enfermidades saõ muy perigosas as recaídas, assim nas culpas saõ muito arriscadas as reincidencias : as nossas culpas

culpas são feridas, são golpes com que apuramos o sofrimento de Deos: & que de hũa ferida esperemos seu sofrimento, bem está; mas que pôde esperar que persiste em renovarhe as feridas?

2, 7 Queixavase Christo para com seu Eterno Padre deste tormento da colúna, & queixavase de q os homens lhe havião dado feridas sobre feridas: *Super dolorem vulnerum meorum addiderunt*: não se queixa das feridas que lhe derão, queixase de lhe renovarem as feridas: *addiderunt*: estas feridas renovadas que Christo cá estava padecendo, pede a seu Eterno Padre que elle as fosse là contando, não tó por feridas sobre feridas, senão tâbem por offensas sobre offensas: *Appone iniquitatem super iniquitatem eorum*: & aqui acrescenta logo o mesmo Christo, & pede a seu Eterno Padre que os authores daquelle tormento fossem riscados do livro da vida: *Et deleantur de libro vite*.

Formidavel consequencia! desorte que o mesmo he nos homês commetter culpas sobre culpas, que acrescentar em Deos feridas sobre feridas: *Super dolorem vulnerum meorum addiderunt*: *Appone iniquitatem super iniquitatem eorum*: mas se o mesmo he repetir as offensas, que renovar as feridas, o mesmo he renovarhe a Deos as feridas, & repetirhe as offensas, que merecer a eterna condenação: *Et deleantur de libro vite*. Formidavel consequencia outra vez! Notem q pede Christo a seu Eterno Padre que os que cõmetem culpas sobre culpas, sejam riscados do livro da vida, que val o mesmo que do livro da predestinação: pois como pôde isto ser? Se estes homens haõ de ser riscados do livro da predestinação, segue-se que já estavam assentados nesse livro: pois se já estavam assentados nelle, como hão de ser riscados? Os que estão assentados no livro da predestinação, são os predestina-

dos, são os escolhidos de Deos: pois se são os predestinados, como se hão de perder? se são os escolhidos, como se hão de condenar? Oh que materia para nosso horror! Oh que encarecimento para nossa confusão! He o mal da repetição das culpas tam arriscado, he tam perigoso mal, que, *si dicere fas est*, se por impossivel ouvera predestinados, que sem emenda de suas vidas fossem sempre repetindo as mesmas culpas, não obstante o divino decreto; porque neste caso não seria absoluto; essa predestinação se havia revogar, & até esses predestinados se havião de perder: *Appone iniquitatem super iniquitatem eorum, & deleantur de libro vitae.*

258. Christãos, não nos enganemos com a misericordia de Deos: Deos por sua infinita misericordia esperanos hum dia, & outro dia, esperanos hū anno, & outro anno; & parece que tomamos occasião de sua misericordia para alen-

tarmos a nossa malicia: não nos enganemos Christãos, porque por ventura que para justificação de sua justiça disponha Deos as esperas de sua misericordia: quanto mais, que esta repetição de nossas culpas já não parece tanto confiança de sua misericordia, quanto porfia de nossa temeridade: Deos a esperarnos hum anno, & outro anno, & nós a offender a Deos todos os dias? não he isto porfiar com Deos? pois com Deos queremos porfiar? Assim como Hercules escreveo em duas columnas o *non plus ultra* de seus trabalhos, & assim como Samsam poz em duas columnas o remate de suas valentias, assim o nosso Hercules divino, assim o nosso Samsão Nazareno pudera com seu proprio sangue escrever em hūa só columna o remate, & o *non plus ultra* de suas finezas; & assim puderamos nós tãbem fixar na mesma columna o *non plus ultra*, & o termo de nossas culpas; mas parece:

ee que porfiámos cõ Christo, porq̃ assim como Christo depois da colúna passou avante em seus tormentos, & *plus ultra* por nossas culpas; assim queremos passar avante, & *plus ultra* com suas offensas. Oh não seja assim Fiéis, que não he razão que porfiemos nõs em multiplicar as offensas cõtra quem porfia em perseguir as fizezas; & para que vejamos a grosseria desta nossa sem-razão, reparemos que o multiplicarmos contra Deos as culpas, he renovar-lhe a Christo as feridas; & reparemos mais, que estas feridas renovadas faõ hũa dor, que anda muito nos olhos de Christo: *Et dolor meus, &c.*

259 A terceira profecia que achão os Expositores sobre este mysterio da columna, são aquellas palavras do mesmo Christo: *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores*: & nesta profecia parece q̃ estã bem manifesta a contradicção; porque em toda a Architectura cuidava cu que

não podia haver termos mais oppostos, q̃ destruir, & fabricar; & se bem repararmos na crueldade daquelles barbaros executores deste tormento de Christo, acharemos que segũdo a sua porfia, era toda a tua tenção destruir a golpes todo o sagrado edificio daquelle ineffavel composto: pois se o estavão abrindo a açoutes, se o estavão aruinando, se o estavão desfazendo, se o estavão destruindo, como diz o mesmo Christo que estavão fabricando: *Supra dorsum meum fabricaverunt*: Respondo, que ainda que estes termos sejaõ contrarios nas leys da Architectura, são cõ tudo muito vulgares nos estylos da impiedade: nas leys da Architectura he verdade que são termos oppostos destruir, & levantar; mas nas leys da impiedade, fazer, & destruir, tudo vem a ser o mesmo: por que os homens impios, & perversos quanto intentão fazer para si, tudo he para se destruir, & quando che-
gão

gão a destruir aos outros, para elles só isso he o fazer. Isto he o que lá succedeo àquelle famoso Avarento, que não sabendo o que havia de fazer de quanta riqueza possuía, disse assim: *Scio quid faciam: destruam horrea mea*: Já sey, diz elle, já sey o que hey de fazer da minha fazenda, hey de desfazer, & hey de destruir os meus celleiros: pois isso he fazer? destruir? Sim; que ha genios de homens que o seu destruir, esse só he o seu fazer: *Scio quid faciam: destruam horrea mea*.

260 Eis aqui a errada Architectura da perversa condição dos homens; porém Deos, que dos mesmos erros da nossa malicia queria tirar os acertos do nosso remedio, dispoz altamente neste tormento de Christo, já que nós homens o seu fazer era destruir, que aqui o seu destruir fosse fabricar. E se eu me não enganar, entendo que procederão aqui as disposições muito ajustadas com as regras da Architectura; & se-

não, pergunto: quem cuvesse de fazer, ou de levantar humas portas em algú edificio por todas as partes fechado, não lhe seria forçoso romper as paredes para fabricar as portas? Logo praticado he na Architectura fazer rompendo, & fabricar destruindo. Pois isso he o que dispoz a piedade de Deos neste tormento de Christo: era Christo hum sumptuoso edificio da divina misericordia, porque era o templo de Deos: *Loquebatur de templo corporis sui*: era Christo hum magnifico palacio do divino amor, porque era a morada do Espirito Santo: *In ipso inhabitat plenitudo divinitatis*; porém como Deos não admittia aos peccadores, nem naquelle palacio havia portas, nem naquelle templo havia entradas: pois que traça para fabricar portas no palacio do amor? que remedio para fazer entradas no templo da misericordia? Que traça, senão romper as paredes para fabricar as portas?

Ioan. 2
21Colof.
9

tas?

tas? Que remedio, senão destruir o edificio para franquear as entradas? Isso he o que fizeraõ os golpes naquelle sagrado edificio; parece que rompiaõ chagas, & fazião portas; parece que fazião feridas, & fabricavão entradas. Digase logo que aquelle destruir, foy fazer, & digase que aquelle romper, foy fabricar: *Supra do sum meum fabricaverunt peccatores.*

261 Oh quanto devemos, Catholico auditorio, quanto devemos a Christo, & quanto devemos a seu amor, pois tanto à custa de seu sangue nos quiz fazer patentes as portas por onde retirandonos da divina justiça, nos recolheffemos ao sagrado da divina misericordia! O asilo, & o refugio dos delinquentes sabemos todos que ou são os coutos, ou são os sagrados: de coutos servem os palacios, de sagrados servem os templos; & tudo temos hoje, templo, & palacio: templo, porque hoje fundado sobre huma columna

temos o templo de Deos: *Et thronus meus in colūna;* Eccl. 24
 palacio, porque hoje no ⁷
 passo dos açoutes temos o
 paço do amor: *Media cha-* Cãt. 3.
ritate constravit: he verda- ¹⁰
 de que antes de se erigir esta columna, já este palacio gozava os privilegios de couto, & já este templo tinha as immunidades de sagrado; porèm como atègora estava tam fechado este sagrado edificio, & como hoje se rasga, & fabrica em tanto numero de chagas tanta multidam de portas, desde hoje he q comearã a ter as almas dos homens onde esconderse, & homiziar-se da justiça de Deos. Queixavase David a Deos Nosso Senhor que concedendonos em sua misericordia hum couto, & hum refugio onde escapafsemos de sua justiça, estivesse comtudo tam longe, & tam distante este refugio: *Altissimum posuisti re-* Eccl. 50 9
fugium tuum: mas donde coithea David que estava muy longe este refugio da misericordia? não está sabido

bido q̄ a qualquer hora, & em qualquer lugar que hū peccador se arrepedêr, lhe ha de valer logo a misericordia divina ? pois logo com que fundamento diz David que estã como inaccessible este refugio da misericordia ? Vejaõ o seu fundamento : *Et flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* Como se dissera David : Senhor , bem conheço que qualquer peccador que chegar arrependido a prostrar-se diante do throno de vossa divindade, que ahi ha de achar o refugio em vossa misericordia ; porẽm Senhor , ainda estã muy difficuloso o refugio de vossa misericordia : *Altissimum posuisti refugium tuum* ; porque ainda não chegarão açoutes ao throno de vossa divindade : *Et flagellũ non appropinquabit tabernaculo tuo* : logo tiro eu por consequencia : logo tãto que os açoutes chegafsem ao throno , não havia difficuldades no refugio ? Assim se infere , & bem se vio ser assim ; porque antes

do tormento dos açoutes, ainda que a humanidade santissima de Christo como throno verdadeiro de Deos era o refugio dos peccadores , comtudo era refugio sem portas ; porẽm iã agora depois dos açoutes ja he hū refugio de nossas almas, onde acharemos tantas portas rasgadas, quantas são as chagas abertas ; bem se vio ser assim ; porque tanto que no atrio de Pilatos se atreveo a crueldade dos homẽs a abrir com açoutes o throno da mesma divindade , ahi mesmo se vio estar com as mãos atadas à columna o divino Sol de justiça : segue-se logo que já não ha difficuldade no refugio da misericordia ; porque já chegarão os açoutes ao throno da divindade : já nam estã fechado o refugio dos peccadores ; porque já se franqueou em portas, depois que se abriu em chagas : & como já no corpo de Christo açoutado estaõ as portas matizadas em sangue, já desde hoje tem a natureza humana onde

afle-

assegurar-se da justiça divina.

162 Houve Deos de castigar ao Egypto matando em huma noite todos os primogenitos, & mandou aos Hebreos que rubricassem as portas com sangue do Cordeiro, porque se nam faria a execuçam onde ouvessem portas tintas em sangue: *Et sument de sanguine ejus, & ponent insuper liminaribus: Videbo sanguinem, & transibo vos, nec erit in vobis plaga disperdens:* pois se gozam de tanta immuidade os que se emparaõ de humas portas tintas em sangue de hũ Cordeiro, & se tanto respeito guarda a justiça divina a humas portas de pedra matizadas em sangue; que serà, quando o edificio he o templo de Deos, & o palacio do amor? Que serà, quando as portas são chagas, quando o Cordeiro he Christo, & quando o sangue he de tam innocente Cordeiro? Bem sey que disse Guerrico Abbade, q andando huma alma como

homiziada, & temerosa da divina justiça, devia valer-se, & emparar-se das chagas de Christo crucificado; porque entendo devotamente que hum Deos crucificado era hum sagrado para os peccadores, & que todos nos devemos acolher a este sagrado: *Pone tibi latibulũ in Crucifixo, ab ipso fuge ad ipsum, à judice ad Redemptorem, à tribunali ad Crucem:* porèm eu entêdo que mais propriamente se deve chamar nosso refugio Christo à columna, que Christo na Cruz; & para prova vejão o que succedeo no deserto. Caminhava por aquella vastidam da Palestina o povo de Deos, & molestado dos ardores do Sol, que faria Deos para os emparar de tanto ardor? Diz a Escritura que os hia sempre cobrindo cõ huma nuvem em fórma de huma columna: *Dominus autem precedebat eos per diem in columna nubis.* Reparo aqui, porque razaõ cõporia Deos esta nuvem mais em fórma de colũna,

Guerrico
ter. 4. in
diab. in

Exod. 13
2.

do

do que em fôrma de Cruz? E para fundamêto do meu reparo: no mesmo deserto mandou Deos que aquella vara de Moyfes, que era a figura da Cruz, fosse o instrumento milagroso com que se abrisse o mar Vermelho: no mesmo deserto para contraveneno das Serpentes mandou Deos que se puzesse hũa Serpente de bronze sobre hum madeiro, figura da Cruz: pois se serve hũa figura da Cruz para abrir o mar, & o caminho, se serve hũa figura da Cruz para curar do veneno & das Serpentes; porq̃ não servirá tambem a forma da Cruz para emparar dos rayos do Sol? porque mais ha de ser a fôrma da columna? Direy; Não são os rayos do Sol symbolo da divina justiça? Sim são; ou já seja pela actividade com que ferem, ou pela rectidão com que executão:

Orietur vobis Sol iustitiae: ah sim? Pois a fôrma da columna, & não a figura da Cruz he a que ha de defender, & emparar dos rayos do Sol: a Cruz sirva embo-

Malach.
I. II.

ra de instrumento para abrir o caminho pelo mar Vermelho da paixão, sirva embora de remedio para curar as mordeduras da antiga Serpente; porêem para emparar, & defender ao povo dos rayos do Sol da justiça, a columna he a que mais propriamente ha de servir; porque o refugio mais proprio em que os peccadores se pôdem assegurar da justiça divina, não he tanto a Cruz, como a columna; & a razão he bé evidente; porque na Cruz não recebeo Christo mais que cinco chagas, & na columna recebeo cinco mil; & como mais facilmente nos podemos recolher em hũ sagrado que tiver mais portas abertas, segue-se q̃ mais facilmete acharemos entrada no sagrado da columna, que no refugio da Cruz, porque em fim he sagrado de mais portas, & como estas se fabricaraõ nas mesmas chagas que se abriãõ, com razão diz Christo que os peccadores ainda quando o abriãõ a açoutes, & parece que o destruiraõ,

entaõ verdadeiramente fabricáraõ ; *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores.*

263 Sobre todas estas profecias que atêgora pôderamos, acho ainda hum lugar na Escritura, onde este mysterio da colûna parece que està representado não só como em figura, senão tãbem como em profecia. Succedeo o caso no deserto, quando Moyfes dando golpes com hũa vara, tirou agua de huma pedra; mas he de reparar, que entãõ fez Deos muy especial mençaõ de que elle havia de estar sobre a pedra: *En ego stabo ibi coram te supra petram:* & como explicaõ à Lapide, em hũa colûna: *In columna nubis.*

Todo este mysterioso successo convem cõmumente os Interpretes sagrados q̃ foy hũa figura geroglifica, ou profecia enigmatica do tormento dos açoutes que Christo havia de padecer; porque Deos na columna de nuvem representava a Christo atado a hũa colû-

na: Moyfes dando golpes com a vara, representava ao povo Hebreo açoutando a Christo: & a pedra sobre que estava Deos, representava o atrio de Pilatos onde estava Christo em hũa columna de marmore sobre o pavimento da pedra. Eis aqui a mais propria figura do mysterio da colûna, & eis aqui agora toda a contradicãõ deite mysterio: em estar Deos sobre a pedra consiste toda a contradicãõ; por isso fez tambem especial mençaõ de estar na colûna sobre a pedra: *En ego stabo ibi coram te supra petram.*

264 Digo que na pedra consistio toda a contradicãõ, porque sendo Christo açoutado sobre hũ pavimento de pedra, vulto està que sobre pedras cahia o sangue de Christo açoutado: & que mayor contradicãõ para o sangue de Christo? Se o sangue de Christo açoutado cair sobre coraçõens empedernidos, que fruto se poderã colher de seu fantissimo sangue?

Lap
ap 10c
4p

gue? Do Ceo vemos cahir cada dia as aguas, & os rócios com aquella igualdade distributiva que vemos, & com tudo as aguas que cahem sobre a terra, fazem fruto, mas não assim as aguas que cahem sobre as pedras: mas isso porque razão? ou as aguas do Ceo cayaõ sobre a terra, ou cayaõ sobre as pedras, não tem a mesma virtude? Sim tem: não são as mesmas agoas? Sim são: pois porque se colhe fruto das aguas q̄ cahem sobre a terra, & não das aguas que cahem sobre as pedras? Está bem clara a razão: A terra de sua natureza he fecunda, concorre da sua parte com as disposições necessarias para as produções, & assim he força que dê frutos, porque obra da sua parte; mas a pedra? he esteril, he infecunda: pois que importa que as aguas sejaõ do Ceo, se a pedra não recebe, antes lança de si as aguas? Que importa, senão ha disposições na pedra? Isto he o que acontece às aguas do

Ceo, & isto se ve tambem no sangue de Christo: he o sangue de Christo hum rocio celestial, que cahe em nossos corações, de sua parte com a mesma virtude, mas com grande differença da nossa parte: & porque? Porque se os coraçoes são de carne, colhe se fruto do sangue de Christo; & se são de pedra? nenhum fruto se colhe de seu preciosissimo sangue: & que mayor contradicção para o sangue de Jesu Christo, que ser derramado se fruto? Christo he Salvador de todos os homens por meyo de seu sangue preciosissimo; poré se o seu sangue cahe sobre coraçoes de pedra, fica o sangue de Christo sem fruto, & fica frustrado o titulo de Salvador de todos que se deve a Christo: & q̄ esta contradicção façaõ as pedras ao nome de Salvador? Oh dura condição das pedras!

265 Mas oh que justo, & que profundo seria o sentimento de Christo quando amarrado à columna estivesse

vesse vendo que o seu precioso sangue, hum resultava perdido, outro corria malogrado, hum se derramava por hũa colúna de marmore, outro se estêdia por todo aquelle pavimento de pedra ! Que derramandose o meu sangue, diria o Senhor, que derramandose o meu sangue para delle se colher o fruto da salvação, que assim corra por estas pedras sem esperanças de fruto ! Que sendo o meu sangue o remedio de todos, que nem a todos haja de servir de remedio ! Que ha de haver a qué não valha nem todo este mar de sangue ! Porém não he esta a mayor contradicção, ainda confidero outra mayor, & hé, que para os coraçoes de pedra não sómente o sangue de Christo não servirá de remedio, senão que servirá de naufragio: parece contradicção impossivel, mas vejamo lo claramente na differença que ha entre o sangue que se derramou no Horto, & o sangue que se derramou no

atrio: o sangue que se derramou no Horto, recebeu-se dentro na terra: *decurretis in terram*, com que ficou a terra fertilizada do sangue; & o sangue que se derramou no atrio? visto está que como as pedras o não podiaõ embeber em si, ficou o sangue nadando sobre as pedras, & pelo consequente ficarão as pedras afogadas em sangue. Oh desgraça merecida das pedras! que sendo o sangue de Christo aquelle mar de misericordia que servio a toda a terra de seu purificadorio, que so às pedras servisse de naufragio! Oh desgraça das pedras outra vez!

266. Quando os Hebreos passáraõ o mar Vermelho, hiã em seu seguimento Pharaõ Rey dos Egyptios, & hiã Deos em huma columna de nuvem no meyo de ambos os Exercitos: abrio se neste tempo o mar, & passando a pé enxuto todos os Hebreos, congregandose outra vez as aguas, alli ficarão sepul-

S tados

tados todos os Egypcios. Valhame Deos! que o mesmo mar sirva a hús de muralha, & a outros de sepultura? E o que mais he de reparar, que na mesma maré huns passem a salvamento, & outros padeção naufragio? Aquelle mar Vermelho não representava o sangue de Christo? E estando Deos em húa columna de nuvem, não representava aquelle mar o sangue q Christo derramou à columna? Não estava Deos naquella columna igualmente entre os Egypcios, & os Hebreos? Pois porque razão salvádo-se os Hebreos, se perdem os Egypcios? A razão he muito literal; mas por isso mesmo he muito verdadeira. Os coraçoens dos Egypcios diz o mesmo Texto que estavão empedernidos contra Deos: *Induratum est cor Pharaonis, & seniorum ejus*: & coraçoens endurecidos contra a vontade de Deos, como lhes poderia valer, né ainda todo hum mar do sangue de Christo? A pedra

de sua natureza resiste ao mar, mastambem no mar se vay a pique por sua propria natureza: pois coraçoens cuja natureza he resistir, que duvida faz que se hão de perder? Os Hebreos hião acompanhando ao mesmo Deos, & em seguimento de sua santissima vontade; & os Egypcios caminhavão resistindo à vontade de Deos: de maneira que os Hebreos cooperavão, & os Egypcios resistião: que muito he logo que servindo o mar de sangue aos Hebreos de remedio, lhes servisse aos Egypcios de naufragio? Que muito he logo que no mesmo mar se visse taó notavel côtradição, que sendo Christo Salvador de todos os homens, se não salvassem todos? Se os Hebreos acompanhavão, que muito he que se salvassem? E se os Egypcios resistião, que muito he que se perdessem?

267 Eis aqui a contração que se segue ao sangue de Christo, de faltar a dis-

disposição da parte dos homens; & eis aqui a mayor contradicção que se faz aos merecimentos de seu preciosissimo sangue. Pelo q̃, Fieis, cedamos hũ pouco da nossa parte, cesse a dureza de nossos coraçõs, para que nelles obre com fruto o sangue de Jesu Christo: fação algũa impressão em nossos cora oens os açoutes que Christo padeceo por nosso amor, que ainda que sejaõ coraçõens de pedra, elles obrarãõ como coraçõens de carne: obremos da nossa parte nõs, q̃ Deos não ha de faltar da sua parte: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahæ.* Aquella pedra sobre que Deos apparecco no deserto, notarão curiosamente os Expositores, que depois de receber os golpes em si, teve duas mudanças notaveis: primeira, que sendo dantes pedra, *supra petram*, tanto que sentio os golpes da vara, como se concebêra fogo em suas entranhas, se mudou logo em pedernei-

ra: *Percussit bis silicem:* segunda, que sendo pedra, & pederneira, se começou logo a defatar em aguas: *Et egressæ sunt aquæ largissima.* Ora donde nasceria que hũa pedra fria concebesse fogo, & que hũa dura pederneira se desfizesse em agua? Dem-me attenção: Deos estava na colũna de nuvem sobre a pedra: *En ego stabo supra petram in columna nubis;* & assim q̃ levantando Moyses a vara para chegar com os golpes à pedra, de necessidade havia primeiro de alcançar com a vara, & passar cõ os golpes pelo mesmo Deos; havendo pois estes golpes da vara tocado primeiro em Deos, chegavão depois à pedra, & nella fizerão tãta impressão, que como diz Santo Agostinho, alli ficãrão impressos, & esculpidos os golpes da vara: pois eis ahi a razão porque a pedra mudando a natureza, sendo tão fria, concebeo fogo por dentro, & sendo tão dura, se desfez em agua por fóra: pedra

latt 3.

em que fazem tão alta impressão os golpes, & os açoutes que passárao por Deos em húa colúna, pedra que havendo respeito a que aquelles golpes tinhamo tocado em Deos, cede, & se abranda aos impulsos de tam poderosos golpes, esta pedra tão singular, força era que mudando a frialdade, & perdendo a dureza, por dentro se abraçasse em fogo, & por fóra se destilasse em agua: *Percussit bis silicem, & egressa sunt aquae largissime.*

268 Eya pois Catholico auditorio, posto q' nossos coraçõens sejam de pedra, cedamos hũ pouco a Deos: fação algũa impressaõ em nossos coraçõens os golpes, & os açoutes que passarão por Christo, que eu fico q' nõs coraçõens perdendo a frialdade, se inflamẽ em incendiõs de amor, & perdendo a dureza, se desfazõ em lagrimas de sentimento: mas porque nossos coraçõens se movem mais pelo que vem, do que pelo que ouvem: *Recogit ate eum,*

quẽtalem sustinuit à peccatoribus adversus semetipsum contradictionem. Oh meu Deos, meu Jesus, meu Redẽptor! Vede almas Christãs, vede, & consideray aquelle Senhor assim atado à colúna, assim aberto a açoutes, assim mudo entre tantas dores, assim imovel entre tãtos sentimentos: aquellas chagas, Fieis, saõ as nossas culpas, aquelles golpes saõ os nossos peccados: & que nõs com tanta impiedade, estando aquelle corpo tão despedaçado, & tão ferido, assim acrescentemos culpas sobre culpas, sem advertirmos que acrescentamos chagas sobre chagas! Oh que se aquelle Senhor não tivesse mão naquella colúna sobre quem se sustenta toda a fabrica do Ceo, temo sem duvida que para castigar nossas culpas cahira o Ceo sobre a terra: acompanhemos pois Christãõs as dores daquellas chagas com húa verdadeira dor de nossas culpas, & para que si quem lavadas as nossas cul-

culpas, choremos as nossas culpas naquellas chagas. Oh Senhor ! oh meu amorosissimo Je us ! se haveis de eitar taõ mudo com essas feridas , para que abristes em tan a feridas tâtas bocas? Sem duvida que por essas bocas ou estais mudamente formando queixas de minha ingratitude , ou estais encarecendo mudamente as finezas de vosso amor. Cinco mil versos compoz Salamaõ , parece que em correspondencia dessas vossas cinco mil bocas , para que assim respondesse a cada chaga hum verso , a cada ferida hũa canção : mas ah Senhor, & quem pudera responder, não digo eu com cinco mil versos às vossas cinco mil chagas, mas dizer a cada chaga cinco mil amores ! porèm como poderá dizer amores a vossas chagas ; quem apenas se atreve a pedirvos o perdão

de suas culpas? Comtudo como agora se abrem em vosso corpo tantas portas de piedade, & como agora correm em vosso sangue tantos mares de misericordia, agora Senhor he tẽpo de que vòs nos concedais o perdão : bem vemos Senhor que são grandes as nossas culpas , bem vemos que nõs fomos os que vos maltratamos có essas chagas ; porèm Senhor, mayor he a misericordia de cada hũa de vossas chagas, do q̃ a enormidade de todas as nossas culpas ; pelo que Senhor , todos vos pedimos nos perdoeis ; todos vos pedimos misericordia por essas chagas que padecestes, por esse sangue que derramastes , pelas dores de vossa colúna , pelos merecimentos de vossa paixão, para que assim alcancemos a graça , penhor da gloria :
Quam mihi, & vobis, &c.



S E R M A M

D V O D E C I M O ,

E terceiro do Passo de Christo na
Coroação.

*Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus
adversus semetipsum contradictionem. S. Paul.
ad Hebræos 12.*

269



Assim como nas
suas colunas es-
creveo Hercu-
les o *non plus ul-
tra* de seus trabalhos : & as-
sim como Samsão poz tam-
bem nas suas columnas
o *non plus ultra* de suas va-
lencias ; assim o nosso Her-
cules divino, assim o nosso
Samsão Nazareno , dizia
eu a festa feira passada que
pudera com seu proprio
tongue escrever na sua co-

luna o remate de suas do-
res , & o *non plus ultra* de
suas finezas ; porèm como
o amor de Christo excedia
taõ conhecidamente nas
forças a Hercules, & nas fi-
nezas a Samsão , ambi-
cioso de mais dores , &
empenhado a mais fine-
zas, quiz passar avante ,
& *plus ultra* dos açoutes,
& chagas da colúna para as
dores, & tormentos da co-
roação. Pelo que a coroa-
ção

ção de Christo he o sagrado mysterio sobre que hoje devo discorrer, & nelle acharemos tambem a mesma côtradição que S. Paulo nos manda considerar: *Recogitate eum, &c.*

270 Porêm são tantas as contradicções que concorrem neste mysterio, que não sey como havemos de entender qual de todas ellas seja a principal; porque na verdade se distintamente considerarmos as partes todas deste tão cruel como aparatoso tormento que Christo padecéo por nosso amor, acharemos que todas ellas igualmente forão côtradições feitas a Christo; & senão, ponderemos o caso. Perguntou Pilatos a Christo se era Rey, & respondeolhe o Senhor que o seu Reyno não era deste mundo: *Regnum meum non est de hoc mundo*: inferio Pilatos: *Ergo Rex es tu?* Logo vós sois Rey? Isto mesmo inferião os circumstantes: Este homem suppoem que tem Reyno no outro mundo: logo por bons ter-

mos nos diz de si que he Rey: pois de que modo, & porque estylo havemos nós de contradizer o que elle diz? Vejamos q̄ execrando modo. Depois que o Imperio do mundo passou dos Assyrios para os Romanos, diz Macrobio, & o mostra agora a experiencia, que a envestidura Imperial consistia em quatro solemnidades: na purpura, no sceptro, na coroa, & na adoração. Pois para aquelles sacrilegos ministros desmentirem, & contradizem a Christo, que fizeram? A purpura de que o vestirão, foy de pedaços; o sceptro que lhe entregaraõ foy de cana; a coroa que lhe puzeraõ foy de espinhos; a adoração que lhe tributaraõ foy de escarneos: *Et genuflexo ante eum illudebant ei*: & não foy tudo isto contradizer o sagrado Imperio, & a sempre augusta Monarchia de Christo? Purpura de pedaços, sceptro de ludibrios, coroa de tormentos, & adoração de escarneos,

Luc. 23
36.

San 18
6.

não he tudo contradizer a verdade da Monarchia de Christo, & ainda a sua mesma verdade? Os mesmos executores desta injuriosa acção differão que Christo em se suppor Rey, cõtradi-
 zia a Cesar: *Qui se regem facit, contradicit Cesari*: porèm com quanta mayor verdade podemos nós dizer que elles contradizião a Christo, do que elles afirmavão que Christo contradizia a Cesar? Christo não contradizia a Cesar; porque nem Christo dizia que Cesar não era Rey, né dizia que a elle lhe tocava o Reyno de Cesar; antes dizia de si que neste mundo não tinha Reyno: *Regnum meum non est de hoc mundo*: elles sim contradizião a Christo; porque havendo Christo dado a entender que tinha Reyno no outro mundo, que outra cousa foy injuriarem a Christo com a indecencia da purpura, com a liviandade do sceptro, com os martyrios da coroa, & com os escarneos da adoração, que

outra cousa foy senão contradizerem a Christo, desmentindo a sua verdade, & contrariando a sua Monarchia? Seguese logo que a purpura, sceptro, coroa, & adoração tudo forão contradichoens feitas a Christo.

271 Ora com tudo isto se representar assim, digo primeiramente q Christo não padeceo na purpura contradicção. O fundamento com que o digo he; porque Christo em tanto he verdadeiro Rey, em quanto he verdadeiro Salvador. Por isso no titulo da Cruz primeiro estava o nome de Salvador: *Jesus Nazarenus*, & sobre elle assentava o titulo de Rey: *Jesus Rex Judaeorum*. Logo se aquella purpura assim despedaçada se puzesse aos hombros de outro qualquer Rey, não faz duvida que contradizia ao titulo, porque encontrava o decoro: não ha duvida que fora contradicção da coroa, porque seria afronta da magestade; porèm aos hombros de hum Rey Salvador tão longe

està de nos deixar em opinião de que he Rey fingido, que antes essa he toda a segurança de que he Rey verdadeiro. A razão està bem evidente, porque se aquella purpura fora rica, inteira, & preciosa, só víramos a ostentação da capa na magestade da purpura: & sendo assim rasgada? sendo assim rota, & assim despedaçada? claro està que por entre aquellas mesmas rasgaduras se estavão descobrindo, & apparecendo aquellas chagas que Christo padeceo para nosso remedio, & aquelle sangue que derramou para nossa redempção: pois quem nos mostra a purpura do sangue entre as roturas da purpura, quem entre as roturas da purpura nos mostra as rasgaduras da carne, que nos mostra as chagas que padeceo para salvarnos, não està visto que he nosso verdadeiro o Salvador? pois visto està também que he nosso verdadeiro o Rey.

272. Quando Christo chegou triumphante ao

Ceo, repararão os Anjos em duas cousas: pimeira, que Christo sobisse cõ chagas: *Quia sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* Segunda, que sobisse com a purpura tinta em sangue: *Quis est iste qui venit de Edô tinctis vestibus, formosus in stola sua?* O Abulense trespassou, *tinctis, & scissis vestibus*: como se repararão os Anjos em que Christo sobisse ao Ceo cõ a purpura rasgada, & ensanguentada. Ora façamos este mesmo reparo que fizeram os Anjos: & que tem que ver chagas com glorias? pois se Christo sobia para gozar de glorias, porque razão quiz apparecer cõ chagas? Mais: que tem que ver hũa purpura rasgada, para hum triumpho tão solemne? Pois se Christo sobia cõ tão plausivel triumpho, como sobia cõ hũa purpura ensanguentada, & rasgada? Respondo: quando Christo chegou às portas do Ceo, como havia tantos seculos que estavão fechadas aquellas eter-

nas portas , batêrão os de fóra dizendo que vinha o Rey da gloria: *Aperite portas principes vestras, & introibit Rex gloriae*: porém os de dentro como duvidão, pedirão os sinaes por onde conhecessem que era o verdadeiro Rey: *Quis est iste Rex gloriae*? Pois que sinaes havia Christo de mostrar de que era verdadeiro Rey, senão os sinaes de que era verdadeiro Salvador? Mas que sinaes havia de mostrar de que era verdadeiro Salvador, senão as chagas que padeceo, & o sangue que derramou? Que sinaes havia de dar, senão chagas abertas entre rasgaduras ensanguetadas? Esses forão os sinaes que deo no atrio de Pilatos, de que era verdadeiro Rey, & verdadeiro Salvador; & para que assim se entendesse, por isso para mostrar q̄ esses erão os sinaes verdadeiros, por isso no dia de seu mayor triumpho se esmaltou de chagas em vez de Estrellas, por isso se vestio das rasgaduras da pur-

pura em vez de rêlas de gloria; porque julgou que aquella purpura ralgada; & por entre ella aquellas chagas abertas, quanto o encaecião de verdadeiro Salvador, tanto o asseguração de verdadeiro Rey: *Et introibit Rex gloriae*.

273 Para confirmarmos este pensamento, passemos da gloria para a Cruz, & reparemos naquella inclinação que fez Christo cõ a cabeça: *Inclinato capite tradidit Spiritum*. Ponderou este mysterio Juglar, & disse que inclinara Christo a cabeça sobre o peyto, como apontando para o lugar em que queria se lhe dèsse a lançada: *Nec dum abundè doloribus saginatus adhuc locum novo vulnere designavit*. Sim; mas depois de consummada a redempção, que necessidade havia de que Christo levasse a lançada do peito? Pois logo porque razão apontou elle mesmo que lhe dèsses aquella lançada? Quanto amim a razão foy, porque como Christo

Ingl.
Elog. 14

tinha sobre a Cruz o titulo de Rey, *Rex Judæorum*, & não Rey de modo ordinario, senão Rey Salvador, *Jesus Nazarenus*, considerou Christo que para ostentarse Rey, ja tinha a coroa nos espinhos, ja tinha o sceptro nos cravos, ja tinha o throno na Cruz, & ja tinha a purpura no sangue; porém que para ser Rey Salvador, era necessario que se vissem chagas entre a purpura, & como a purpura do sangue lhe tinha confusas, & cubertas todas as chagas, significou có a inclinação da cabeça, que entre a purpura do sangue lhe fizessem patente aquella chaga do peyto, para que assim por aquella chaga se entendesse que era verdadeiro Rey, porque por ella se via que era verdadeiro Salvador. Porém ainda me fica esta duvida: & não estavão bé patentes em toda aquella inundação de sangue as quatro chagas das mãos, & dos pès? pois porque razão quiz Christo que de mais se lhe ferisse o peyto, & que

entre a purpura do sangue ficassem descubertas não menos que cinco chagas? Agora fecharey o pensamêto. Considerou o Senhor q̄ no atrio de Pilatos com as rasgaduras da purpura, parecendo estragos da magestade, esteve tão longe de parecer Rey fingido, que antes có ellas se acreditou de verdadeiro Rey; & tanto assim se affirmou o Senhor nesta verdade, que quiz usar desta mesma traça, para se mostrar verdadeiro Rey aos homês, & verdadeiro Rey aos Anjos; aos homens na Cruz, & aos Anjos na gloria. Porém no atrio de Pilatos entre aquellas rasgaduras da purpura estava Christo mostrando cinco mil chagas: & na Cruz não podia mostrar cinco mil chagas, porque as confundia a affluencia do sangue: da mesma sorte na gloria não podia também mostrar cinco mil chagas, porque as apagou a gala da immortalidade: pois que remedio para ao menos substituir ou representar

cinco mil chagas ? O remédio foy, descobrir cinco chagas na Cruz, & conservar cinco chagas na gloria, & desta sorte co este numero de cinco chagas, suppleto de cinco mil, foy Christo adorado por verdadeiro Rey na Cruz: *Rex Judæorum*: & foy recebido por verdadeiro Rey na gloria: *Et introibit Rex gloriæ*. Digase pois que tão longe esteve a purpura, por despedaçada, de contradizer a Christo de Rey verdadeiro, que antes ella o acreditou de verdadeiro Rey; porque as suas roturas são bocas que o publicavão verdadeiro Salvador.

274 A outra insignia cõ que quizerão cõtradizer a verdade da Monarchia de Christo, foy a novidade do sceptro, porque cõ elle quizerão dar a entender que mal se podia sustentar sobre a fragilidade de de huã leve cana todo o peso de huã Monarchia; cõ tudo a verdade he, que nem no sceptro ouve contradicção; porque sendo

Christo Rey Salvador, nã, contradiz o sceptro de cana ao titulo de Rey: se Christo fora Rey, sem ser Salvador, então contradizera o sceptro ao titulo, porque deidizera a liviandade da soberania; mas sendo Rey a titulo de Salvador, tão longe está o sceptro de cana de contradizer ao titulo de Rey, que antes desdizera, se não fora sceptro de cana. Para vermos o fundamento desta verdade, saybamos quaes são as propriedades da cana? Temos quem nos diga estas propriedades não menos que o mesmo Deos, & o mesmo Christo: Deos disse pelo Profeta Ahias, que a propriedade da cana era moverse na corrête das aguas: *Sicut moveri solet arundo in aqua*: & Christo disse q̃ a cana tinha por propriedade moverse a qualquer vento: *Arūdinem vento agitatam*: eis aqui as propriedades do sceptro do nosso Rey, & do nosso Salvador. O sceptro de todos os outros Reys he estavel, he immovel,

he

3.Reg.
14 25.

Matt. 11
7.

he inflexivel, a nada se dobra, a nada se abranda, a nada se commove; porém o sceptro do nosso Rey augustissimo he de calidade tão branda, que se move com a corrente de nossas lagrimas, & se aballa com o vento de nossos suspiros: *Moveri solet arundo in aqua: Arundinem vento agitatum.* Oh que flexivel, & que piedoso he o sceptro do nosso soberano Rey! Notem aquella palavra, *vento*, & aquella palavra, *in aqua*: não diz aguas: não diz ventos: falla em singular: *vento: in aqua*; porq̃ para mover hũa cana basta qualquer vento, basta qualquer agua: assim para mover o sceptro de Christo, como sejam lagrimas nascidas do coração, basta hũa só lagrima, como sejam suspiros arrancados da alma, basta hum só suspiro; mas que outra cousa havia de ser, se he sceptro de hum Rey, que he juntamente Salvador?

rael do cativo do Egypto, disse a Moyses que elle estava determinado a libertar ao seu povo, porque ouvira hum seu gemido: *Ego audivi gemitum filiorum Israel, ideo dic filiis Israel: Ego Dominus qui educam vos.* Da mesma sorte determinando Deos remir ao mundo do cativo do peccado, diz Isaías que o faria Deos, por não ter coração para ver nem hũa só lagrima do mundo: *Præcipitabit mortem in sempiternum, & auferet Deus lacrymam ab omni facie.* Valha-me Deos! & que em todo hũ povo não ouvisse Deos mais que hum só gemido: *Audivi gemitum?* que em todo o mundo não visse Deos mais que hũa só lagrima: *Auferet lacrymam?* Mas não he esse o meu espanto: porque que outra cousa se havia de esperar da insensibilidade dos homens, & da dureza do mundo? O meu espanto he da misericordia de Deos: que se commovesse Deos a libertar o povo por hum só

Exod. 6.

5.

Isai. 35.
8.

275 Havendo Deos

de libertar ao povo de Is-

gemido: *Audivi gemitum?* que se commoveffe a remir o mundo por huma só lagrima: *Auferet lacrymam?* Ah Fieis, que bom Deos q̄ temos! que piedoso! que benigno! que misericordioso! Mas isto mesmo q̄ veneramos em Deos, acharemos tambem em Christo. Chegãrão a seus pès ainda que em distintas occasioens hum cego, & a Magdalena, cega tambem tanto do amor, como das lagrimas: ambos pedirão a Christo remedio, o cego para o mal da cegueyra que padecia, & a Magdalena para as suas antigas cegueyras: o cego pedia com brados, & a Magdalena com lagrimas, & sendo assim q̄ não havia quem pudesse estorvar os brados do cego: *At ille multò magis clamabat:* sendo assim que nada-vão os pès de Christo nas lagrimas da Magdalena: *Lacrymis cœpit rigare pedes ejus;* he muito de reparar, que fizessem os Evangelistas tam especial menção do primeiro brado que

o cego deo: *Cœpit clamare;* & da primeira lagrima que a Magdalena derramou: *Cœpit rigare:* se erão tam abundantes as lagrimas da Magdalena, se erão taó repetidos os brados do cego, porque razão fazê os Evãgelistas tam especial menção do primeiro brado do cego, & da primeira lagrima da Magdalena? A razão he; porque os Evangelistas não forão só a referir os brados, & as lagrimas com que o cego, & a Magdalena procurãrão mover a Christo, senão que forão tambem a mostrar o motivo que bastou para Christo se mover, & como para moverse Christo bastou o primeiro, & hum só brado do cego, por isso S. Marcos fez menção do primeiro brado: *Cœpit clamare:* & assim tambem como para moverse Christo bastou só a primeira, & húa só lagrima da Magdalena, por isso S. Lucas fez reparo na primeira lagrima: *Cœpit rigare.*

276 Desorte que he
tam

Marc 10
48.

Luc 7.
38.

tam piedoso Deos, que costuma moverse a hũa só lagrima, & a hum só suspiro; & assim tambem se move Christo, como verdadeiro Deos: mas agora pergunto eu: E que razão ouve para que Deos se compadeceffe do povo por hum só gemido, & do mundo por hũa só lagrima? Que razão houve para que Christo por hum só brado deferisse ao cego, & por huma só lagrima perdoasse à Magdalena? Direy: Deos ouvio o gemido do povo como Salvador: *Ego Dominus, qui educam vos*; & como Salvador se compadeceo tambem do pranto do mundo: *Præcipitabit mortem in sempiternum*: pois para que se entendesse que he propriedade de hum Deos Salvador abrandarse a hũa só lagrima, & moverse de hum só gemido; por isso para libertar o povo se moveo de hum só gemido: *Audiivi gemitum*; & para remir o mundo se moveo de hũa só lagrima: *Auferet lacrymam*. Na mesma conformidade Christo atten-

deo como Salvador aos brados do cego: *Fides te salvum fecit*: & às lagrimas da Magdalena attendeo tambem como Salvador: *Remittuntur tibi peccata tua: Fides tua te salvã fecit*: pois se obrava como Salvador, q̄ tinha q̄ ver q̄ havia de deferir ao primeiro brado do cego: *Cæpit clamare?* & que tinha que ver que se havia de obrigar da primeira lagrima da Magdalena: *Cæpit rigare?* Sendo pois certo que para mover a hum Deos Salvador basta hũa só lagrima, & hum só suspiro; & sendo certo outrosim que Christo a titulo de Salvador he verdadeiro Rey: de todo este discurso vimos a concluir, que o sceptro de cana nas mãos de Christo não contradiz, antes concorda com o titulo de verdadeiro Rey, porque condiz com a piedade de verdadeiro Salvador; pois he hum sceptro que se abranda a hũa só lagrima: *Moveri solet arundo in aqua*; & he hum sceptro que se move a hum só suspiro: *Arundinem vento agit at am*.

277 Só a coroa de espinhos, como está tao armada de asperezas, parece que faz algũa contradicção; porém ainda digo que não houve contradicção né ainda na coroa de espinhos: antes acrescento, que se algũa contradicção se podia considerar, seria ou na purpura, ou no sceptro, mas na coroa não se pôde côsiderar a contradicção. Para prova, reparo em q Christo não estivesse na Cruz, nem cô a capa de purpura, nem cô o sceptro de cána, senão sómente cô a coroa de espinhos: pois assim como Christo esteve cô a coroa na Cruz, porque razão não côservou tábem a purpura, & a cana? Porque razão conservou sómente a coroa? Cô justissima razão. Sobre a Cruz estava o titulo de Rey: *Rex Judæorum*; & julgou Christo que no juizo dos homens poderia parecer que cô o titulo de Rey não condizião, nem sceptro de cana, nem estragos de purpura; por isso como na Cruz melhorou de throno, quiz tábem

melhorar de sceptro, & quiz melhorar de purpura, tomando por sceptro os cravos, & vestindo por purpura o sangue; porém a coroa de espinhos, essa, sim, côservou, porque entendo que com o titulo de Rey não desdizia, antes cô galharda proporção concordava a coroa de espinhos. Não duvido eu que huã coroa de espinhos na cabeça de outro qualquer Rey em vez de ornato servirã de ludibrio; mas sendo Christo Rey Salvador, que outro diadema lhe havia de competir senão coroa de espinhos? Agora descubro eu huã nova razão porque Christo inclinou a cabeça na Cruz: tinha Christo sobre a cabeça o titulo de Rey Salvador: *Jesus Nazarenus Rex*: & para que o mundo visse a justiça cô que lhe convinha o titulo, que fez? Inclinou a cabeça, para que se visse a coroa, & se cõbinasse cô o titulo; como se differa. Se alguem duvida do titulo, olhe para a coroa, porque considerando-se que acaba a vida tendo

do sobre a cabeça huã coroa de espinhos, ninguem duvidará que morro dignamente cõ esse titulo de Rey Salvador que ahi me fica sobre a cabeça : *Et inclinato capite tradidit Spiritum.*

278 Là appareceo Deos a Moyses, & appareceolhe em huã Carça cercada de espinhos: pois entre espinhos apparece Deos? Sim, q vinha então a tratar cõ Moyses de remir o povo do cativo do Egypto, & hũ Deos que trata de remir o povo, *Descendi ut liberẽ*, justamente se deve coroar de espinhos : *Apparuit ei Dominus in medio rubi.* No sacrificio de Abraham estava o Cordeiro coroadado de espinhos : *Inter vepres hærentem cornibus*; & porque? Porque o golpe do sacrificio que estava destinado para Isac, foy executado no Cordeiro: pois Cordeiro que salva a Isac da morte perdẽdo a vida, justo foy q se coroa de espinhos, pois morria como Salvador de Isac, ou como

coroadado Emblema do nosso verdadeiro Salvador. Cõ razão logo para Christo mostrar na Cruz que merecidamente gozava o titulo de Rey Salvador, *Jesus Nazaranus Rex*, cõ razão acaba a vida mostrando a cabeça coroadada de espinhos : *Et inclinato capite tradidit Spiritum.*

279 Porém qual poderá ser a razão disto? Qual poderá ser a razão porque foy necessario para Christo gozar o titulo de Rey Salvador, q padeceffe primeiro o tormento de hũa coroa de espinhos? Eu darey a razão. Os espinhos já sabem que são o castigo do homem, porque para esse effeito os produzio Deos; assim o disse o mesmo Deos ao primeiro homem : *Spinnae, & tribulos germinabit tibi*: daqui veyo a dizer S. Anselmo, que como o Demonio faz trofeo de nossos males, & se coroa de nossos castigos, que os espinhos erão a mesma gloriosa coroa do Demonio : *Supplicijs hominum coronatus, &*

rod.3.

ca.22.

Gen 3. 18.

D. Anf. in 13. Apoc.

T *omni*

omni spinarum genere redemptus adversarius hominis triumphavit. Sendo pois Christo verdadeiro Salvador dos homens , não sò quanto à culpa , senão também quanto à pena , segue-se que não sò os havia de remir dos peccados , senão também dos castigos : pois como os espinhos erão o castigo dos homens , que mais gloriosa acção para Christo nos remir desse castigo , que chegar-se victoriosamente ao Demonio, & despojando dos espinhos que trazia sobre a cabeça , fazer triumpho , & coroarse cõ esses mesmos espinhos? Assim o fez o Salvador do mundo , & desta sorte os mesmos espinhos de q̃ nos libertou, o ficãrão acreditando de verdadeiro Salvador.

280 Oh que gloria! oh que triumpho! que os mesmos espinhos que servirão de coroa ao Demonio, lhe sirvaõ a elle agora de coroa para gloria de seu poder, para credito de seu triumpho! Entrou David triumphante

na Cidade de Rabbá , & por despoio tirou a coroa da cabeça do idolo de Melchaõ , & della fez para si hũa coroa : *Tulit autem David coronam Melchon de capite ejus, fecitque sibi inde diadema.* Era David a figura de Christo , era o idolo simulacro do Demonio , & se foy gloria para David, se foy circumstancia de seu triumpho coroarse cõ a mesma coroa do idolo devastado ; que gloria, que triumpho não seria para Christo coroarse cõ a mesma coroa do Demonio vècido ? Mas advirtaõ que David não se coroou com a coroa do idolo , na forma em que estava , servio-se da materia , mas mudoulhe a forma , porque mādou fundir o ouro da coroa do idolo , & delle fez para si nova coroa : assim consta do mesmo Texto: *Tulit coronam, fecitque sibi inde diadema.* Este foy o triumpho del Rey David, & este foy o triumpho do nosso verdadeiro Rey, coroouse dos espinhos, sim, mas ainda que se servio da

materia , mudoulhe a fórma : porque os espinhos na cabeça do Demonio serviaó-lhe de coroa em fórma de nosso castigo ; & na cabeça de Christo ? servélhe de coroa em fórma de nosso remedio ; de tal maneira , q̄ por serem os espinhos escádalos dos pès dos homens , quiz Christo pôr os espinhos sobre sua cabeça , só porque nós não magoassemos os pès. Oh que fineza de seu amor ! Mas oh que gloria de seu triumpho ? Da Rosa quizerão já dizer que alcançara o reynado das flores , porque attendendo a que as flores se não magoassem , ajuntou a si todos os espinhos : mas quanto mayor gloria he de Christo estorvar a molestia dos pès dos vassallos , quando os espinhos sobre a cabeça , do que foy a pompa da Rosa prevenir o mimo das flores ajuntando os espinhos ao pè? Quâto mayor triumpho he para Christo formar dos espinhos a coroa , do que he vaidade para a Rosa estar pisando os

espinhos ? Que importa pois que aquelles barbaros ministros coroaesé a Christo com espinhos para seu desprezo , se elles lhe servirão para seu triumpho ? Que importa que com elles procuraesé acrescentarlhe a pena , se elles lhe servirão de augmentarlhe a gloria ?

281

Mostrou Deos a

S. Joáo em seu Apocalypse ^{Apoc. 2}
^{21.} hũa representaçã da gloria , & medindolhe os estadios hum Anjo , achou que continha doze milhares : os fundamentos diz que erã doze : as portas doze : de portaes lhe servirão doze pedras preciosas : por guardas de todas ellas assistiaó doze Anjos , & em todas ellas estavã esculpidos os nomes dos doze tribus. Admiravel mysterio ! E que mysterio terà que a gloria se componha de tanto numero de doze ? õu ja que tantas vezes ha de ter este numero , porque razão o ha de ter seis vezes ? doze milhares de estadios , doze fundamentos , doze portas , doze pedras preciosas,

doze Anjos , & os nomes de doze Tribus ? que mysterio terá seis vezes o numero de doze ? Vejaõ o mysterio : O numero de doze seis vezes, se me nam engano, são setenta & dous ; & não são setenta & dous os espinhos da coroa de Christo ? Sim são : pois para que se entendesse que os setenta & dous espinhos não servirão a Christo de afronta , senão de gloria, por isso se ha de compor a gloria do numero de setenta & dous ; porque assim como a gloria se compoem de setenta & dous numeros, assim a coroa de setenta & dous espinhos foy para Christo a sua coroa de gloria.

282 Eis aqui como se allucinarão os inimigos de Christo, pois pondolhe a coroa de espinhos por seu mayor desprezo, o Senhor se coroou cõ elles por seu mayor triunfo, servindolhe aquelles mesmos espinhos não ja de afronta, & de pena, senão de credito, & de gloria : mas que mui-

to que se enganassem assim neste seu intento, se também se cegarão no principal intento cõ que a puzerão ? Porque se o seu principal intento foy contradizer o reynado de Christo, se o seu principal intento foy mostrar que cõ a coroa de espinhos não era Christo Rey verdadeiro, pouca agudeza foy entre tantos espinhos ; muito pelo contrario foy ; porque como Christo he Rey em quanto Salvador, essa mesma coroa de espinhos, que só competia a hũ verdadeiro Salvador, essa mesma o coroou como verdadeiro Rey ; & para que cõ toda a evidencia se veja esta verdade, ja q fallamos no numero de setenta & dous espinhos, reparemos neste mesmo numero. E que razão haveria para que a coroa de Christo se cõpuzesse do numero de setenta & dous espinhos ? He bem mysteriosa a razão : notem : O mundo todo quando foy na divisão da torre de Babel, dividio-se em setenta &

duas

duas linguas, donde se reformarão setenta & duas nações principaes, de que se cõpoem todo o mundo: assim o dizem S. Boaventura, S. Jeronymo, S. Ireneo, & S. Agostinho; & que por isso para cõquistar todo o mundo, elegèra Christo setenta & dous discipulos: *Designavit Dominus & alios septuaginta duos: cõpond se pois todo o mudo deseteta & duas principaes nações, que outra cousa foy coroar se Christo cõ setenta, & dous espinhos, senaõ querer significar que com aquella coroa de setenta & dous espinhos domina inteiramente, & he Rey universal de todo o mundo? Digase pois que taõ fóra està a coroa de espinhos de cõtradizer ao titulo de Rey verdadeiro, que antes ella he a que declara, & publica a Christo por verdadeiro Rey: *Jesus Nazare-nus Rex.**

283 Depois de vestida a purpura, depois de entregue o sceptro, & depois de posta a coroa, dizê

os Evãgelistas sagrados q toda aquella impia multi-dão, postos os joelhos em terra, saudavão, & adoravão a Christo; porèm por escarneo, & por zôbaria, cõtãtas afrontas, & cõ tantas contumelias, quantas devemos calar por reverencia, como as devemos sentir por obrigação: *Et genu flexo ante eum illudebant ei.*

Mat 27.
29.

Atègora dizia eu que não forão contradicções para Christo nem a purpura, nẽ o sceptro, nem a coroa; porèm agora nesta adoração sacrilega, agora digo que nella padeceo Christo a verdadeira contradicção, & verdadeiramente q a mesma adoração se estava contradizendo a si mesma; porque se era culto, como era ludibrio? como era reverencia, se era afronta? se era delaeato, como era adoração? Aqui pois nesta mesma contradicção que estes homês se fazião a si mesmos, se vê claramente a cõtradicção que fazião a Christo; porque para Christo ser Salvador daquelles

homens depois de o haveré offendido cõ tantas afrontas, clarõ está que deviãõ applicar da sua parte huã verdadeira adoração; porèm se elles em vez de adoraré a Christo cõ todas as veras, o adoravão com tãtos fingimentos, quem duvida q̃ frustravão o titulo de Salvador que se deve a Christo? *Illudebant ei.* Falava o mesmo Christo da adoração destes homens, & dizia assim: *Pretium meum cogitaverunt repellere, ore suo benedicebant, & corde suo maledicebant.* Quer dizer: quando meus inimigos me honraão com a boca, & me desprezavão cõ o coração, então verdadeiramente contradizão a efficacia da sua redempção: *Pretium meum cogitaverunt repellere:* pois nisto he que consiste o contradizerse ao preço do sangue de Christo? Sim; porque para se não contradizer ao preço de seu sangue, para se lograr o fructo de nossa redempção, devê concordar entre si as verdades do coração cõ as pa-

lavras da boca: & como aquelles inimigos de Christo fingindo acatamentos na boca, faltavão às verdades do coração, que outra cousa se havia de seguir se não cõtradizer, rejeytar, & resistir ao preço do sangue de Christo? *Pretium meum cogitaverunt repellere: ore suo benedicebant, corde suo maledicebant.*

284 Porèm oh provera à divina Magestade q̃ só no atrio de Pilatos padecêra Christo esta contradicção! mas ainda mal, que tantas vezes, & cõ damno de tantas almas se está vendo no theatro do mundo representada esta mesma farça, ou esta mesma tragedia! E senão, que cousa he postarse hum Christão diante de Deos pedindolhe perdão de suas culpas, sem ter hua verdadeira dor para merecér o perdão? Que oufa he ajoelhar-se hũ Christão aos pès de hũ Confessor confessãdo a Deos as culpas de sua vida, mas sem verdadeiro proposito de sua emenda?

Que

Que cousa he prometer a emenda cõ a boca, mas faltarlhe a verdade no coração? Que cousa he tudo isto, senão huã dor simulada, & huã eméda enganosa? Que cousa he tudo isto, senão huã genuflexão falsa, & huã adoração fingida? porque se não he verdadeira a dor, como pôde ser a adoração verdadeira? se não vay de veras o proposito, como será de veras a adoração? & se nem a dor, nem o proposito vay de veras, que havemos de dizer, senão que toda a confissão vay de burlas? Pois desenganemonos Christãos, que para hũ peccador alcançar de Chritto que seja cõ effoyto seu verdadeiro Salvador, em tudo ha de ser muy verdadeiro: não basta porse de joelhos, como por demais: não basta bater nos peytos, como por cerimonia: não basta porse aos pès do Cõfessor, como por costume: havemos de tomar todas estas cousas muito de veras, & cõ todas as veras;

devemos ter hũa dor, & hũ arrependimento de nossos peccados muito de veras: devemos ter hum proposito, & huma resolução de nossa emenda muito de veras: tudo isto havemos de tomar cõ todo o affecto de nossas almas, & cõ todas as veras de nossos coraçãoes, porque de outra sorte sendo só a confissão de boca sem a verdade do coração, resistimos, & contradizemos ao preço do sangue de Christo: de outra sorte terá Christo Salvador quanto à sufficiencia, mas quanto à efficacia não será Salvador.

285. A nossa salvação diz David que depende da ajuda de Deos: *Deus aajutor noster in aternũ*: assim he, & assim o devemos de confessar; porque mal pudemos nõs alcançar a vida eterna, se nos não assistisse Deos cõ os auxilios de sua divina graça, & se nos não ajudasse cõ os merecimentos de sua santissima payxão; porẽm cõtra isto

Pc. 6. 13

està (acrescêta logo o mesmo David) que ha homêes, os quaes examinados em balança, se achão fingidos, & menos verdadeiros: *Verumtamen mendaces filij hominum in stateris, ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum*: de maneira (reparemos bem nestas palavras de David) de manci- ra que havendo Deos que nos ajuda para a vida eterna, *Deus adjutor noster in æternum*, com tudo contra isso mesmo està, & contra a efficacia desse mesmo ad- jutorio, que postos em ba- lança, se achão menos ver- dadeiros muitos homens: *Verumtamen mendaces filij hominum in stateris, ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum*. Ora que homens serã estes, cujo fingimen- to, & cuja pouca verdade contradiz à efficacia, & faz contra o adjutorio que re- mos em Christo para a vida eterna? Ou que balança serã està onde se examina o feu fingimento, & se de- cobre a sua pouca verdade? Direy de que modo enten-

do toda esta alegoria de Da- vid, & confesso que a não sey entender de outro mo- do. Esta balança entendo eu que he o exame da divi- nia justiça, onde para se nos conceder a vida eterna, se pèta a cooperação dos ho- mens com os merecimêtos de Christo: de húa parte desta balança se poem o pe- zar de nossas culpás, da ou- tra parte se poem todo o peso de suas dores: dores, & pezares são os dous pe- sos desta balança; as dores da parte de Christo, & o pe- zar da parte dos homens: isto supposto, se se puzes- se nesta balança só o arre- pendimento da nossa parte, sem q da outra parte se pu- zesse algum outro peso, claro està que ficaria o nos- so arrependimento como perdido, & lançado ahi por terra, & que pelo conse- guinte ficaria desigual, & descomposta toda a pro- porção da balança: pois q remedio? O remedio he ajudarnos Christo da outra parte da balança com as do- res, & merecimentos de sua

paixão ; porque desta sorte pondose de hũa parte o pezar de nossas culpas , & da outra o peso de suas dores, & elevando os merecimentos que ha da parte de Christo o arrependimento que eistã da nossa parte, então fica a balança em equilibrio, então se vê a fermosura, & a igualdade da balança, & nesta igualdade, nesta correspondencia de ambas as partes, em que o peso da vida eterna põtualmente cõsiste: *Aeternum gloriae pondus* ; aqui se vê como em balança q̃ Christo nos eleva, & nos ajuda para a vida eterna: *Deus adjutor noster in aeternum*: porẽm contra este mesmo adjutorio de Christo, *Verumtamen in idipsum*, contra isso estã que tal vez se achão homens falsos na balança: *Verumtamen mendaces filij hominum in stateris*: aqui agora o nosso põto: E que faz ao caso a falsidade dos homens ? Que faz ? Faz tudo: para ficar igual a balança, deviã por-se dores verdadeiras da

parte de Christo, & dores verdadeiras da parte dos homens ; mas se de huma parte da balança se poem dores verdadeiras, & se da outra parte se poem arrependimentos fingidos ; se da parte dos homẽs se pẽ só pesos falsos, & aparentes, pondose da parte de Christo merecimentos de tanto peso, que duvida faz que fica descompõsta a fermosura, & desordenada a proporção da balança ? E que duvida faz que fica como frustrado, & posto por terra todo o adjutorio q̃ havia da parte de Christo ? Com razão diz logo David que contra o adjutorio de Christo se acha na balança de Deos a pouca verdade dos homẽs: *Deus adjutor noster in aeternum: Verumtamen mendaces filij hominum in stateris, ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum*.

286 Bem se infere de todo este discurso o quanto importa que seja verdadeiro o nosso arrependimento, que seja verdadeiro o

nosso proposito, que seja verdadeira a nossa confissão, para que seja Christo com effeito nosso Salvador verdadeiro; & bem se infere que para conseguirmos o perdão de nossas culpas, & a salvação de nossas almas, que deve ser a nossa verdade, não só proferida com a boca, senão muy nascida do coração. Estando em Babilonia cativo ElRey Manasses, depois de cahir em gravissimos peccados, que para huma alma he a mayor Babilonia, conhecendo o que deve hum peccador obrar da sua parte para que Deos use com elle de sua misericordia, dizem que chegando-se a Deos, & confessando as suas culpas, dizia desta maneira: *Peccavi super numerum arenae maris, & multiplicatae sunt iniquitates meae, & nunc flecto genua cordis mei ad te Domine.* Quer dizer: Senhor, confesso que pequey, confesso que fuy tam desatento nos caminhos do peccado, que já são as minhas culpas mais que as a-

reas do mar: porèm Senhor, já agora diante de vosso acatamento dobro os joelhos do meu coração: *Flecto genua cordis mei: genua cordis mei?* os joelhos do meu coração? & o coração tem joelhos? pois se he certo que os não tem, como diz ElRey Manasses q poem diante de Deos os joelhos do seu coração? Oh! deixay, deixay dizer a Manasses, que se não teve modo no peccar, soube o modo de se arrepender: conheceo Manasses que para hum peccador se salvar não basta ajoelhar-se diante de Deos de qualquer modo; conheceo que para se salvar hum peccador, deve necessariamente confessar suas culpas diante de Deos, arrependendo-se não só de boca, senão ajoelhandose, & confundindose muito de veras, & muito de coração; por isso sem que o coração tenha joelhos, disse com toda a verdade que confessava suas culpas pondo diante de Deos os joelhos do coração: *Et nunc flecto genua*

nua cordis mei ad te Dñe.

287 Este foy o modo de adoração cõ que depois de tantos peccados mereceo salvarse el Rey Manasses: & este he, Christãos, o modo cõ que deve ajoelhar-se diante de Deos que pertende salvarse: hoje principalmente que temos que ver, & adorar a hũ Deos cõ hũa purpura, cõ hũ sceptro, & cõ hũa coroa; hoje que temos que adorar a hũ Deos que foy adorado por es carne: *Illudebant ei;* que Christão haverà que em desagravo daquelles escarneos o não procure adorar cõ todas as veras? que Christão haverà? Sendo cãtiva pelos Philisteos, a Arca do Testamento, & estando posta no seu templo do Idolo do Dagaõ, naquella noite diz a Escritura que se cõ moveo tão rendidamente o Idolo, que ao outro dia amanheceo postado em terra, & feyto em pedaços: *Invenerunt Dagon jacentem super faciem suam in terra coram Arca Domini: caput autem Dagon, & due palme ejus abscisse*

erant. Oh quãto temos que aprender nestes rendimentos, & nestes estrãgos de hũ Idolo! Reparo assim: Hũ Idolo não he hũ corpo de pedra assitido de hũ Demonio? pois porque razãõ diante da Arca do Testamento se postra atè hũ demonio? porque razãõ se despedaça atè hũa pedra? He admiravel a razãõ: vede: A Arca do Testamento estava cuberta cõ hũa capa cor de purpura: *Extendent que de-* Num 4.
super pallium totum hyacin- 6.
thinũ: em si tinha a vara de H b 9 4
Aram: In qua virga Aaron
que frõduerat: & sobre si ti-
nha huã coroa: Faciesque Exod.
supra coronam auream per 25. 11.
circuitum: com que venho a dizer que a Arca do Testamento cõ a purpura, cõ a vara, & cõ a coroa, era cõ toda a propriedade huã figura, ou imagem de Christo cõ coroa, cõ sceptro, & cõ purpura: pois à vista de hũa tam divina imagem, à vista de hũa figura cuberta de purpura sustentando hũ sceptro, & cingida cõ huã coroa, que muito he que se postraille por terra atè

Regis in terra coram Arca Domini: caput autem Dagon, & due palme ejus abscisse

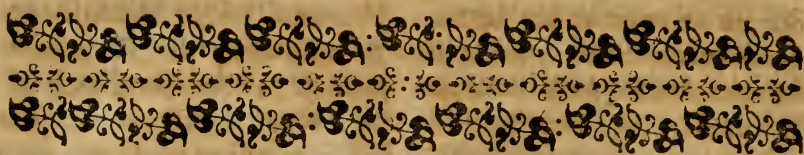
atè huã estatua feyta de pedra? Que muito era que se desfizesse em pedaços atè hũ corpo apoderado do Demônio? *Ecce Dagon jacebat in terra ante Arcam Domini* Mas se assim diante de huã figura de Christo cõ purpura, cõ sceptro, & cõ coroa, se assim se postra atè hũa estatua, cujo corpo he hũa pedra; se assim se despedaça atè hũ corpo, cuja alma he hũ Demônio; q̃ não deve fazer hũ coração sensível, & huã alma remida cõ o sangue de Jesu Christo?

288. Eya pois Catholico auditorio, agora postrados todos por terra, & agora de arrependidos despedaçados: *Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.* Oh meu Deos, meu Jesus, & meu Redéptor! Eya almas Christãs: *Videte regem vestrum in diademate,* alli temos que adorar o nosso verdadeiro Rey, & verdadeiro Salvador com hũa coroa de espinhos, cõ hũ sceptro de

cana, & cõ hũs despojos de purpura; alli temos que adorar a imagem do nosso Redemptor cõ purpura, cõ sceptro, & cõ coroa; & se à vista de hũa representação daquella imagem hũa estatua de pedra se desfez em pedaços, como à sua vista não estalaõ de dor coraçõesq̃ não são de pedra? Hũ coração contrito na verdadeira etymologia val o mesmo que hũ coração despedaçado, & assim que adoremos aquelle Senhor cõ os corações despedaçados de contritos, ou tanto de veras contritos, que pareção de dor corações despedaçados. Oh que maravilha he, Senhor, que à vossa vista se não despedacem os nossos corações! Oh meu Jesus, meu Redemptor da minha alma, meu Rey, & meu Salvador! queria Senhor chegarme hoje a pedirvos merces como verdadeiro Rey; mas quanto me anima a vossa grandeza, tanto me acovarda a minha descõfiança; porque como estou vendo as minhas cul-

pas nessas vossas chagas, cuydo que vos sentastes ahi não só como em throno, mas como em Tribunal, para tomar de assento residencia de minhas acções, ou ja para formar processo contra minhas culpas. Esse sceptro de cana cuydo que he vara de justiça: essa capa de purpura cuydo q publica guerra contra nossas offensas: essa coroa de espinhos cuydo que se arma de rayos contra minhas ingratidões. Mas Senhor, reparay, ainda que vos offendendo com minha vida, reparai q vos cultey vosso sangue. Oh meu chagado Jesus! como vos vejo cõ as mãos atadas, & cõ as chagas abertas, ja cuidoo que esses espinhos me prometẽ nesse mar de sãguẽ hũa marẽ de Rosas; ja cuidoo que essa cana verde he o seguro de minhas esperanças; & ja cuidoo que essa capa tinta em vosso sangue, & inflãmada de vosso amor, servirà de encobrir as minhas culpas, pois serve de cobriras vossas chagas. Pelo que meu

Deos, meu suavissimo Jesus, eu vos adoro por meu Rey verdadeiro, & como hoje he o dia de vossa coroação, & o dia de cõcederes merces, aqui me postro a vossos pès pedindovos por merce o perdão de meus peccados; conheço Senhor, & publicamente confesso que são meus peccados mais do que as areas do mar: *Peccavi super numerum arenae maris*; mas o mar de vosso sangue bem pòde trasbordar sobre as areas: aqui me tendes meu amorosissimo Senhor, aqui me tẽdes ajoelhado a vossos pès de todo o meu coraçoão: *Et nunc flecto genua cordis mei ad te Domine*. Pelo q Senhor, meu Deos, & meu Redemptor, vòs me perdoay pelos tormentos dessa coroa, pelos ludibrios dessa cana, pelo sãguẽ dessas cinco mil chagas, pelos merecimentos de vossa santissima payxão, para q assim alcãcemos a graça, penhor da gloria: *Quam mihi, & vobis prae stare dignetur, &c.*



S E R M A M

DECIMO-TERCIO,

E quarto do Passo do *Ecce homo*.

*Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus
adversus semetipsum contradictionem.*

Ex Paul. ad Hebræos 12.

289



Oje sobe o Redemptor do mundo do atrio para o Pretorio, & como sobe cô as mesmas divizas de sua dor, tambem hoje ador, & o tormento sobe. No atrio padeceo o Senhor os açoutes da columna, & os martyrios da coroação; & ao Pretorio sobio cô as mesmas insignias da coroação, & com as mesmas chagas da columna; mas posto que sempre foram as mesmas, cô tudo de-

tro do atrio eraõ afrontas menos publicas, & sobre o Pretorio visto estã que se fizeraõ mais patentes: as afrontas no melhor juizo dos homens tanto mais se sentem, quanto mais se publicão; como pela medida das publicidades cresce o sentimento das afrontas, bem se segue que sobindo o Senhor para o Pretorio onde as causas de sua dor se fizerão mais publicas, q̃ com elle juntamente sobio muito de ponto a sua dor.

En-

Entre as revelações de Santa Brigida acharemos que repara a devotissima Santa com grandissima ponderação na dor, & no sentimento que padeceo Christo no atrio de Pilatos quando se vio despido para ser agoitado : *Sicut natus est sic stabat, & patiebatur erubescientiam nuditatis suae*: porèm se tanto sentimento causou ao Senhor o ver-se despido dentro das paredes do atrio ; que seria sobre as varandas do Pretorio ? Que sentimento seria o do Senhor vendose na publicidade daquellas varandas, & à vista daquella immensa multidão despido, açoutado, cõ as mãos atadas, cõ hũa cana na mão, cõ hũa corda ao pescoço, aos hõbros hús estragos da purpura, na cabeça hũa coroa de espinhos ? *Et patiebatur erubescientiam*. Estãdo assim o Senhor Jesus cõ os olhos no chão de afrontado, cõ o sangue nas faces de corrido, & olhando hum povo immenso para aquelle espectáculo chagado, então

Poncio Pilatos Presidente, & Viso-Rey de Judca, em voz alta, & intelligivel disse assim : *Ecce homo* : Eis aqui o homem. E eis aqui Fieis o mysterio sobre que hoje havemos de discorrer, & que S. Paulo nos manda hoje considerar : *Recogitate eum, qui talem sustinuit à peccatoribus adversus semetipsum contra aduersionem*.

290 Considerou devota, & profundamente S. Bernardo estas duas palavras, *Ecce homo*, & achou nellas tantos mysterios, ou tantas contradicções que ponderar, que cu não tey como as havemos de entender. Diz pois o Santo Doutor que estas duas palavras, *Ecce homo*, se devê entender assim : *Ecce homo plusquam homo, minusquam homo : supra hominem, infra hominem : intra hominem, extra hominem : sub homine, circa hominem : pro homine, contra hominem*. Se atègora era necessaria explicação para as palavras do Presidente, agora he muito mais necessaria para

vel.
Brig.
1.c.10.

Ioan 19
D. B. n.
ap d' y
reum de
imi a
Christi
c. 8.

a mesma explicação: & como he possível q̄ em Christo no Pretorio de Pilatos, ou que nesta só palavra, *Ecce homo.*, affirmada de Christo, como he possível que se incluão termos tão oppostos, & entre si tão encontrados? *Homo plusquam homo, minus quam homo*: mais que homem, & menos que homem, como se ha de isto entender? *Supra hominem, infra hominem*: homé que fica muito mais acima de homé, & muito mais abaixo de homé, como se pòde isto concordar? *Intra hominem, extra hominem*: está dentro do homé, & está fóra do homé? que mayor opposição? *Sub homine, circa hominem*: está debaixo do poder do homé, & cõtudo está cercando todo o homé? que mayor implicancia? *Pro homine, contra hominem*: está em favor do homé, & cõ tudo está contra o homé? que mayor contradicção? Em Deos, sendo hũa só entidade simplicissima, ensina Santo Thomàs que

necessariamente havemos de admittir termos contradictorios, porque sendo a Essência divina indistincta do Eterno Padre, & sendo realmente o mesmo, cõ tudo devemos dizer que o Eterno Padre, & não a Essência divina produz ao Verbo Eterno; & pelo contrario devemos tãbem dizer que a Essência divina se cõmunica ao Verbo, & não o Eterno Padre. A razão de tudo isto nos ensina o mesmo Angelico Doutor que he; porque como Deos he hũa entidade infinita, & por infinita equivalente a muitas entidades, daqui vem que sem implicancia da razão, sendo Deos hũa entidade simplicissima, admite predicados contradictorios, como são produzir, & naõ produzir, cõmunicarse, & naõ se cõmunicar. Esta he a excellencia que por Deos ser infinito, singularmente se acha em Deos: pois que? havemos de dizer que huma excellencia que compete à entidade de Deos, essa

mes-

meſma ſe communica em Chriſto com titulo de homem ? Logo pelo conſe-
guinte deveramos tambem
dizer , que eſta palavra ,
Ecc: homo , affirmada de
Chriſto , pois admite ter-
mos taõ contradictorios, q̃
ſem duvida contêm myſte-
rios infinitos ? Quanto a
mim , eu digo que não du-
vidara de o dizer ; porẽm
como S. Paulo nos falla em
hũa ſõ contradicção, *qui ta-
lem ſuſtinuit contradictio-
nem* ; digo que de todas as
contradiçoens quantas S.
Bernardo considera neſta
palavra, *Ecce homo*, huma
ſõ de todas ellas , he a ver-
dadeira contradicção. Ora
vejamos eſta verdade diſ-
correndo por todas ellas.

291 *Ecce homo, plus-
quàm homo, minus quàm ho-
mo.* Neſta palavra , *Ecce
homo*, diz S. Bernardo que
havemos de entender, que
Chriſto no Pretorio de Pi-
latos era mais que homem,
& menos que homem: pa-
rece que ſe contradizem
eſtes termos ; porque ſen-
do Chriſto mais, como po-
dia ſer menos, ? ou ſendo

menos , como podia ſer
mais ? O meſmo Santo ſe
explica com as ſeguintes
palavras, *ſupra hominem,
infra hominem.* Ora notem:
Naquelle figura laſtimofa
em que Chriſto appareceo
no Pretorio de Pilatos, eſ-
tava de ferido tam deſfigu-
rado, que não tinha de ho-
mem né a ſemelhança , né
a figura: *Ego ſum vermis,
& non homo: Vidimus eum* Pl. 21. 7.
non habentẽ ſpeciẽ: & tanto Ifai 53.
aſſim eſtava deſfigurado, 2.
ou ja por chagado. ou já por
abatido, q̃ para Pilatos mo-
ver aquelles homens a al-
gũa piedade , foy neceſſa-
rio affirmarlhes que Chriſ-
to era homem: *Ecce homo:*
por iſto diz S. Bernardo que
Chriſto eſtava menos do q̃
homem, *minus quàm homo;*
porq̃ eſtava taõ abatido, q̃
não tinha nem apparencias
de homem, *infra hominem:*
porẽm neſte meſmo abati-
mento, & neſte meſmo pa-
recer menos do que era,
moſtrou Chriſto que pade-
cia tanto ſobre as forças de
homem , *ſupra hominem,*
que niſſo meſmo, moſtrou
que era mais do que homẽ:

plusquam homo. Hey de explicarme com hũ exemplo de Job , que nas afflicções de Christo sempre foy o seu mais vivo exêplo.

292 Começa a escrever o sagrado Historiador a vida, & tormentos deste pacientissimo Varaõ, & começa desta maneira : *Vir*

ob. 1. 1. *erat nomine Job, & erat vir ille, &c.* Quer dizer: Ha-

via hum homem chamado Job, & este era homem: parece que não era necessaria esta advertencia ; porẽm fim era necessaria, porque Job no meyo daquelles seus infortunios estava tam ferido , & tam chagado, como diz a mesma Escritu-

ra : *A planta pedis usque ad verticem*: estava já tam outro do que era , estava tam mudado do que fora , que já a quelle homem Job, nem parecia Job, nem parecia homem; parecia hum cadaver vivente , parecia hum chaga viva, ou parecia hum monstro de chagas, em tanto extremo, que aquelles mesmos que mais o conheceraõ, já agora o

naõ conheciaõ : *Audientes tres amici, venerunt singuli de loco suo, cumque elevarerunt oculos suos, non cognoverunt eum.* Estando pois

Job tam desconhecido ; & tam desfigurado, que muito he que a Escritura , para no lo dar a conhecer , diga que era homem ? *Vir erat.*

Pois da mesma sorte , que muito he que Pilatos affirmasse que Christo era homem , estando tam desfigurado do que era ? *Ecce homo, minus quam homo.* Po-

reõ ainda me fica esta duvida: Se era necessario que a Escritura nos dissesse que Job era homem , porque elle de chagado naõ parecia o que era , naõ bastaria que o dissesse hũa ló vez ?

pois porque razão nos diz duas vezes, que Job era homem ? *Vir erat nomine Job, & erat vir ?* Para satisfazer a esta duvida ; excito outra.

Refere a mesma historia, que quando os amigos de Job no meyo de suas calamidades o foraõ visitar, que levãtaraõ os olhos para o ver : *Cumque elevarerunt oculos suos, non cognoverunt eum.*

Tot.
11.

sent oculos suos, non cognoverunt eum. Cuidava eu q̄ naquelle estado quem puzesse os olhos em Job, de necessidade havia de abai-xar os olhos; porêm levantar? Em outro tempo, & em outra fortuna, quando Job estava sobre o throno de suas felicidades, força era que então se levantafsem todos os olhos que o vissem; mas agora, quando Job não só se acha no estado mais infimo da fortuna, senão no lugar mais abatido da terra: *Sedens in sterquilinio*; como he possível agora que se levantem os olhos que haõ de ver a Job: *Cum que elevassent oculos?* Não diziamos nòs que Job estava tão desfigurado, q̄ não parecia homem, *non cognoverunt eum?* pois homem que tanto chegou a padecer, que chegou a não parecer homem, homem que teve forças para tanto padecer, & para poder aturar tanto, este homé quando está mais abatido, então está mais levantado; este homem que assim padece

sobre as forças de homem, mais que homé he, quando padece: levantem-se pois os olhos, que o ouveré de ver, porq̄ he objecto mais levantado que homé: *Cum que elevassent oculos suos.* Eis ahi agora toda a razão porque a Escritura diz duas vezes de Job que era homé: *Vir erat, & erat vir*: diz da primeira vez que era homé; porque Job não tinha semelhança do que era: diz o mesmo segunda vez; porque Job em parecer menos que homem, na realidade mostrava que então era muito mais do que dantes era, & tanto mais, que por isso com razão para q̄ Job não fosse avaliado por algum Deos, foy necessario advertir segunda vez que comtudo Job era puro homem. Tudo he de S. João Chrysofomo: *Nec frustra Job describitur homo, ne scilicet in tanta patientia crearetur Deus.*

Chryf.
tom. 1.
de Patie.
hom. 2. 4

293 Com razão diz logo S. Bernardo, & sem q̄ implique a razão, que no Pretorio de Pilatos era

Christo menos que homẽ, & mais que homẽ, *plus-quàm homo, minus quàm homo*: era menos do que homẽ, porque não tinha apparencias do que era, *infra hominem*: mas por isso mesmo porque chegou a padecer tanto, que sendo homẽ não parecia o que era, nisso mesmo mostrou que era muito mais do que homẽ, *supra hominẽ*. Agora para q̃ vejamos o quanto mais era, cõbinemos o que a Escritura disse de Job, cõ o que Pilatos disse de Christo. A Escritura vendo q̃ Job não parecia o que era, disse que era homẽ: *Erat vir*: assim tãbem Pilatos vendo que Christo não parecia homẽ, affirmou, & assegurou que o era: *Ecce homo*. Segũda vez tornou a Escritura a dizer que Job era homẽ: *Et erat vir*; porẽm Pilatos não disse que Christo era homẽ mais que hũa só vez: pois assim como a Escritura disse segunda vez de Job que era homẽ, porque o não affirmava Pilatos de Christo tãbem segunda vez? Respondo:

Como Job em parecer menos do que homẽ, mostrou que era mais, foy necessario advertir que comtudo era homẽ, porque não parecesse Deos: *Ne crederetur Deus*; porẽm de Christo só hũa vez se advertio que era homem, porque o não parecia: *Ecce homo*: & não se advertio segunda vez, porque em Christo o parecer menos, foy parecer tanto mais: foy tanto mais sobir o chegar a perder as apparencias de humano, que foy mostrar verdadeiramente as realidades de divino: de maneira, em Christo o não parecer homem no Pretorio de Pilatos, foy mostrar que era muito mais que puro homem, & que era verdadeiro Deos: pois por isso Pilatos como não podendo negar esta verdade de q̃ alli se mostrava Christo verdadeiro Deos, não pode ratificar, né affirmar segũda vez q̃ Christo era só homẽ. Antes acrescẽto, q̃ ainda quando Pilatos affirmava de Christo que era homẽ, ahĩ mesmo affirmava que era

juntamente Deos , & não puramente homê ; porque hum homê que sendo tão innocente , estava por nossas culpas tão ferido , & tão chagado , ainda que era homê , que podia ser senão Deos ?

294 Vio o Centurião a Christo na Cruz , & diz S. Lucas que lhe chamàra homê : *Verè hic homo justus erat* : mas S. Mattheos pelo contrario diz que lhe chamàra Deos : *Verè Filius Dei erat iste* : parece que aqui se encontrão os Evangelistas ; porque ou o Centurião chamou a Christo Deos , ou lhe chamou homê : se lhe chamou homê , como diz hũ Evangelista que lhe chamàra Deos : *Verè Filius Dei erat iste ?* & se lhe chamou Deos , como diz outro Evangelista que lhe chamàra homê : *Verè hic homo ?* Ambos fallàraõ como Evãgelistas ; porque Christo era Deos , & homê juntamente , & quando assim o não conhecemos por fé , ainda se pudera alcançar pela razão ; porque

como Christo sendo tam innocête , estava por amor de nòs na Cruz tao desfigurado , chamarlhe Deos , ou chamarlhe homê , tudo vinha a ser o mesmo : por isso os Evangelistas sem contradição , dizendo hũ que o Centurião lhe chamàra homem : *Verè hic homo justus erat* ; disse outro que lhe chamàra Deos : *Verè Filius Dei erat iste*. Porém reparo que o Centurião não diz de Christo na Cruz que he Deos , senão , que era : *Filius Dei erat*. E Christo não he Deos na Cruz ? Claro està : pois porque não diz o Centurião , he , senão , era ? Entendo que o Centurião não falla só do que vê na Cruz , senão tambem do que vio no Pretorio , & como no Pretorio já tinhão declarado a Christo por homem : *Ecce homo* , por isso o Centurião não só diz de Christo o que he , senão o que era , como querendo dizer , que se là no Pretorio era homem , *homo justus erat* , já desde então dava Christo a entender que era Deos ;

Deos: *Filius Dei erat.*

295 Em confirmação desta verdade, me lembra que a festa feira passada dizia eu que o Idolo do Dagaõ se postrara por terra, & se desfizera em pedaços diante da Arca do Testamento, porq̃ em representação de Christo estava a Arca do Testamêto presa, & cuberta có hũa capa cor de purpura, & porq̃ tinha dêtro hũa vara, & por cima hũa coroa; porém agora reparo que tem hũa grande instancia o que eu entaõ dizia, & vem a ser, que os Philisteos, em cujo poder estava a Arca do Testamêto, não fizeram aquellas demonstrações que fez o Idolo: pois se se postra por terra o Idolo, porque se não postrão tâbem os Idolâtras? porque mais se desfaz em pedaços hũa estatua de pedra, que os mesmos homens? Serà por ventura, porque diante de hũa figura de Christo com purpura, com sceptro, & com Coroa são os homens mais endurecidos que as pedras? Ainda não he esta a verdadeira ra-

zão: pois qual he? Eu a darey. Aquelle Idolo era adorado por Deos, era hũa divindade fingida: a Arca do Testamento cativa com coroa, vara, & purpura, era huma expressa figura de Christo preso, & atado no Pretorio de Pilatos: pois para que se entendesse que Christo preso, & com as insignias do Pretorio, quando não tinha nem apparencias de homê, entaõ mostrava realidades de Deos, por isso se desfaz, & se despedaça o Idolo do Dagaõ à vista da Arca do Testamento; porque Christo preso có purpura, sceptro, & coroa se mostra taõ verdadeiro Deos, que atê à vista de hũa figura sua, atê à vista de hũa sua representação todo o Deos fingido se postra, toda a divindade falsa se desfaz: *Dagon autem jacebat pronus in terram ante Arcam Domini.*

296 E na verdade se distintamête discorrermos por todas as insignias com que Christo appareceo no Pretorio de Pilatos, facilmente entenderemos que todas

todas são divizas de Deos ;
 & senão, qual era a primei-
 ra insignia de Christo? Hũa
 coroa de espinhos. Là ap-
 pareceo Deos a Moyses, &
 appareceolhe cercado de
 espinhos : *In medio rubi* :
 pois porque ? Porque en-
 taõ se definia o mesmo
 Deos: *Ego sum qui sum* : &
 como as propriedades acõ
 panhaõ a definição , justo
 era que Deos que entãõ se
 definia, se cercasse de espi-
 nhos, para que se visse que
 são os espinhos proprieda-
 des de Deos. E que mais
 trazia Christo ? Hũa capa
 de purpura. Là se definio
 o mesmo Deos em outra
 occasiãõ, & disse de si que
 era hũa flor do campo: *Ego*
flos campi : mas que especie
 de flor ? Leo a Interlinha:
Ego sum Rosa : & porque
 mais Rosa , do que outra
 flor? Porque hũa purpura
 rasgada he toda a ambição
 da Rosa , & hũa purpura
 ensanguentada he toda a
 pompa de Deos. E q̃ mais
 trazia Christo? Hũa cana.
 Hũa cana sabemos que se
 deo a S. Joãõ no Apocaly-

pse para medir o templo de
 Deos : *Et datus est mihi*
calamus similis virgæ : pois
 a medida do lugar de Deos
 ha de ser hũa cana ? Sim ;
 porque a cana he toda a
 proporção de Deos. Que
 mais trazia Christo ? Hũa
 cordas. Com hũa cordas
 disse Deos que havia de at-
 trahir ao seu conbecimêto
 aos homens , tirandoos da
 géttilidade, & da idolatria:
In funiculis Adam traham
illos, in vinculis charitatis :
 & porque os havia Deos de
 attrahir com cordas ? Por-
 que as cordas o dariaõ a
 conhecer por verdadeiro
 Deos. E que mais trazia
 Christo ? Vinha cuberto
 de chagas. E que fez São
 Thomé quãdo vio as cha-
 gas de Christo ? não o co-
 nheceo entãõ ? não o ado-
 rou por verdadeiro Deos ?
 Assim o confessou. o me-
 lmo Santo: *Dominus meus,*
& Deus meus. De maneira
 que espinhos, purpura, ca-
 na, cordas, & chagas, tudo
 são divizas de Deos, tudo
 são propriedades de sua es-
 sencia, tudo braços de sua

Apoc. 1

Osee 1

4

Ioan. 28

28.

Exod. 3
2.

Cat. 2. 1

divindade. Isto he cada hũa destas insignias per si só; & que serãõ todas juntas? Logo então se mostrou Christo verdadeiro Deos, quãdo appareceo no Pretorio de Pilatos cõ capa de purpura, com sceptro de cana, com coroa de espinhos, afrontado cõ cordas, & cuberto de chagas: então he verdade, que não pareceo que era homem, porque pareceo menos do que era: *Infra hominem, minus quàm homo*; porèm por isso mesmo, por isso então se mostrou q̃ era mais que puro homem, & por isso mostrou então que era verdadeiro Deos: *Plusquam homo, supra hominem.*

297 *Ecce homo: intra hominem: extra hominem:* he a segunda explicação q̃ dá o Santo Doutor às palavras *Ecce homo*: & parece hũa expressa contradicção; porque estar fóra, & estar dentro, visto està que são termos que se contradizẽ: pois logo como diz S. Bernardo que no Pretorio de Pilatos està Christo dentro

de nõs, & fóra de nõs: *Intra hominem: extra hominem?* Respondo, que se não contradizem estas palavras, & temos o exêplo no mesmo Pretorio. A coroa de espinhos com que Christo appareceo no Pretorio, não està claro q̃ para lhe cingir a cabeça, a cercava pela parte de fóra? & comtudo não he certo tambem que aquelle barbaro diadema atravessava a cabeça do Senhor penetrando com setenta & dous espinhos pela parte de dentro? Logo não contradiz a razão que o mesmo amorosissimo Senhor a respeito de nõssas almas nos fique pela parte de dentro, & nos fique pela parte de fóra; porque tendonos dentro em seu coração, fica elle pela parte de fóra: *extra hominem*; & tendo nõs a elle em nõssas almas, fica elle da parte de dentro: *intra hominem*. Por meyo do Sacramento do altar disse Christo que o homem fica dentro d'elle, & elle fica dentro do homem: *In me*

manet, & ego in illo : pois isto mesmo que por realidade succede no Sacramento, porque não poderá também por affecto succeder no Pretorio? Assim como Christo quanto he *ex vi verborum*, só em quanto homé está no Sacramento, assim também no Pretorio está só em quanto homé: *Ecce homo* : logo assim como no Sacramento está dentro de nos, & nós dentro delle, assim também poderá ser o mesmo no Pretorio. Oh se assim nos resolvessemos nós a ter em nossas almas aquelle Deos chagado, & aquelle homé Deos, quanto elle procura ter dentro em seu coração todas as almas de todos os homens! Aquellas chagas abertas com que Christo appareceu no Pretorio, que outra cousa vem a ser, senão portas abertas por onde o nosso Redemptor nos quer recolher em seu coração? Admiravel desejo de nos recolher em si, abrir em si tantas portas para nos recolher! Pois se à custa de

tantas chagas nos deseja recolhera todos em seu proprio coração, como nós em igual correspondencia não recolheremos em nossos corações a hum Deos, que para recolher nossas almas abriu em tantas chagas tantas portas? Considerou a Alma Santa a Christo em quanto chagado, *Fasciculus myrrhæ*; & então o considerou para querido: *Dilectus meus mihi*: mas não só o considerou para emprego de seu amor, senão também para deposito de seu coração: *Inter ubera mea commorabitur*. Devida correspondencia! Procura Christo chagado recolher nossas almas em seu coração? pois procurem também as nossas almas ter em seus corações a Christo chagado: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur*.

298 Disponhamonos pois almas Christãs, disponhamonos a que Christo nos admita em seu coração, disponhamonos a trazer em nossos corações a Chris-

to, & veremos o como he possível que esteja Christo, *intra hominem, extra hominem* : dentro de nossas almas, porque os nossos corações o não lancem fora ; por fóra de nossas almas, porque o seu amoroso coração todas as terá dentro. Bê vejo que esta correspondência de affectos, & esta troca de corações devem nossas almas a Christo em qualquer outro estado, & em qualquer outro mysterio ; porém quando considero a hũ Deos chagado cõ o titulo de *Ecce homo*, então me parece que esse he o mysterio mais proprio, em que Christo nos recolha em si, & em que nõs recolhemos a Christo: *Ecce homo* : *intra hominem, extra hominem*. Lutava hũa noite Deos cõ Jacob, & ainda que Jacob se vio affás apertado, Deos alli foy o mais rendido: *Contra Deum fortis fuisti*. Se bem repararmos nesta luta de Jacob cõ Deos, acharemos, q̃ alli ficou Deos da parte de dentro, & da parte de fóra: *in-*

tra hominem, extra hominem : da parte de dentro, em quanto Jacob lhe lançava os braços para o recolher a si ; da parte de fóra, em quanto Deos lançava os braços, & lutava por recolher a Jacob : mas que razão haveria para que assim lutassem Deos, & o homê? Deos por recolher em si ao homê, o homê por recolher em si Deos? A razão a meu ver he ; porque ainda que quẽ lutava cõ Jacob era Deos: *Contra Deum fortis fuisti*; cõtudo era hũ Deos que era juntamente homê: *Ecce vir luētabatur cum eo* ; antes nõ só era hũ homê Deos, mas era hũ homê Deos cõ o titulo de *Ecce homo* : isso quer dizer em toda a latinidade, *Ecce vir*: pois se aquelle homê Deos tinha o titulo de *Ecce homo*, que muito q̃ lutasse por ter dentro de seus braços a Jacob? & que muito que lutasse Jacob para o ter dentro de seus braços? *Ecce vir luētabatur cum eo*. Cõ razão dizia eu logo que Christo cõ o titulo de *Ecce ho-*

Gen 32
28.

mo he o q̄ mais propriamēte nos procura ter dētro em si, & a quē nōs mais devidamente havemos de ter dentro em nōs; & cō razão diz S. Bernardo: *Ecce homo: intra hominem, extra hominem.*

299 *Ecce homo: sub homine, circa hominem.* Tābem nesta explicação de S. Bernardo se representa algũa contradição; porque quē estã debaixo do poder de outrem, como he possível que o esteja cercando, abrãgendo, & abarcando Logo estando Christo debaixo do poder de Pilatos, *Sub homine*, como se pode verificar que nesse mesmo tempo nos estã cercando, & cōprehédēdo: *Circa hominem*? Digo q̄ nos estã Christocōprehédēdo, porq̄ cō os braços cruzados nos estã abraçando: & digo que nos estã cercando, porque por todas as partes nos estã cōbatendo. Materia era esta que pedia hū discurso bem largo, & bē devoto; porē estã puxãdo por mim o ultimo discurso. Pelo que

sobre este ponto digo tō brevemente, que estando Christo no Pretorio de baixo do poder de Pilatos, *Sub homine*, ahi mesmo se contradição nos estã cercando, porque ahi mesmo nos estã pondo cerco, ou para cōbaternos as almas, ou para conquistarnos os coraçōes: *Circa hominem.* Ora notē: Na conquista de nossas almas ha-se Deos segundo a mayor, ou menor resistencia dellas. Hũa praça aberta levase por assalto, de hũa avançada se leva; & hũa praça forte? só se leva por cerco, & quãto o lugar estã mais fortificado, tãto o cerco he mais vagaroso. Pois assim o divino Conquistador de nossas almas: se a alma se não resiste, leva-a Deos de hū assalto; mas se estã rebelde, he necessario a Deos levála por cerco. A S. Pedro, quando negou a Christo, como era tãto obediente, rēdeo Christo à escallavista, & cō hū assalto de olhos: *Respexit Petrum;* ^{1. ut 23.} porē a S. Paulo, que mais ^{61.} obstinadamente negava a

Christo, como estava tão rebelde, rendeo Christo cõ maiores estrondos, & cõ maiores aparatos; rendeo-o cõ bateria de luzes, & cõ hũ cerco de rayos: *Cir-*

Act 9 3 *cumfulsit eum lux de Cælo.*

Esta he a traça de que usa Deos para render as almas mais rebeldes; & são estes cercostão antigos em Deos, que ja desde a criação do mundo a eterna Sabedoria lhe poz hũ cerco: *Gyrum*

Ecccl 14 8,

circuivi sola; por final, q cõ tam feliz successo, que então rendeo os corações de todo o mundo: *Et omnium excellentium & humilium corda virtute calcavi*: pois assim como a Sabedoria eterna rendeo por hum cerco os corações do mundo; assim tãbem a Sabedoria encarnada quiz render o mundo por cerco, & cõ effeito dizê os Evangelistas, que cercando as Cidades, introduzia Christo a fé por todo o mundo: *Circumbat*

Matt. 9. 35.

omnes Civitates prædicans Evangelium: porê m introduzir a fé he só render os entendimentos, & Christo

queria render os corações; mas sendo os corações do mundo tão rebeldes, que remedio para os render? Que remedio, senão pôr tãbem hũ cerco a todos os corações?

300 Este cerco pois para rêder os corações mais rebeldes, este cerco nos poê hoje Christo no Pretorio de Pilatos cõ a figura do *Ecce homo: Ecce homo: circa hominem*: & para que nada faltasse em hũ cerco tão poderoso, discorrendo por todas as partes de hũ cerco, as cordas cuidoo que são as linhas, & as chagas cuidoo que são as brechas; ou como são tão profundas, tãbem pôdem ser as cavas: o sceptro de cana serve de estacada, & os golpes do sangue para a bateria: a coroa sendo hũ circulo de espinhos, tãbem he hũ cerco de rayos: a capa cuidoo q lhe serve de aproxes, não só para se cobrir, senão tãbem para nos cercar; & como tê os braços cruzados, sem duvida que tãbem nos quer cercar cõ os braços;

porêm as chagas como estão por toda a circumferência, cõ ellas cuidõ q̃ principalmête nos quer cercar, porque com ellas confidero que nos espera render. Hũa alma sey eu que foy de todas a mais rendida, sendo que só entre flores se vio cercada: *Venter tuus sicut acervus tritici vallatus hlijis*: pois se para se render hũa alma bastou só hũ cerco de flores, como se não renderão nossas almas a hũ cerco de chagas? Em hũ cerco tão poderoso não ha que fugir, senão render, em hũ cerco tão apertado não ha que resistir, senão entregar; & assim que as almas que se não entregarẽ, entendãõ de si que são invenciveis; os corações que se não renderem, entendãõ de si que são inexpugnaveis. Muitas forãõ as diligencias que fez Pilatos por livrar a Christo da morte, em fim, & por fim de tudo mostrou a Christo chagado no Pretorio, & vendo que seus inimigos continuavãõ na mesma porfia,

perdidas de remate as esperanças, & ja como defengado lhes entregou a Christo: *Tradidit eum voluntariorum*: pois porque não fez algũa diligencia mais? Porque não ha mais diligencia: de corações que à vista de Christo no Pretorio se não chegãõ a render, não havia mais que esperar: as Cidades que se não rendem a hũ cerco poderoso, são invenciveis, não ha mais que levantar o cerco: assim tãbem os corações que se não rendem a hũ *Ecce homo*, são inexpugnaveis, porque hũ *Ecce homo* he hũ cerco de nossos corações: *Ecce homo, circa hominem*.

301 *Ecce homo, pro homine, cõtra hominẽ*. Esta he a ultima explicação de S. Bernardo, & aqui temose em fim a nossa contradicção verdadeira; porq̃ ser Christo pelo homem, & ser contra o homẽ, que mayor contradicção? Christo em quanto Salvador, estã em favor do homẽ, & se elle se põem contra o homẽ, ja he fiscal,

Luc 23.
25.

Mat 7.2

& não Salvador : pois ser Salvador , & não ser Salvador , não he esta a maior contradição que se faz a Christo? Mas donde nasceria no Pretorio que sendo alli Christo Salvador de todos os homens, *pro homine*, que alli mesmo estivesse contra os homens, como se não fora seu Salvador : *Contra hominem?* Tudo havemos de achar no mesmo Texto. Pilatos mostrou a Christo chagado , para q̄ aquelles homens se doesse de ver a Christo , porém elles tão fóra estiverão de se doer , que o pedirão para o crucificar : *Crucifige, crucifige eum* : pois se aquelles homens se não doeraõ, nem moverão de ver a Christo chagado , que muito que sendo Christo Salvador de todos , haja de ser o fiscal daquelles homens : *Contra hominem?* Christãos, Christo he Salvador de todos; porém as suas chagas são as nossas culpas , & se nós não cópadecemos dellas como chagas suas , devemos sentilas como culpas

nossas , & que se não doe de suas culpas, quem se não arrepende dellas, tenha entendido que ha de ser Christo parte contra elle, por elle não obrar da sua parte. Rebelleuse o Principe Absalaõ contra seu Pay El-Rey David , & na rota de seu Exercito fugindo a unha de cavallo , & embaraçandoselhe a gadelha nos ramos de hũa arvore, alli ficou dependurado de hũ ramo , ou como tropheo da desgraça , ou como despojo da ingratitude : neste tempo passando Joab , & vendo pendente de hũ ramo ao desgraçado Principe, diz a Escritura que có tres lanças lhe atravessou o coração. Valhame Deos, Joab! Não foy Joab quem tantas vezes intercedeo por Absalaõ? Quando Absalaõ esteve desterrado, não foy Joab quem o congregou có David? Não foy Joab o seu Advogado, a sua valia, & o seu fiador? pois como agora he o seu homicida? Por isso mesmo, diz S. João Chryostomo: *Qui Patrẽ ei*

Thryft. reconciliavit, is ipsum inter-
 a Pf. 7. fecit. Fez Joab tantas ve-
 om 1. zes as partes de amigo, &
 falta Absalão da sua parte?
 falta à sua obrigação? Fi-
 cou Joab obrigado a David
 por seu fiador, & levanta-se
 Absalão cótra David? pois
 o mesmo Joab ha de ser o
 homicida de Absalão: *Qui*
Patrem ei reconciliavit, is
ipsum interfecit. Assim mes-
 mo, Fieis, assim mesmo suc-
 cede em Christo a respeito
 dos peccadores: Christo
 he nosso fiador: *Qui fide-*
 jussor existit: Christo he
 nosso Advogado: *Advoca-*
 tum habemus apud Patrem:
 Christo he nosso Salvador:
 Coloss. 1. 24. *Ipsa enim salvum faciet po-*
 pulum suum: se fizemos
 da nossa parte o que deve-
 mos à nossa obrigação, te-
 remos por nós a Christo:
pro homine; mas faltando
 à nossa obrigação, segue-se
 o termo contradictorio, q̄
 será Christo parte contra
 nós: *contra hominem.*

302 Peio que Fieis, se
 he que desejamos ter a
 Christo da nossa parte, fa-
 çamos da nossa parte o que

naõ fizeraõ os emulos de
 Christo: elles naõ se doe-
 raõ das chagas de Christo;
 doamonos nós de nossas
 culpas, porque assim nos
 doemos de suas chagas, &
 resolvamonos, que sem esta
 dor naõ ha salvaçaõ; por-
 que para Christo ser Salva-
 dor de nossas almas, he cer-
 to que naõ bastaõ as dores
 que elle padeceo por nós,
 senaõ que da nossa parte
 he necessario dor do muito
 que o offendemos a elle.
 Dizia S. Paulo que elle da-
 va complemento, & acaba-
 va de aperfeicoar tudo o q̄
 faltava às dores da paixãõ
 de Christo: *Adimpleo ea*
 que d. sunt passionum Chri-
 sti in carne mea: mas com
 que verdade o podia dizer
 S. Paulo? As dores da pai-
 xãõ de Christo naõ saõ de
 infinito preço, de infinito
 merecimento, & de infini-
 ta perfeiçaõ? pois logo q̄
 podia faltar às dores de
 Christo? Para Christo ser
 Salvador da sua parte, nada
 podia faltar, mas para nós
 nos salvarmos, ainda falta
 a dor da nossa parte: resul-

ta a nossa salvação de hum composto de duas dores, das dores de Christo, & da nossa dor : a nossa dor sem a de Christo não basta para a salvação ; mas tambem não basta a dor de Christo sem a nossa dor : & por isso S. Paulo , como quem tam altamente o entēdia , ajuntava às dores de Christo a sua dor , porque alcançava que para a salvação faltava ainda a sua dor , para dar complemento às dores de Christo : *Adimpleo ea que desunt passionum Christi in carne mea.* Mas vejamos como nestes mesmos termos confirmou Christo esta doutrina de São Paulo: Chegou hum cego a pedir-lhe a vista , & lançandolhe o Senhor hũa pouca de terra sobre os olhos , mandoulhe que fosse lavar os olhos em hum tanque de agua , & com esta diligencia cobrou vista o cego. Reparo primeiramente, que a terra lançada nos olhos mais parece que serve de causar dor, do que de dar remedio ; pois se Christo lhe queria dar o

remedio, porque lhe applica hum remedio que lhe causa dor ? Porque de outra maneira não seria remedio : a cegueira he a culpa , Christo da sua parte applica a medicina , mas o homem ha de sentir a dor da sua parte, porque de outra sorte nada aproveita a applicação de Christo. Reparo mais, que mandou Christo ao cego depois de lhe lançar a terra nos olhos , q̄ os fosse lavar em hum tanque de agua : & o fundamento do meu reparo he ; porque esta terra que Christo lançou nos olhos do cego , diz S. Agostinho que representa a Deos feito homem : *De saliva lutum fecit , quia Verbum caro factū est.* Seguese logo que o remedio que Christo lhe applicava, era o mesmo Christo : pois se ja o mesmo Christo se lhe applica por remedio , & se o mesmo Christo lho applica , que necessidade tem o cego de ir primeiro lavar os olhos ? Muito grande necessidade : porque as aguas são a materia

Ioan. 9.
12.

ria de que se compoem as lagrimas, & para que se entendesse que para remedio da cegueira da nossa culpa não bastão nem ainda todos os merecimentos de Christo, senão que são necessarias lagrimas de nossa dor, por isso ainda depois de applicado todo Christo por remedio, se ordena ao cego que banhe os olhos em agua de suas lagrimas. Mas porque não banharia os olhos em agua de fonte, ou de rio, senão em agua de tanque? Direy: As aguas do rio, ou da fonte, são aguas que correm, ou que passaõ; as aguas do tanque são aguas que assistem, & perseveraõ: pois para que se entendesse que para se curarem as cegueiras de nossas culpas não bastão só os merecimentos da parte de Christo, nem bastão só quaesquer lagrimas da nossa parte, senão que he necessaria huma verdadeira dor, & hũas lagrimas muy verdadeiras; por isso applicando o mesmo Christo o remedio por suas mãos, &

sendo o remedio o mesmo Christo, comtudo ainda foy necessario que o mesmo cego sentisse a dor, que o mesmo cego fosse ao tanque, & que lavasse os olhos elle mesmo; & só desta forte cobrou vista o cego: *Abijt ergo, & lavit, & venit videns.*

303 Eis aqui o que devemos obrar da nossa parte, para que o Salvador do mundo seja com effeito nosso Salvador: devemos doernos de nossas culpas, & chorar nossos peccados cõ todo o affecto de nossas almas, & com todas as veras de nossos corações, porque obrando da nossa parte que este verdadeiro arrependimento, então teremos a Christo da nossa parte, & então verdadeiramente nos aproveitarão os merecimentos de Christo; que de outra maneira nada aproveitão os seus merecimentos. Chegou Christo à Piscina, & achou alli hũ Paralitico, que tendo tanto á mão o remedio nas mesmas aguas da Piscina, &

havia comtudo trinta & oito annos que estava allí sem remedio : perguntoulhe o Senhor se queria faude ; & elle formando queixas de sua desgraça , disse que não tinha hũ homẽ por si : *Non habeo hominem* : mas có que verdade , ou có que razão se podia queixar o Paralitico ? Este homẽ por quem o Paralitico suspirava , dizem comúmente os Interpretes sagrados que era o mesmo Christo : pois se Christo não falta da sua parte a ningué , có que razão , ou có que verdade se queixa o Paralitico que não tinha homẽ : *Non habeo hominem* ? Digo que se queixa có verdade ; poré digo qudiãse queixa sem razão. Para intelligencia do que digo havemos de suppor , q a parlesia he huã doença , que deixa a parte insensível , he huã enfermidade , cujo mal consiste em se não sentir a dor do mal , ou em ser hũ mal que não causa dor : pois por isso eu digo que có verdade se queixa de Christo o Paralitico ; porque hũ

peccador que se não doe do mal de sua culpa , he certo q não tem por si a Christo : *Non habeo hominem* : porẽm queixa se sem razão ; porque o mal do Paralitico todo consistia em não sentir a dor do seu mal , & o doerse , ou não se doer o peccador , da parte do peccador estã , & não da parte de Christo : logo sem razão se queixa o Paralitico de Christo ; porque só de si mesmo se pudera queixar có razão. Em fim mandoulhe Christo que tomasse às costas o teu leyto , & desta sorte cobrou faude o Paralitico : *Tolle grabatum tuum , & ambula* : pois para cobrar faude não bastava que lha desse Christo ? por força havia de tomar o leyto às costas ? Sim ; porq o seu leyto era o seu estado , & para hũ peccador sarar da doença de não ter dor , ha de tomar o peso a seu estado , finta bê o que pêsã , pêsse-o bê , & finta-o , & então lhe aproveitarã Christo para darlhe faude , 'porque só então terá por si ao mes-

mo Christo: *Et statim sanus factus est.*

304 Eya pois Catholico auditorio, se queremos ter a Christo por nós, cooperemos com Christo: hoje principalmente he o dia em que devemos sentir a dor de nossas culpas, porque hoje he o dia em que devemos chorar a lastima de suas chagas: não poderemos dizer hoje como o Paralitico, que não temos hũ homẽ por nós: *Non habeo hominem*; porque temos hũ homẽ que he juntamente Deos: *Ecce homo: Recogitate eum.* Eis alli, Fieis, o homẽ que he mais q̃ homẽ: *Ecce homo, supra hominem*: eis alli o homem que devemos meter em nossos corações: *Ecce homo, intra hominem*: eis alli o homẽ q̃ poem cerco a nossas almas: *Ecce homo, circa hominem*: & eis alli o homẽ que sendo por nós agora, se pôde pôr contra nos. Oh meu Jesus! meu Redemptor da minha alma! meu Deos do meu coração! que amoroso, que rendido, & que piedoso

que estais! Mas he possivel Senhor, que vòs, vòs Senhor, vòs em quem os homens estaõ vendo agora todos esses sinaes de piedade, ha de haver tempo em que vòs haveis de ser contra os homẽs? Vòs que sois o nosso Salvador, haveis de ser o nosso fiscal: *pro homine, contra hominem*? Não sey Senhor como entenda tantas evidencias de rigor em tântas demõstrações de piedade. Essa coroa de espinhos bem vos acredita de amoroso, pois có tântas setras vos té tão ferido, tão atravessado; porẽ Senhor, vejo muitas asperezas nessa coroa de espinhos. Essa capa de purpura bem mostra na sua fineza que sois muito fino; porẽm na sua cor mostra que sois mui guerreiro. Esse sceptro de cana bem vejo que he muito brando, & muito tenro; porẽm tâbem vejo que he muito fragil, & muito quebradiço. Essas cordas bem significão que o vosso amor vos tem muito preso; mas não sey se significão tâbé que para pô-

tos de amor sois muito áta-
do. Esses braços cruzados
bem mostram que estais de
todo rendido ; mas como
sois Onnipotente , temo
que solteis os braços. Essas
chagas abertas , bocas pa-
recem por onde nos dizeis
amores ; mas porquẽ não
ferão bocas por onde ful-
mineis castigos ? O titulo
de homẽ q̃ ahi se vos deo,
bem mostra que sois muy
humano, mas cu sey que no
tremendo dia do juizo nos
haveis de julgar em quanto

Luc. 21.
10.] *Tunc videbunt Fi-
lium hominis.*

305. Ah Senhor , pois
võs ! vós a quem os homẽs
custáraõ todo esse sangue,
võs haveis de castigar aos
homens ? se peccamos, não
he infinita a vossa miseri-
cordia ? se vos offendemos,
não he infinito o vosso a-
mor ? pois logo que causa
vos ha de trocar ? que occa-
siao vos ha de mover ? que
causa ? meu Deos, meu Je-
sus, meu Redemptor ! se
he Senhor, porque nós nos
não doemos de nossas cul-
pas, se he porque nos não

lastimamos de vossas cha-
gas, já Senhor me doo das
culpas com que vos offen-
dia vós, já me lastimo das
chagas que padecestes por
mim. Oh quanto Senhor
me peza de vos haver of-
fendido, quando por amor
de mim vos vejo Senhor
tão chagado ! Oh quem
nunca vos offendera, meu
Deos, meu Jesus, meu Re-
demptor ! Já esses espinhos
que vos trespassão a cabe-
ça, me atravessão a alma ;
já na fragilidade dessa cana
o coração se me quebra ; já
nas rasgaduras dessa purpu-
ra o coração se me rasga ; já
nessas cordas que tão afró-
tosamente vos apertão , se
me apertão as cordas do
coração : essas cordas me
levão apoz si todos os sen-
tidos, essas cordas me arra-
stão todos os sentimentos,
& essas chagas, Senhor, es-
sas feridas que tanto vos
tem despedaçado, essas cha-
gas me despedação de dor
o coração ; & para q̃ mais
creça a nossa dor, mostray
Senhor todas as vossas cha-
gas, voltay Senhor, & mos-
tray :

tray: oh se assim deramos
volta a nossas vidas ! Mas
voltay Senhor para cercar
nossas almas ; ja que fois
novo Elias inflâmado, ja q
fois novo Joseph persegui-
do , largay a capa Senhor.
Oh almas Christás ! ô al-
mas remidas com o sangue
de Jesu Christo: *Recogitate*
eum: cõsideray bem aquel-
le sangue de Christo , &
consideray as contradicões
daquelle sangue : largou
dos hombros a capa de pur-
pura, mas nas costas lhe fi-
cou a purpura do sangue:
primeiro vimos o corpo a-
tado , agora vemos o san-
gue solto : primeiro vimos
o corpo entre cordas, agora
vemos o sangue em corrê-
tes: eis alli, Fieis, os effei-
tos de nossas culpas , mas
eis alli o motivo de nossas
lagrimas. Oh ! lavemos
Christãos aquelle sangue
com nossas lagrimas , para

que assim se lavem nossas
culpas com aquelle sangue :
ajuntem-se mares de lagri-
mas á mares de sangue , pa-
ra que em dous mares se la-
vem as nossas almas , & se
afoguem as nossas culpas:
mas voltay outra vez Se-
nhor, *Ostende nobis faciem*
tuam, & salvi erimus. Oh
meu Deos, meu Jesus , &
meu Redemptor ! que cha-
gado, que ferido, que des-
pedaçado que estais ! mas
assim meu suavissimo Je-
sus, assim chagado vos que-
ro , assim ferido vos amo,
assim despedaçado vos a-
doro : por essas vossas san-
tissimas chagas , por esse
vosso preciosissimo sangue,
& por vossa santissima pai-
xão vos peço Senhor per-
daõ de minhas culpas, para
que assim alcãcemos a gra-
ça, penhor da gloria: *Quam*
mibi, &c.



S E R M A M

DECIMO-QUARTO,

E quinto do Passo de Christo
com a Cruz às Costas.

*Recogitate eum , qui talem sustinuit à peccatoribus
adversus semetipsum contradictionem. Ex Paul.
ad Hebræos 12.*

306



M fim que se deo
sentença de mor-
te contra o mes-
mo Author da vi-
da ; & para que fosse mayor
a afrôta, de morte de Cruz
foy a sentença : assim se de-
cretou no Tribunal dos ho-
mens, & assim se havia de-
cretado no Tribunal de
Deos ; porque como a pri-
meira causa desta morte de
Christo trazia a sua raiz da

arvore do Paraíso, necessa-
riamente se devia executar
esta morte na arvore da
Cruz. A padecer pois taõ
afrontosa morte sahe hoje
o Redéptor do mundo com
a Cruz às costas desde o
Pretorio até o Calvario ;
objecto taõ digno de nossas
lagrimas , taõ merecedor
assumpto de nossas atten-
çoens , que só as lagrimas
mais ardentes poderião ser
hoje

hoje as palavras mais elegantes, & só as atencões mais emmudecidas deverão ser as eloquências mais exageradas : por isso São Paulo nos não manda hoje que digamos , senão que consideremos : *Recogitate eum , qui talem sustinuit à peccatoribus adversus semetipsum contradictionem.*

307 É verdadeiramente que bem considerado o concurso de contradicões que passa hoje pela rua da amargura, sendo a sua formalidade contradizer , como he possível que nos deixem fallar ? De todos os Evangelistas nenhū disse q' o Senhor levàra a Cruz às costas, senão só S. João, mas vejamos os termos cõ que o disse : *Et bajulans sibi Crucem, exivit in eum , qui dicitur Calvaria, locum : ubi crucifixerunt eum :* diz que tomando o Senhor a sua Cruz às costas , sahira do Pretorio para o Calvario, & que ahi o crucificarão : de maneira que só faz o Evangelista menção do lugar donde sahio, & do ter-

mo onde parou ; porèm não faz menção dos passos que deo : pois porque não faz essa menção ? para Christo chegar cõ a Cruz às costas desde o Pretorio atè o Calvario não bastava só o sahir , era necessario tambem caminhar : pois porque não diz o Evangelista que caminhou ? porque diz sómente que sahio : *Et bajulans sibi Crucem exivit ?* O caso he , que cuidadoso como amate o Evangelista amado, quiz averiguar o termo que tomavão os horrores , & as confusões daquelle dia, & estãdo já à vista do Pretorio souo tristemente hũa trombeta, a cujo estrondo, a cujo sentimento fazião mal distintos eccos as vozes de compostas de hum pregão : sahio logo o Labaro Imperial com as quatro letras geroglificas , que segundo a interpretação do Imperio querião dizer : *Senatus, populusque Romanus ;* porèm era taõ grande o tropel, & taõ estrondoso era o concurso , que apenas se

percebiaõ os eccos do clarim, quanto mais as vozes do Pregoeyro; pelo que chegando se mais o Evangelista, vio que entre clamores, & alaridos, entre a multidão da gente, & entre o ruído das armas vio q̄ sahia do Pretorio, quem? hum homem carregado, & opprimido com o peso de hũa Cruz, com hũa corda ao pescoço, cingido com outra corda, com os olhos gravemente postos em terra, & os gemidos mudamente dirigidos ao Ceo, o rosto banhado em rios de sangue, & a cabeça cingida cõ hũa coroa de espinhos: passou do novo espectáculo que via, & chegando se a reconhecer o que ainda duvidava, acabou de entender que quem sahia do Pretorio era o seu amado Mestre, & o nosso amorosissimo Jesus: aqui desmayou o Evangelista, ou de assombrado, ou de enternecido; & aqui não só a lingua se embargou, mas ainda a penna se suspendeo: por isso havendo tão grande di-

stancia desde o Pretorio até o Calvario, & devendo dizer o Evangelista que sahira Christo, & q̄ caminhãra por toda aquella distancia, faltandolhe alento para dizer que caminhãra, ficou suspenso com dizer somente que sahira: *Exiit.*

308 Sobre esta razão cresce de mais, que por toda a rua da amargura foy o Evangelista vendo que aquella Cruz contradizia àquella innocencia, que aquelles passos para a morte contradizião às izenções da immortalidade; foy cõsiderado que aquellas blasfemias da turba contradizião à divindade de Christo; & aquelles mesmos homens que haviam recebido a Christo cõ o triunfo das palmas, agora nas afrontas da Cruz se cõtradiçiao a si mesmos, & à vista de contradiziões tam oppostas, como abortio o Evangelista deteve a voz, & suspendeo a penna; por isso creveo a sahida, mas não fallou na jornada; por isso não referio os passos que Christo deo,

deo, & só disse o modo cõ que sahio: *Et bajulans sibi Crucem exiit.* Isto supposto, & supposto q̃ à vista de tantas contradicções se não atreveo o Evangelista a escrever os passos de Christo, como poderei eu ponderar as mesmas contradicções? Onde o Evangelista não pode nem escrever, como poderey eu fallar? Cõndo como S. Paulo nos manda hoje considerar a contradicção que Christo padeceo com a Cruz às costas, ao menos por obediencia hey de fallar hoje nesta contradicção. Para vermos pois a contradicção de que trata S. Paulo, digo que considerey cõ alguma attenção as circumstancias deste mysterio, & como o mesmo he contradizer, q̃ encontrar, acney q̃ hoje se nos offerecem quatro contradicções em quatro encontros, a saber: no encontro da Senhora: no encontro da Veronica: no encontro das filhas de Jerusaleem: & no encontro de Simão Cirineo, porém de todos estes

encontros, digo que em hũ só delles se acha a contradicção verdadeira, porque nem S. Paulo achou mais q̃ huma só contradicção: *Qui talem sustinuit cõtradictionem.*

309 Começando pois pelo encontro da Senhora, parece que não poderemos negar que padeceraõ os intentos de Christo hũa grãde contradicção naquelle tão amoroso, como doloroso encontro; porque os intentos de Christo erã caminhar a morrer: assim o requeria o nosso remedio, assim lho consultava seu amor; porém vendo o Senhor as lagrimas da Senhora, vendo o mais obediente Filho a pena, & o pranto da mais angustiada Mãy, quem duvida que seu amor fluctuava naquelles mares, se não he que se prendia naquellas correntes? A todos os Oradores Evangelicos ouviremos q̃ chegando a ponderar este encontro, lhe dão o nome de eclipse; porém porque razão se ha de chamar ecli-

eclipse este encontro q̄ teve a Senhora cō o Senhor? Cō grandíssima razão: porque o eclipse q̄ vê a ser? He hũa opposição q̄ faz a Lua ao Sol. E q̄ outra cousa vem a ser este encontro, senão hũa opposição que fazia a presença da Senhora aos passos, & intentos do Senhor? A opposição que faz a Lua ao Sol, he hũ encontro daquelles dous luminosos planetas, onde por estar interposta a Lua entre a terra, & o Sol, deixa o Sol de alumiar a terra, & só pela parte superior se occupa em illustrar a Lua: pois assim também o encontro que teve a Senhora com Christo, foy hum paralelo daquelles dous amorosos corações, onde por estar Maria de permeo entre o mundo, & Christo, deixaria Christo de remir o mundo por attender às lagrimas de Maria: segue-se logo que assim como no eclipse o encontro da Lua faz opposição aos raios do Sol, assim também neste encôtro as lagrimas de Maria faziam opposi-

çam aos intentos de Christo; não porque a Senhora intentasse impedir a redempção do mundo com suas lagrimas, mas porque as suas lagrimas suspendiaõ o passo, & difficultavão a morte de Christo, na qual consistia a nossa redempção.

310 Neste sentido não se pòde negar que no encontro da Senhora pa-deceo o Senhor hũa cõtra-dição tanto mais vehemente, quanto mais amorosa, & tam verdadeira, que não topava em menos que em caminhar Christo a ser Salvador do mundo, ou não ser seu Salvador; porém digo que o amor de Christo para cō os homens véceo, & desfez toda esta cõtra-dição. Ora noté: Alli à vista da Senhora, & à vista de suas lagrimas batalhãõ no coração de Christo dous amores, ambos grandes, & valentes ambos, a saber, o amor do mundo, & o amor de Maria: por parte do amor do mundo fazião as nossas misérias, por parte do amor de Maria fazião

as suas lagrimas : Senão vou a morrer (dizia Christo) perde-se o mundo ; mas se vou a morrer , chora Maria : pois se está em minha mão o remedio das lagrimas de Maria ? mas se o remedio do mundo está também em minha mão ? bẽ , mas a Mãy que me creou ? sim , mas o mundo q̃ eu crey ? porẽm o que eu vou a remediar no mundo são suas culpas ; o que devo remediar em Maria são suas lagrimas : as culpas do mundo são minhas offensas , as lagrimas de Maria são suas finezas , & pelo conseguinte são minhas obrigações : pois hey de defattender às mesmas lagrimas de que vou obrigado , por remediar as mesmas culpas de que estou offendido ? quanto mais , que minha Mãy Santissima não val muito mais do que mil mundos ? pois percase o mundo , & não chore Maria : porẽm todo hũ mundo inteiro se ha de perder ? pois em resoluãõ , chore , & padeça embora Maria : morra eu ,

& não se perca o mundo. Desta maneira se resolveo o Senhor naquelle encôtro a ir continuando os seus passos com a sua Cruz , & desta maneira venceo a contradição que as lagrimas , & a vista da Senhora lhe fazião naquelle encontro ; mas quem não admira aqui o excessivo amor que todos devemos a Christo ? que pesasse naquelle amorosissimo coração mais o amor do mundo , do que o amor de Maria ? que mais preponderasse em seu amor o remedio de nossas culpas , que o alivio de suas lagrimas ? oh quanto devemos a seu amor !

311 Vay a Esposa divina a encarecer o amor de Christo , & no ultimo capitulo dos Canticos diz por ultimo encarecimento , q̃ oppôdese a seu amor hũ mar de aguas , nem ainda assim forão poderosas para apagar as chamas de seu amor : *Aquæ multæ non poterunt extinguere charitatem* : mas em que outra occasião se vio que as aguas ba-

batalha fê cõtra o amor de Christo, senão só aqui nas lagrimas da Senhora? Não se achará nenhũa outra occasião. Erão as lagrimas da Senhora hũ mar de aguas que cõbatiaõ aquelle constantissimo coração; porèm assim esteve immovel o coração de Christo, *tam si dura silex*, como hũ rochedo contrastado das ondas, como hũ penhasco cõbatido dos mares, antes ao golpe das aguas concebeo fogo de amor o coração cõbatido, & hũa vez o incendio ateado, tão ardente esteve a chama, q̃ nenhũas aguas a puderão apagar, porque nenhũas lagrimas a fizerão retroceder: *Aqua multæ non potuerunt extinguere charitatem.* Este foy o ultimo encarecimento que disse a Espõsa divina do amor de Christo, & na verdade que foy bem fundado o encarecimento; porque prevalecer no coração de Christo o amor do mundo ao amor da Senhora, que mayor encarecimento de amor? Encareceo o mes-

mo Deos o amor de Abraham, & encareceo o, porq̃ vio que no sacrificio de Isac preferia o amor de Deos ao amor do filho: *Nunc cognosco quod times Deum, quia non pepercisti filio tuo;* porèm sendo Deos infinitamente mais do que Isac, que muito he q̃ Abraham cortase pelo amor do filho, por não faltar ao preceito de Deos? Mas que valendo Maria tanto mais que o mũdo no mesmo conhecimento de Christo, q̃ cõtudo não reparasse Christo no sacrificio, & lagrimas da Mãy, por acudir ao remedio, & salvação do mũdo? Ió em Deos parece q̃ se acha igual encarecimento, porque em fim de que o mundo se salvasse não reparou em que o Filho padecesse: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret:* porèm ainda cuydo que mais amante se mostrou o Filho em deixar padecer a Mãy, do que o Eterno Padre em deixar padecer o Filho: porque o Eterno Padre dei-

Gen. 22.
12. 1

Ioan. 3.
16.

xava padecer, sendo impassível; mas que o Filho deixasse padecer a Mãe, indo elle mesmo a padecer? que sendo o seu amor húa chama que o havia de consumir, & acabar, que ainda assim nem as lagrimas da Mãe pudessem abrandar aquelle peito, nem apagar aquella chama? este foy o ultimo encarecimento de seu amor: *Aque multe non potuerunt extinguere charitatem.*

312 O segundo encontro que por tradição sabemos teve Christo na rua da amargura, foy o de húa devota mulher chamada Veronica, a qual védo que levava o Senhor o rosto tão ensanguentado, compadecida do Senhor, com húa toalha lhe enxugou o rosto; & porq' alli naquella toalha ficou a imagem de Christo retratada em sangue, da qual teve principio o chamarem-se as imagens de seu santissimo rosto Veronicas de Christo. Neste encontro pois da piedosa Veronica parece que vem pintada

húa bem expressa contradicção; porque Christo he o que alimpa com seu sangue as manchas da nossa natureza: *Qui lavit nos à peccatis nostris in sanguine suo.* logo contradicção parece q' húa mulher, figura da natureza humana, alimpasse o sangue, & as manchas do rosto de Christo. Comtudo não he contradicção; porque tambem a Magdalena quebrando os alabatros, & os cristaes, soltando as lagrimas, & os cabellos, lavou com as lagrimas, & alimpou com os cabellos as manchas dos pés de Christo; & ainda que esta tão religiosa acção não faltou hū Judas que a quizelle contradizer: *Ut quid peraitio hac?* basta que o mesmo Christo sahisse para a justificar: *Opus enim bonum operata est in me.* Elle he o exemplo; porèm qual he a razão? Se Christo he o que alimpa culpas, como he possível que lhe alimpê manchas? Antes de outra maneira não seria possível: para se alimparem as manchas

Apoc. 1.
51.

Mar 26.
8.

chas de nossas culpas, primeiro Christo as deve tomar em si; mas depois nós as devemos alimpar em Christo: primeiro Christo as deve tomar em si, porque só tomandoas em si, nos pôde remir, & justificar a nós; mas depois devemos nós alimpar as nossas culpas, que estão em Christo; porque se nós as não alimpassemos, & não obrassemos da nossa parte, não ficaríamos limpos de nossas culpas. He doutrina esta tão assentada nos principios da Theologia, que não necessita de prova, basta que a recebesse a Igreja na piedade da Veronica, & basta que a aprovasse Christo na acção da Magdalena: *Opus enim bonum operata est in me.*

313. Sò aqui quizera eu reparar entre estas duas piedosas mulheres, q as máchas dos pés de Christo ficarão desfeitas com as lagrimas da Magdalena, & as manchas do sangue do rosto ficarão conservadas na toalha de Veronica: pois qual será a razão de tam

grande differença? Muitas pôdem fer: mas qual terá a verdadeira razão? Parece primeiramente que a razão he; porque a Magdalena alimpou as suas máchas, que via nos pés de Christo, com as suas lagrimas, & quando com as nossas lagrimas alimpamos as nossas manchas, só então parece, que não só as alimpamos, senão tambem que as desfazemos: parece mais que a razão he; porque a Magdalena alimpava as manchas da terra que estavam nos pés, & a Veronica alimpava as manchas do sangue que estava no rosto: & as culpas de nossa fraqueza lançadas aos pés de Christo, quâdo se alimpão, desapparecem; mas as culpas de nossa temeridade cõmettidas em sua presença, como afrontas de seu divino rosto, parece que sempre se conservão, ainda quando se alimpão: porèm a meu ver a razão verdadeira he por parte da Veronica: que nas manchas dos pés lavadas com lagrimas está-se

estã-se vendo a piedade de Christo com a Magdalena; & nas manchas do sangue limpas com a toalha, estã-se vendo a piedade da Veronica a respeito de Christo; & como Christo na justificação de nossas almas não conserva lembranças, nem de nossas culpas, nem de suas piedades, senão só de nossas finezas, & de suas obrigaçoens, dahi vê, que se não conservarão as manchas da terra que alimpou a Magdalena, & só se conservão as manchas do sangue que alimpou a Veronica. Quando S. Pedro entrou no sepulchro de Christo, achou a mortalha estendida: *Vidit linteamina posita*; porém a toalha cõ que esteve o rosto cuberto, como soberano eclipse daquelle divino rosto, diz S. João, que a achãra S. Pedro dobrada em lugar separado: *Et sudarium, quod fuerat super caput ejus, non cum linteaminibus positum, sed separatim involutum in unum locum*. Notavel diversidade! Se a mortalha fi-

ca assim estendida, & por ahi lançada, porque razão só a toalha ha de ficar taõ dobrada, & taõ composta? porque razão se ha de dar lugar separado só à toalha? Porque a mortalha tinha estampado o sangue de todo o corpo que Christo derramou por nós, & era beneficio de Christo feito aos homens; mas a toalha tinha impresso o sangue do rosto de Christo que a Veronica lhe alimpou, & era beneficio que a Veronica fizera a Christo: ah sim? pois o sangue que Christo derramou por amor de nós, esse como menos estimado, fique embora por ahi estendido: *Vidit linteamina posita*, mas o sangue q̃ a Veronica alimpou a Christo, só esse se conserve, & fique composto à parte, como sangue mais estimado: *Sed separatim involutum in unum locum*: antes de Christo entrar a padecer, parece que prevendo as obrigaçoens em que o havia de pôr a toalha da Veronica, já desde o Ce-

Luc 24.
2.)

naçulo começou a sentir os apertos em que húa toalha o havia de pôr: *lintheo præcinxit se*: & ainda na mesma Bemaventurança parece que o mesmo Christo faz ostentação desta toalha: *Amen dico vobis, quòd præcinget se*. Digase logo que esteve tão longe de fer contradicção o encontro da Veronica, que antes foy para Christo materia de sua estimação: *Bonum enim opus operata est in me*.

314. O terceiro encontro he o das filhas de Jerusaleem: não porque ellas encontrassem a Christo, porque diz o Texto que o vinhão acópanhâdo; mas porque os olhos de Christo se encontrãrão cõ ellas: *Conversus autem ad illas Jesus, dixit: Filiae Jerusalem nolite flere*. Nestas ultimas palavras disse Christo àquellas piedosas mulheres que não chorassem; & he na verdade muito para reparar esta advertencia de Christo; porque se o Senhor hia tão atormentado cõ o duro peso de húa Cruz às costas, &

se hia a morrer na mesma Cruz, comó não havião de chorar aquellas mulheres? Não havião de chorar, disse S. Leão, porque alli solênizava Christo o seu mayor triunfo: *Istum planctû Dominus dedignatur impendi, quia non decebat luctus triumphum; nec lamenta victoriam*. Não havião de chorar, disse Santo Ambrosio, porque naquelles passos se dispunha o nosso mayor remedio, & o caminho de nossa salvação: *Ablaturus enim omnes lacrymas sue beneficio Crucis, futurae Beatitudinis letitiam exhibebat*. Segue-se logo que aquellâs lagrimas ou contradizião àquelles passos, ou não diziaõ bê naquella occasiã; porque se Christo hia alli celebrando o seu triunfo, a que vinhaõ alli as lagrimas? a que vinhão alli os sentimentos, se hia alli executando a nossa redempção? Cõtudo ainda assim eu digo que foraõ alli muy justas as lagrimas, & muy devidos os sétimétos; porque, ainda que Christo

S. I eo
de Pass.
Dom ni
serm. 10

D Ambr.
ser 114
in Psal.
118.

cõ aquelles passos, & com aquella Cruz caminhava para triunfar, & caminhava para nos remir, caminhava tambem para morrer: logo aquelle triumpho era muito à custa de seu sangue, & aquelle nosso remedio era muito à sua custa; & sendo isto assim, que muito he que diga eu, que posto q̃ aquelles passos de Christo se devião celebrar como seu triumpho, que tãbem se devião sentir como seu tormento? & posto que se devião applaudir como nosso remedio, tãbem se devião chorar como sua paixão?

315 Vio S. João no seu Apocalypse q̃ sobre hũ ma gestofo throno estava o divino Cordeiro; & vio que ou de desatado vidro, ou de liquido cristal se formava hũ mar immenso diante do mesmo throno: *Et in conspectu sedis tamquam mare vitreum simile crystallo*; mas que mar seria este que ao throno do Cordeiro lhe servia de espelho de cristal? Disse Dionysio Carthusiano, que era hũ mar de la-

grimas, segundo aquillo do Profeta: *Magna est velut mare contritio tua*: mas que levou tantas lagrimas ao Ceo, para que dellas se formasse hũ mar de lagrimas? Diz que estas são aquellas mesmas lagrimas das almas que sobé ao Ceo, que o mesmo Evangelista vio q̃ estava Deos recolhendo diante do throno do Cordeiro: *Et absterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum*. Admiravel, & profundo mar de lagrimas! Não diz o mesmo S. João que estavaõ os cortezaõs do Ceo celebrando o triumpho do Cordeiro, a quem davaõ os parabês de sua vitoria, & de nossa redêpção: *Dignus est agnus accipere gloria, & honorê*? & nao implicaõ lagrimas cõ vitorias? pois se lhe cantão vitorias, como se derramão lagrimas? Não vê que ainda que o Cordeiro estava triunfando, que estava no mesmo tempo morrendo: *Viai agnum tamquam occisum*? Logo com razão se chora o mesmo que se celebra; porque

Thren.
2 13.

Apo. 7.
17.

Apo. 4.
11.

custando aquelle triumpho não menos que a morte do Cordeiro, justo era que como triumpho se applaudisse, mas que como morte se chorasse; justo era que rópêdo a alegria em applauso de vitorias, *Dignus est agnus accipere gloriam, & honorem*, que tãbem o sentimento formasse hũ mar de lagrimas: *Et in cõspectu throni tamquam mare vitreum simile crystallo*. Confirmemos esta verdade cõ a chaga ultima de Christo; foy ella a chaga do lado, & ella foy a coroa de seu triũfo, porque ella foy o remate de nossa redempção; mas he de reparar, que alli o sangue sahio envolto em

Ioan 19
54.

agua: *Exiuit sanguis, & aqua*: assim era verdadeiramente justo que fosse, para que assim claramente se entendesse que hũ triumpho, & hũa redempção que se alcança à custa de tanto sangue, se por hũa parte se deve applaudir, por outra se deve chorar; & por isso naquelle ultimo remate do triumpho da Cruz, correo a

dor desfeita em agua, porque sahio o custo feito em sangue: *Exiuit sanguis, & aqua*.

316. Contra todo este discurso estão ainda as palavras de Christo: porque Christo reprehendeo as lagrimas daquellas piedosas mulheres: logo achou implicancia, & contradicção naquellas lagrimas? Respondo, que he verdade que Christo as reprehêdeo; mas não porque nellas ouvesse contradicção, senão porque ouve erro no motivo dellas: reparem nas palavras de Christo: *Nolite flere super me, sed super vos ipsas flete*; como se differa o Senhor: Não me choreis a mim filhas de Jerusalé, compadecendovos só de mim, mas se me chorais, seja doendovos de vòs: *sed super vos ipsas flete*. Para intelligencia destas palavras devemos suppor, que no madeiro da Cruz levava Christo sobre seus hõbros não só toda a carga de suas dores, senão tambem todo o peso de nossas culpas:

Petri
24.

Peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum: se choramos em Christo a sua Cruz só como carga de suas dores, choramos só de compaixão; se a choramos também como peso de nossas culpas, choramos de arrependimento: pois porque as filhas de Jerusalem tendo razoes para se chorar a si mesmas, & devendo ser suas lagrimas tributos de hum verdadeiro arrependimento, erão só efeitos de hũa natural compaixão; por isso Christo advertidamente lhes ordenou que trataassem mais de chorar por si, que de chorar por elle; porque para lhe agradarem as nossas lagrimas, não devem ser só de lastima, & compaixão de suas dores, mas devem ser lagrimas de dor, & arrependimento de nossas culpas. Aquelle mar de vidro, & cristal que estava no throno de Deos, ja disse q̃ erão as lagrimas das almas que sobião ao Ceo; mas notem que era feito aquelle mar de toda a sorte de la-

grimas: *Absterget Deus omnem lacrymam:* & porque? Porque para entrar no Ceo, ha lagrimas de compaixão, & ha lagrimas de arrependimento: as almas puramente justas entrarão no Ceo pelas lagrimas de compaixão; mas os peccadores entramos no Ceo pelas lagrimas do arrependimento; de tal maneira, que nos peccadores se não precederem as lagrimas do arrependimento, não aproveitão, né agradão a Deos as lagrimas de compaixão. No mesmo mar de vidro temos a prova; porque naquelle mar primeiro se estimava o ser de vidro: *mare vitreum*, & depois o ser de cristal: *simile crystallo*: & qual he a razão? A razão he; porque no vidro fragil, & quebradiço está representada a dor da contrição, que segundo sua etymologia he dor que quebra: isso quer dizer, *contritio*: no cristal diaphano, & transparente está representada a dor da compaixão, que segundo a sua propriedade,

Luc. 2.
35.

he dor que trespassa: isso he o que quer dizer, *Tuam ipsius animam pertransibit gladius*: pois porque nos olhos de Deos primeiro deve ser a dor de nossas culpas, do que a compaixão de suas dores; por isso naquella mar de lagrimas que estava à vista de Deos, *in conspectu throni*, primeiro se estimava o ser mar de vidro, & depois o ser mar de cristal: *Tamquam mare vitreum simile crystallo*. Esta he a philosophia de lagrimas que na Academia das amarguras nos ensinou o melhor Mestre de dores: não prohibe Christo, antes estima que choremos as dores de sua paixão; mas quer que as nossas lagrimas primeiro cayão sobre nós, do que sobre elle; que choremos mais de arrependidos, que de lastimados; quer q̄ mais choremos de dor de nossas culpas, do que de compaixão de suas dores, & por isso ensinando a chorar às filhas de Jerusalem, diz que mais chorem sobre si, do que sobre elle: *Noli-*

te flere super me, sed super vos ipsas flere.

317 O ultimo encontro que pondero na rua da amargura, foy o de Simão Cyreneo, que ajudou a Christo a levar a Cruz, & neste encontro considero eu que esteve a verdadeira contradição que Christo padeceo na rua da amargura; não porque Simão Cyreneo fizesse contradição a Christo, mas porque vinha só Simão Cyreneo: Simão quer dizer obediente; quer dizer justo: pois, valhame Deos! só os justos, só os obedientes haõ de ajudar a Christo a carrègar a Cruz? não he a Cruz o Estendarte da penitencia? & a penitencia não foy instituida só para os peccadores? pois se os justos sem necessidade da penitencia carregão a Cruz, como só os peccadores naõ carregamos a Cruz da penitencia? Aquellas quatro letras geroglificas q̄ hiaõ no Estêdarte diãte de Christo, a saber, S. P. Q. R. ja sabem que as escrevêrão as Sibyllas, & que na intelli-

gencia dos Romanos que-
riaõ dizer: *Senatus, populus-
que Romanus* ; porẽm na
occafiaõ dos passos de
Christo considerava eu que
continhaõ mais alto myfte-
rio, & que querem dizer:
*Salvator, populi que Redem-
ptor*; como dizendo, ou pu-
blicando ao mundo todo,
que quẽ alli hia a morrer có
hũa Cruz às costas , era o
Redemptor, & o Salvador
do mundo. Nem me repa-
rem em que eu queyra dar
esta nova interpretação
a tão mysteriosas letras ;
porque se os Sabinos as ap-
plicãraõ a si, escrevendoas
em seus Estendartes ; & se
depois os Romanos as ap-
plicãraõ às suas bandeiras:
porque as não poderey eu
applicar tâbé ao nosso Re-
demptor ? principalmente
porque a minha interpreta-
ção , *Salvator , populi que
Redemptor* , he fundada, ou
tirada de sua verdadeira in-
telligencia, que vinha a ser:
*Salva populum , quem rede-
misti*. Isto assim supposto ,
reparo, que na Cruz não le-
vava Christo o titulo de

Salvador: pois porque não
leva o nome de Salvador
no Estêdarte da Cruz, assim
como o leva adiante nas le-
tras do Estendarte ? Não
teve Christo o titulo de
Salvador estando cravado
na Cruz? Assim o diz o me-
mo titulo, *Jesus Nazare-
nus*. Pois porque razão le-
vando a Cruz às costas, não
leva logo na mesma Cruz
o titulo de Salvador ? Por-
que vay grande differença
de ir com a Cruz , & estar
na Cruz : Christo por
meyo da Cruz gozou o titu-
lo de nosso Salvador, & af-
fim, que tanto se deve cha-
mar nosso Salvador levân-
do a Cruz às costas, como
morrendo na Cruz; porẽm
para Christo ser Salvador
morrendo, não necessita da
côpanhia dos homẽs quãto
à morte: porque os homẽs
para sua salvaçãõ não são
obrigados a morrer em hũa
Cruz; & para Christo ser
Salvador carregando a
Cruz ? tem necessidade da
côpanhia dos homẽs , por-
que os homens são obri-
gados a tomar sobre si a

Cruz da penitencia, para a efficacia de sua salvação: pois por isso Christo tendo o titulo de Salvador na Cruz, não levou na Cruz esse mesmo titulo; porque só Simão Cyrenco o ajudou a levar a Cruz: se só os justos o acompanhão, se não acompanhão todos a Christo, como pôde ser Christo Salvador de todos? Lá adiante no Estendarte vê embora o nome de Salvador do mundo; porque quem alli vay a morrer, verdadeiramente he o nosso Salvador: *Salvator, populique Redemptor*; porém cá na Cruz não vê ainda o titulo de Salvador, nem vê o titulo, *Jesus Nazarenus*; porque nem todos ajudão a Christo a carregar a Cruz: có que venho adizer, que aqui entre o Estendarte da Cruz, & entre as letras do Estendarte, aqui se vio a contradição q se faz a Christo; porque entre o Estendarte, & entre a Cruz a olhos vistos se está conhecendo que cá na Cruz não leva Christo o titulo de Salva-

dor do mundo, sendo assim que lá no Estendarte vay o titulo de Salvador: *Salvator, populique Redemptor*.

318. Daqui Fieis viremos a entender, se he que nos queremos salvar, que não basta que leve Christo às costas o peso de nossas culpas, senão que he necessario que abracemos a Cruz da penitencia, & que acompanhemos, & ajudemos a Christo a carregar tão pesada Cruz: só desta forte nos poderemos salvar; porque de outro modo ainda que Christo he nosso Salvador no merecimento, na execução não será nosso Salvador. Naquella interpretação que eu dizia das letras do Estendarte, he muito para reparar, q duas vezes se chame Christo Salvador do mundo: *Salvator, populique Redemptor*: Salvador, & Redemptor, não vem tudo a ser o mesmo? pois para que se chama duas vezes Salvador? Como a interpretação foy minha, bem pôde parecer acaso; mas não faz duvida, que

que foy mysterio ; porque Christo he Salvador quanto à sufficiencia, concorrendo da sua parte sómente, & he Salvador quanto à efficacia, concorrendo nòs tambem da nossa parte ; & como todo o effeito da salvação consiste em q̄ Christo não seja só Salvador quanto à sufficiencia, senão tambem Salvador quanto à efficacia : para que 'o mundo entendesse o quanto depêde a efficacia de nossa salvação do concurso da nossa parte , por isso querendo Christo dar-te a conhecer por Salvador verdadeiro , se chama duas vezes Salvador : *Salvator*, *populique Redemptor*. Oh que bem que conheceo esta verdade o Santo Job, quando pedia a Deos que lhe dêsse a sua mão para salvarse ! *Operi manuum tuarum porriges dexteram*; mas se Job confessava que era feitura de ambas as mãos de Deos, *Operi manuum tuarum* , porque razão para salvarse lhe pede só a mão direita ? porque lhe não pede ambas as

mãos ? Porque , em resolução , *Qui creavit te sine te, non salvabit te sine te*: para salvarse pede Job hũa mão de Deos sómente; porque para o homê se salvar, hũa mão ha de ser de Deos, & outra mão ha de ser do homem ; mas disso mesmo quizera eu a razão : ou seja na criação , ou seja na salvação, não he sempre o homem feitura de Deos ? pois se para o homê se crear cõcorrem ambas as mãos de Deos, porque não concorre Deos com ambas as mãos para o homê se salvar? Porque ainda que sempre são necessarias duas mãos , ha comtudo esta differença: q̄ antes de Deos crear ao homê , como ainda o homê não tem ser, ainda não pôde cooperar, & por isso entra Deos com ambas as mãos para a criação do mundo : *Creavit te sine te* ; porê m como para a salvação já podemos obrar, porque já temos ser, por isso entra Deos com hũa mão sómente para a nossa salvação : *Non salvabit te sine te* ; & porque

he necessario que a outra mão seja do homé, por isso Job para salvarse pede sô húa mão de Deos : *Operi manuum tuarum porriges dexteram.*

319 Neste mesmo conhecimento de Job estava extremada méte David: porque eu me puz por curiosidade a contar as vezes que pedio a Deos que o salvasse, & achey que lho pedio húas vinte & quatro, ou vinte & cinco vezes, & cõtudo em nenhúa de tantas vezes se assegurou David de que Deos o havia de salvar; só húa vez pedio que o ajudasse na materia da sua salvação, & então ficou certificado que tinha segura a salvação da mão de Deos: *Adjuva me Domine, & salvus ero.* Não sey se reparão na differença: de maneira que emquanto David pede a Deos que o salve, não se salva David; quando pede a Deos que o ajude, então se salva? Com razão; porque quem pede que o ajudem, obra da sua parte, & Deos não salva senão a

quem obra : *Adjuva me Domine, & salvus ero.* Pois Christãos, David que fallava tantos seculos antes da vinda de Christo, pedia a Deos que o ajudasse; mas depois que Christo carregou húa Cruz às costas, já não parece necessario que lhe peçamos a elle que nos ajude a nós, porque elle he o que nos pede que o ajudemos a elle: elle vay diãte carregando o mayor peso da Cruz; nós que himos carregando atráz, sempre levaremos menor peso: & se assim o acompanharmos, temos a salvação segura; mas se o não acompanharmos, não ha que esperar salvação. Perguntou a Christo não sey là que homem, que devia fazer para salvarse. Respondeolhe o Senhor, que guardasse os dez mandamentos: *Si autem vis ad vitam ingredi,* Mat. 19. 17. *serva madata.* Desta doutrina de Christo veyo Jodoco a inferir ser o numero de dez caminho direito para a salvação: *Decalogi est expressio numerus denarius, quo*

Jodoc.
de num.
signific.
c.9.n.12.

pa.

paratur via, & rectum sternitur iter assequendi salutē eternam. Mas em que o funda Jodoco ? que tem agora o numero de dez, para que nelle se cifre a salvação ? Fallou este Doutor com grande agudeza, & della tiraremos hũa grande moralidade. Ora vejão: O numero de dez já sabem q se compoem de duas letras: a primeira he hum, a segunda he hũa cifra: a cifra sem hum, não val nada, o hum sem a cifra não val dez, he hum; porèm juntas ambas as letras, compoem o numero de dez: pois eis ahi como se compoem a nolsa salvação: Christo como em tudo singular, em tudo he unico, he hum; porque das Pessoas divinas, só elle he unico, he Deos homem; he hum, porque de todos os homens só elle he unico, he homem Deos: o mundo por toda a sua redondeza tem a figura de hũa cifra esferica, & circular: pois assim como para se compor o numero de dez he necessario que se ajuntem hum,

& cifra, primeiro hum, & cifra depois; assim para se effectuar a salvação, he necessario que Christo, & o mundo se acompanhem, primeiro Christo, & depois o mundo: o mundo sem Christo he hũa cifra, não val nada; mas tãbem Christo sem o mundo he hum, não val dez; & como no numero perfeitoissimo de dez confite toda a salvação, bem se segue q assim como o mundo se não pôde salvar sem o valor dos merecimentos de Christo, assim tãbem nem Christo pôde ser efficazmente Salvador sem cooperação da parte do mundo: *Quia in hac numero tota salus existit.*

320 Por ultima confirmação desta doutrina quero ponderar hũ mysterio que sempre venerey entre os dous Exploradores da Palestina Caleb, & Josuè. Chegãrão estes dous esforçadissimos Varoês à terra prometida, & para sinal da bondade, que achãrão naquella fertilissima terra,

Num 13
24

terra, trouxeraõ hũ cacho de uvas de tão rara grandeza, que pèdurando de hũa vara, o carregãõ ambos aos hombros: *Absciderunt palmitem cum uva sua, quã portaverunt in vecte duo-viri.* Em todas as circumstancias deste caso tenho que reparar: reparo assim: por força havia de vir este cacho de uvas em hũa vara? & por força havia de vir esta vara aos hombros de dous homens? & por força estes dous homens haviãõ de ser Josuè, & Caleb? Sim: pendente de hũa vara, & aos hombros de ambos havia de vir esse cacho de uvas: & porque? Porque esse he o final da terra de promissão. Ora notem: A vara em que hia o cacho, era figura da Cruz, & o cacho que hia na vara, era o final da terra de promissão, & pelo conseguinte representava o final certo da Bemaventurança, & por isso hia pendente da vara, pela dependencia q̃ tem a Bèaventurança da Cruz: mais: Josuè quer dizer Jesus, ou Salvador;

Caleb quer dizer, *'quasi cor,* quasi coração; & assim que Josuè era figura de Christo, & Caleb era figura deste mundo subllunar, em que vivemos, porque como he o centro de toda a circumferencia do mundo universo, representa, & he quasi coração de todo o mundo: ah sim? pois o final da terra de promissão não vã senão na vara, a vara que leva esse final, não vã só aos hombros de Josuè, vã tãbem aos hombros de Caleb; não vã só aos hombros do Salvador, vã tãbem aos hombros do quasi coração: explicome: O final da nossa salvação não vã senão pendente da Cruz de Christo, mas a Cruz de Christo para levar o final da nossa salvação, não ha de ir sómente sobre os hombros de Christo, tãbem ha de ir sobre nossos hombros, sobre ambos os hombros deve ir; porque o final da terra de promissão he de tanto peso, que não pòde ir sómente aos hombros do Salvador, senão tãbem sobre o cora-

ção do mundo; & em re-
lução, devemos acópanhar
a Christo, & carregar tam-
bé a sua Cruz có todo o co-
ração, porque só desta for-
te se carrega a Cruz: hindo
assim a Cruz, leva o final
da Béaventurança; não
hindo assim, não leva o final
da salvação: *Portaverunt
in veste duo viri.*

321 Eya pois Catholi-
co auditorio, *Exeamus ad
eum extra castra, imprope-
rium ejus portantes*, che-
guemos a carregar com
Christo a sua Cruz, porque
já sahe Abel para a morte,
ou Isaac para o sacrificio; já
sahe Moyfes com a sua va-
ra, ou Jesuè com o seu estu-
do; já sahe David com o
seu baculo, ou Salamaõ có
o seu sceptro; já sahe o Fi-
lho de Deos com a nosa
carga; já sahe o Redéptor
do mundo com a sua Cruz:
*Recogitate eum, qui talem
sustinuit à peccatoribus ad-
versus semetipsum contra-
dictionem.* Oh meu Deos,
meu Redemptor da minha
alma, meu Senhor do meu
coração! para onde cami-

nhaes meu Deos? para on-
de vos levão os vossos pas-
sos, ou os meus erros para
onde vos levão? se vos
partis, como me deixais?
ou como não parto eu, se
vos partis? Porém Senhor,
o coração se me parte de
sentimento de vos ver tão
atormetado, tão oppri-
mido, & tão enfanguenta-
do; o coração se me parte
de dor de vos ver com essa
Cruz às costas, que se a vós
vos opprime os hombros, a
mim me magoa os penia-
mentos; com essa corda ao
pescoço que se a vós vos
aperta os braços, a mim me
arrasta os affectos; có essa
coroa de espinhos, que se a
vós vos trespassa a cabeça,
a mim me atravessa o cora-
ção. Pelo que, meu Deos,
já que essa Cruz vos oppri-
me tanto, largayme Senhor
essa Cruz, que como ella he
o peso de minhas culpas,
sempre ha de dizer bem so-
bre meus hombros: *Ego fe-
ci, ego feram.* Eu a carrega-
rey, meu Senhor; porque se
he castigo, só eu o mereço,
se he favor, só eu o necessi-

to: assim como Senhor hidedes caminhando a morrer, assim tábem vou eu caminhando: cada passo q' dais he hũa diligencia que fazeis para a morte: assim tambem cada instante que vivo, he hum passo q' dou para a sepultura; & naquella ultima hora de minha vida, naquelle mar immenso de minhas culpas, onde me poderey salvar senão na taboa desta Cruz? Largayme pois Senhor essa Cruz, para que me possa salvar; & para que ambos acertemos os caminhos, entregayme a mim o peso, & encaminhay vós os passos: *Trabe me post te, & curremus*: porèm se no Paraiso os vossos primeiros passos forão em busca do primeiro homem, como vos poderà agora seguir o mesmo a qué vós hides buscar? Se dais esses passos como Pay de familias em busca do Prodigio perdido, se dais esses passos como Bom Pastor em busca da ovelha desgarrada: como he possível que agora mesmo vão se-

guindo os vossos passos nê o filho errado, nem a ovelha perdida? Porèm entendo eu que já hides carregando a ovelha sobre esses vossos hombros opprimidos, entendo que já estais abraçando, & recolhendo ao filho entre esses vossos braços cruzados; pelo que Senhor, deponde por hum pouco o peso, & ensinaynos o caminho: essa serà a maravilha, que indo vós perdido de amor, irão nossos caminhos acertados por vossos passos perdidos: *Vias tuas Domine demõstra mihi, & semitas tuas edoce me.*

322 Oh piedosissima mulher! chegay, chegay, ja q' vay esse Senhor tão banhado em sangue, enxugay có essa toalha o sangue desse Senhor: assim piedosissima mulher: agora que lhe vendais os olhos, pôde ser que não veja as nossas culpas; mas parecendo amor vendido, pôde ser que vejamos as tuas finezas: porèm como? que intentais? até agora vos chamava mulher,
pic.

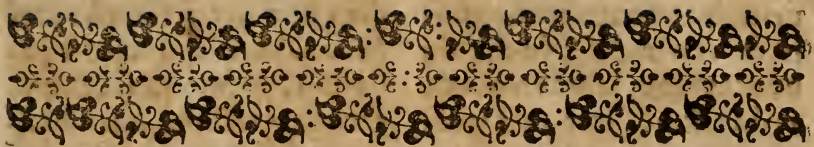
pie-dosa, agora vos chamo mil vezes cruel: tão ambiciosa estrais desse preciosíssimo thesouro, que nolo escondéis? tão avarenta, que nolo encobris? já que vos ficais com a ventura de o possuir, ao menos não nos concedereis a côfolação de o ver? Oh mostray piedosíssima mulher, mostray aos olhos do mundo a mesma face de Deos. O Christãos, estampemos aquella imagem em nossas almas, ou depositemos aquella estampa em nossos coraçõens: alli temos aquella imagem que adorar, & alli temos aquella espelho em que nos ver: está assim tão despedaçado, porque alli se representa o desconcerto de nossas almas, está assim tão escurecido, porque alli se representa as máchas de nossas conciencias; está assim tão eclipsado, porque alli se representa as sombras de nossas culpas. Oh se foubemos compor as nossas vidas à

vista daquelle soberano espelho! Oh divino transumpto de Deos! Oh divino retrato de Christo! à vossa vista me retracto de minhas culpas, porque à vossa vista me arrependo de vossas offensas. Ah Senhor, meu Jesus, & meu Redemptor! muy bem conheço, meu amorosíssimo Jesus, muy bem conheço que aquelle he o retrato de vosso divino rosto; porèm como he possível que seja aquelle o vosso retrato? Sendo vòs a imagem substancial do Eterno Padre, como he possível que agora seja aquella a vossa imagem? Mas se as nossas culpas nos fizerão perder a semelhança de Deos, que muito he que por amor de nós perdesseis vós a semelhança de homem? Assim Senhor foy necessario que se eclipsassem em vós as apparencias de homem, para que em nós se restaurassem as semelhanças de Deos; & como estas só se

põem restaurar pelo per-
dam de nosas culpas ;
vòs Senhor nos concedei
este perdão, por quem sois,
meu Senhor, pelo tormen-
to d'esses espinhos , pela
afronta d'essas cordas, pelo

fangue daquella vossa san-
tissima veronica , pelo va-
lor d'essa vossa pesadissima
Cruz, para que assim alcan-
cemos a divina graça , pe-
nhor da eterna gloria : *Quã
mihi, & vobis &c.*





S E R M A M

DECIMO-QUINTO,

Prègado em a festa da Canonização de S. Maria
Magdalena de Pazzi , estando o Santissimo
exposto , no Convento do Carmo da
Cidade da Bahia.

*Exierunt obviam sponso , & sponsa : venit sponsus ,
& intraverunt cum eo ad nuptias. Matth. 25.*

23 **D**Epois de resplâ-
decerem tantas
luzes (muito al-
to, & poderoso
Deos , & Senhor nosso) :
Depois de resplandecerem
tantas luzes , que se havia
de seguir senão húa som-
bra ? Luzes forão da elo-
quencia as que atègora su-
birão a este lugar , & como
sombra de tantas luzes em
seguimento seu subo tam-

bem hoje a venerar as emi-
nencias do Carmelo ; mas
tão pouco attento à teme-
ridade , que antes venho
ambicioso do perigo ; por-
que aonde a grandeza da
causa pòde fazer gloriosa a
mesma ruína , nunca pòde
ser culpavel o atrevimêto ;
porèm na multidão de tan-
tas, & tão acumuladas grã-
dezas, quantas deste mon-
te se deixão descobrir, qual

prin-

principalmente hemos hoje de venerar? No dia de hontem se celebrava ainda a Mãy Santíssima de Deos, & amorosíssima Mãy desta Familia sagrada: no dia de à manhã se ha de celebrar o Pay, aquelle portento do Mundo, & Protoparente das Religioens o grande Patriarca Santo Elias; pelo que entré hũa, & outra celebridade, entre a celebridade da Mãy, & a celebridade do Pay, venho hoje a louvar não digo, mas a admirar hũa Filha digna de tal Pay, & de tal Mãy; aquelle espirito elevado, aquelle extatico prodigio, a mais cãdida assucena deste florente jardim, a perola mais luzida deste real diadema, a estrella mais luminosa desta cristalina esphera, o Seraphim mais amante desta superior Jerarchia: em hũa só palavra: a S. Maria Magdalena de Pazzi. Dizer as excellencias deste assombro de Santidade he minha obrigação neste dia; & com dizer o que disse, com haver

dito que foy a Sáta Madre Magdalena de Pazzi filha desta Religião sagrada, parece que tinha eu cabalmente satisfeito à minha obrigação; porque, que mayor louvor se lhe póde dar, do que dizer que foy filha do grande Patriarcha Elias, & Religiosa de N. Senhora do Carmo?

324 Quando o Anjo S. Gabriel appareceo a Zacharias, fez hum estendido discurso sobre os louvores do Bautista; & depois de referir grandes excellencias suas, depois de dizer, que atè na presença de Deos seria grande: *Erit magnus coram Domino*, sobre todas estas grandezas disse, que o Bautista havia de receber a graça do ventre de sua mãy: *Et Spiritu Sancto replebitur adhuc ex utero matris sue*. Aqui reparo: Se disse o Anjo q o Bautista havia de receber a graça no ventre de sua mãy, *in utero matris sue*, entendido estava; mas do ventre de sua mãy, *ex utero matris sue*? O Bautista se bem

bem recebeu a graça santificante no ventre de Isabel sua mãy , comtudo não a recebeu do ventre de Isabel, a primeira graça recebeu o Bautista do ventre de Maria , porque em suas purissimas entranhas afflita o Author de toda a graça : pois logo como diz o Anjo, que o Bautista havia de receber a graça do ventre de sua mãy, *ex utero matris sue* ? Notavel privilegio do Bautista ! Disse o Anjo que o Bautista havia de receber a graça do ventre de sua mãy , porque Maria tambem foy mãy do Bautista : Isabel foy por natureza sua mãy , & Maria por graça ; & para dizer isto o Anjo, para dizer que o Bautista seria filho de Maria por graça, havendo de dizer que receberia a graça do ventre de Maria, disse sem equivocação que receberia a graça do ventre de sua mãy, *ex utero, &c.* Esta foy a mãy do Bautista por graça , não menos que a mesma Mãy de Deos; porém qual foy o Pay ?

Aqui perorou o Anjo , & concluindo finalmente o panegyrico, disse, que João havia de professar a vida, & instituto do grãde Patriarcha Elias: *Et ipse precedet ante illum in spiritu, & virtute Elie.* E que mais disse do Bautista ? Que mais havia de dizer ? Ser filho de Maria por graça , & de Elias por profissão, he hũa excellencia tão sobrelevada, que empenhados os discursos todos não menos q̄ de hum Anjo , em referir todas as grandezas não menos que de hum Bautista, em se chegando a este ponto, em se chegando a dizer do mayor fugeito do mundo, que foy filho desta sagrada Religião , não fica mais que dizer.

325 Oh Religião sagrada ! Oh divina suspensa do mais sublimado estyto , & ultimo encarecimento de todo o Angelico discurso ! Em ti se achão cifradas todas as perfeçoens, de tal sorte, que para credito de teus generosos Filhos não he necessa-

rio que admiremos a santidade, que exercitão, basta que conheçamos o espirito que professaõ; taõ divinamente, & rão altos alentos lhes infundes, que tuas mal comprehendidas grandezas se não devem inquirir, se não suppor, porque se qualificã to los não só pela exacção com que vivem, se não ainda pelo lugar em que morão; & como todas suas perfeições são tuas devidas propriedades, ou naturaes consequencias, por isso de seus mayores applausos es o ultimo encarecimento; & de nossos mayores discursos es hũa gloriosa suspenção; por isso para exagerar as grandezas de Magdalena Filha taõ querida tua, para deixar alláz encarecido o quanto teve de Santa, bastava só deixar apontado que foy Carmelita.

326 Comtudo se a grãdeza do Patriarcha, se o respeito da Senhora nos obrigavão ambos a louvar Magdalena pelo que teve de Filha, pede a assistencia

do Senhor, que a veneremos agora pelo que teve de Esposa: desposorios celestiaes serãm toda a materia deste dia: amorosas correspondencias serãm todo o empenho desta acção; por isso he sagrado o banquete, porque he divino o Esposo; & por isso os manjares são do Ceo, porque se desposa Deos na terra. A celebrar estes divinos desposorios, diz o nosso Evangelho que se ajuntarão cinco Virgês, todas sabias, & prudentes: *Quinque autem ex eis erant prudentes*; todas preparadas com o oleo da divina graça: *acceperunt oleum*; & todas recolhidas com o Senhor em clausura: *intra-verunt cum eo ad nuptias, & clausa est janua*. Estas são as cinco Religioens sagradas, que solemnemente assistem aos castissimos desposorios entre Magdalena, & Christo: a Illustrissima Ordem Carmelitana Observante, a exemplarissima Ordem Carmelitana Descalça, a sempre esclarecida, & antiquissima Ordem

dem daquelle novo Sol do Mundo o grande Patriarcha S. Bento, a Religiosissima Ordem daquelle Seraphim encarnado S. Francisco, & a Sagrada Religião da Companhia de Jesu; todas cinco castissimas Virgens pela continencia, em que vivem; todas cinco sabias, & entendidas pelas letras, que professão; todas cinco preparadas de oleo pela graça, quelhes assiste; & todas cinco recolhidas com o Senhor pela clausura, que observão. Estas são as cinco Virgens discretas, que assistem nesta celebridade aos desposorios de Magdalena, & se tardavão em celebrar estes desposorios, foy porque o Esposo tardava: *moram autem faciente sponso*; mas o certo he, que nem Christo tardou em se desposar, só tardou em apparecer desposado. Os desposorios entre Christo, & Magdalena já estavão celebrados na terra, & já consummados na Gloria: estavão celebra-

dos na terra; porque na terra tinha já Christo invisivelmente dado o anel de Esposo a Magdalena: estavão consummados na Gloria; porque na Gloria gozava já Magdalena felizmente o contacto beatifico de Christo: tardava contudo o Esposo em apparecer desposado, porque não acabavão de se publicar canonicamente os desposorios; mas tanto que a Igreja canonicamente os publicou, *clamor factus est*, logo o Esposo tratou de apparecer: *Ecce sponsus venit*. Declarados finalmente, & publicados pela Igreja os desposorios de Christo, & Magdalena, ou canonizada a Magdalena por Esposa verdadeira de Christo, *tunc surrexerunt omnes virgines illae*, então despertarão as Virgens, & para a solemnidade do acto se prevenirão todas com luzes de eloquencia, & flores de elegancia, & *ornaverunt lampades suas*: esta illustrissima Ordem Carmelitana com o affecto de máy, a Ordem Descalça

como o amor de Irmã, & as outras tres Ordens com o gosto, & benevolencia de amigas, & afeiçãoadas, & todas igualmente preparadas de affectos, & parabês, fahirão publica, & solememente a celebrar os purissimos desposorios de Christo, & Magdalena: *Exierunt, &c.*

327 Com este alvoroço estavam as cinco Virgês prudentes, senão que quando havia de apparecer o Esposo, & mais a Esposa, appareceo só mête naquelle magnifico throno a real presença do divino Esposo: *Veni Sponsus.* Pois como assim? Se as Virgens esperavão que viessem ambos, como não vierão ambos, assim como esperavão as Virgens? Que dous Esposos tão queridos se pudeisê apartar? Que dous coraçoes tão amantes se pudessem dividir? Antes, porque se não puderão dividir, por isso não vierão ambos como esperavão as Virgens: as Virgens esperavão ambos; mas notem

como, distintos, & separados: *Exierunt obviam Sponsus, & sponsa*: pois Christo, & Magdalena como podião vir divididos? Sim; mas como veyo hũ sem outro? Que não veyo hũ sem outro, ambos vieram, porém não parecem ambos; porq̃ entre Christo, & Magdalena não ha ser hũ, & outro, de tal maneira são dous, que propriamente são hũ, de tal maneira são diversos, que verdadeiramente são o mesmo: *Sponsus, & Sponsa Dominus noster est*, diz S. Hilario: Christo, & a Esposa são o mesmo Christo; porque isso he ser verdadeiro Esposo, essa he a propriedade dos verdadeiros desposados, ser diversos convertidos no mesmo, ser dous transformados em hũ: *Erunt duo in carne una.* Assim que apparecer o Esposo sem a Esposa, não foy apartamento, foy identidade: a Esposa que se esperava, tambem veyo, mas não veyo como se esperava, porque se esperava dividida, & veyo identificada.

D. Hil.
ini Matt.
can. 27.

Gen. x.
24.

Vive Magdalena tão idéntificada com Christo, que parece se não distinguem Christo, & Magdalena; de tal maneira repugnão a todo o apartamento, que parece que não admittem distincção; por isso quando esperavão as Virgens que apparecessem ambos como dous, *Exierunt obviam sponso, & sponse*, vierão ambos como hum, *Venit sponsus*.

328 E para que mais fundadamente se veja esta identidade, vejamos a condição do Esposo. O Esposo inseparavel das Virgens he o Cordeiro sacramentado: *sequuntur agnum quocumque ierit: virgines enim sunt*. Vivem as almas puras, & castas tão identificadas cõ aquelle divino Cordeiro, que se não pôde achar aquelle Cordeiro divino senão sempre acompanhado de almas puras: mas isso porque? Porque as almas puras de tal maneira recebem por Esposo aquelle divino Cordeiro, q̃ fica o Senhor trásforma-

do na Espôsa, & a Espôsa convertida no Senhor: *In me manet, & ego in eo*. A via unitiva he o caminho por onde buscão a Deos todas as almas perfeitas; porq̃ esse he o mayor cuidado das almas perfeitas, procurar unirse cõ Deos, isto he, por amor, & por affecto; porèm no sacrosanto mysterio da Eucharistia não só se unem as almas com Deos por amor, senão tambem por realidade; porque alli nos unimos com Deos de tal sorte, que *non solum per dilectionem*, como disse Chrysofomo, *sed etiam re ipsa in illam carnem convertamur*. Esta he a propriedade do Sacramento do altar, unirse, & transformar-se em quem o recebe; porèm esta propriedade do Sacramento em Magdalena se vio com mayor propriedade: porque com as outras almas de tal maneira se une o Sacramento, que conserva a distincção das pessoas. assim se exprime nas palavras, *In me manet, & ego in eo*; mas de tal maneira se une com

Ioan. 6.
56.

Chryf.
tom. 4.
Hom. 61

Apoc.
14. 4.

Magdalena, que se não percebe distincção. Ha quem o diga? A mesma Magdalena: *Vivo ego jam non ego, vivit verò in me Christus*: são palavras de São Paulo, mas que a Santa repetia muitas vezes, & queria dizer: Eu não sou eu, *Vivo ego jam non ego*: pois quem sois Esposa regaladissima de Christo? *Vivit verò in me Christus*: De tal maneira me tenho unido com Christo, que eu sou Christo, não sou eu: entre nós he tão intima a uniaõ, que passou a ser unidade, já não somos Christo, & Magdalena, ambos somos o mesmo Christo: *Vivit verò in me Christus*: já nam somos Esposo, & Esposa, ambos somos o mesmo Esposo: *Venit sponsus*.

329 Mas porque não pareça impossivel esta prodigiosa transformação: não virão dous pedaços de metaes diferentes, a quem a actividade do fogo cõverteo em hum só composto? Pois porque mais havia de poder a natureza, q̃ a gra-

ça? porque não poderia tanto o fogo do amor, como o elemento do fogo? Ardião em fogo de amor Christo, & Magdalena; elle em sagrados excessos, ella em piedosos holocaustos, servindo de materia a tanto fogo para Magdalena as perfeiçoens que amava, & para Christo os merecimentos que via; & de tal sorte se ateou entre ambos o amoroso incendio, q̃ derretendose amorosamente aquelles dous inflâmados coraçõens, sendo dous sujeitos por natureza, ficarão a mesma cousa por amor, convertendose Magdalena toda em Christo, & transformandose Christo todo em Magdalena: *In me manet, & ego in ea*.

330 Amou a Christo outra Magdalena, aquella que buscou arrependida os pès de Christo, & foy tão ardente a chama de feu amor, que pelos olhos lhe derreteo o coração, sem q̃ pudessem tantos mares apagar tantos incendios; de tal sorte, que o mesmo

Christo.

Luc. 7.
47.

Christo encareceo a força de seu amor : *Quoniam dilexit multum* : porém que tem que ver o amor da Magdalena antiga com o amor da nossa Magdalena? Incendio foy o amor de ambas , & como tal lhes destruhio o ser que tinham , & as deixou convertidas em outro ser ; porém foy tão mais vehemente o amor de Christo na nossa Magdalena , que havendo duas Magdalenas amantes ambas , & ambas convertidas , claramente se deixa ver , que hũa foy convertida por penitente , & outra foy convertida por amante ; porque se a outra Magdalena se cõverteo a Christo , no mesmo Christo se converteo a nossa Magdalena : a outra Magdalena converteose de peccadora em Santa , mas não deixou de ser Magdalena ; porém Magdalena de Pazzi deixou de ser Magdalena , porque de Santa se converteo em Christo : cada qual seguiu o Sacramento em que se converteo : a primeira

Magdalena converteose a Christo por meyo do Sacramento da Penitencia ; a segunda Magdalena converteose em Christo por meyo do Sacramento da Eucharistia : & como a conversão da penitência he do peccado para a graça , & a conversão da Eucharistia he da graça para Christo ; por isso a primeira Magdalena se converteo de peccadora em Santa , & a segunda de Santa em Santíssima ; por isso a primeira se converteo a Christo , & a segunda se converteo em Christo : *In me manet , & ego in ea.*

331 Oh Magdalena! Oh ultimo desempenho da perfeição , prodigio singular de santidade! O mayor extremo da santidade consiste na mayor união com Deos ; porque como Deos he a mesma Santidade essencialmente , claro està q̃ quanto hũa alma tiver de mais união com Deos , tanto mais terà de perfeição , & santidade : pois sendo Magdalena hũa alma que

viveo com Deos tão unida que quasi pareceo identificada, que perfeição, q̄ santidade ferà a de Magdalena?

332 Mas amplifiquemos este ponto, & para que mais devidamente admiramos esta prodigiosa união, ponderemos o modo della; vejamos os estreitos laços com que reciprocamente se unirão estes dous amantes, & entenderemos o quão estreitamente se unirão. Na transformação do Sacramento primeiro se trespassa huma alma para Christo, *In me manet*, & depois se trespassa Christo para essa alma, *& ego in eo*. Assim succedeo entre Christo, & Magdalena: transportouse em Christo Magdalena, tirando de si todos os sentidos, & empregando-os todos em Christo; & depois se trespassou para Magdalena o mesmo Christo, tirado de si seu proprio coração, & entregando a Magdalena, ficando ambos com novo estylo de amor, ella amante sem sen-

tidos, elle amante sem coração: quem tal cuidára! quem se havia de persuadir que sem coração se podia amar, & que sem sentidos se podia querer? Ora ponderemos hũa, & outra fineza, & para seguirmos a ordem das transformaçoes do Sacramento, vejamos primeiro hũa amante sem sentidos transformada em Christo, *In me manet*; depois veremos hum amante sem coração trespassado a Magdalena, *& ego in ea*.

333 Primeiramente trespassouse para Christo Magdalena com todos os sentidos, porque tirou os sentidos do mundo para os pôr em Christo: esta foy a resolução de Magdalena no dia em que abraçou o estado Religioso, sacrificandose toda para Christo, & crucificandose toda para o mundo. Ahi não ha duvida que o estado Religioso he sacrificio de Cruz; porque aonde a vida serve de morte, onde serve de estreiteza a clausura, & onde os tres votos servem de

tres cravos , quem pôde duvidar, que tem muito de Cruz a Religião? Mas que cousa he estar em hũa Cruz? He estar levantado da terra, & vizinho ao Ceo: pois isso he ser Religioso , ser crucificado , estar morto para o mundo, & estar vivo para Christo; ter os cuidados unidos com Christo, & ter os pensamentos apartados do mundo. Por isso S. Paulo quando se vio crucificado para o mundo: *Mundus mihi crucifixus est* , & *ego mundo* , na mesma Cruz se vio unido com Christo: *Christo crucifixus sum Crucis*. Não de outra sorte vivia crucificada Magdalena, & com mayor fineza q̃ Paulo; porque Paulo se bem para o mundo vivia crucificado, estava cõtudo crucificado no mesmo mundo: & *ego mundo* : estar crucificado no mesmo mundo, he estar pregado nelle mesmo; & se Paulo estava pregado nelle, segue se que não estava totalmente desapegado do mudo: porẽm Magdalena de tal maneira vivia

crucificada para o mundo, que nem no mesmo mundo quiz estar crucificada; porq̃ de tal maneira quiz estar pregada em Christo com todos os sentidos, que parecia crucificada, & pregada no mesmo Christo.

334 E senão perguntou: Já que Magdalena tomava a Religião por Cruz; porque mais se crucificou nesta Religião? Porque, senão porque esta Religião he a Cruz mais levantada do mundo, & mais unida com Deos? Todas as Religioens vivem unidas com Deos, porẽm com esta differença, que de entre todas as Religioens o Carmo he Religião immediata a Deos, & as outras Religioens unem-se a Deos mediante o exemplo do Carmo. Assim o disse advertidamente David; falla elle de todas as Religioens sagradas, & diz que a Religião Rainha de todas as Religioens estava immediata a Deos: *Astitit Regina à dextris tuis* : & que mediante ella, se chegavão

a Deos as outras Religioes: *Adducentur Regi Virgines post eam*: mas qual he a Religião Rainha? Qual havia de ser senão aquella, de cujo alentado brazão he magestoso timbre húa coroa? Qual havia de ser senão aquella, que para cingir essa coroa he de todas as Religioens cabeça? *Caput tuum, sicut Carmelus*. Pois se a Religião do Carmo he Rainhá das Religioens, & se a Rainhá das Religioes he immediata a Deos; bem se segue que a Religião immediata a Deos he a do Carmo: *Astitit Regina à dextris tuis*: & que as outras Religioens, mediante o exemplo do Carmo, se unem com Deos: *Adducentur Regi Virgines post eam*: as outras Religioens ainda estavão por chegar, *adducentur*; o Carmo já tinha chegado, *astitit*: o Carmo chegou por si mesmo, *astitit*; as outras Religioens chegarão trazidas do exemplo do Carmo, *adducentur*: o Carmo chegou immediatamente à mão di-

reita de Deos; à *dextris tuis*; & as outras Religioes chegarão apoz do Carmo, *post eam*.

335 Oh Espirito gétil de Magdalena! Oh alma verdadeiramente Religioza! Só vòs soubestes conhecer a distancia que ha entre o mundo, & Deos; por isso tão unida com Deos, & tão descuidada do mundo; por isso como singularmente ambiciosa de unioens com Deos, & religiosamente empenhada nos descuidos do mundo, vos crucificastes a vòs mesma na Cruz do Monte Carmelo, na Cruz mais levátada da terra, no monte mais vizinho ao Ceo, na vida mais retirada do mundo, & na Religião immediata a Deos.

336 Porém não parou aqui o primor de seu sacrificio. q̄ Magdalena tirasse os cuidados do mundo, para os empregar em Christo, seja embora consequencia de sua profissaõ, não he isso o que mais me admira; o que mais me admira he, q̄ para toda se empregar em Christo,

Christo, tirasse os sentidos de si mesma transportando-se em Christo: que era ver aquelle corpo penitente sempre extatico, sempre arrebatado? Que era ver aquella alma Angelicamente entendida, continuamente alienada, discorrendo pela claustra, mas sem discurso? prégando de seu amor, mas sem conceito? Que era ver a Magdalena divinamente frenetica entre sagrados delirios, publicando seu amor a desentoada vozes, repicando sinos a rebates de amor? Que he isto Magdalena? estais em vós? Não está senão em Christo; transportouse toda, & trespassou todos os sentidos para Christo; por isso obra como quem nem está em si, nem está em seus sentidos.

337 Aqui reparo na differença que ouve entre Magdalena a penitente, & Magdalena a Religiosa, ambas grandemente Santas: mas a Magdalena penitente foy Santa cobrando o juizo, *ut cognovit*; &

Magdalena a Religiosa foy Santa perdendo o juizo; isso quer dizer Magdalena de Pazzi. E a razão desta differença he: que a penitente convertia-se para Christo, & a Religiosa convertia-se em Christo: Magdalena a penitente, como tinha os sentidos empregados no mundo, para se converter, & tornar em si, necessariamente ouve de cobrar os sentidos, mas Magdalena a Religiosa, como vivia taõ esquecida do mundo, & tanto em si, ouve de alienar-se de si, para toda converter-se em Christo; por isso a penitente se converteo cobrando o juizo, & a Religiosa se converteo perdendo o discurso; porque a penitente se convertia tornando do mundo para si, & a Religiosa se convertia trespassando-se de si para Christo: mas se o converter-se para Christo a penitente cobrando o juizo, foi credito de seu amor, *Dilexit multum*; quaõ mais encarecido fica o amor da Religiosa perdendo o enten-

dimento, & alienandose de si, para toda se converter em Christo?

338 Verdadeiramente que só Magdalena de Pazzi soube amar a Deos como Deos quer ser amado: Deos quer ser amado com todo o entendimento: *Diliges Dominum Deum tuum ex tota mente tua*; mas isto como pôde ser? Com o entendimento pôde se amar? Com a vontade sey eu que se ama; mas com o entendimento? Esse he o mais exquisito amor: & como se ha de amar com o entendimento? Da mesma maneira que se ama com a vontade, empregandose todo o entendimento em quem se ama: pois assim quer Deos ser amado, quer que se empregue nelle todo o entendimento, *ex tota mente tua*. Mas só Magdalena soube empregar todo o entendimento em Deos: empregar o entendimento em Deos, mas de tal sorte que fique o entendimento em mim, não he empregar em Deos o entendimento todo, he

empregar em Deos parte do entendimêto. Sò Magdalena, que por amante de Deos perdia o juizo, & ficava sem entendimento, só ella soube empregar todo o entendimento em Deos.

339 A Alma Santa também fraqueou do juizo por amor do seu divino Esposo: *Amore langueo*; porê m se o amor lhe enfraquecia o juizo, não lho tirava de todo; porque ella que se conhecia enferma, ainda se conhecia a si, & quem tinha sentidos para se doer de sua propria enfermidade, não tinha no Esposo todos os sentidos: esta foy aquella Esposa taõ celebrada por amante de Christo; mas quem duvida q Magdalena foy muito mais amante que aquella Esposa? Ella de tal maneira empregava os sentidos em Deos, que como cousa distinta, ainda tinha os sentidos em si; porê m Magdalena foy amante sem sentidos, de tal maneira empregava todo o entendimêto em Christo, que ficava sem uso nenhum

nhum do entendimento, arrebatada de si, trespassada para Christo; descuidada de si mesma, & insensivel para si, ficando fóra de si por extasi, toda em Christo por amor, sendo amante sem sentidos, convertida em seu mesmo amante.

340 Sò se pudera oppor contra esta fineza de Magdalena huma duvida fundada em o nosso Evangelho; porque no nosso Evangelho não forão admittidas do Esposo as Virgens necias, & faltas de juizo: logo como se ha de louvar em Magdalena ficar sem entendimento? Respondo, que nunca Magdalena teve o entendimento mais apurado, q̄ quando o te-¹
4 tinha mais bem empregave
2 mais perdido: & a razão he, porque quando o tinha mais perdido, então o³
do, a nobreza do entendimento não se ha de colher pelo melhor discurso, senão pelo melhor emprego: quem se descuida de Deos, para empregar todo o entendimento em si, não tem entendimento; só tem en-

tendimento, quem se descuida de si, para empregar todo o entendimento em Deos. As Virgens necias não forão faltas de entendimento, porque o deixarão de ter, senão porque o não souberão empregar; havião de empregar os cuidados no oleo com q̄ Deos havia de ser recebido, & descuidarãose de Deos, pois por isso forão necias: & quaes forão as prudentes? As que se não descuidarão de Deos.

341 Foy S. Paulo arrebatado ao terceiro Ceo, & diz, que não sabia se estava em si, ou fóra de si: *Si* ^{2 Cor.}
ve in corpore, si ve extra cor- ^{12. v.}
pus, nescio: porém acrecêta logo que penetrou os mais altos segredos, & os mysterios mais profundos da Divindade. *Et vidi arcana Dei, quae non licet homini loqui*: como assim, Apóstolo Santo? se não sabeis de vós, se não sabeis o que qualquer homem sabe, como foubestes o que não alcança nenhum outro homem? Se ainda se não sabem os segredos de hum
ho

homem, como sabieis vòs os segredos de Deos? ou como sabieis os segredos de Deos, se de vòs mesmo não sabieis: *Sive in corpore e, sive extra corpus, nescio?* Mas por isso mesmo, porque Paulo não sabia parte de si, por isso soube tão de Deos: foy o Santo arrebatado *in extasi*, & de tal maneira empregou todos os sentidos em Deos, que ficou fóra dos seus sentidos; mas quando alienado de si mesmo, & transportado todo em Deos, então tinha o entendimento mais subido, porque o tinha então mais bem empregado; & por isso então sabia tanto, & *vidi arcana Dei*, porque então nem de si sabia: *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio.*

342 Oh que de vezes, & que gloriolamente competido se vio em Magdalena este arrebatamento de Paulo! Que de vezes se vio Magdalena tanto mais entendida, quanto mais alienada! & o que mais he, quanto mais alienada de si,

tanto mais unida có Christo! Mas que muito que se unisse com Christo aquella a quem o amor arrebatava de si? Cesse pois a admiração de se não ver hoje a Esposa: a Esposa não está em si, está em Christo; por isso vindo na realidade o Esposo, & a Esposa, *Exierunt obviam sponso, & sponsa*, apparece sómente o Esposo: *Venit sponfus.*

343 Depois de vermos Magdalena alienada de si mesma, & transportada em Christo: *in me manet*; segue-se que vejamos a Christo em igual correspondência trespassado a Magdalena, & *ego in ea*. Andando alienada de si a Esposa dos Cantares, pedio a seu divino Esposo que lhe mostrasse o lugar onde poderia dar com elle sacramentado: *Indica mihi ubi pascas, ubi cubes in meridie*. Condescendendo o divino Esposo có sua petição, lhe disse assim: *Si ignoras te ò pulcherrima mulierum, abi post vestigia gregum tuorum*: Já que não sabeis parte de vòs, quando

Cãt. i. 7

qui-

quizerdes dar cômigo, fe-
gui aspizadas do voffo re-
banho. Senhor, que pelas
pizadas do meu rebanho
não heyde ir dar com vos-
co, senão cômigo: he ver-
dade, mas por isso haveis
de dar cômigo, porque ha-
veis de dar com vosco: vòs
por amor de mim não sa-
beis parte de vòs, *si ignoras
te*; pois o não estardes em
vòs, senão em mim, có que
se paga, senão com que não
esteja eu em mim, senão
em vòs? pelo que já q não
sabeis parte de vòs por es-
tar cômigo, *si ignoras te*;
em paga desta fineza que-
ro eu que não acerteis cômigo,
senão em vòs: *Abi
post vestigia gregum tuorum.*

344 Esta correspon-
dencia do Esposo divino se
vio pontualmête em Chri-
sto a respeito da Magdale-
na sua mais querida Esposa,
porque já que Magdalena
se alienava de si por estar
em Christo, *in me manet*,
justo era que deixasse Chri-
sto de estar em si, por estar
em Magdalena, & *ego in ea*:
assim se havião estes dous

divinos amantes, como se
forão dous espelhos corres-
pondentes; hum no outro
se representavão recipro-
camente, como se forão es-
pelhos hum do outro; por-
que se Magdalena toda se
revia em Christo, todo
Christo se via em Magda-
lena: quem vifse as dores
das chagas, o rigor dos es-
pinhos, o tormento da co-
luna, a agonia da Cruz, &
finalmente toda a paixão
de Christo em Magdalena,
que havia de imaginar, se-
não que Magdalena se não
distinguia de Christo? Que-
vifse a Magdalena trespassa-
fada das dores de Christo,
que havia de dizer, senão
que Christo se havia tres-
passado para Magdalena?
Notavel transformação! em
Christo todos os sentidos
da Magdalena, em Magda-
lena todos os sentimentos
de Christo! trocáraõse os
sentidos pelos sentimêtos,
& como Magdalena era a-
mante sem sentidos pro-
prios, houve de ter amante
cô os sentimentos de Chri-
sto.

345 Porèm para que a transformação fosse mais prodigiosa, & para que Magdalena tivesse proporcionado coração a sentimentos tão grandes, de si mesmo tirou Christo o coração, & o deo a Magdalena, ou por prenda de seu amor, ou por sinal de sua identidade, ficando ambos desta sorte, Magdalena amâte sem sentidos, & Christo amante sem coração. Oh que bem se correspondião estes dous divinos amantes! Oh que igual, & soberana troca, o mais divino coração pelo mais elevado entendimento! Quiz Christo pagar ao entendimento de Magdalena, & àquelle entendimento com que havia de pagar-se, senão com aquelle coração? A S. João porque perdeu os sentidos naquella ultima Cea, também se lhe entregou o coração de Christo; he verdade; mas S. João ficou de fóra: *Supra pectus Domini*: S. Thomè algũa cousa entrou mais de dentro: *Mitte manum tuam*; mas o coração ficou em

Christo: só para se entregar a Magdalena se arrancou aquelle coração daquelle peito, sem duvida que só para Magdalena se reservava todo aquelle coração.

346 De hũa Alma sey eu cujos olhos ferirão o coração de Christo: *Vulnerasti cor meum in uno oculorum tuorum*: & segundo a Versão dos Setenta, não sómente o ferirão, senão q o arrancarão: *Excordasti me*: Vatablo lê: *Eripuisti cor meum*: Roubasteme o coração; de maneira que o coração de Christo nas mãos de outra Esposa que não seja Magdalena, he hũ roubo, & he hũa violencia: *Excordasti me*: *Eripuisti cor meum*: he hum roubo que se faz a Magdalena; porque de Magdalena he em direito o coração de Christo: he hũa violencia que se faz a Christo; porque Christo não entrega voluntariamente seu coração senão a Magdalena. A lançada que se deo no peito a Christo, não foy necessaria para a redempção do

Cát 49.

do genero humano ; pois logo para que foy necessaria ? Cuido que só para porta do coração de Christo : por isso, como reparou Santo Agostinho, não disse o Evangelista que o peito se rasgára , senão que se abriu : *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit* : pois o coração de Christo para que necessitava de porta para sahir do peito de Christo ? Taõ deseioso estava Christo de entregar o coração a Magdalena , & taõ voluntariamente lho entregou , que já desde a Cruz quiz deixar aberta aquella porta por onde sahisse aquelle coração. Oh rara fineza de Christo, merito singular de Magdalena ! que hum coração se inquiete por quem ama, possível he ; & que esteja em quem ama por affecto , também he possível ; mas por realidade ? que deixe realmête de estar onde anima, por estar realmente onde ama ? só o coração de Christo o pode fazer , só o peito de Magdalena o me-

receo alcançar.

347 Mas já que se havia de fazer este reciproco trespassso , porque se não passou Christo para Magdalena cõ os sentidos ? porque mais com o coração ? não ficára mais igual a troca, se por huns sentidos se dessem outros, do que dando-se hum coração por huns sentidos ? Sim ficára ; pois porque se não fez a troca com esta igualdade ? Porque se fora a troca tão igual, não fora o amor tão perfeito, & ficou muito mais perfeito o amor trocando-se huns sentidos por hum coração ; porque dessa sorte ficou amando Magdalena com dobrados coraçãoens, & desvelando-se Christo cõ multiplicados sentidos : para o cuidado com q̃ Christo se desvelava por Magdalena huns só sentidos não se davaõ por satisfeitos, por isso foy necessario que se lhe multiplicassem os sentidos ; para o amor q̃ Magdalena tinha a Christo, hũ só coração não era bastânte, por isso foy necessario que

se lhe dobrassem os corações: & que mais perfeito amor! O amor perfeito consiste em entregar todo o coração, & todo o entendimento: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & ex tota mente tua*: se Christo, & Magdalena trocassê os entendimentos, nenhú delles ficàra sem entendimento; se trocassê os corações, nenhú ficàra sem coração; pois para que de entre ambos se cõponha aquella perfeitissimo amor, que remedio? Empregue hũ o entendimento de tal sorte, q̃ fique sem nenhũ entendimento; empregue outro o coração de tal modo, que fique sem nenhũ coração, & desta sorte do amor de ambos se fórma aquella perfeitissimo amor: *Ex toto corde tuo, & ex tota mente tua*: se ambos forão dous fugeitos divididos, cada qual tivera aquella amor inteiro; mas como de ambos se compoem hũ só fugeito, do amor de ambos se forma hũ só perfeitissimo amor: de maneira q̃ Chri-

sto, & Magdalena tanto assim forão ambos hũ só por amor, que atê o amor de ambos foy hũ só, do amor de ambos como de partes se compoz inteiramente aquella mais perfeito amor; porque estes dous amantes divinos não eraõ dous fugeitos differentes, erão partes de hũ só fugeito; não erão dous amantes diversos, erão ambos o mesmo amante; & sendo isto assim verdade, que muito que quando se esperava q̃ parecêsem ambos como dous, *Exierunt obviam sponso, & sponsae*, que viessem ambos como hũ: *Venit sponsus?*

348 Entrado pois aquella coração naquelle peito, que incendios conceberia o peito? que jubilos passaria o coração? mas tãbem que sustos não passaria? Era a Alma de Magdalena todo o thesouro de Christo; pois receoso Christo que outra afeição lhe roubasse aquella thesouro, qué lhe poria por guarda, senão seu proprio coração?

Ubi

Matt. 6. 21. *Ubi est thesaurus tuus, ibi est & cor tuum*: como o coração de Christo achou aquella alma sem sentidos, sem duvida que assistiria alli como sentinella daquella alma: se estivera Magdalena em seu acordo, não nego que có toda a confiança podera estar seguro o coração de Christo; mas quem duvida que estaria desvelado o coração de Christo, estando sem sentidos Magdalena? Quando a Alma Santa dormia, *Ego dormio*, havia hú coração que vigiava, *Cor meum vigilat*; porê m de quem era este coração? Disse Rabbi Salamão, a quem seguem muitos Expositores, que o coração era do Esposo, que da Esposa não podia ser; porque se a Esposa estava dormindo, claro está que desacordado tinha o coração: logo o coração que velava era do divino Esposo; porque a tão divertida fermosura que serviria de Argos vigilante tenão tão empenhado coração? Bê: mas como podia ser o coração do Esposo,

se as palavras erão da Esposa: *Cor meum vigilat*? Dizê que foy lisonja da Esposa chamar seu o coração do Esposo; porê m em Magdalena não foy lisonja, foy realidade: Magdalena teve de seu dous corações, hú proprio, outro o de Christo, & ambos propriamente leus: quando se transportava Magdalena, também ficava extatico seu proprio coração; mas nos descuidos daquelle coração divertido servia de sentinella outro coração acordado: este coração que vigiava a alma de Magdalena, era verdadeiramente o coração de Christo; mas porque Christo o tinha dado a Magdalena, ou porque Magdalena se não distinguia de Christo, por isso sendo o coração de Christo, lhe chamou Magdalena seu coração, *Cor meum vigilat*; & por isso vigiava o coração, porq̃ estava se sentidos Magdalena: *Ego dormio*.

349 Comtudo o mais certo he, que o coração de Christo em Magdalena não

velava tanto por zeloso , quanto por desvelado, porque ainda não estando Magdalena em si, era tão impossível outra afeição em Magdalena, que podia o coração não estar zeloso; mas creyo que se passou a Magdalena o coração de Christo, porque não vive-se zelosa Magdalena; como Magdalena amava sem sentidos, não quiz Christo que amasse cô zelos, & para isso, para a fazer Senhora de seus affectos, a fez depositaria de seu coração. Deos tem em sua mão os corações dos Principes: *Cor Regis in manu Domini*; & isto porque? Porque o Principe se não possa inclinar senão ao que Deos quizer: *Quocumque voluerit, inclinabit illud*: pois para isso mesmo entregou Christo o coração a Magdalena: fez Christo a Magdalena Senhora de seu coração, para que a quelle coração não amasse senão a quem Magdalena quizesse: na mão de Magdalena está o querer, & o não querer de Christo; porque como o coração de

Christo está em poder de Magdalena, sem licença de Magdalena a ninguem pôde Christo, não digo eu ter amor, mas nem ainda inclinação: *Quocumque voluerit, inclinabit illud*.

350 Oh raro poder! estranho dominio de creatura! que empregasse Deos seu amor nas creaturas, excesso foy; mas que entregasse a hũa creatura o mesmo centro de seu amor! foy mais q̄ excesso: que entregasse a hũa Magdalena os pés, amor seria; mas que entregasse à nossa Magdalena seu proprio coração! foy mais que amor. O mayor amor que Deos quer de hũa creatura he, que lhe entregue o coração: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo*: & que este amor, que esta entrega do proprio coração, que deve hũa creatura a Deos, q̄ esta mesma fizesse Deos a huma creatura! oh raro prodigio de amor! Porém com que havia Deos pagar a Magdalena o emprego de seu entendimento, senão com a real entrega de seu proprio

coração? Magdalena era o mesmo que Christo pela entrega de seus sentidos, & assim que não era muito q̄ o coração de Christo estivesse em Magdalena, por que vinha a estar no mesmo Christo. Na união de Jonathas com David, uniraõse duas almas em hum só corpo, porque erão dous diversos amantes: na união de Christo cõ Magdalena, em huma só alma se unirão dous coraçoes, porque como erão dous amantes com hũa só alma, em rigor não erão dous amâtes diversos, erão ambos hum mesmo amante; por isso quando se esperava que apparecessem ambos como dous, *Exierūt obviam sponso, & sponsæ*, vierão ambos como hum, *Venit sponsus.*

351 Estes são os amorosos laços com que se unirão entre si os mais distâtes extremos, hum Deos; & hũa creatura, Christo, & Magdalena; & sendo tam estreitos os laços, quem poderá negar os desposorios? Os desposorios que se re-

presentavão mais impossiveis no mundo, forão os do Verbo com a Humanidade; & como se venceraõ estes impossiveis? Converteraõse reciprocamente naquelles amorosos idiomas as condiçoens da Humanidade para o Verbo, os attributos do Verbo para a Humanidade; & como para esta prodigiosa cõmunição se unirão em hum só supposto duas naturezas, & dous sujeitos em hum só composto, venceo-se aquella infinita distancia, & celebrouse aquelle incomprehensivel desposorio: pois o que entre o Verbo, & a Humanidade foy união hypostatica, entre Magdalena, & Christo foy união sacramental: *In me manet, & ego in ea*: transportouse Magdalena em Christo, empregando nelle os sentidos; trespassou se Christo a Magdalena, entregandolhe o coração; & sendo taõ apertados estes amorosos laços, que muito que sendo diversos, viessem convertidos no mesmo? & que esperan-

dose como dous , appare-
 cessem transformados em
 hum ? *Venit sponsus* : pois
 como nesta verdadeira uni-
 ão consistem os verdadei-
 ros desposorios, *Erunt duo
 in carne una* ; por isso tam-
 publica , & solememente
 applaudem hoje a Magda-
 lena cinco Religioens sa-
 gradas, *Quinque autem ex
 eis erant prudentes* ; naõ só
 pelo que teve de filha da
 Senhora, senaõ tambem pe-
 lo que he por Esposa do Se-
 nhor: *Exierunt obviam spõ-
 so, & sponsæ.*

352 Oh que gloriosa-
 mente renovado vemos he-
 je nesta celebridade o que
 lá vio S. Joaõ no seu Apo-
 calypse ! *Et vidi, & ecce
 Agnus stabat supra montem:*
 elle lá vio o Cordeiro sacra-
 mentado sobre o monte
 Siaõ, nõs cá sobre o monte
 Carmelo; & vindo de mõe-
 te a monte os applausos, às
 mesmas vozes que naquelle
 monte se formavaõ, respõ-
 dem cá os eccos neste mõe-
 te : *Gaudeamus, & exulte-
 mus, & demus gloriam ei,
 quia venerunt nuptiæ Agni,*

& uxor ejus præparavit se.
 Eternas graças se rendaõ a
 Deos cõ publicas demonst-
 raçoens de alegria , pois
 chegou o tempo de se cele-
 brarem publica , & solêne-
 mente os desposorios do
 Sacramento com lua queri-
 da Esposa : mas qual he a
 Esposa do Sacramêto ? *Da-
 tum est illi* (continua o
 mesmo Texto) *ut cooperiat
 se byssino splendenti, & can-
 dido : Splendenti* (explica
 Lyrano) *per interiorē san-*
ctitatem ; candido per exte-
riorem honestatem : a Espos-
 a do Cordeiro sacramenta-
 do he aquelle extremo de
 fermosura, aquelle desem-
 penho da graça, aquelle Es-
 pírito generoso vestido cõ
 gentil desproporção, por
 fóra de asperezas, por den-
 tro de resplandores ; he
 aquelle Religioso Espirito,
 aquelle extatico prodigio,
 cuja alma ditosa se adornou
 com os resplãdores da gra-
 ça, & cujo corpo penitente
 se cobrio cõ huã capa brãca
 do Carmo: *Datum est illi ut
 cooperiat se byssino splenden-
 ti, & candido*; he finalmête

Ly. in
 idem c.

a dignissima Esposa de Christo Santa Maria Magdalena de Pazzi.

353 *Gaudeamus ergo, & demus gloriam ei, quia venerūt nuptiae Agni.* Demse, pois, infinitas graças ao Divino Esposo, & demse à Esposa eternas glorias: alegrese o Ceo, alegrese a terra, alegrese o mundo: especialmente tuas sejam as glorias, & a ti se dem os parabens ô Illustrissima Religião Carmelitana, porque a ti se devê como a Mãy de tão Santa Filha, como a Mãy de tão grande Santa; ati se devem os parabens, porque a ti se devem todas as perfeições de Magdalena; à tua educação se devê, o aspero de suas penitencias, o fervoroso de suas orações, sua profunda humildade, sua extrema temperança, sua religiosa modestia, sua admiravel pureza, & finalmente todas as perfeições de Magdalena a ti se devem: vive pois eternamête para exemplar de Patriarchas, para throno de Profetas, para thesou-

ro de Martyres, para Academia de Doutores, para officina de Penitentes, para escola de Confessores, para claustro de Virgens, para perpetuo seminario de Santos, & de Santas.

354 Là disse Tritemio Abade, que erão tantos Santos do Carmo, quantas são as Estrellas do Ceo: *Si quis stellas Caeli dinumeret, & Sanctos hujus Ordinis numerare poterit;* porèm com licença de tão grave Author, em ti se contão mais Santos do que no Ceo estrellas. Tritemio floreceo na Ordem Benedictina ha cento & setêta annos, ja em sua idade conta-va elle em ti Santos, como no Ceo estrellas; neste de mil, & seis centos, & setenta, as Estrellas não crescerão no Ceo, em ti cada hora crescem os Santos; no Ceo as Estrellas nunca mais hão de crescer, os Santos em ti atê o fim do mundo se hão de augmentar; pois que tem que ver o Ceo contigo? que tem q ver com a infinidade de teus Santos

Tritemio
Abb. de
laudib.
Carmo
c. 7.

o numero de suas Estrellas? Deixe pois a competência o Ceo, dilate a esphera de suas luzes, estenda a capacidade que occupão suas Estrellas, porque vejo que pela continua canonização de teus Santos hão de vir a ser para os Santos do Carmo estreytos os espaços do Ceo; & ja que a teu gene-

roso Espirito, & a tua gloriosa occupação deve cada dia, tantos canonizados a Igreja Militate, & a Triunfante tantos Bemaventurados; a ti digo mil vezes se dem os parabés, ao Divino Esposo se dem as graças, à castissima Esposa se dê a gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*



INDICE

Dos lugares da sagrada Escritura.

O primeiro numero significa a pagina , o segundo
o numero.

Ex Lib. Genesis.

Cap. 29. 20. **E**T videbatur illi dies pauci prae amoris magnitudine, pag. 9. num. 8.

Cap. 26. 34. Esau vero duxit uxores, Judith filiam Beeri Hethæi . & Basemath Filiam Elon, p. 11. n. 9.

Cap. 22. 16. Quia fecisti rem hanc, & non pepercisti filio tuo unigenito propter me, p. 18. n. 14.

7. Cumque duo pergerent simul, dixit Isaac patri suo: Ecce ignis, & ligna: ubi est victima holocausti? p. 19. n. 15.

Cap. 17. 1. Merces tua ni-

mis, p. 48. n. 40.

Cap. 28. 12. Et Dominum innixum scalæ, p. 60. n. 53.

Cap. 1. 2. Tenebræ erant super faciem abyssi, & Spiritus Domini ferebatur super aquas, p. 74. n. 66.

Cap. 9. 2. Afferam pauxillum aquæ, & lavate pedes vestros, ponamque bucellam panis, & confortate cor vestrum, p. 81. n. 73.

Cap. 22. 12. Nunc cognovi, quod times Deum, p. 82. n. 73.

Cap. 18. 1. Apparuit ei Dominus sedenti in ostio tabernaculi, p. 90. n. 80.

Cap. 50. 3. Flevit eum Egyptus septuaginta diebus, p. 150. 152.

Cap. 15. 19. *Nullus te prohibere potest, quin sepelias mortuū tuū, p. 151. n. 152.*

Cap. 37. 35. *Noluit consolationem accipere, sed ait: descendam ad filium meum lugens in infernum, p. 163. n. 168.*

Cap. 50. 1. *Quod cernens Ioseph ruit super faciem patris flens, & deosculans eum, p. 164. n. 169.*

Cap. 1. *Et tenebræ erant super faciem abyssi, p. 183. n. 192.*

Cap. 2. 10. *Lignum etiam vitæ in medio Paradisi, lignumque scientiæ boni, & mali, & fluvius egrediebatur de loco voluptatis, qui inde dividitur in quatuor capita, p. 217. n. 220.*

Cap. 22. 13. *Inter vepres hærentem cornibus, p. 289. n. 278.*

Cap. 3. 18. *Spinæ, & tribulos germinabit tibi, p. 289. n. 279.*

Cap. 32. 28. *Contra Deum fortis fuisti, p. 314. n. 289.*

Cap. 3. 8. *Abscōdit se Adam à facie Domini in medio ligni Paradisi, pag. 135. n. 132.*

Cap. 1. 24. *Erunt duo in car-*

nè una, p. 356. n. 327.

Ex Lib. Exodi.

Cap. 4. 12. *Perge igitur, & ego ero in ore tuo: vade, & revertere in Egyptum, p. 155. n. 157.*

Cap. 4. 6. *Mitte manū tuam in sinum tuum, p. 194. n. 202.*

Cap. 12. 7. *Et sumēt de sanguine ejus, & ponent insuper liminaribus: videbo sanguinem, & trāsibo vos, nec erit in vobis plaga disperdens, p. 269. n. 262.*

Cap. 13. 21. *Dominus autē præcedebat eos per diem in colūna nubis, p. 269. n. 262.*

Cap. 7. 22. *Induratum est cor Pharaonis, & seniorum ejus, p. 274. n. 266.*

Cap. 6. 5. *Ego audiui gemitum filiorum Israel, ideo dic filijs Israel: Ego Dominus qui educam vos, p. 285. n. 275.*

Cap. 3. 8. *Descendi ut liberem eum, p. 289. n. 278.*

Cap. 25. 11. *Faciesque supra coronam auream per circuitum, p. 299. n. 287.*

Cap. 3. 2. *In medio rubi, pag. 311. n. 296.*

Ex Lib. Numeri.

Cap. 4. 6. *Extendentque de-*
super

super pallium totum hyacinthinum, p. 299. n. 287.

Cap. 13. 24. *Absciderunt palmitem cum uva sua, quam portaverunt in veste duo viri, p. 346. n. 320.*

Ex Lib. Deuteron.

Cap. 6. 5. *Diliges Dominum Deum tuum ex tota mentetua, p. 364. n. 328.*

Ex Lib. Josue.

Cap. 10. 14. *Non fuit antea, nec postea tam longa dies, p. 1. n. 1.*

Cap. 3. 16. *Steterunt aquae ad instar montis intumescentes; quae autem inferiores erant in mare solitudinis, quod nunc vocatur mortuum, descendebant, p. 222. n. 223.*

Ex Lib. Judicum.

Cap. 16. 15. *Quomodo dicis quod amas me? p. 64. n. 55.*

Cap. 7. 4. *Duc eos ad aquas, & ibi probabo illos, p. 65. n. 58.*

Ex Lib. Regum 1.

Cap. 18. 8. *Percussit Saul mille, & David decem millia, p. 31. n. 26.*

Cap. 20. 30. *Nunquid ignoro, quia diligis filium Isai, p. 66. n. 60.*

Cap. 17. 39. *Non possum sic incedere, p. 144. n. 143.*

Cap. 5. 4. *Invenerunt Dagon jacentem super faciem suam in terra coram Arca Domini: caput autem Dagon, & duae palmae ejus abscissae erant, p. 299. n. 287.*

Ex Lib. Regum 2.

Cap. 1. 12. *Omnesque viri qui erant cum eo, planxerunt, & fleverunt, p. 160. n. 163.*

Cap. 1. 14. *Doleo super te frater mi Jonatha, p. 160. n. 163.*

Ex Lib. Regum 3.

Cap. 19. 4. *Petivit animae suae ut moreretur, p. 237. n. 235.*

Cap. 14. 15. *Sicut moveri solet arundo in aqua, p. 284. n. 274.*

Orat. Manass. in fine Lib. Reg.

Peccavi super numerum arenae maris, & multiplicatae sunt iniquitates meae, & nunc flecto genua cordis mei ad te Domine, p. 298. n. 286.

Ex Lib. Paralipom. 1.

Cap. 20. 2. *Tulit autem David*

vid

- vid coronam Melchon de capite ejus, fecitq; sibi inde diadema*, p. 190. n. 280.
- Ex Lib. Job.
- Cap. 38. 7. *Cum me laudarēt simul astra matutina*, p. 57. n. 51.
- Cap. 19. 21. *Miseremini mei, miseremini mei saltem vos amici mei*, p. 157. n. 159.
- Cap. 1. 1. *Vir erat nomine Job, & erat vir ille*, p. 306. n. 292.
- Cap. 2. 7. *A planta pedis usque ad verticem*, p. 306. n. 292.
- Cap. 1. 1. *Audientes tres amici, venerunt singuli de loco suo, cumque elevassēt oculos suos, non cognoverunt eum*, p. 306. n. 292.
- Cap. 14. 15. *Operi manuum tuarum porriges dexterā*, p. 343. n. 318.
- Ex Lib. Psalmorum.
- Psal. 39. 8. *Tunc dixi: Ecce venio: in capite libri scriptum est de me ut facerem voluntatem tuam.*
9. *Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei*, p. 22. n. 19.
- Psal. 67. 18. *Currus Dei decem millibus multiplex millia latantium*, p. 33. n. 28.
- Psal. 90. 6. *A sagitta volante in die.*
7. *Cadent à latere tuo mille, & decem millia à dextris tuis*, p. 35. n. 29.
- Psal. 60. 9. *Sic psalmum dicam nomini tuo in seculū seculi, ut reddam vota mea de die in diem*, p. 47. n. 40.
- Psal. 77. 24. *Panem Cæli dedit eis*, p. 105. n. 94.
- Psal. 113. 2. *Et tu Jordanis quia conversus es retrorsum*, p. 121. n. 113.
- Psal. 37. 10. *Conturbatum est cor meum: dereliquit me virtus mea, & lumen oculorum meorū, & ipsum non est mecum*, pag. 220. n. 222.
- Psal. 68. 3. *Veni in altitudinem maris, & tempestas demersit me*, p. 229. n. 228.
- Psal. 18. 6. *Exultavit ut Gigas ad currendam viam*, p. 236. n. 234.
- Psal. 37. 5. *Iniquitates meæ supergressæ sunt caput meum: & quasi onus grave gravatæ sunt super me*, p. 240. n. 237.

Pfal. 34. 15. *Congregata sunt super me flagella, & ignoravi, p. 254. n. 249.*

Pfal. 21. 18. *Dinumeraverunt omnia ossa mea, pag. 255. n. 249.*

Pfal. 60. 10. *Non accedet ad te malum, & flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo, p. 257. n. 251.*

Pfal. 37. 14. *Ego autem sicut mutus non aperiens os suum, p. 259. n. 252.*

Pfal. 68. 27. *Super dolorem vulnerum meorum addiderunt, p. 263. n. 257.*

Pfal. 68. 38. *Appone iniquitatem super iniquitatem eorum, p. 263. n. 257.*

Pfal. 120. 3. *Supra dorsum meum fabricaverunt peccatores, p. 265. n. 259.*

Pfal. 40. 9. *Altissimum posuisti refugium tuum, p. 267. n. 261.*

Pfal. 60. 10. *Et flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo, p. 268. n. 261.*

Pfal. 23. 7. *Aperite portas principes vestras, & introibit Rex gloriæ, p. 282. n. 272.*

Pfal. 6. 5. *Pretium meum cogitaverunt repellere, ore*

suo benedicebant, & corde suo maledicebant, p. 294. n. 283.

Pfal. 61. 9. *Deus adiutor noster in eternum, pag. 295. n. 285.*

Pfal. 61. 10. *Verumtamen mendaces filij hominum in stateris, ut decipiant ipsi de vanitate in idipsum, p. 296. n. 285.*

Pfal. 21. 7. *Ego sum vermis, & non homo p. 305. n. 291.*

Pfal. 118. 117. *Adjuva me Domine, & salvus ero, pag. 344. n. 319.*

Pfal. 44. 10. *Astitit Regina à dextris tuis, pag. 361. n. 334.*

15. *Adducentur Regi virgines postea, p. 362. n. 335.*
Ex Lib. Proverb.

Cap. 14. 35. *Acceptus est Regi minister intelligens: iracundiam ejus inutilis sustinebit, p. 196. n. 203.*

Cap. 8. 15. *Per me Reges regnant, & legum conditores justa decernunt per me Principes imperant, & potentes decernunt justitiam, p. 198. n. 205.*

Ex Lib. Canticorum.

Cap. 3. 11. *Videte Regem*
Sa-

- Salomonem in diademate, in die desponsationis illius, & in die letitiæ cordis ejus, p. 31. n. 25.*
- Cap. 6. 9. *Quæ est ista quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol, terribilis ut castrorum acies ordinata? p. 51. n. 44.*
- Cap. 2. 5. *Fulcite me floribus, quia amore langueo, p. 72. n. 65.*
- Cap. 2. 3. *Sub umbra illius quem desideraveram sedi, & fructus ejus dulcis gutturi meo, p. 76. n. 68.*
- Cap. 5. 9. *Qualis est dilectus tuus ex dilecto ò pulcherrima mulierum? p. 83. n. 74.*
- Cap. 4. 23. *Quasi fragmen mali punici, sic genæ tuæ, p. 133. n. 130.*
- Cap. 8. 13. *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuã, p. 153. n. 156.*
- Cap. 4. 8. *Veni de cubilibus Leonum, de mōtibus Pardorum, & coronaberis, p. 162. n. 166.*
- Cap. 8. 6. *Fortis est ut mors dilectio. p. 235. n. 244.*
- Cap. 3. 10. *Media charitate*
- corstravit, p. 267. n. 261.*
- Cap. 2. 1. *Ego flos campi, p. 311. n. 296.*
- Cap. 1. 13. *Fasciculus myrrhae dilectus meus mihi, p. 313. n. 297.*
- Cap. 7. 2. *Venter tuus sicut acervus tritici vallatus lilijs, p. 317. n. 300.*
- Cap. 8. 7. *Aquæ multæ non potuerunt extinguere charitatem, p. 331. n. 311.*
- Cap. 1. 6. *Indica mihi ubi pascas, ubi cubes in meridie, p. 366. n. 343.*
7. *Si ignoras te ò pulcherri-
ma mulierum, abi post vesti-
giagregum tuorū. Ibid.*
- Cap. 4. 9. *Vulnerasti cor meū in uno oculorum tuorum, p. 368. n. 345.*
- Cap. 7. 5. *Caput tuum, sicut Carmelus, p. 362. n. 334.*
- Cap. 5. 2. *Ego dormio, & cor meum vigilat, pag. 371. n. 348.*
- Ex Lib. Sapientiæ.
- Cap. 2. 8. *Coronemus nos Ros antequam marcescant, p. 46. n. 38.*
- Ex Lib. Ecclesiastici.
- Cap. 24. 8. *Gyrum circuiui sola: & omnium excellentium, & humilium corda*

virtute calcavi, pag. 316.
n. 299.

Ex Prophetia Isaiaë.

Cap. 6. 2. *Seraphim stabant, sex ala uni, & sex ala alteri, p. 6. n. 5.*

Cap. 6. 1. *Vidi Dominum super solium excelsum, & elevatum: Sanctus, Sanctus, Sanctus, p. 97. n. 86.*

Cap. 42. 1. *Dedi spiritum meum super eum, & iudicium gentibus proferet, p. 186. n. 194.*

Cap. 63. 5. *Torcular calcavi solus, & de gentibus non est vir mecum, p. 247. n. 242.*

Cap. 1. 6. *A plantæ pedis usque ad verticem non est in eo sanitas, p. 255. n. 249.*

Cap. 63. 1. *Quis est iste qui venit de Edom tintis vestibus, formosus in stola sua? p. 281. n. 272.*

Cap. 25. 8. *Præcipitabit mortem in sempiternum, & auferet Deus lacrymã ab omni facie, pag. 285. n. 275.*

Cap. 53. 2. *Vidimus eum non habentem speciem, p. 305. n. 291.*

Ex Prophetia Jeremie.

Thren. 2. 13. *Magna est enim velut mare contritio tua, p. 213. n. 216.*

Thren. 1. 16. *Idcirco ego plorans, & oculus meus deducens aquas, quia longe factus est à me qui consolabatur me, pag. 222. n. 224.*

Thren. 2. 13. *Magna est enim velut mare contritio tua, p. 337. n. 315.*

Ex Prophetia Ezechielis.

Cap. 1. 19. *Ambulabant pariter: ubi erat impetus spiritus, illuc gratiebatur; & spiritus viæ erat in rotis, p. 200. n. 206.*

Ex Prophetia Danielis.

Cap. 7. 10. *Judicium sedit, & libri aperti sunt, p. 122. n. 114.*

Ex Prophetia Osee.

Cap. 2. 19. *Et erit in die illa, ait Dominus, sponsabo te mihi in fide, & sponsabo te mihi in iustitia, & sponsabo te mihi in sempiternum, p. 2. n. 1.*

Cap. 2. 14. *Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor ejus, p. 209. n. 214.*

Cap. 11. 4. *In funiculis*
Adans

- Adam traham illos, in vinculis charitatis*, p. 311. n. 296.
- Ex Prophetia Zachariæ.
- Cap. 9. 19. *Frumentum electorum*, p. 93. n. 82.
- Cap. 13. 6. *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* p. 281. n. 272.
- Ex Lib. Machab. 2.
- Cap. 11. 8. *Apparuit præcedens eos eques in veste candida, armis aureis, hastam vibrans*, p. 39. n. 32.
- Ex Divo Matthæo.
- Cap. 26. 39. *Si possibile est, transeat à me calix iste*, p. 22. n. 19.
- Cap. 26. 39. *Non sicut ego volo, sed sicut tu: fiat voluntas tua*, p. 24. n. 20.
36. *Venit in villam, quæ dicitur Gethsemani*, p. 26. n. 21.
39. *Progressus est pusillum*, Ibid.
40. *Et venit ad Discipulos suos*, Ibid.
- Cap. 13. 46. *Inventa una pretiosa margarita vendidit omnia, quæ habuit, & emit eam*, p. 47. n. 39.
- Cap. 5. 12. *Gaudete, & exultate, quoniam merces ue-*
- stra copiosa est in Cælis*, p. 48. n. 40.
- Cap. 24. 20. *Tunc apparebit signum filij hominis*, p. 75. n. 67.
- Cap. 1. 20. *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis*, p. 101. n. 91.
- Cap. 4. 11. *Ecce Angeli accesserunt, & ministrabāt ei*, Ibid.
- Cap. 4. 19. *Faciam vos fieri piscores hominum*, pag. 126. n. 120.
- Cap. 8. 61. *Quid tibi, & nobis fili Dei? Venisti huc ante tempus torquerenos?* p. 140. n. 138.
- Cap. 27. 8. *In sepulturam peregrinorum, quia pretium sanguinis est*, p. 152. n. 154.
- Cap. 26. 58. *Sequebatur eum à longe*, p. 169. n. 174.
- Cap. 19. 28. *Sedebitis & vos judicantes*, pag. 180. n. 189.
- Cap. 6. 33. *Querite primum regnum Dei, & justitiam ejus, & hæc omnia adjicietur vobis*, p. 193. n. 214.
- Cap. 24. 28. *Ubi cumque fuerit corpus, ibi congregabuntur & Aquilæ*, p. 230. n. 229.
- Cap.

Cap. 24. 30. *Tunc apparebit
signum Filij hominis, pag.*
238. n. 236.

Cap. 8. 14. *Ipse vero dor-
miebat, p. 259. n. 253.*

Cap. 3. 9. *Potens est Deus
de lapidibus istis suscitare
filios Abrahamæ, pag. 275.
n. 267.*

Cap. 27. 29. *Et genu flexo
ante eum illudebant ei,
p. 293. n. 283.*

Cap. 28. 54. *Verè Filius Dei
erat iste, p. 309. n. 294.*

Cap. 9. 35. *Circuibat omnes
Civitates prædicans Evã
gelium, p. 316. n. 299.*

Cap. 26. 8. *Ut quid perditio
hæc? p. 333. n. 312.*

10. *Bonum enim opus ope-
rata est in me, p. 336. n. 313.*

Cap. 19. 17. *Si autem vis ad
vitam ingredi, serva mã-
data, p. 344. n. 319.*

Cap. 19. 28. *Sedebitis &
vos judicantes, pag. 111.
n. 99.*

Cap. 6. 21. *Ubi est thesau-
rus tuus, ibi est & cor tuũ,
p. 372. n. 348.*

Ex Divo Marco.

Cap. 11. 13. *Non erat tem-
pus ficorum, p. 138. n. 136.*

Cap. 14. 33. *Cæpit pavere,*

& tædere, p. 235. n. 234.

Cap. 10. 48. *At ille multo
magis clamabat, p. 286.
n. 275.*

Ex Divo Luca.

Cap. 10. 39. *Et huic erat so-
ror nomine Maria.*

40. *Martha autem satage-
bat, p. 11. n. 9.*

Cap. 1. 29. *Cogitabat qualis
esset ista salutatio, conse-
rens in corde suo, p. 50.
n. 42.*

Cap. 18. 13. *Nolebat ocu-
los ad Cælum levare, p. 136
n. 133.*

Cap. 7. 38. *Stans retro secu-
pedes Domini, lacrymi
cæpit rigare pedes ejus
p. 136. n. 133.*

47. *Remittuntur ei pecca-
ta multa, Ibid.*

Cap. 1. 26. *Missus est Ange-
lus, p. 101. n. 91.*

Cap. 22. 43. *Apparuit An-
gelus de Cælo confortans
eum, p. 101. n. 91.*

Cap. 2. 3. *Facta est cum An-
gelo multitudo militia Cæ-
lestis, p. 105. n. 95.*

Cap. 23. 50. *Tenebræ factæ
sunt super universam ter-
ram, p. 79. n. 70.*

Cap. 23. 50. *Et ecce vir erat.*

- nomine Joseph , qui erat
Decurio, vir bonus, & ju-
stus, p. 150. n. 151.
- Cap. 6. 42. Ejice primum
trabem de oculo tuo, p. 193
n. 214.
- Cap. 2. 15. Et tuam ipsius
animam pertransibit gla-
dius, p. 224. n. 225.
- Cap. 2. 24. Ecce positus est
hic in ruinã, & in resurre-
ctionem multorum, & in
signum cui contradicetur,
p. 223. n. 231.
- Cap. 15. 20. Cecidit super
collum ejus, & osculatus
est eum, p. 242. n. 238.
- Cap. 40. 10. Amice, ad quid
venisti? p. 256. n. 250.
- Cap. 23. 36. Et genu flexo
ante eum illudebant ei,
p. 279. n. 270.
- Cap. 7. 38. Lacrymis cœpit
rigare pedes ejus, p. 286.
n. 275.
- Cap. 10. 1. Designavit Do-
minus & alios septuagin-
ta duos, p. 293. n. 282.
- Cap. 23. 47. Verè hic homo
justus erat, p. 309. n. 294.
- Cap. 23. 25. Tradidit eum
voluntati eorum, p. 317.
n. 300.
- Cap. 21. 10. Tunc videbunt
Filius hominis, pag. 324.
n. 304.
- Cap. 24. 12. Vidit linteami-
na posita, p. 335. n. 313.
- Cap. 12. 37. Amen dico vo-
bis, quod præcinget se,
p. 336. n. 313.
- Cap. 2. 35. Tuam ipsius ani-
mam pertransibit gladius,
p. 340. n. 316.
- Cap. 1. 15. Spiritu Sancto
replebitur adhuc ex utero
matris suæ, p. 352. n. 324.
- Cap. 1. 15. Erit enim mag-
nus coram Domino, Ibid.
17. Et ipse præceat ante
illum in spiritu, & virtu-
te Eliæ, p. 353. n. 324.
- Ex Divo Joanne.
- Cap. 20. 12. Et vidit duos
Angelos, p. 7 n. 5.
- Cap. 18. 4. Sciens omnia
quæ ventura erant super
eum processit, p. 12. n. 18.
- Cap. 19. 10. & 11. Nescis
quia potestatem habeo cru-
cifigere te? Non haberes
potestatem adversus me ul-
lam, nisi tibi datum esset
desuper. p. 23. n. 19.
- Cap. 5. 22. Pater non judi-
cat quemquam, sed omne
judiciũ dedit Filio, p. 117.
n. 108.

- Cap. 11. 36. *Ecce quomodo amabat eum, p. 80. n. 72.*
- Cap. 20. 12. *Vidit duos Angelos sedentes. p. 101. n. 91.*
- Cap. 3. 16. *Ut Filium suum unigenitum daret, p. 15. n. 94.*
- Cap. 11. 33. *Infremuit spiritu, & lacrymatus est Jesus, p. 149. n. 150.*
- Cap. 13. 35. *In hoc cognoscent omnes quia discipuli mei estis, si dilectionem habueritis ad invicem, p. 152. n. 154.*
- Cap. 20. 4. *Currebant pariter, praecurrit citius Petro, & venit prior ad monumentum, p. 169. n. 174.*
- Cap. 1. 9. *Erat lux vera, quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum, p. 179. n. 188.*
- Cap. 19. 54. *Exiit sanguis, & aqua, p. 212. n. 216.*
- Cap. 20. 11. *Stabat ad monumentum foris plorans, p. 221. n. 223.*
- Cap. 18. 4. *Sciens omnia quae ventura erant super eum, processit, & dixit: Quem quaeritis? pag. 256. n. 250.*
- Cap. 2. 21. *Loquebatur de templo corporis sui, p. 266. n. 260.*
- Cap. 18. 36. *Regnum meum non est de hoc mundo, pag. 279. n. 270.*
- Cap. 8. 11. *Ego sum lux mundi, p. 111. n. 100.*
- Cap. 19. 12. *Qui se Regem facit contradicit Casari, p. 280. n. 270.*
- Cap. 20. 28. *Dominus meus, & Deus meus, pag. 311. n. 296.*
- Cap. 6. 56. *In me manet, & ego in illo, p. 313. n. 297.*
- Cap. 2. 1. *Ipse enim salvum faciet populum suum, pag. 319. n. 301.*
- Cap. 5. 7. *Non habeo hominem, p. 322. n. 303.*
- Cap. 19. 17. *Et bajulans sibi Crucem, exiit in eum, qui dicitur Calvariae, locum: ubi crucifixerunt eum, p. 327. n. 306.*
- Cap. 3. 16. *sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret, p. 332. n. 311.*
- Cap. 13. 4. *Luteo praecinxit se, p. 336. n. 313.*
- Cap. 19. 54. *Exiit sanguis, & aqua, pag. 338. n. 315.*

- Cap. 21. 20. *Supra pectus Domini*, p. 368. n. 345.
 Ex Lib. Actorum.
- Cap. 2. 3. *Apparuerunt dispersitæ linguæ tanquam ignis, seditque super singulos eorum*, p. 74. n. 66.
Apparuerunt, &c. pag. 94. n. 84.
- Cap. 1. 10. *Ecce duo viri asciterunt juxta illos*, p. 102. n. 91.
- Cap. 2. 2. *Et replevit totam domum ubi erant sedentes*, p. 111. n. 99.
3. *Et apparuerunt dispersitæ linguæ tanquam ignis*, p. 180. n. 188.
- Cap. 9. 3. *Circumfulsit eum lux de Cælo*, p. 316. n. 299.
- Cap. 20. 22. *Vado in Jerusalem* : & nunc ecce ego scio quia amplius non videbitis faciem meam, p. 237. n. 235.
 Ex Epistola D. Pauli ad Corinthios 2.
- Cap. 6. 9. *Quasi morientes, & ecce vivimus*, pag. 14. n. 11.
- Cap. 6. 2. *Eccenunc tempus acceptabile: ecce nunc dies salutis*, p. 129. n. 124.
- Cap. 11. 33. *Per fenestram*
- dimissus sum, & sic effugi manus ejus*, p. 237. n. 235.
- Cap. 4. 17. *Æternum gloriæ pondus*, p. 297. n. 285.
- Cap. 12. 1. *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio*, p. 365. n. 341.
4. *Et vidi arcana Dei, quæ non licet homini loqui*, Ibid.
- Ex Epist. ad Ephesios.
- Cap. 6. 7. *Facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes sicut Domino, & non hominibus*, p. 16. n. 12.
- Cap. 4. 9. *Descendit primiti in inferiores partes terræ*, p. 152. n. 154. & p. 167. n. 171.
- Ex Epist. ad Colossens.
- Cap. 2. 9. *In ipso inhabitat plenitudo divinitatis* pag. 266. n. 260.
- Cap. 1. 24. *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi in carne mea*, p. 319. n. 302
- Ex Epist. ad Galat.
- Cap. 2. 20. *Vivo ego jam non ego, vivit vero in me Christus*, p. 358. n. 328.
- Cap. 6. 14. *Mundus mihi crucifixus est, & ego mundo*, p. 361. n. 333.

Ex Epist. ad Hebræos.

Cap. 13. 17. *Obedite præpositis vestris, & subjacete eis, p. 16. n. 12.*

Cap. 1. 6. *Et cum iterum introduxit pr. mo genitum in orbem terræ, dicit, adorent eum omnes Angeli Dei, p. 104. n. 94.*

Cap. 9. 4. *In qua virga Aaron quæ fronduerat, p. 299 n. 87.*

Ex Epist. D Petri 1.

Cap. 2. 24. *Peccata nostra ipse pertulit in corpore suo super lignum, pag. 339. n. 316.*

Ex libro Apocalypsis.

Cap. 18. 16. *Et duodecim portæ duodecim margaritæ sunt, & singulæ portæ erant ex singulis margaritis, pag. 49. n. 42.*

Cap. 12. 1. *Signum magnum apparuit in Cælo: mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum duodecim, pag. 52. n. 45.*

Cap. 7. 14. *Laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine agni, pag. 67. n. 62.*

Cap. 5. 9. *Dignus est Domi-*

ne Deus accipere librum, & aperire signacula ejus, quoniã redemisti nos Deo in sanguine tuo. pag. 70. n. 62.

Cap. 12. 7. *Michael, & Angeli ejus præliabantur cū Dracone, pag. 101. n. 90.*

Cap. 15. 2. *Et vidi tanquam mare vitreũ mixtum igne, pag. 171. n. 177.*

Cap. 11. 14. *Raptus est filius ejus, & datæ sunt mulieri alæ duæ Aquilæ magnæ, & mulier fugit in solitudinem, p. 215. n. 218.*

Cap. 8. 12. *Et percussa est tertia pars solis, pag. 257. n. 251.*

Cap. 11. 1. *Et datus est mihi calamus similis virgæ, pag. 311. n. 296.*

Cap. 1. 5. *Qui lavit nos à peccatis nostris in sanguine suo, pag. 332. n. 312.*

Cap. 7. 17. *Et absterget Deus omnẽ lacrymam ab oculis eorum, pag. 337. n. 315.*

Cap. 4. 6. *Et in conspectu sedis tãquam mare vitreum simile crystallo, pag. 337. n. 315.*

Cap. 4. 11. *Dignus est agnus*

accipere gloriam, & honorem, p. 337. n. 315.

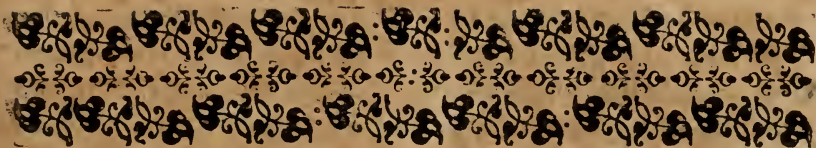
Cap. 12. 1. Signū magnū apparuit in Cælo, mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarum duodecim, & in utero habens,

pag. 103. n. 93.

Cap. 14. 4. Sequūtur agnum quocumque ierit: virgines enim sunt, pag. 357. n. 328.

1. Et vidi, & ecce Agnus stabat supra montē, pag. 374. n. 351.





INDEX

Das cousas mais notaveis.

A

A Agua com que na ba-
cia lavou Christo os
pés dos Discipulos, foy a
dem nstração mais evi-
dente da valentia de seu
amor, pag. 65. n. 58.

Alexandre mostrou o ma-
yor valor em que sendo
avifado que o querião
matar com veneno, não
obstante o fabelo, poz a
taça à boca, pag. 237. n.
235.

Afrontas tanto mais se fen-
tê, quanto mais se publi-
cação, pag. 302. n. 289.

A alma que se consagra a
Deos arrebatada do seu
affecto, mas ignorante do
seu sacrificio, em tal caso

ferà o sacrificio fino, mas
não o mais refinado,
pag. 29. n. 23.

A's Almas do Purgatorio tẽ
obrigação de soccorrer
todos os que vivem nes-
te mundo, pag. 148 n.
146. E có mais particu-
laridade os Christãos tẽ
esta obrigação, p. 151. n.
154. Os q̃ são da mesma
patria, & da mesma na-
ção são mais obrigados a
soccorrer có seus suffra-
gios as Almas do Purga-
torio, q̃ forẽ da mesma
nação, & da mesma pa-
tria, p. 155. n. 157. Ainda
sobe de ponto esta obri-
gação da lembrança das
Almas nos que foraõ a-
migos nesta vida, p. 157.
n. 159. Mayor he ainda a

- obrigação que tem os parentes na lembrança das Almas dos seus parêtes, p. 162. n. 165.
- Amizade verdadeira nam acaba com a vida, segue a alma, & continúa depois da morte, pag. 158. n. 159.
- Amar a hum amigo não he fineza, he obrigação; mas amar a hum inimigo, essa he a fineza, p. 76. n. 67.
- Amar, & temer saõ termos que se contradizem, p. 236. n. 234.
- Amor, o seu mayor requinte he buscar o martyrio conhecendo o que se busca, p. 17. n. 13.
- Amor perfeito inteiramente, he aquelle que não pôde ser mais do que he, p. 65. n. 54.
- Amor, he hum affecto tam alentado, que o não acovarda nenhum perigo, pag. 235. n. 234. De amor que se principia pôde duvidarse, mas não de amor que continúa, pag. 72. num. 65. Não se conhece o amor tam certamente quando se diz que he, senão quando se diz que foy, p. 80. n. 71. He o amor hum peso, & para onde este propende, para ahi se inclina o amante, pag. 241. n. 238. He o amor huma inclinação natural ao bem que se ama, pag. 242. n. 238. O amor he como o bem, porque assim como o bê se não conhece senão depois de perdido; assim tambem se não cre, nem se conhece o amor senão depois de passado, p. 81. n. 72.
- Amor de Christo, sempre perigou o seu credito no conhecimêto dos homens, p. 63. n. 55.
- A mayor prova do seu amor esteve em livrar aos homens das suas culpas, p. 66. n. 60.
- Mais se acreditou de extremo em tomar a si as mesmas culpas, p. 69. n. 62. O final mais evidente do amor de Christo foy a instituição do Sacramento do Altar, p. 70. num. 63. Ainda foy mais evi-

evidente final do que o Sacramento a sua Cruz, p. 75. n. 67. E sobre tudo, o final mais evidente do amor de Christo foy o Santo Sudario, pag. 79. n. 71. E o porque, p. 81. n. 73.

Amor de Christo he tam agigantado nas forças, que outro qualquer amor a seu respeito parece menino, p. 235. n. 234.

Anjos, o que faz hum Anjo para o serviço de Deos, faz Christo no Sacramento para beneficio dos homens, pag. 93. n. 83. Os Anjos nos ensinaõ os respeitos devidos, & os amorosos termos com q̄ devemos servir, & adorar a Deos sacramentado, p. 95. n. 86. O empenho dos Anjos pelejando com Lucifer, foy defender a veneraçam do Sacramento, pag. 100. n. 90. Todos os Anjos serviraõ a Christo no deserto, & a razaõ porque, p. 101. n. 91. & seq.

Todos os Anjos formaraõ hum luzidissimo exerci-

to, quando Christo nasceo, & se puzeraõ todos em campo a som de guerra, & porque, p. 105. n. 95. & seq.

Arvore da vida, representa a Cruz, & paixãõ de Christo, p. 230. n. 229.

Architectura, nas suas leys saõ termos oppostos destruir, & levantar; mas nas leys da impiedade, fazer, & destruir vem a ser o mesmo, pag. 265. n. 259.

B

Bautista, o remate das suas excellencias foy o professar a vida, & instituto do grande Patriarcha Elias, p. 353. n. 324.

Batalha do Paraiso se representou no deserto dõde Christo foy tentado do Demonio, pag. 102. n. 92.

A batalha q̄ houve no Ceo entre S. Miguel, & Lucifer foy sobre o divino Sacramento, pag. 103. n. 93.

C

CHagas em hum corpo ferido são bocas, & no corpo de Christo foraõ linguas, pag. 259. n. 252.

Christo padeceo a morte fugeitandose a obedecer não só à vôtade de Deos, senão tâbê à vôtade dos homens, pag. 23. n. 17.

Christo, mais triufante parece em quanto sacramentado na terra, do q̄ em quanto glorioso no Ceo, pag. 38. n. 31.

Christo foy duas vezes dado ao mundo, & o como, pag. 104. n. 94. As razões porque o Propheeta Malachias chama a Christo Sol de justiça no Oriente, & não no meyo dia, ou no occaso, pag. 115. n. 105. & seq.

Christo chorando, & com os olhos no Ceo pedindo, & rogando por Lazaro morto, representa a hũ Christão rogando a Deos pelas almas, pag. 159. n. 161.

Christo na Cruz esteve co-

mo Redemptor, & como Juiz, pag. 188. n. 196.

A sua paixão santissima he a materia que mais lastimosamente nos deve sollicitar os sétimétos, pag. 230. n. 229. Na paixão do Senhor admirou novamente a natureza muitas repugnancias da razão, pag. 231. n. 230.

Acontradição de q̄ trata S. Paulo na paixão de Christo, he sem duvida o não concorrerem os homens de sua parte cô os merecimentos da paixão do Senhor, p. 232. n. 231. Como se entêde ser Christo Redéptor de todo o mûdo, & não ser Redemptor de todo o mundo, p. 232. n. 231. O não cooperarem os homens para o bem de sua salvação, he huã contradição universal a todos os passos da paixão de Christo, & a mayor que o Senhor padeceo, pag. 234. n. 233.

Christo no passo do Horto, a primeira contradição que teve, foy aquella mes-

- mesma repugnancia que começou a sentir, temendo o Caliz que havia de passar, pag. 235. n. 234. O temor que Christo teve no Horto foy argumento da sua mayor valentia, pag. 236 n. 234.
- Christo no Horto debruçou-se sobre a terra com o peso das culpas dos homens, pag. 239. n. 237.
- Christo no Horto postrado sobre a terra, foy, porque não tinha só sobre seus hombros a carga de nossos peccados, senão também porquetingha em seu peito o peso de seu amor, pag. 241. n. 238.
- Christo postrado por terra no Horto, mostrou a valentia de seu amor, pag. 242. n. 238.
- Christo no Horto suou copiosamente sangue cõ o peso de nossas culpas, & com o peso de seu amor, p. 243. n. 239. O temor de Christo no Horto recolhio o sangue ao coração, & seu amor o liquidou para o suar, pag. 243. n. 239.
- Christo suou sangue no Horto para mostrar, q̃ mais se havia de derramar por forza de seu amor, que por violencia dos homens, pag. 245. n. 240.
- Christo, na petição que fez a seu Eterno Pay no Horto, não recusou o preceito; o que pedia era que bebessem também os homens daquelle caliz, p. 245. n. 241. O mayor tormêto entre todos, quãtos padeceo Christo em satisfação de nossas culpas, foy o não cooperarem todos os homens cõ os merecimentos de sua paixão santissima, p. 246. n. 242. Os tormêtos que Christo padeceo em sua paixão tiverão fim; porém o tormento, & a dor de não cooperarem os homens com os merecimentos dessa paixão está sempre presente, p. 248. n. 243. Parece que não coube no entendimento de Christo o tormento dos açoutes, pag. 257. n. 251. Os Evâgelistas sus-

penderaõ a penna no tormento dos açoutes de Christo , porque os suspendeo a admiração, p. 254. n. 248.

Christo no tormento dos açoutes se houve cô tanto silencio, & com tanto sofrimento, como se realmente o não sentisse, pag. 258. n. 252. O não queixarse Christo do tormento dos açoutes, não só foy sofrimento de dores, senão ambição de penas, p. 260. n. 253.

Christo não só amou aos homens, mas também até as mesmas dores que padecia por elles amou, p. 260. n. 253.

Christo era hum sumptuoso edificio da divina misericordia, & hũ magnifico palacio do divino amor, p. 266 n. 260.

Christo crucificado, he hũ sagrado para os peccadores, p. 269. n. 262.

Christo atado à coluna parece que mais propriamente se deve chamar nosso refugio, pag. 269. n. 262.

Christo em tanto he verdadeiro Rey, em quanto he verdadeiro Salvador, p. 280. n. 271. A purpura sobre os hõbros de Christo como Salvador estava tam longe de ser contradicção, que antes estava segurando o ser Rey verdadeiro, pag. 281. n. 271. Nem o sceptro de cana foy contradicção ao titulo de Rey, por ser Christo Rey a titulo de Salvador; mas antes desdiffera, senão fora o sceptro de cana, p. 284. n. 274. Não só nao foy a coroa de espinhos contradicção ao titulo de Rey, senão, que a melhor prova desse titulo foy a coroa de espinhos, p. 288. n. 277.

Christo coroou se de espinhos por despojar ao Demonio dessa coroa, p. 290 n. 279. A coroa de espinhos servio a Christo de gloria, & credito, p. 290. n. 280. A razão porque a coroa de espinhos de Christo se compoz do numero de setêta & dous espinhos, p. 292. n. 282.

Padeceo Christo verdadeira contradicção na adoração sacrilega , que lhe fizeram os Judeos, p. 293. n. 289.

Christo na sua paixão santissima padeceo tanto sobre as forças de homem, que nisto mesmo mostrou que era mais do que homem, p. 305. n. 291.

Christo no que padeceo mostrou que era Deos, p. 309. n. 294. As insignias com que Christo appareceo no Pretorio de Pilatos todas são divizas de Deos, p. 311. n. 296.

Christo com o titulo de *Ecce homo* he o que mais propriamente nos procura ter dentro de si, & a quem nós mais devidamente havemos de ter dentro em nós, pag. 314. n. 298. Sendo Christo o Salvador de todos os homens , ha de ser o fiscal daquelles homens que se não arrependere de suas culpas, pag. 318. n. 301. Desde o tormento dos açoutes de Christo he q̃ começaraõ a ter as almas

dos homens onde esconderse , & homiziar-se da justiça de Deos , p. 267. n. 261. Para Christo ser Salvador de nossas almas, he certo que não bastão as dores que elle padeceo por nós , senão que da nossa parte he necessario dor do muito que o offendemos, p. 319. n. 302

Christo com a Cruz às costas na rua da amargura padeceo quatro contradicções em quatro encontros q̃ teve, p. 329. n. 308. O encontro da Senhora foy a primeira contradicção, que padeceo Christo na rua da amargura , pag. *ibid.* n. 309. Venceo Christo a contradicção , que as lagrimas da Senhora lhe fazião no encontro da rua da amargura , & aqui mostrou a mayor fineza de seu amor, pag. 331. n. 310.

Christo a segunda contradicção que teve na rua da amargura, foy o encôtro daquella devota mulher chamada Veronica, pag. 333. n. 312.

Christo na justificação de nossas almas não conserva lembranças, nem de nossas culpas, nem de suas piedades, senão só de nossas finezas, & de suas obrigações, pag. 335. n. 313.

Christo a terceira contração que teve na rua da amargura, foy o encôtro das filhas de Jerusalem, pag. 336. n. 314. Os passos de Christo se se devê applaudir como nosso remedio, tâbem se devê chorar como sua paixão, pag. 337. n. 314.

Christo a quarta contração que padeceo na rua da amargura, foy o encôtro de Simão Cyreneo, pag. 340. n. 317. Para Christo ser Salvador morrendo, não necessita da companhia dos homens; mas para Christo ser Salvador carregando a Cruz, tem necessidade da companhia dos homens, porque os homens são obrigados a tomar sobre si a Cruz da penitencia pag. 341. n. 317.

Cruz, a de Christo foy o melhor final de seu amor, pag. 75. n. 67. A fineza da Cruz foy tão patente, que não sómente a adora a Fè, senão tâbem que a reconhece a razão, pag. 77. n. 68. A Cruz he o brazão, & o estendarte de Christo, pag. 238. n. 236.

Compra. Mais proprio he o comprado, do que o q foy offerecido, pag. 10. n. 8.

Colúna, a de nuvé do deserto era figura da columna em que Christo foy agoutado, pag. 269. n. 262.

Confissão, a sacramental se representava no lavatorio que Christo fez aos pès dos Discipulos, pag. 66. n. 59. Para a Confissão podem concorrer duas sortes de pejo, pag. 133. n. 129. Os perigos que tem o dilatar a Confissão para a hora da morte, pag. 139. n. 137. A Confissão de boca sem a verdade do coração, he contradizer ao preço do fan-

sangue de Christo, pag. 295. n. 284.
Contrição, tendo nós a verdadeira, & verdadeiro arrependimento de nossas culpas, então teremos a Christo de nossa parte; & de outra maneira nada nos aproveitará os seus merecimentos, pag. 321. n. 303.
Corações, se sobre os empedernidos cair o sangue de Christo, que fruto se poderá colher de seu tantissimo sangue, pag. 271. n. 264. Para os corações de pedra, não sómente o sangue de Christo não servirá de remedio, senão que servirá de naufragio, pag. 273. n. 265.
Culpas, os que cometem culpas sobre culpas, pede Christo a seu Eterno Padre seja riscados do livro da vida, pag. 263. n. 257. A repetição das nossas culpas ja não parece tanto confiança da misericordia de Deos, quanto porfia da nossa temeridade, pag. 264. n.

258. Para se alimparem as manchas de nossas culpas, primeiro Christo as deve tomar em si; mas depois nós as devemos alimpar em Christo, pag. 334. n. 312. Mayor mal he o mal da culpa, do que o mal da pena, pag. 172. n. 179.

D

David em chorar a morte de Abtalão mostrou o mayor excesso de sua piedad, p. 161. n. 164.
Deos, se governara ao mundo sómente com os rigores de sua justiça, sem as blanduras da sua misericordia, não faz duvida q se destruirea o mundo todo, pag 116. n. 106. Mostra Deos na mesma acção a sua misericordia, & a sua justiça para remedio dos homés, p. 197 n. 195. Por vêtura q para a justificação de sua justiça disponha Deos as esperas de sua misericordia,

dia , pag. 264. n. 258.

Dos mesmos erros de
nossa malicia quer tirar

Deos os acertos do nosso
remedio, pag. 266. n. 260.

Deos he tão piedoso, que
costuma moverse a huã
lagrima, & a hũ só suspi-
ro nosso, pag. 286. n. 275.

Na conquista de nossas
almas ha-se Deos segũdo
a mayor, ou menor resis-
tencia dellas , pag. 315.
n. 299.

Desposorio , quando cõ
Deos se desposaõ as al-
mas em a terra, he o ma-
yor dia para o Ceo, pag.
2. n. 1. Quando duas Ir-
mãs se desposaõ com
Christo, logrãõ a seme-
lhãça das suas mais pro-
prias Esposas, pag. 8. n. 7.

Desposados , a propriedade
dos verdadeiros , he ser
diversos convertidos no
mesmo, ser dous tranf-
formados em hum, pag.
356. n. 327.

Demonio faz troféo de
nossos males , & se coroa
de nossos castigos , pag.
289. n. 279.

E

ENtendimento. Quem
nasceo para mais entê-
der, nasceo para mais sê-
tir pag. 213 n. 217. Quê
se descuida de Deos para
empregar todo o enten-
dimento em si , naõ tem
entendimento ; & só té
entendimento, quem se
descuida de si para o em-
pregar em Deos , pag.
365. n. 340.

Esposas. Nas de Jacob re-
presentou Deos as duas
mais proprias Esposas de
Christo , pag. 9. n. 8. As
duas mais proprias Espos-
as de Christo saõ as suas
duas Igrejas Militante,
& Triunfante, *Ibid.* Lia
como esposa representa-
va a Igreja Militante, &
Rachel a Triunfante,
Ibidem.

F

Filhos se devem todo o
respeito, & todo o a-
mor aos pays em quanto

vivos, muito mais o devem ter depois de mortos, p.165. n.169.

quanto ha he nada, porque a divina graça he a que dà vida, & valor a tudo, p.194. n.201.

G

Governo, em todo o mundo nam pôde haver Rêpublica maisbem governada do que aquella que vio Ezechiel representada nos quatro animaes, que tiravaõ pelo carro de Deos, p. 199. n. 206.

Golpes, os dos açoutes no sagrado corpo de Christo, foy romper aquelle edificio para abrir portas, & franquear a entrada, pag. 267. n. 260. Os que deo Moyses com a vara na pedra do deserto, foy huma figura geroglifica do tormêto dos açoutes que Christo havia de padecer, pag. 271. n. 263. Com os golpes da vara de Moyses teve a pedra do deserto duas notaveis mudanças, pag. 275. n. 267.

Graça, sem a de Deos tudo

H

Homens, he nelles tam devida a obrigação da lembrança dos defuntos, que atè nos barbaros se acha, pag. 150. n. 152. A falta da cooperação da sua parte, he hũa contração manifesta que fazem aos merecimentos de Christo, p. 232. n. 233. Vivem os homens carregados de culpas sem sentirem o peso com que vivem, & ainda sem repararem em materias de tanto peso, p. 240. n. 237. Assim vivem esquecidos de si mesmos, como se não carregaraõ tam grave peso, qual he o do peccado, p. 241. n. 237. Ha genios de homês, que o seu destruir, esse só he o seu fazer, p. 266. n. 259. Mostra o homem que he mais que homem, no so-

frimento, & paciência cõ
q̃ padece, p. 307. n. 292.

I

Jacob comprou as suas
duas esposas com os seus
mercimentos, pag. 10.
n. 8.

Igreja Militante se repre-
sentava em Lia, & a
Triunfante em Rachel,
p. 9. n. 8. As suas duas
Igrejas comprou Christo
com o seu proprio san-
gue, p. 10. n. 8. As duas
Igrejas Triunfante, &
Militante são irmãs, &
filhas do mesmo Deos,
p. 11. n. 9. A Igreja Ca-
tholica ficou com effeito
certa, & inteirada do a-
mor de Christo à vista
do seu Santissimo Suda-
rio, p. 83. n. 74. A diviza
da Igreja Catholica, he
occupar-se toda em bene-
ficios dos mortos, p. 153.
n. 155.

Jerusalem gloriosa repre-
senta a Igreja Triunfan-
te, & a hũa alma colloca-
da no Ceo; Jerusalem

perseguida representa a
Igreja Militante, & a
huma alma padecendo
na terra, p. 146. n. 147.

Irmaõs da Irmandade dos
Santissimos Passos de
Christo são os mais obri-
gados à lembrança das
almas dos seus Irmaõs,
p. 166. n. 171.

Justiça se pinta com tres
propriedades, ou divizas
da sua rectidão, p. 113.
n. 102. A razão porque
se pinta a Justiça com
huma espada, & não com
hum cutelo, pag. 114.
n. 104. A Justiça ha de
ser como rayo da luz.
Ibidem Tem a Justiça na
mão esquerda huã balan-
ça, & que significa, pag.
119. n. 111. A circumstã-
cia da pressa he proprie-
dade da Justiça, pag. 120.
n. 113. A terceira diviza
da Justiça he huã venda
nos olhos, pag. 124. n.
118. A Justiça não deve
olhar para as pessoas, &
só deve attender para as
causas, pag. 125. n. 118.

L

L Agrimas presentes são sinaes daquelle amor, que ja he passado, pag. 81. n. 72. São as lagrimas nas horas da ausencia, ou correynos da alma, que costuma enviar o sentimento; ou fiadores do sentimento, que costumão abonar huã alma, pag. 212. n. 216.

Lagrimas discretamente choradas bem mostram que são lagrimas do entendimento, pag. 216. n. 220. As lagrimas são o thesouro dos olhos, pag. 220. n. 222. As com que hãvemos de chorar as nossas culpas, não hão de ser lagrimas de passagê, senão permanentes, pag. 321. n. 302. Para serem as nossas lagrimas de agrado para Christo, não devem ser só de lastima, & compaixão de suas dores, senão de dor, & arrepêdimêto de nossas culpas, pag. 339. n. 316.

Lazaro entre os horrores da sepultura representa huã alma ligada entre as penas do Purgatorio, pag. 159. n. 161.

Longuinhos ferindo o peito de Christo no Calvario, era huma figura do amor, pag. 244. n. 240.

Luz, he a sua propriedade o ser benigna, pag. 113. n. 103.

M

M Aria Santissima em a sua soledade ficou tributaria de sua dor, pag. 206. n. 211. O coração da Senhora foy a parte mais saudosa, & mais magoada que teve em a sua soledade, pag. 208. n. 213.

Revelou a Santa Brigida, que na sua soledade foy tão cruel o tormento, que padeceo seu coração, que esteve quasi a ponto de estalar, pag. 210. n. 215. No coração da Senhora em a sua soledade se ajuntarão por affecto

todos os tormentos , todas as dores , & todos os martyrios , que Christo padeceo por realidade , pag. 210. n. 214. A parte mais executada pelo tributo das lagrimas , foy o coração da Senhora , pag. 211. n. 216. A soledade da Senhora se representou naquella lança que ferio o lado de Christo no Calvario , pag. 212. n. 216. O coração de Christo trespassado com a lança no Calvario , representava o coração da Senhora na soledade , pag. *Ibidem*. O entendimento da Senhora foy o principal tributario das suas lagrimas , & das suas saudades , pag. 213. n. 217. Hum dos tormentos que padeceo a Senhora em a sua soledade foy a consideração da morte , & circunstancias , que agravarão a paixão do Senhor , pag. 214. n. 218. Padeceo a Senhora em a sua soledade com todos os sentimentos de entendi-

da , pag. 215. n. 218 O tributo das lagrimas , & saudades da Senhora na sua soledade só o pagarão os olhos , pag. 219. n. 222. A Senhora não chorou ao pé da Cruz , sendo que derramou tantas lagrimas na Cruz da sua soledade , p. 220. n. 223. A Arca do Testamento entre as aguas do Jordão , representava a Senhora entre as aguas de feu pranto no deserto da sua soledade , pag. 222. n. 224. Toda a Alma Santissima da Senhora foy a que pagou inteiramente todo o tributo da soledade , pag. 223. n. 225.

Santa Maria Magdalena de Pazzi , o ser filha da Religião do Carmo he a sua mayor excellencia , pag. 352. n. 323. Foy amate sem sentidos proprios , & foy amante cõ os sentimentos de Christo , pag. 367. n. 343. Quiz Christo corresponder ao entendimento de Magdalena de Pazzi , & lhe

lhe pagou com-lhe dar o seu coração, pag. 368. n. 345. Entre Magdalena, & Christo parece que se não percebe distincção, pag. 358. n. 328. De tal maneira quíz estar unida com Christo com todos os sentidos, que parecia crucificada, & pregada no mesmo Crhisto, pag. 361. n. 333.

Maro que vio S. João em seu Apocalypse diante do Trono do Cordeiro, a razão porque era de vidro, & de cristal, pag. 339. n. 316.

Martyrio, o mais arduo del- le não consiste no morrer, senão em estar morrendo, pag. 13. n. 11. O heroico do martyrio cõ- siste em padecer por vôtade propria, o que quer executar a vôtade alhea, pag. 14. n. 12.

S. Miguel foy o Anjo q no Paraíso defendeo o fruto da Arvore da vida, & no Ceo a veneraçõ do Divino Sacramento, pag. 100. n. 90.

Ministros tanta obrigação

tem de examinar cõ ponderação as causas, quanta he dar com pressia expediencia a ellas, pag. 121. n. 114. A mayor obrigação dos Ministros da Justiça he viver, & conservar-se na graça do Espirito Santo, pag. 192. n. 200. O mayor cuydado dos Ministros he viver na graça dos Principes, pag. 196. n. 203. Qual importa mais a hum Ministro, a graça de Deos, ou a graça do Principe? pag. 197. n. 204.

Mortos, a piedade que se té com elles se lhes deve de justiça, pag. 149. n. 151.

Morte temela, & buscála essa he a mayor valentia, pag. 238. n. 235.

N

NUmero de dez, he caminho para a nossa salvação, pag. 344. n. 319. Christo, & o mundo cõpoem o numero de dez, o mundo he a cifra, Christo he hum; o mundo sé

Christo, não val nada ,
Christo sem o mundo he
só hum, pag. 345. n. 319.

O

O Dio depois da morte,
nem aos inimigos se
deve ter, pag. 161. n. 164.

P

P Araiso , nelle plantou
Deos a Arvore da vida,
& junto a ella plantou
logo em sua correspon-
dencia a Arvore da sabe-
doria, pag. 230. n. 229.

Parentesco, traz consigo
mais razões para se sentir
as penas dos parentes,
pag. 163. n. 167.

Peccador quando não con-
fessa suas culpas, he por-
que o demonio o emmu-
dece, pag. 132. n. 129.
Assistido do demonio
nunca se persuade que
he ja tempo para o seu
remedio, pag. 140. n.
138. Para hum peccador
alcançar de Christo que

seja com effeito seu ver-
dadeiro Salvador, em tu-
do ha de ser muy verda-
deiro, pag. 295. n. 284.

Peccado, he o seu peso tão
grãde, que fez desmayar
ao mesmo Deos , pag.
240. n. 237. O peso do
peccado he infinito. *Ibid.*
Que se opprimão as for-
ças infinitas de hũ Deos
cô o peso do peccado! &
que as forças limitadas
do homẽ não sintão hum
peso infinito? pag. 241.
n. 237.

Peccados ha no mundo taõ
exorbitantes, que pare-
cem incriveis; & tão op-
postos à mesma razão ,
que cabendo na malicia
dos homens, parece não
cabem no conhecimen-
to de Deos , pag. 256. n.
250. Nos peccados com
que os peccadores offen-
dê a Deos todos os dias,
estão renovando o tor-
mento dos açoutes, pag.
262. n. 254. Os nossos
peccados são feridas, são
golpes cô que apuramos
o sofrimento de Deos,
pag. 263. n. 256.

Purgatorio que coufa he ? pag. 170. n. 177. A dor q padecem as almas no Purgatorio não tem semelhança, pag. 172. n. 179. A dor das culpas he a mayor dor, que tem as almas no Purgatorio, pag. *Ibid.*

R

REdempção, para o seu cõplemêto foy necessario que o Espirito Sãto instituisse Juiz ao mesmo Redemptor, p. 186. n. 194. Para a efficacia, & complemento da nossa redempção não bastão só os merecimentos da parte de Christo, senão que he necessaria tãbem a co-opeação da nossa parte, pag. 187. n. 195. Para se lograr o fruto da nossa redempção, devem concordar entre si as verdades do coração com as palavras da boca, pag. 294. n. 283.

Religião do Carmo, o ser filho della por ter por

Pay ao grãde Patriarcha Elias, & por Mãy a Senhora, he a mayor excellencia que pòde haver, pag. 352. n. 324. A Religião do Carmo he a mais immediata a Deos, pag. 361. n. 334.

Religioso, o seu estado he continuado martyrio, pag. 13. n. 11. O estado religioso he sacrificio de Cruz, pag. 360. n. 333.

Religiosos devem de viver como se forão mortos para o mundo, & vivos só para Deos, pag. 13. n. 11. Os Religiosos sam martyres vivos, & a differença que ha entre martyres vivos, & martyres mortos, pag. 15. n. 12.

Rosario: porque razão se haõ de converter as preces offerecidas à Senhora, mais em coroa de rolas, do q em outra qualquer coroa, pag. 45. n. 36. He o Rosario util para nòs, & muito poderoso para a Senhora, pag. 47. n. 40. Com o Rosario da Senhora se com-

compra a gloria de Deos, pag. 48. num. 40. No livro da razaõ de Deos, quem nelle tem mais Rosarios, effes são os q̃ tem melhores contas, p. 49. n. 41. O Rosario da Senhora se explicava mais propriamente em metafora de Estrellas, pag. 51. n. 43. Consiste toda a effencia do Rosario nas preces que fazemos à Senhora pedindo a sua intercessão, pag. 56. n. 49. He gloria, & bemaventurança para a Senhora o ser louvada todos os dias por meyo de feu Rosario, pag. 57. n. 50.

Rolas representão todos os mysterios inclusos no Rosario, pag. 59. n. 52.

S

Santissimo Sacramento. Nada menos triunfante està Christo na terra em quanto sacramentado, do que està no Ceo em quanto glorioso, p.

38. n. 31. Para recebermos ao Divino Sacramento he necessaria a pureza dos Anjos, pag. 90. n. 80. E de tal modo nos quer Deos tão puros para o recebermos, que se fora possivel, haviamos de ser na realidade Anjos, & na apparencia figuradamête homês, pag. 92. n. 81. Porque se chama o Divino Sacramento pão dos Anjos? Varias razoens, pag. 90. n. 80. & seq. Faz Christo no Sacramento para beneficio dos homens, o que faz hum Anjo para o serviço de Deos, pag. 93. n. 83. O Cordeiro sacramentado he o Esposo inseparavel das Virgens, pag. 357. n. 328. Neste Sacrosanto Mysterio não só se unem as almas com Deos por amor, senão tãbem por realidade. *Ibidem.*

Salvação: para a das nossas almas deve ser a verdade da cõfissão das nossas culpas não só proferida cõ a boca, senão muy nascida

da

da do coração, pag. 298. n. 286. Para o homem se salvar ha de concorrer Deos com huã mão, & o homeni có outra, pag. 343. n. 318. Assim como o mundo se não pôde salvar sem o valor dos merecimentos de Christo, assim tãbem nem Christo pôde ser efficaçmente Salvador sem cóoperação da parte do mundo, pag. 345. n. 319.

Sangue, todo o de Christo foy derramado pelos vivos, & pelos mortos; porèm o seu primeiro preço se applicou ao beneficio dos mortos, pag. 152. n. 154.

Sol, os seus rayos são symbolo da Divina Justiça, pag. 270. n. 262.

Espirito Santo he luz que veyo ao mundo, pagin. 180. n. 188. He luz da Justiça, pag. *ibidem* n. 189. A mayor excellência do Espirito Santo he ser luz da Justiça, pag. 182. n. 190. A luz da Justiça có que assiste o Espirito Santo, he que aperfeiçoa

as acções da omnipotencia có que obra o Eterno Padre, pag. 186. n. 193. O Espirito Santo instituiu Juiz ao mesmo Redemptor, pag. *ibidem* n. 194. O Espirito Santo como luz da Justiça parece que he sobre si mesmo, pag. 191. n. 199. O Espirito Santo he a fonte, & principio da divina graça, pag. 198. n. 205.

S. Sudario foy o final mais evidente do amor de Christo, pag. 79. n. 73. E o porque, pag. 81. n. 73.

T

Tribunal, o de Deos está sobre rodas para não parar, pag. 123. n. 115.

Tributo he hum tormento composto de dor, & dispendio, pag. 206. n. 211.

V

Victoria, a mayor que se alcança, consiste na

na mayor repugnancia,
que se vence , pag. 14.
n. 12.

Virgens, as onze mil es-
culpio hum Artifice em
hum anel có huma dif-
creta invenção, p. 4. n.

3. O heróico do martyrio
das onze mil Virgens có-
sistio em se embarcarem
para o martyrio, conhe-
cendo que para elle se
embarcavaõ, pag. 17. n.

13. O dia das onze mil
Virgens he o dia do ma-
yor triumpho para Deos,
pag. 31. n. 25.

Santa Ursula antes que
se embarcasse teve re-

velação de Deos do seu
martyrio, & das suas cõ-
panheyras , pag. 16. n.

13. Santa Ursula, & Sã-
ta Cordula forão as duas
principaes, & mais sin-
gulares de todo o nume-
ro das onze mil Virgês,
pag. 36. n. 30.

Vontade intoleravel, & in-
compativel subordina-
ção, fogeitar se huã von-
tade a outra apaixonada,
pag. 24. n. 19. Quem
falta à vontade de Deos
por se conformar com o
tempo, expoemte a grã-
de castigo, p. 138. n. 135.

LAUS DEO



